

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
**MARCIO JOSE ORNAT**

**TERRITÓRIO DESCONTÍNUO E MULTITERRITORIALIDADE NA PROSTITUIÇÃO  
TRAVESTI ATRAVÉS DO SUL DO BRASIL**

RIO DE JANEIRO

2011

MARCIO JOSE ORNAT

**TERRITÓRIO DESCONTÍNUO E MULTITERRITORIALIDADE NA PROSTITUIÇÃO  
TRAVESTI ATRAVÉS DO SUL DO BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Lobato Azevedo Corrêa.

RIO DE JANEIRO

2011

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

O74t Ornat, Marcio Jose  
Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição  
travesti através do Sul do Brasil / Marcio Jose Ornat. Rio de Janeiro,  
2011.  
279f.

Tese ( Doutorado em Geografia ), Universidade Federal do Rio  
de Janeiro

Orientador: Prof. Dr. Roberto Lobato Azevedo Corrêa

1. Travesti. 2. Geografia Feminista. 3. Geografia Queer.  
4. Prostituição. I. Corrêa, Roberto Lobato Azevedo. II.T.

CDD: 306.766

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

MARCIO JOSE ORNAT

### **TERRITÓRIO DESCONTÍNUO E MULTITERRITORIALIDADE NA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI ATRAVÉS DO SUL DO BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Geografia.

Aprovada em 28 de setembro de 2011.

Roberto Lobato Azevedo Corrêa - Orientador

Doutor em Geografia - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ana Maria Lima Daou – Banca

Doutora em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Scott William Hoefle - Banca

Doutor em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Joseli Maria Silva – Banca

Doutora em Geografia – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Fania Fridman – Banca

Doutora em Economia Política – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Celia Nunes Coelho - Suplente

Doutora em Geografia – Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Dedico esta tese a Bianca... por sempre ter  
acreditado no sonho e ao meu lado, nunca ter  
deixado a magia morrer. Aprendi de fato com  
você que sonho que se sonha só é apenas sonho  
que se sonha só. Contudo, todo sonho que se  
sonha junto é realidade!!!!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Lobato, por todos os momentos de discussão e reflexão, propiciados por toda a convivência durante o doutorado. Externo a minha imensa gratidão ao professor, por ter tido a coragem de orientar um tema que infelizmente ainda é um não dito geográfico brasileiro, produzido por poucas orientações de mestrado e doutorado em Geografia no Brasil.

Da mesma forma, agradeço a todos os pesquisadores do Grupo de Estudos Territoriais, em especial a Joseli Maria Silva, Alides Baptista Chimin Junior, Juliana Przybysz e Vinicius Cabral. Toda esta tese constitui uma história de convivência através deste grupo de pesquisa, que é mediada por trocas de discussão e reflexão, tanto de nossas ancoragens teóricas quanto de nossas experiências de pesquisa enquanto grupo. Estas poucas palavras não representam a gratidão que tenho por estes oito anos de convivência agradável e acolhedora.

Também quero agradecer a toda paciência de Bianca, João, Letícia e Julia, em todos os momentos de ausência. Este trabalho faz parte de um sonho que fora pensado em coletivo, e que devido a isso, veio a existência. Agradeço pelo respeito recebido, por todos os momentos de encorajamento e força. Este trabalho é resultado da existência de vocês em minha vida.

Finalmente, agradeço imensamente a todas as pessoas que gentilmente cederam suas histórias de vida a construção da presente discussão – *Ariela, Aysha, Cléo Soares, Débora, Denise, Emanuelle, Fernanda, Georgete, Isabela, Josiane, Kelly, Leandra, Letícia, Luana, Marcelly, Perla, Rafaelly, Sabrina, Samantha, Sandra e Taís*. Agradeço especialmente a falecida Scarlet, por ter questionado o meu 'conhecimento científico' nos vários momentos em que dividimos mesas de discussão em eventos LGBT. Nestes momentos, enquanto expunha minhas reflexões teóricas, sempre era interrompido por suas palavras em meu ouvido: '*you think you know something, don't you?*'. Agradeço a todas vocês, pois aprendi a re-examinar minha posição na sociedade enquanto pesquisador, a partir da compreensão do mundo que fora propiciada pelo olhar de vocês. É para a academia que agora apresento esta tese. Entretanto, o maior conhecimento fora dado a mim por vocês!

*“She never really had a chance  
On that fateful moonlit night  
Sacrificed without a fight  
A victim of her circumstance*

*Now that I've become aware  
And I've exposed this tragedy  
A sadness grows inside of me  
It all seems so unfair  
She wasn't given any choice*

*Desperation stole her voice  
I've been given so much more in life  
I've got a son, I've got a wife*

*I'm learning all about my life  
By looking through her eyes”*

***John Petrucci - Through Her Eyes  
Metropolis Pt2: Scenes from a Memory, 1999  
Dream Theater***

## RESUMO

ORNAT, Marcio Jose. **Território Descontínuo e Multiterritorialidade na Prostituição Travesti através do Sul do Brasil**. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

A presente tese tem por objetivo compreender de que forma as práticas territoriais da prostituição travesti, que estão presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais. Nossa fonte de reflexão refere-se a dezenove entrevistas realizadas no Brasil e três na Espanha, com travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição, mais sete entrevistas realizadas com Ongs que possuem suas atividades voltadas a prevenção de DST/HIV – Aids. A análise destas entrevistas foram guiadas pelas subquestões propostas para esta tese, que estavam relacionadas à *quais são as práticas territoriais da prostituição travesti no Sul do Brasil? Como as práticas territoriais travestis conectam territórios e identidades? E de que forma se estabelece o jogo interescalar como estratégia de conquista e manutenção do poder através dos territórios da prostituição travesti?* Todas as entrevistas tiveram seus conteúdos analisados segundo a constituição de redes semânticas, assim como proposto por Bardin (1977), que davam sentido as dimensões espaciais vividas pelas travestis. É através das mais variadas espacialidades estruturadas por aquilo que Butler (2003) denomina como a linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo que as travestis constituem estratégias de sobrevivência. Estas vivências não se relacionam estritamente a apenas uma espacialidade, mas constituem-se segundo uma complexa existência, espacialmente múltipla. As conexões entre várias espacialidades relacionadas à prostituição travesti se estabelecem segundo a participação em redes de pessoalidade, referindo-se a códigos de conduta, regulando práticas individuais, criando instrumentos de regulações. As conexões estabelecidas realizam-se segundo conjuntos de fatores motivacionais de deslocamento, fatores espaciais de conectividade e de suas próprias estratégias de deslocamento, instituindo espacialidades relacionadas à prática da prostituição segundo o controle dos territórios. Assim, o território descontínuo paradoxal da prostituição travesti é reflexo e condição das relações de poder segundo as quais foram produzidas. Evidenciamos que a existência travesti é estruturada a partir de relações de poder e resistência, distanciando-se de formas de compreensão estruturadas segundo posições de vitimização ou criminalização. Esta pesquisa evidencia que é frente a vários processos de exclusão social e interdição espacial que as travestis resistem, tanto através de várias geografias multidimensionais, quanto especificamente através dos territórios descontínuos paradoxais, através do Sul do Brasil.

Palavras-chave: Travesti; Geografia Feminista; Geografia Queer; Prostituição.

## ABSTRACT

ORNAT, Marcio Jose. **Território Descontínuo e Multiterritorialidade na Prostituição Travesti através do Sul do Brasil**. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

This thesis aims to understand how the territorial practices of travesti prostitution, which are present in intra-urban areas of Southern Brazil, interconnect territories at multiple spatial scales. Our source of reflection refers to nineteen interviews made in Brazil, three in Spain, with travestis who make their living from prostitution activity and seven interviews with NGOs that have their activities directed to STD / HIV – AIDS prevention. The analysis of these interviews were guided by the proposed sub-questions for this thesis, which were related to *which are the territorial practices of transvestite prostitution in Southern Brazil? How do travesti territorial practices connect territories and identities? And how are the relationship between scales established as strategy of power achievement and maintenance through the territories of travesti prostitution?* The content of all interviews were analyzed according to semantic networks, as proposed by Bardin (1977), which gave meaning to the spatial dimensions experienced by travestis. It is through the various structured spatialities as Butler (2003) calls the linearity between sex, gender, sexual practice and desire that travestis constitute survival strategies. These experiences do not strictly relate to only one spatiality, but are constituted according a complex existence, spatially multiple. The connections between various spatialities related to travesti prostitution are established by the participation in personhood networks, referring to code of conduct, regulating individual practices, creating tools regulations. The established connections are accomplished according to motivational factors of displacement, spatial factors of connectivity and their own strategies of displacement, introducing spatialities related to prostitution practice according to territory control. Thus, the paradox of discontinuous territory of travesti prostitution is a reflection and condition of power relations according to which they were produced. We highlight that the travesti existence is structured from relations of power and resistance, moving away from structured ways of understanding according to victimization or criminalization position. This research shows that it is facing various processes of social exclusion and spatial ban that travestis resist, both across multiple multidimensional geographies, and specifically through the paradoxical discontinuous territories, through Southern Brazil.

Keywords: Travestis; Feminist Geography; Queer Geography; Prostitution.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Tipos e intensidades de identidade de gênero.....                                   | 24  |
| Figura 2 – Territórios Descontínuos da Prostituição Travesti no Sul do Brasil. Tipo Ideal..... | 56  |
| Figura 3 - Os Significados da Escala.....                                                      | 150 |
| Figura 4 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal ATENA.....                           | 218 |
| Figura 5 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal CIRCE.....                           | 219 |
| Figura 6 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal HECATE.....                          | 220 |
| Figura 7 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal HERA.....                            | 221 |
| Figura 8 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal HESTIA.....                          | 222 |
| Figura 9 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal HIPÓLITA.....                        | 223 |
| Figura 10 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal IRIS.....                           | 224 |
| Figura 11 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal PITIA.....                          | 225 |
| Figura 12 – Tendência II / Território Descontínuo Paradoxal DEMETER.....                       | 227 |
| Figura 13 – Tendência II / Território Descontínuo Paradoxal EOS.....                           | 228 |
| Figura 14 – Tendência II / Território Descontínuo Paradoxal REIA.....                          | 229 |
| Figura 15 – Tendência II / Território Descontínuo Paradoxal SELENE.....                        | 230 |
| Figura 16 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal AFRODITE.....                     | 232 |
| Figura 17 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal DIKE.....                         | 233 |
| Figura 18 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal DIONE.....                        | 234 |
| Figura 19 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal ERINIA.....                       | 235 |
| Figura 20 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal ESTIGE.....                       | 236 |
| Figura 21 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal FEBE.....                         | 237 |
| Figura 22 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal NEMESIS.....                      | 238 |
| Figura 23 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal TETIS.....                        | 239 |

## LISTA DE GRÁFICOS E QUADRO

|                                                                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Gráfico 1 – Espacialidade Descontínua da Prostituição Travesti. Agrupamento das Cidades por Tamanho Populacional..... | 58  |
| Gráfico 2 – Configuração das Evocações por Espacialidades.....                                                        | 86  |
| Gráfico 3 – Evocação Espacialidades Não Evidentes.....                                                                | 86  |
| Gráfico 4 – Espacialidade Casa.....                                                                                   | 93  |
| Gráfico 5 – Espacialidade Escola.....                                                                                 | 102 |
| Gráfico 6 – Espacialidade Vizinhança.....                                                                             | 105 |
| Gráfico 7 – Espacialidade Cidade.....                                                                                 | 108 |
| Gráfico 8 – Espacialidade Casa de Cafetinagem.....                                                                    | 118 |
| Gráfico 9 – Espacialidade Boate.....                                                                                  | 118 |
| Gráfico 10 – Espacialidade Espanha.....                                                                               | 123 |
| Gráfico 11 – Espacialidade Outro País.....                                                                            | 124 |
| Gráfico 12 – Espacialidade Território Intra-Urbano.....                                                               | 130 |
| Gráfico 13 – Espacialidade Território Intra-Urbano. Prostituição – Percentuais Parciais.....                          | 131 |
| Gráfico 14 - Espacialidade Território Intra-Urbano. Controle do Território.....                                       | 139 |
| Gráfico 15 - Espacialidade Território Descontínuo. Fatores Motivacionais de Deslocamento                              | 163 |
| Gráfico 16 - Espacialidade Território Descontínuo. Fatores Espaciais de Conectividade.....                            | 175 |
| Gráfico 17 - Espacialidade Território Descontínuo. Estratégias de Deslocamento.....                                   | 192 |
| Gráfico 18 - Espacialidade Território Descontínuo. Prostituição.....                                                  | 216 |
| Gráfico 19 – Espacialidade Território Descontínuo. Controle do Território.....                                        | 245 |
| Quadro 1 - Características Gerais do Grupo Focal.....                                                                 | 80  |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                 |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                          | <b>12</b>  |
| <br><b>CAPÍTULO I</b>                                                                                                           |            |
| <b>UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A TRAJETÓRIA DE PESQUISA.....</b>                                                                 | <b>17</b>  |
| <b>1. Proposições Iniciais entre a Teoria e o Empírico.....</b>                                                                 | <b>18</b>  |
| <b>2. O Empírico e os Novos Questionamentos - O Modelo de Análise.....</b>                                                      | <b>39</b>  |
| <br><b>CAPÍTULO II</b>                                                                                                          |            |
| <b>A GEOGRAFIA DA INSTITUIÇÃO DO SUJEITO TRAVESTI.....</b>                                                                      | <b>62</b>  |
| <b>3. Espacialidades, Interseccionalidades e Sujeito Travesti.....</b>                                                          | <b>63</b>  |
| <b>4. Identidades Espaciais na Instituição do Sujeito Travesti: entre espaços interditos e territórios de prostituição.....</b> | <b>78</b>  |
| <i>4.1 Espaços memoriais interditos como elementos da constituição das identidades travestis.....</i>                           | <i>79</i>  |
| <i>A Casa.....</i>                                                                                                              | <i>92</i>  |
| <i>A Escola e a Vizinhança.....</i>                                                                                             | <i>100</i> |
| <i>A Cidade e as Casas Noturnas.....</i>                                                                                        | <i>108</i> |
| <i>A Casa de Cafetina e a Boate.....</i>                                                                                        | <i>117</i> |
| <i>A Espacialidade de Outros Países.....</i>                                                                                    | <i>123</i> |
| <i>4.2 Os territórios intra-urbanos da prostituição travesti como centralidade de sua identidade adulta.....</i>                | <i>129</i> |
| <br><b>CAPÍTULO III</b>                                                                                                         |            |
| <b>CONQUISTAS ESPACIAIS E PRÁTICAS PESSOAIS: A VIVÊNCIA MULTIESCALAR.....</b>                                                   | <b>147</b> |
| <b>5. Escala Geográfica e Sujeitos Travestis.....</b>                                                                           | <b>148</b> |
| <b>6. A Busca de Vantagens Espaciais e a Escolha de Localizações.....</b>                                                       | <b>162</b> |
| <i>6.1 Fatores Motivacionais de Deslocamento.....</i>                                                                           | <i>163</i> |
| <i>6.2 Fatores Espaciais de Conectividade.....</i>                                                                              | <i>175</i> |
| <i>6.3 Estratégias de Deslocamento.....</i>                                                                                     | <i>191</i> |
| <br><b>CAPÍTULO IV</b>                                                                                                          |            |
| <b>A ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO DESCONTÍNUO DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI ATRAVÉS DO SUL DO BRASIL.....</b>                          | <b>202</b> |
| <b>7. A Constituição do Território Descontínuo Paradoxal.....</b>                                                               | <b>204</b> |
| <b>8. Conexões Pessoais/Territoriais da Vivência Travesti – a Prostituição.....</b>                                             | <b>214</b> |

|                                                                                            |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>9. Prostituição e as Características das Relações – o Controle dos Territórios.....</b> | <b>245</b> |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>                                                                      | <b>254</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                    | <b>259</b> |
| <b>ANEXO.....</b>                                                                          | <b>276</b> |

## INTRODUÇÃO

Todo o processo de instituição de um pesquisador, ancorado em todas as suas escolhas teóricas e metodológicas, relaciona-se tanto a conjunturas de identificações, quanto à produção de histórias referidas às próprias dinâmicas de produção de conhecimentos científicos. Desta forma, minhas primeiras inquietações, já durante a graduação, voltavam-se a Geografia Humana, e mais especificamente, a capacidade distinta que vários grupos sociais possuíam no acesso ao espaço urbano<sup>1</sup>. O início desta caminhada não se estabeleceu de forma solitária, devido a ser, desde o ano de 2003, um dos pesquisadores integrantes do Grupo de Estudos Territoriais - UEPG. Estas práticas grupais estiveram sempre ancoradas a perspectivas de triangulação, cobrindo as pesquisas por nós realizadas várias facetas dos fenômenos objetivados.

Refletindo sobre meus onze anos de Geografia, penso que o embrião da tese que agora apresento já estava colocado na construção de meu trabalho de conclusão de curso, relacionado à busca de compreender as relações entre pobreza, gênero e deslocamentos espaciais intra-urbanos em Ponta Grossa – Paraná. Nesta reflexão, as instituições dos papéis de gênero foram de fundamental importância para a construção da evidência de que dentre vários elementos sociais, as construções do que era ser homem ou mulher para grupos específicos compunham suas características de deslocamento diário intra-urbano, apresentando-se a categoria de 'gênero' como uma importante construção social de organização das relações espaciais, segundo relações de poder, a partir de uma plêiade de possibilidades de relação.

Após a conclusão da graduação, e objetivando o ingresso na pós-graduação em Geografia, construí um projeto de mestrado buscando compreender as múltiplas relações existentes entre territorialidades do comércio sexual a partir de vários grupos que obtinham seu sustento da atividade da prostituição na cidade de Ponta Grossa – Paraná. Considerava o fato de que este trabalho seria um desafio, tanto pessoal quanto intelectual. Contudo, as barreiras que se ergueram estiveram localizadas na academia, local que sempre considerei como constituído por sonhos, liberdade, criatividade e debate. Ao contrário, esta espacialidade

---

1 Ornat (2005).

demonstrou-se como instituída por preconceitos, baseados no estabelecimento de julgamentos do que era e do que não deveria ser considerado um conhecimento geográfico-científico. Após ter realizado a inscrição no Programa de Pós-Graduação em Geografia na UFSC, ter sido aprovado em todos os momentos da seleção e ser classificado para a última etapa, que era a realização da entrevista, o comportamento da banca avaliadora, demonstrou, assim como proposto por Morin (1996), que a produção do conhecimento científico está ligada as nossas práticas sociais. Sendo assim, a avaliação do que é ou não geográfico, enquanto conhecimento científico, passa pelo crivo do que os geógrafos, dialogando com suas temporalidades e espacialidades, consideram como válido. Neste momento de seleção, minha proposta fora motivo de risos, quando um dos integrantes do referido grupo de avaliadores me questionou 'se eu era um frequentador assíduo de zonas', demonstrando o quanto a academia é formada não só por preconceitos sociais, como visto na ponderação acima, mas também por preconceitos temáticos. O que evidencia-se é que a produção do conhecimento geográfico, como uma possibilidade do conhecimento científico, não se coloca apenas enquanto um processo intelectual, mas sociológico, cultural, histórico e espacial. Assim como refletido por Rose (1999), o questionamento sobre uma possível relação pessoal entre minha vivência cotidiana e a atividade da prostituição revelou que neste momento, nesta espaço-temporalidade específica, a Geografia, como uma intrépida exploradora, com a sua voz da razão, havia perdido seu manto de neutralidade, ou mais especificamente, demonstrado que essa tão buscada neutralidade sempre fora uma ficção de geógrafos. Não foi surpresa de que entre dezesseis finalistas e treze admitidos, eu estaria entre os três não classificados.

Digerindo o ocorrido através de diálogos com os pesquisadores do Grupo de Estudos Territoriais, compreendemos que a sexualidade, ou mais especificamente, as atividades sexuais comerciais, eram tabus tanto para a sociedade como um todo, quanto para a produção geográfica brasileira, subcampo do conhecimento científico que ainda resistia a estas reflexões, frente a larga tradição geográfica anglófona relacionada as interfaces entre espacialidades, gênero e sexualidades. Como falando pela travesti Hipólita em uma entrevista realizada no ano de 2007, eu ainda vivia como Alice, no país das maravilhas, tendo desconsiderado o fato de que, se as pessoas que não correspondiam a linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo eram tidas como aberrações sociais, os cientistas sociais que tinham estas pessoas como grupos focais de pesquisa recebiam uma taxa considerável de preconceito secundário. De qualquer forma, o ocorrido não retirou o meu desejo de buscar

compreender as possibilidades de relações entre espacialidades, gênero e sexualidades.

Assim, após a recomendação da Capes, no início do ano de 2006, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território (UEPG), pude realizar a seleção, ser aprovado e agraciado com a possibilidade de poder construir uma reflexão que evidenciou a relação entre a constituição dos territórios da prostituição travesti e a instituição da identidade travesti na cidade de Ponta Grossa, Paraná, podendo ousar com a produção de uma Geografia que acredita científica e política. O fato de ter escolhido, dentre tantos grupos que sobrevivem da prostituição, o grupo de travestis, deve-se ao fato de que, com suas práticas cotidianas, tensionam e subvertem nossas formas de visualização do mundo a partir de dois polos, relacionados ao masculino e feminino, evidenciando que as configurações de existências sociais podem ser as mais plurais e múltiplas. A construção desta dissertação me possibilitou o conhecimento e a construção de uma amizade com o grupo de travestis, relação que existe até hoje.

Fora no final deste momento de formação que algumas travestis, em momentos de conversa informal, estabelecidos a partir da espacialidade da ONG Renascer em Ponta Grossa – Paraná, falaram que as espacialidades de um grupo considerável de travestis não estava relacionada a ancoragem em apenas uma cidade, mas tendo uma vivência espacial muito maior que a espacialidade do Estado do Paraná. Assim, enquanto uma questão não respondida pela minha dissertação de mestrado, busquei a partir do projeto de doutorado, compreender de que forma as práticas territoriais da prostituição travesti, que estão presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais. Após ter sido aprovado no Doutorado em Geografia<sup>2</sup>, tive na pessoa do prof. Roberto Lobato Corrêa, o apoio e crédito para a construção desta tese, baseada no respeito e na necessidade do pluralismo teórico e metodológico na produção do conhecimento geográfico, ou como dito em nossos momentos de conversa, uma Geografia produzida por heterodoxias ou heterotopias epistemológicas. Por considerar que a pós-graduação era a matriz e o reduto do pluralismo, aceitou ser o orientador do projeto de doutorado, que se transformou na tese que agora é apresentada.

Em todos estes seis anos de pesquisador, desde os momentos iniciais da iniciação científica, estes caminhos tomados de pesquisa foram recebidos com sorrisos de canto de boca

---

2 Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

e críticas de corredor, tanto por colegas de graduação, colegas da pós-graduação, tanto no mestrado, quanto no doutorado, como de alunos ou colegas do departamento no qual sou docente. Não foram poucas as vezes que este caminho escolhido pela Geografia fora visto como menos científico, exótico, descabido, não legítimo e sem importância. Não foram poucas as vezes que o caminho escolhido tornou-se motivo de piada, como 'se o assunto é viadagem, conversem com os pesquisadores do Gete'. Assim como proposto por Priscila Sequeira<sup>3</sup>, compreendemos que todo riso é feito de escárnio, tendo como insumo a travesti, o homossexual, o aleijado, o gago e o defeituoso, e alguns pesquisadores.

Sem arrogância, este trabalho pretende contribuir na produção de inteligibilidade da vivência travesti, através das espacialidades, pois, segundo Silva (1993), o problema não está na travesti. O problema está localizado nas pessoas que matam travestis, espancam travestis, desdenham travestis. Parafraseando o autor, podemos estabelecer uma linha de comunicação entre o risinho de canto de boca do intelectual macho – sendo ele tanto professores universitários, homens ou mulheres, quanto alunos – ou do gay respeitável, com a bala de revólver que fere o peito e mata a travesti. Este risinho, recebido de várias pessoas desde o ano de 2006, é o elemento que neutraliza a decisão de apertar o gatilho e acabar com as vidas de tantas travestis pelo Brasil. Desta forma, respondemos a todo aquele que viu estas problemáticas como um motivo de piada, com as evidências e palavras que estruturam esta tese, e os convidamos a leitura. Respondemos toda a ação de escárnio com a afirmação de que a geografia está em toda parte<sup>4</sup>, sendo todo fenômeno passível de análise espacial.

Portanto, buscando corresponder à questão central que fora o fio condutor da presente tese, que estava relacionado a compreender *de que forma as práticas territoriais da prostituição travesti, que estão presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais*, realizamos um conjunto de dezenove entrevistas no Brasil e três na Espanha<sup>5</sup>, com travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição, mais sete entrevistas realizadas com ONGS<sup>6</sup> que possuem suas atividades voltadas a prevenção de DST/HIV – Aids. A análise destas entrevistas, guiadas pelas sub-questões propostas para esta tese, estiveram relacionadas à *quais são as práticas*

3 Fonte: <http://www.olharvirtual.ufrj.br>. Acesso em 13 de maio de 2008.

4 Cosgrove (2004).

5 Entrevistas cedidas pela pesquisadora Joseli Maria Silva (Pós-Doutorado em Geografia e Gênero na Universidade Complutense de Madrid, 2008).

6 Ongs com sedes localizadas em: Curitiba – PR; Florianópolis – SC; Joinville – SC; Ponta Grossa – PR; Porto Alegre – RS; Sapiranga – RS.

*territoriais da prostituição travesti no Sul do Brasil? Como as práticas territoriais travestis conectam territórios e identidades? E de que forma se estabelece o jogo interescolar como estratégia de conquista e manutenção do poder através dos territórios da prostituição travesti?* O volume de 14 horas e 43 minutos de entrevista realizadas com travestis e cafetinas que possuem conexão a atividade da prostituição, mais 3 horas e 30 minutos de conversas gravadas com Ongs localizadas no Sul do Brasil, tiveram seus conteúdos analisados segundo a constituição de redes semânticas, assim como proposto por Bardin (1977), que davam sentido as dimensões espaciais, discursos que foram construídos sobre as espacialidades e que nasceram das vivências espaciais.

A partir de frequências e análises de categorias de discurso, evidenciamos as várias espacialidades que compõem a vivência travesti ao longo de suas vidas. Esta análise do conteúdo das falas de todas as pessoas entrevistadas esteve assentada, como proposto pelo autor, no agrupamento das evocações e na quantificação das frequências e dos agrupamentos destas evocações. Portanto, para o desenvolvimento de toda a reflexão da presente tese, dividimos o volume de discussão em quatro capítulos. No capítulo I construímos uma reflexão crítica sobre a trajetória de pesquisa, a partir das primeiras proposições iniciais entre a teoria e o empírico, e as novas questões que surgiram neste momento, constituindo o modelo de análise. O capítulo II evidencia a geografia do sujeito travesti, segundo uma discussão que constrói um diálogo entre as interseccionalidades identitárias e as espacialidades memoriais interditas como elementos da constituição das identidades travestis. O capítulo III evidencia a constituição de sujeitos multiescolares, a partir das conquistas espaciais e das práticas perpetradas pelas travestis. Finalmente, o capítulo IV constrói uma reflexão sobre a estruturação do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti.

Tratamos nesta tese de pessoas que possuem práticas cotidianas não adequadas à heteronormatividade vigente, pois assim como Peres (2005) propõe, são homens no sentido fisiológico, relacionando-se com o mundo como mulheres e desenvolvendo suas existências através das espacialidades. Qualquer escala que tomemos por referência para compreender esta correlação envolve elementos de alta complexidade e tornar inteligível este fenômeno presente na sociedade implica em um desafio político e científico.

## **CAPÍTULO I**

### **UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A TRAJETÓRIA DE PESQUISA**

O presente capítulo tem por objetivo discutir o processo de reflexão de todo o tempo de convivência com o grupo investigado, processo este iniciado no ano de 2006 a partir da construção da dissertação de mestrado. Nesta primeira etapa de convivência fora evidenciada a imbricação entre a formação do território da prostituição e a instituição do sujeito travesti.

Entretanto, nesse processo, algumas travestis apresentaram uma espacialidade não relacionada estritamente aos espaços intra-urbanos da prostituição, demonstrando uma característica multidimensional, uma vivência que conecta várias territorialidades.

Inicialmente pensávamos sobre a existência de uma organização consolidada da rede urbana da prostituição travesti, rede esta forjada a partir dos vários portes urbanos, uma rede geográfica que apontava que cada cidade possuía uma posição na hierarquia dessa prostituição. Entretanto, o evidenciado pelas respostas de campo foi que esta rede geográfica é constituída a partir do olho que observa, dependendo do aspecto de reflexão na sua constituição com o empírico. O demonstrado a partir das falas das travestis foi que o território descontínuo da prostituição travesti não apresenta um padrão repetitivo. O tamanho das cidades, através das quais a prostituição travesti ocorre, não determina uma sobreposição hierárquica entre grandes cidades e cidades médias, ou entre cidades médias e pequenas cidades.

O que as entrevistas evidenciam é que o elemento fundamental na constituição deste território descontínuo refere-se às experiências de relações inter-pessoais e a sua capacidade de relacionamentos espaciais, orientação que aponta para o fato de que os fragmentos deste território descontínuo não são mais importantes que as relações que os sujeitos estabelecem entre si através das espacialidades. Desta forma, coloca-se como fundamental os relacionamentos sociais instituídos pelos sujeitos e o domínio de fragmentos dos territórios descontínuos, fragmentos estes mediados pelas relações sociais constituídas pelo grupo de travestis envolvido com a atividade da prostituição.

Isso remete a constituição de uma teia, de um rizoma não direcional. Embora haja

indícios de uma rede geográfica convencional, que serão apontados no desenvolvimento do capítulo, esta rede não se completa plenamente. Os fragmentos espaciais relacionados aos territórios da prostituição travesti não se relacionam por subordinação. Mesmo que haja elementos que se conformam com a teoria das redes geográficas, outros não, alguns elementos se repetem, outros não.

Portanto, o evidenciado pelo campo é a importância de compreendermos as experiências pessoais em manter relacionamentos, mantendo a conexão entre os fragmentos do território descontínuo. O que estas pessoas buscam não é dominar a espacialidade como um todo, que seria o nó da rede, ou em outras palavras, a cidade enquanto um nó da rede, mas determinados fragmentos das cidades, que são os territórios da prostituição travesti. Desta forma, para construirmos este momento de reflexão, dividimos nosso texto em duas partes. Inicialmente tratamos sobre as primeiras proposições iniciais que guiaram nosso olhar, na sua relação com o empírico, para em seguida evidenciar a construção de nosso modelo de análise.

## **1. Proposições Iniciais entre a Teoria e o Empírico**

A sociedade ocidental contemporânea tem como uma de suas características a linearidade estabelecida para os corpos entre sexo, gênero, prática sexual e desejo (BUTLER, 2003). A partir destes elementos lineados, os corpos e seus comportamentos demandam inteligibilidade a partir desta matriz ou ordem heterossexual. Neste caminho, todo corpo que não tem correspondência a esta característica linear, correspondência aos padrões estabelecidos de normalidade ou não normalidade heterossexual, é nomeado como desviante a partir dos mais variados qualificativos, produzindo o efeito da reprodução da normalidade e a manutenção de sua 'ordem natural'. O grupo que nos têm instigado é aquele justamente que tensiona esta ordem linear, questionando a ligação padrão heterossexual entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Este grupo se refere às travestis.

Este termo, assim como tantos outros termos utilizados pelas ciências sociais, não é ponto pacífico, e dependendo do que se entende pela palavra, optamos por trilhar os mais variados caminhos. O principal problema na palavra 'travesti' refere-se inicialmente, como

tratado por Silva (2009a), às dificuldades de diálogo entre pesquisadores anglófonos e não anglófonos, pois no primeiro grupo de pesquisadores, a palavra 'travesti' é lida como '*transvestites*', termo que se relaciona às pessoas, tanto homens como mulheres, que vestem roupas do gênero oposto. Dois exemplos podem ser vistos nas reflexões de Santos (1997) e Doan (2010). A primeira discussão, trabalhando os primeiros registros de travestismo no Brasil, ou seja, homens que em determinados espaços e momentos se travestiam de mulher, aponta que as transformações das práticas sexuais relacionadas à indumentária e ao travestismo, tendo como recorte espacial o Estado da Bahia do século XIX, teriam se concretizado como um fenômeno social em fins deste século. Na segunda discussão, a palavra '*transvestites*' seria uma sub-categoria da categoria denominada *transgender*, entendida como o transitar entre papéis de gênero.

A conexão referente à ligação entre a palavra 'travesti' e *transgender*, relaciona-se a vivência cotidiana do papel de gênero, oposto ao esperado pela sociedade, escapando da linearidade apontada acima entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Esta discussão pode ser vista em vários trabalhos que discutem esta categoria. Na reflexão de D. Valentine (2007), imaginando o *transgender* como um fazer comunitário e identitário, o autor, a partir da convivência com pessoas portadoras do HIV, através de um grupo de convívio no Hospital de Manhattan, em New York, identificou elementos que constituíam o grupo, elementos estes que extrapolavam a linearidade entre sexo biológico e gênero. Todavia, mesmo que o grupo fosse descrito como *transgender*, nenhum dos participantes do grupo se definiam a partir desta categoria, pois muitas vezes estas pessoas falavam de si como meninas, como rainhas femininas, como mulheres, mas também muitas vezes como gays. Este transitar era compartilhado pelo grupo, quando cada pessoa fala de si mesmo. Da mesma forma, o autor aponta que mesmo que o *transgender* seja convencionalmente visto como um processo de incorporação de elementos femininos em corpos biologicamente masculinos, ou elementos masculinos em corpos biologicamente femininos, o grupo nunca teve participantes com estas características.

Para D. Valentine (2007), desde quando o termo foi cunha na década de 1990, o *transgender* foi compreendido como uma categoria de identidade coletiva, integrando um conjunto diversificado de masculinidades e feminilidades, incluindo o/a transsexual e a *transvestite*. Se de um lado a categoria *transgender* se tornou, segundo o autor, em uma

poderosa ferramenta dos movimentos ativistas, sendo institucionalizada em uma vasta gama de contextos sócio-espaciais, por outro lado, a identificação *transgender* foi compreendida como fundamentalmente expressa a partir de diferentes caminhos de identificações homossexuais, abrindo espaço para a reflexão sobre várias possibilidades de linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. A discussão do autor aponta para a correspondência entre *transvestite* e *cross-dresser*, relacionando-se os dois termos a um diagnóstico psiquiátrico de pessoas que são heterossexuais, mas que constituem práticas eróticas a partir da utilização de roupas femininas.

Através da análise sobre as vozes *transgender*, Girshick (2008), analisando esta categoria para além de homens e mulheres, constrói uma discussão a partir da questão de como que a sociedade moderna atribui às irrelevantes diferenças biológicas entre o sexos grande importância, ou em outras palavras, como que estas diferenças biológicas são elaboradas socialmente. Mesmo que a autora utilize o termo 'sexo biológico', relacionado-se ao caráter cromossômico do indivíduo, os órgãos genitais externos e reprodutivos internos, níveis hormonais, o próprio sexo manifesta-se de forma diferente de indivíduo para indivíduo. É em relação às observações médicas que ocorre a decisão, como um exemplo, do que seria o tamanho do pênis ou do clitóris aceitável, criando esperas de comportamento social para os indivíduos.

Segundo ela, não seria o 'fato' biológico que teria feito o pênis pequeno e o clitóris grande, mas isso seria resultado da interpretação realizada por médicos e outros cientistas, de um conjunto de características biológicas, atendendo a um mundo binário de gênero. Segundo esta discussão, é a própria biologia que desafia este binarismo. A ideia de dois sexos correspondendo a dois gêneros é segundo a autora falsa, pois a própria biologia mostra que existem mais de dois sexos e portanto, mais de dois gêneros.

No tocante a isto, como tratado na discussão da bióloga Roughgarden (2004 *apud* GIRSHICK, 2008), o único 'fato biológico' que sexua os corpos se relaciona ao tamanho dos gametas, ou seja, espermatozoides são pequenos e óvulos são grandes. Estes gametas organizados de forma binária não corresponderiam ao comportamento dos corpos e suas histórias de vida, pois se colocam enquanto um pequeno marcador sexual em meio a uma constelação mais ampla de variações do sexo biológico. Além de pensar a possibilidade *intersex* em plantas, peixes e mamíferos, Roughgarden aponta que além do tamanho dos

gametas e das estruturas fisiológicas associadas, todos os traços masculinos seriam naturalmente possuídos por algumas mulheres e quase todas as características do sexo feminino possuído por alguns homens. A relevância desta proposição assenta-se no fato de que um gênero binário baseado em pequenas diferenças estatísticas humanas coloca-se como um contexto de sobreposição de valores à mitos sociais, ou como nas palavras de Gould (2003), um processo de transformação de preconceitos sociais em fatos científicos. Assim, como defendido, a visualização de gênero binário dos corpos fora desafiada, para Girshich (2008), pelos indivíduos *transgender*, subvertendo estes corpos a construção social da linearidade entre órgão genital, sexo e gênero.

Outras publicações que corroboram para nosso caminho estão em Browne (2004) discutindo a co-relação entre a rematerialização de locais e corpos sexuados, Browne, Nash e Hines (2010) tratando da fluidez do gênero e da sexualidade a partir da existência de corpos *trans*, questionando as convenções hegemônicas, Browne e Lim (2010) analisando as geografias das vidas *trans*, Doan (2007) explorando as conexões complexas entre pessoas *transgender* e a cidade, ou melhor, entre espaços *queer* e a cidade, Doan (2010) analisando as consequências do sistema binário de normas de gênero, tanto para aqueles que transgridem as normas, como para aqueles que vivem suas vidas através destas restrições, Hines (2010) explorando as conexões entre subjetividades *trans* e espaços comunitários, Knopp (2004) pensando o *transgender* a partir de ontologias espaciais, deslugaridades e movimentos, Nash (2010) refletindo sobre o *transgender* a partir de suas geografias, corporeidades e experiências, e Rooke (2010) analisando a criação de espaços *trans* a partir da juventude *trans*, da ciência e da arte.

Para Browne (2004), diversos movimentos entre as categorias de sexo - homem e mulher – e de gênero – masculinidade e feminilidade – têm sido identificadas pelas teorias *queer*<sup>7</sup> e de gênero. Segundo esta autora, as pessoas *intersex* têm desafiado a dicotomização biológica do sexo, enquanto os indivíduos transsexuais e *transgender* têm contestado as conexões naturais entre corpos sexuados e vidas sexuadas, relacionado-se isto ao fato de que estas pessoas vivem suas vidas entre as categorias de homem e mulher, masculino e feminino, ou como membros do sexo oposto ao que nasceram. Segundo ela, tanto as pessoas *intersex*

---

7 Os Teóricos Queer constituem um grupo de diversos pesquisadores que compartilham algumas ideias, particularmente apoiando-se na teoria pós-estruturalista francesa, como forma de escape de um mundo constituído de forma binária, contestando os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes.

como transsexuais demonstram a fluidez dos corpos sexuados. Desta forma, o sexo biológico não é um mapa de comportamentos para masculinidades e feminilidades. Browne utiliza como elemento de reflexão sobre a categoria *transgender* grupos de transsexuais, lésbicas e *intersex*.

Construindo uma discussão relacionada a uma introdução a Geografia *Trans*, Browne, Nash e Hines (2010) apontam que se por um lado, as reflexões geográficas relacionadas ao gênero tem concentrado esforços às normas de gênero masculinas e femininas, estes trabalhos desconsideram como esta estrutura binária de gênero pode ser contestadas e problematizadas. O grupo que traz esta tensão para as discussões geográficas refere-se às 'pessoas *trans*'. Trabalhando com este termo, os autores apontam que as discussões que estes indivíduos suscitam oferecem caminhos para a construção de compreensões históricas e culturais específicas, desafiando conceituações ocidentais que estabelecem uma linearidade entre corpos sexuados, vidas sexuadas, normas de gênero, ou papéis de cotidianos vividos através de binarismos relacionados ao homem – mulher, masculino - feminino. Este grupo seria composto por gays, lésbicas, transexuais, bissexuais.

Uma importante discussão relaciona-se a publicação de Browne e Lim (2010) sobre as vidas *trans* referentes a vivência gay no Reino Unido. Segundo os autores, atualmente as reflexões geográficas tem iniciado um questionamento das relações de poder entre os grupos que supostamente compõe a comunidade LGBT, relacionada a gays, lésbicas, bissexuais e pessoas *trans*. Isso demonstra uma intenção de salientar as especificidades em relação a estes grupos. Mais além, mostrar situações de exclusão passadas pelas pessoas *trans* na sua relação com outros grupos LGBT. No tocante especificamente as pessoas *trans*, as discussões têm se orientado na construção de reflexões que apontam que o gênero é fluído, não fixo e performativo, como visto em Butler (2003).

Da mesma forma, para Browne e Lim, os estudos *trans* tem se colocado como uma possibilidade crescente de investigação que tem por objetivo tanto preencher a ausência de discursos *trans* da teoria queer, como ultrapassar a patologização de corpos e mentes *trans*. Se como apontado pelos autores, várias correntes de pensamento distinguem a transsexualidade do *transgender*, a partir da conexão do primeiro termo ao sexo e o segundo aos papéis sociais de gênero, sua postura é uma oposição a estas categorias como existências em separado, pois se orientam na busca da superação de dicotomias entre homem e mulher, e da mesma forma

questionando um sexo pré-existente, ou formando cirurgicamente corpos sexuados. O elemento importante refere-se ao fato de que, embora os autores reconhecendo os corpos genderificados como sendo uma construção fluída e instável das pessoas que transgridem o que é o masculino e o feminino, a direção de argumentação admite que as pessoas *trans* não devam ser colocadas fora do binarismo masculino e feminino, pois algumas delas identificam-se como homens ou mulheres, mesmo que outras não se identifiquem através deste binarismo.

Assim, não devemos substituir um binômio por um trinômio, relacionado aos elementos homem – mulher – *outro*, pois indivíduos podem ser totalmente *trans* e totalmente femininos ou masculinos. De qualquer forma, o termo *transgender* tem sido visualizado como uma ampla categoria que engloba uma variedade de vivências *trans*, reconhecendo o papel do sexo nas performances de gênero. Como visto por Browne e Lim (2010), Striker (2006) tem argumentado que as pessoas *trans* incorporam os elementos de sexo, de gênero e sexualidade.

Mesmo que estas diferenças sejam incorporadas, torna-se necessário manter as diferenciações entre gênero e diferença sexual, reconhecendo estes termos a partir de sobreposições, cruzamentos e reforçamentos mútuos, pois o reconhecimento da diferença sendo importante na categorização das pessoas *trans*, a própria nomeação não é desconectado de problemas potenciais de não reconhecimento.

Relacionando o *queer*<sup>8</sup> às cidades americanas, no tocante as percepções *transgender* do espaço urbano, Doan (2007) aponta que o termo *queer* tem sido tratado nos últimos anos como uma possibilidade de se pensar uma posição anti-normativa das questões atinentes a sexualidade. Em sua discussão, a autora trata que este termo tem perturbado a dicotomia 'natural' entre homossexual - heterossexual e sexo - gênero. Da mesma forma, esta também tem sido adotada pelas pessoas com o objetivo de distanciamento da forma pejorativa em que ela é usada socialmente. As pessoas que tem sido nomeadas por este termo refere-se a gays, lésbicas, bissexuais, pessoas *transgender*, ou outras que não correspondam com linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.

---

8 Segundo Silva (2009b), o pensamento acadêmico *queer* tem nascimento das contestações ao movimento social homossexual conservador norte-americano. Neste, o protagonista relacionava-se ao homem branco, homossexual e de classe alta. As críticas referem-se ao fato de que este movimento desconsiderava outras possibilidades existenciais 'homo', como visto em vivências relacionadas a pessoas não-brancas, travestis, lésbicas, transexuais, bissexuais, etc. Por outro lado, o mesmo termo *queer* também é usado como instrumento de ofensa a pessoas homossexuais.

Especificamente sobre o termo *transgender*, segundo a autora, este foi apropriado por algumas pessoas que correspondem a uma ampla gama de variação de gênero, estando dentre elas as *cross-dressers*, *drag queens*, *drag kings*, transsexuais em situação pré-operatória, pós-operatória e não operadas/os. Em outros grupos identificados como jovens *queer*, suas posições são auto-nomeadas como *tranny-fag*, *boychik* e gênero *queer*. O que a autora aponta é que uma distinção fundamental nestes grupos estaria colocada na necessidade distinta de expressão de identidade em níveis específicos de intensidade, como visto na figura abaixo, a partir de uma pesquisa com 149 pessoas *transgender*:

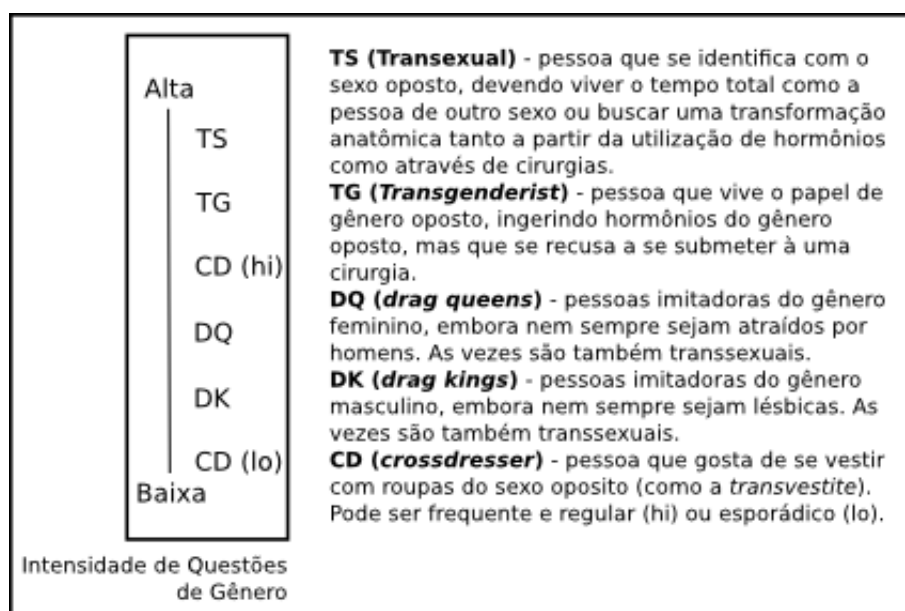


Figura 1 – Tipos e intensidades de identidade de gênero<sup>9</sup>.

A partir deste material empírico, Doan (2007) aponta que haveria uma graduação de intensidade de questões identitárias de gênero, desde o *crossdresser*, com uma intensidade baixa de questões identitárias de gênero, relacionando-se às pessoas que gostam de se vestir com roupas do gênero oposto, até uma situação de alta de intensidade de identidade de gênero, referindo-se ao/a transexual, pessoas que orientam seu cotidiano a partir de uma vivência plena do gênero oposto, buscando uma transformação através de cirurgias de trangenitalização.

Uma conexão para a presente tese refere-se entre os termos *transgender*, *crossdresser*, e *transvestite*, relacionando-se tanto a vivência cotidiana do gênero oposto, sem existir o

<sup>9</sup> Adaptado de Doan (2007, p. 59).

desejo de uma transgenitalização, como a utilização, através desta vivência cotidiana, de roupas do gênero oposto. Assim, para Doan (2007), o 'T' do *transgender* foi o último acréscimo da comunidade LGBT, adicionando mais um grupo à comunidade. Entretanto, não obstante, continuando a ser menos compreendido como mais uma forma de variação de gênero e práticas sexuais.

O termo *transgender*, lido no Brasil como 'transgênero', refere-se ao transitar entre os papéis de gênero, e neste sentido, transgredindo a ordem hegemônica (SILVA, 2009a). Como tratado por Browne (2004), isto se refere à existência de pessoas que vivem suas vidas a partir de descontinuidades entre o sexo e a vida sexuada, vivendo seu cotidiano entre categorias de masculino/feminino. Assim, neste grupo estão incluídos as *drag queens*, *transvestites*, *drag kings*, *cross-dresser*, transexuais, transgênero M-F (*male-female*, ou mulher-trans) ou F-M (*female-male*, ou homem-trans).

Para Silva (2009a), mesmo a palavra 'travesti' tendo o significado de apropriação de alguns elementos do gênero oposto, encaminhado tanto a partir de fetiches ou irreverência social, este significado não se refere a travesti brasileira. Corroborando com o afirmado pela autora, a partir do contato e convivência com travestis sul-brasileiras, para este grupo, o termo travesti refere-se a uma busca constante e integral da feminilidade, a partir do par vestimenta/maquiagem/adereços e comportamentos sociais. Mas, além disso, uma busca constante da transformação do corpo, a partir da utilização de hormônios e silicone, sem que isso se finalize em uma operação de transgenitalização. Desta forma, a palavra 'travesti' tem pouca correspondência à palavra '*transvestite*'.

Outra característica evidenciada a partir da convivência com o grupo de travestis que retira seu sustento da atividade da prostituição no Sul do Brasil é da relação entre a palavra 'travesti' e doença e a prostituição. Na presente discussão não desconsideramos que estas relações também não existam em relação aos termos acima elencados. O que salientamos é a especificidade de características das travestis, grupo focal alvo da presente tese, em relação aos termos *transgender* e *transvestite*. Segundo a fala da entrevistada Nix<sup>10</sup>, o termo travesti sempre esteve relacionado no Brasil à prostituição, à violência, às doenças e a 'boca do lixo'. O ponto pacífico desta se refere ao fato de que mesmo a palavra 'travesti' não tendo ligação direta com a atividade da prostituição, a grande maioria das travestis no Brasil encontram

---

10 Entrevista realizada em Florianópolis, em 25 de maio de 2009.

nesta atividade uma das únicas possibilidades de sobrevivência.

Por outro lado, o próprio movimento político travesti brasileiro pensa o termo enquanto produto nacional, indicando que tanto a sociedade brasileira como a produção teórica anglófona não se apropriaram destas terminologias:

A identidade travesti é plenamente assumida nos movimentos políticos, cuja participação travesti é acentuada. A sigla 'GLBT', que deriva da Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, foi questionada pelos integrantes do movimento e provocou a sua modificação para 'GLBTT', que expressa Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais. A inclusão de um segundo 'T' marca a necessidade de explicitação da diferenciação entre travestis e transexuais. Outras duas siglas importantes a serem consideradas são a do Encontro Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros que Atuam na Luta Contra a AIDS<sup>11</sup> – ENTLAIDS e a da Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros<sup>12</sup> – ANTRA. (SILVA, 2009a, p. 5).

Uma discussão necessária refere-se à abordagem de Kulick (2008) em relação à travesti, a partir da prostituição, do sexo, gênero e cultura no Brasil. Segundo o autor, na afirmação da subjetividade travesti, enquanto uma identidade brasileira, segundo suas reflexões etnometodológicas, o sexo e o gênero não são estados ontológicos, mas resultado de todas as práticas cotidianas. Assim, para o autor, a travesti enquanto uma forma de transgenderismo, não seria uma ocorrência natural ou arbitrária, mas emergindo de especificidades espaciais e temporais.

O equivoco de Kulick (2008) assenta-se na limitação da prática sexual travesti apenas relacionada à passividade sexual. Como visto em suas palavras, “o lócus da diferença de gênero é o ato da penetração. Se a pessoa 'só' penetra, é homem. Se a pessoa é penetrada, é diferente de homem – e aí pode ser um 'viado' ou uma mulher” (KULICK, 2008, p. 236). Mesmo que a reflexão de Kulick seja importante, a partir da afirmação de que o grupo de travestis possuem especificidades próprias, falha quando simplifica generalizando todas as travestis brasileiras a este modelo binário 'penetrante – penetrada'.

---

11 Movimento que marca a organização da comunidade travesti brasileira em 1993.

12 Informação disponível em: <http://www.antrabrasil.com>. Acesso em: 24/09/2009.

Consideramos que a generalização da categoria *transgender* a várias possibilidades de questionamento da linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo relaciona-se a uma forma de 'estrabismo anglófono', como nomeado por Whitehand (2005). Segundo este autor, a pequena atenção direcionada pela produção anglófona a produção teórica de outras línguas é uma condição que existe de forma acentuada desde o pós II Guerra Mundial, condição esta de carácter mais político que intelectual. A partir da discussão sobre a hegemonia de revistas geográficas e sua indexação, Whitehand aponta que estas se colocam como internacionais apenas no mundo anglófono internacional. Além da fraca representação de reflexões não anglófonas, para o autor a maioria dos pesquisadores anglófonos não dominam outras línguas. Assim, outras discussões são desconhecidas, fato que ocorre, paradoxalmente, ao lado da nossa tomada de consciência, pela produção não anglófona, da necessidade de diálogo internacional.

Outro argumento apoia-se na própria proposta de Butler (2006), quando afirma que o 'eu' que existe encontra-se relacionado às normas, e dependendo delas, normas estas que são temporais e espaciais. Estas relações do 'eu' com as normas também buscam orientar-se de forma crítica e transformadora. Para ela, o 'eu' não pode ser reconhecido fora destas normas, mas pelo contrário, quando este 'eu' é incorporado pela norma, tornando-se inteligível através desta.

Sem algumas características básicas e reconhecíveis não se pode viver, possibilidade paradoxalmente justaposta ao fato de que os mesmos elementos pelos quais ocorre o reconhecimento transformam vidas em inabitáveis. O que a autora busca é não valorizar a diferença em si, mas constituir amplos termos que localizem pessoas que resistem à incorporação dos modelos. Como visto em suas palavras:

Creo, sin embargo, que sería un error suscribir una noción progresiva de la historia por la cual se entiende que diferentes marcos van sucediéndose y suplantándose unos a otros. No se puede narrar una historia sobre cómo uno se desplaza del feminismo al queer y al trans. Y no se puede narrar tal historia sencillamente porque ninguna de esas historias pertenece al pasado: esas historias continúan ocurriendo de formas simultáneas y solapadas en el mismo instante en que las contamos. En parte se dan mediante las formas complejas en las son asumidas por cada uno de esos movimientos y prácticas (...) (BUTLER, 2006, p. 17).

Segundo Miskolci e Pelúcio (2007), a popularidade relativa no Brasil das proposições de Judith Butler às reflexões relacionadas às sexualidades e identidades sexuais não-hegemônicas demonstra uma incorporação mecânica e descontextualizada. Este descompasso ocorre relacionado ao conteúdo programático da proposta da autora, lastreável temporalmente, mais especificamente, espacialmente, e outros fenômenos em contextos distintos.

Visualizamos estas mesmas problemáticas na transposição de termos como *transgender* ou *transvestite* às travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição no Sul do Brasil. Se como visto por Silva (2009c), o conhecimento é produzido da relação interdependente de quatro elementos, a saber, o 'sujeito' que proporciona a inteligibilidade de determinado fenômeno, o 'objeto' externo ao sujeito, o 'ato de conhecer' e o resultado de seu ato, o 'conceito', o conhecimento científico coloca-se como resultado de um encontro fenomenal entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado através das espacialidades.

A perspectiva é que reflitamos sobre a relação entre conceitos e seus contextos espaciais de origem. Para Miskolci e Pelúcio (2007), um conceito sempre traria distorções quando utilizado fora do lugar? Ou melhor, estas distorções poderiam em certas circunstâncias inutilizar determinados conceitos? A direção não seria pensar em conceitos mais válidos ou menos válidos, mas refletir, como apontado por Harvey (1973) em relação ao conceito de espaço, que cada fenômeno social refere-se a determinados conceitos, avaliando conceitos segundo fenômenos e problemáticas espaciais de pesquisa. A não congruência entre termos como *transgender*, *transvestite* e 'travesti' deve-se ao fato de que um conceito deve ser pensado fora do seu lugar. Assim, optamos por privilegiar as especificidades do termo 'travesti' para o grupo focal da presente tese.

Retornando a proposição mais próxima de nosso contexto temporal e espacial, referente às afirmações de Kulick (2008), é equivocado atribuir à travesti uma única identidade. As construções identitárias formam-se a partir de determinadas espacialidades e temporalidades, a partir de imbricações entre gênero e sexualidades, identidades e espaço.

Como tratado por Cuche (1999), o crescente aumento da utilização do conceito de identidade relaciona-se tanto a exaltação da sociedade multicultural, como na busca do individualismo protetor da identidade. Para o autor, não podemos simplificar a relação entre

cultura e identidade, mesmo que estas tenham grande ligação. Para ele, a cultura pode existir sem consciência identitária. Por outro lado, estratégias identitárias podem manipular ou subverter elementos culturais. Mesmo que não concordemos com a ideia de cultura inconsciente, considera-se que a identidade relaciona-se às normas de vinculações conscientes. Segundo Cuche (1999), a identidade é construída no objetivo de oposição entre grupos, pois da mesma forma que não existe identidade em si, a identidade das travestis é sempre situacional, relativa, múltipla e em movimento. Demonstrando a necessidade de não generalização, o evidenciado em campo é que as possibilidades de configuração entre sexo, gênero, prática sexual e desejo são as mais plurais e variadas, não se relacionando ao modelo binário, pois mesmo que existam códigos de conduta baseados neste esquema, a vivência travesti extrapola esta organização.

Mesmo que em outro momento<sup>13</sup> tenhamos identificado um código válido de conduta na atividade da prostituição, as práticas sexuais reais, tanto relacionadas à atividade da prostituição quanto à suas conjugalidades, apontam para um universo de possibilidades. Esta orientação pode ser vista em Peres (2005; 2007) no tocante às conjugalidades dissidentes, mas também na fala de Erinia, travesti casada há quinze anos com uma mulher, tendo uma filha com esta, escapando estas formas de conjugalidade do modelo criado por Kulick (2008), em que a travesti é a penetrada e homem é aquele que penetra:

*Eu não penso, Marcio, eu me acho, assim, uma travesti. Eu sou uma travesti. Em momento algum passou pela minha cabeça a vontade de fazer readequação de sexo, essas coisas, porque eu me sinto uma travesti, independentemente de eu ser casada com uma mulher, eu vivo vinte e quatro horas vestida de mulher. Então isso não interfere em nada, eu sou uma travesti. Eu acho que travesti é aquela que vive vinte e quatro horas vestida de mulher, e tem vontade de viver vestida de mulher, independente se está com homem ou com mulher. Então eu me considero uma travesti. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa, no dia 30 de julho de 2010).*

Mesmo que exista como elemento na fala a necessidade de busca constante da feminilidade, elas constroem outras possibilidades existenciais, extrapolando os binarismos. A partir disso, nos orientamos à proposição de Peres (2007), quando este defende que as

---

<sup>13</sup> Ornat (2008a).

travestis são pessoas que possuem identificações com imagens e estilos de vida femininos, desejando apropriar-se de elementos femininos, transformando o corpo em direção a esta feminilidade desejada.

Segundo as reflexões de Peres (2005), as identidades relacionadas ao gênero e às sexualidades têm tensionado as visões referentes a biomedicina que legitimavam o discurso heteronormativo. Este tensionamento se faz a partir das atuais reflexões que tem tratado as construções identitárias de gênero e sexualidades a partir de caminhos interseccionais, compreendendo estes termos a partir de suas historicidades e espacialidades.

Um caminho importante de reflexão refere-se à desnaturalização da linearidade entre sexo, gênero e desejo, realizada por Butler (2003). Esta autora argumenta que as práticas culturais que classificam corpos segundo suas características físicas exigem práticas condizentes às normas reguladoras dos corpos. Neste processo, o gênero e a sexualidade seriam heteronormativos, ou seja, a partir de uma pluralidade de atividades que reiterariam práticas e normas já reguladas pela sociedade, práticas estas anteriores aos sujeitos, materializando corpos e marcando o sexo.

Neste processo, os sujeitos fariam escolhas constrangidas a partir de contextos espaciais e temporais, produzindo o efeito de um aparente natural. De outro modo, como visto por Louro (1999), as práticas sexuais referem-se a um conjunto de convenções culturais e plurais, pois é por intermédio da cultura que os corpos ganham sentido socialmente. Em nossa reflexão, não falamos de um gênero diferente, mas de pessoas que extrapolam as visões e categorias binárias do que é masculino e feminino.

Entendendo que o gênero e as sexualidades são práticas sociais localizadas espacialmente e temporalmente, Catonné (2001) nos exorta que o advento de corpos que extrapolam as classificações binárias não é algum fenômeno tido como atual, mas localizando-se temporalmente e espacialmente desde a Babilônia. Nesta perspectiva, o hoje de nossas práticas sexuais é o mesmo do momento em que se mostra visível um processo de descristianização, e como um fenômeno de massa, visível a partir do terceiro quartel do Séc. XX. Isto aponta para uma clara relação entre prática espacial, gênero e sexualidades.

Nestes contextos espaciais, os corpos seriam marcados socialmente, sendo seus movimentos ações de comunicação. Para Greiner (2005), cada ação, em cada contexto

espacial, seria entendida enquanto um símbolo, comunicando ações entre indivíduos. Os locais de ocorrência destas comunicações não seriam passivos, mas se constituindo enquanto contextos sensíveis.

Na perspectiva da presente tese, os vários territórios da prostituição que compõem a vivência travesti são estruturados tanto entre travestis como entre este grupo e clientes, policiais, moradores e demais grupos sociais, existindo desta forma relações estreitas entre corpos, espacialidades e territorialidades. Nas reflexões produzidas pela Geografia brasileira, as espacialidades relacionadas à apropriação de determinadas áreas, instituindo fronteiras a partir de relações de poder, tem demonstrado pouca atenção à relação entre espacialidades, corpos e sexualidades, tomando tais caminhos outras direções. Como visto por Haersbaert (2004), o conceito de território possui uma característica básica que é a polissemia, sendo visto ora como território político, ora como território econômico, ou como território cultural.

Outra reflexão pode ser vista em Souza (1995) concebendo o território como um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, como um campo de forças que delimitariam os de dentro e os de fora, a partir da instituição de barreiras de restrição ou exclusão de objetos, indivíduos e comportamentos. Este território demanda, para o autor, constante manutenção, pois além de ser fruto de relações de poder, e a base para elas, uma demarcação não necessariamente formal, mas também rarefeita ou simbólica. Portanto, o território é aceito para o autor como uma espacialidade composta pela tríade espaço, fronteira e poder.

Não desconsiderando as materialidades relacionadas aos territórios da prostituição travesti, concebemos estes como constituinte dos sujeitos a partir de suas imaterialidades, como tratado em Souza (1997) no tocante a importância do espaço no desenvolvimento social. Segundo este autor, as materialidades são elementos importantes nas compreensões sociais, como já evidenciadas pelos geógrafos marxistas. Contudo, materialidades tidas como pontos de partida e não como pontos de chegada. Neste caminho, as espacialidades não são apenas entidades objetivas, mas lidas (inter)subjetivamente, materialidades carregadas de significados específicos para cada indivíduo de forma subjetiva, mas compartilhadas entre os grupos de forma intersubjetiva.

Outra consideração relaciona-se ao fato de que estas materialidades-imaterialidades

são lidas a partir de seus mapas de significado, como na proposta de Jackson (1989), constituindo sujeitos em um processo de construção constante através de suas espacialidades e territorialidades. Como visto por Louro (2004), atualmente faz-se necessário não apenas construir reflexões que evidenciem processos constituídos pela difusão, pela confusão e pela pluralidade, mas, além disso, pensar que os sujeitos são divididos, fragmentados e cambiantes. Sujeitos os quais na vida, não importa o chegar, mas o andar.

Quando pensando sobre o território descontínuo e a multiterritorialidade da prostituição travesti no Sul do Brasil, o local de chegada *a priori* é menos importante que o processo e mudança desenvolvidos ao longo do caminho. Isso se refere a discussão realizada por Louro (2004), quando trata da metáfora da viagem de um indivíduo e de sua potencialidade de alteração ao longo de uma caminhada.

Nesta, quando um objetivo é atingido, como no caso do grupo das travestis, em relação à transformação do corpo, esta deixa de ser valorado, transformando-se em outro. Todavia, longe de serem lineares, estes processos colocam-se como complexos processos de idas e vindas, resultando em des-arranjos e des-ajustes, demonstrando que só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio ao viajante, viagem esta que extrapola o sentido metafórico, transformando todas as dimensões dos sujeitos.

Nas relações iniciais entre a teoria e o empírico, evidenciamos que o grupo de travestis que retira seu sustento da atividade da prostituição desenvolvem a partir desta espacialidade específica um conjunto de laços identitários e normas tácitas de confuta para os corpos. Tal conjunto de normas pode ser nominado por 'conveniência', como na proposição de Mayol (1996), como as formas como os corpos devem se portar e o benefício de aceitar este conjunto de normas. Quando o grupo de travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição participa destas práticas territoriais, elas aderem a sistemas de valores produzidos através destas espacialidades.

Estas práticas convencionadas são atravessadas pelo que é ou não é ser travesti, relacionando-se ao conjunto de convenções de gênero e sexualidades, pois se o gênero é uma interpretação cultural do sexo, interpretação esta realizada pela sociedade, e este sendo construído culturalmente, o gênero pode ser construído diferentemente. Segundo Butler (2003), as pessoas só se tornam inteligíveis quando adquirem seu gênero, conformando-se aos

padrões que são reconhecíveis de inteligibilidade do gênero. Esta coerência e continuidade, segundo a autora, não são características lógicas específicas da pessoa, mas normas de inteligibilidade instituídas e mantidas socialmente, normas de identidade. Assim, nas suas palavras:

Compreender a identidade como uma prática, e uma prática significativa, é compreender sujeitos culturalmente inteligíveis como efeitos resultantes de um discurso amarrado por regras, e que se insere nos atos disseminados e corriqueiros da vida linguística (e cotidiana)<sup>14</sup> (BUTLER, 2003, p. 205).

Se de um lado, Butler nos exorta que as normas de identidade estão relacionadas a conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, e que algumas pessoas questionariam estas a partir de práticas de gênero incoerentes e descontínuas, localizadas espacialmente e temporalmente, esta mesma ação cria novos limites de normalidade, espacialmente e temporalmente convencionadas e localizáveis. Para a autora, o gênero não se coloca nem como um substantivo ou como um conjunto de flutuantes atributos dos corpos. Seu efeito substantivo é produzido performativamente, e a partir de um range de possibilidades de escolhas constrangidas, é imposto por práticas que regulam a coerência do gênero. Este é o resumo das práticas corporais a partir de atos repetidos, a partir de regulações espaciais.

Esta construção espacial dos papéis de gênero é potencialmente aberta, sendo constantemente questionada a partir de relações de antagonismos e complementaridades. Como visto por Young (2003), quando cada pessoa, a partir de seus grupos de convívio, exterioriza através das espacialidades a sua sexualidade, acaba por criar uma auto-imagem corpórea, fazendo-se legível para o grupo de pertencimento ou para outros grupos sociais.

A partir de cada território da prostituição travesti evidencia-se que este é constituído por repertórios discursivos e interpretativos, como também visto por Spink e Medrado (1999) em sua discussão sobre as práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano. Estes se colocam como locais de fundamental importância ao ser travesti. É a partir destas espacialidades que se cria a fronteira da norma, de um lado, e de outro lado, a re-significação e construção de novas formas de comportamento e de identidades sexuais e de gênero.

---

14 Nossa inclusão.

Toda a vida cotidiana das travestis é marcada tanto pela busca constante da feminilidade, como pela exclusão nascida desta diferença. Como visto em todo o tempo de convivência com as travestis que foram o grupo focal da presente tese, seu cotidiano espacial é marcado por um conjunto de adversidades relacionadas às ameaças de morte, assaltos, rivalidades intra-grupo / extra-grupo e muita violência. Estas situações nascem das considerações de que este grupo é constituído por pessoas anormais, não sendo dignas de respeito, situações que muitas vezes culminam em morte (CABRAL, ORNAT e SILVA, 2011). Todavia, mesmo a partir destas adversidades, as travestis constituem pequenas brechas espaço-temporais, podendo a partir de elas desenvolverem suas práticas de sobrevivência.

Estas formas de percepção do ser travesti referem-se, como visto na discussão de Welzer-Lang (2001), a uma visão heterossexista de mundo. Neste caminho, a forma de sexualidade correta e normal é aquela referente às relações entre homens e mulheres na correspondência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Quaisquer formas de existência que destoem desta visão, como visto em outras formas de existência social, a partir de homossexualidades, bissexualidades, sexualidades transexuais ou travestis, sendo vistas no mínimo como exóticas, ancoram-se em modelos de comportamentos sociais normalizadores. Segundo o autor, ações de preconceito podem ser nominadas como práticas heterossexistas, nas quais instituições ocidentais como a família, as instituições religiosas, de ensino e o Estado, ocupam papel considerável. As práticas que correspondem à linearidade discutida por Butler (2003) entre sexo, gênero, prática sexual e desejo são postas em um nível de superioridade frente as mais variadas possibilidades sociais.

Além de pensar um mundo organizado entre homens e mulheres, coloca-se como pauta refletir sobre outra organização, agora referente à norma e desvio da norma. Não desconsideramos este binarismo estruturante das relações sociais, como visto nas colocações entre bem e o mal, superior e inferior, ativo e passivo, penetrante e penetrado. Mas chamamos a atenção para o fato de que os pares normativos estruturam normas de comportamento, instituindo formas de comportamento temporalmente e espacialmente específicas, pois uma considerável demanda para a Geografia, além de assumir a pauta de gênero e sexualidades, são as de se pensar estes termos enquanto posições espaciais cambiantes dos sujeitos.

Como nos exorta Louro (2001), as reflexões embasadas em esquemas binários tornam-se cada vez mais impossíveis. Devemos admitir que os limitadores de comportamentos

referentes ao gênero e as sexualidades têm sido constantemente atravessados. Mais além, e mais complicado, é que para alguns grupos, o local de vivência cotidiana tem sido exatamente a fronteira entre 'normalidade' e 'não normalidade'.

Da mesma forma que a vivência cotidiana travesti, atravessada por complexidades de idas e vindas, transformando posições de sujeitos, o processo de construção do conhecimento coloca-se, na relação entre a teoria e o empírico, como constituído por desarranjos e rearranjos. O que evidenciamos durante todo o tempo de pesquisa é que a teoria não se coloca enquanto um reflexo da realidade, mas produzido através de toda caminhada. Entretanto, por um longo tempo, segundo Suertegaray (1996), a produção do conhecimento geográfico pautou seu fazer na distinção entre observador e realidade, neutralizando a produção do conhecimento científico. Por outra direção, concebemos o processo de produção do conhecimento geográfico como um processo de imbricação entre sujeito pesquisado e sujeito pesquisador, propiciando a reflexão e a reorientação da direção de pesquisa, pois o ato de conhecer não se coloca em nenhum dos lados da relação, mas em seu processo de se fazer.

Como visto no processo de caminhada, que teve início no ano de 2006<sup>15</sup> a partir da busca de compreender qual era a relação entre a constituição do território da prostituição e instituição do ser travesti, e agora segundo outra escala, buscando compreender de que forma as práticas territoriais da prostituição travesti, presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais, fora evidenciado o rearranjo do conceito de território a partir da convivência com o grupo focal.

O processo de triangulação de informações foi de fundamental importância na constatação de que a mesma sociedade heteronormativa que exclui as travestis da maioria das espacialidades de convivência social cotidiana diurna possibilita a constituição dos territórios da prostituição, agora durante a noite. Esta evidência relaciona-se nitidamente à discussão referente ao poder normativo visto em Foucault (1988), pois as relações de poder não constituem uma contraposição simples entre grupos de dominadores e grupos dominados, ou em outras palavras, grupos com práticas que correspondam à linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, de um lado, e grupos com gênero e sexualidades dissidentes, de outro, mas pelo contrário, complexidades existenciais e espaciais.

---

15 Ornat, 2008.

Na busca da presente tese, a proposição de Duncan (1990) coloca-se como uma fonte muito produtiva, teórica e metodologicamente. Em sua discussão sobre a cidade enquanto texto, o autor constrói uma análise que vai além de suas características materiais, colocando-se enquanto um sistema de significados. As espacialidades da cidade seriam como uma linguagem expressa em um texto, recebendo e transmitindo informações. Estas espacialidades seriam um discurso legível a partir de organizações sociais, que por meio destas, várias práticas sociais seriam comunicadas, negociadas e desafiadas. Além de pensar especificamente sobre uma determinada cidade e seu papel na rede geográfica da prostituição travesti no Sul do Brasil, o conjunto de cidades que constituem a vivência da prostituição travesti são formadas e formam conjuntos de informações, que são disseminados através do grupo enquanto espacialidades-texto. Estas dependem dos sujeitos que agem no processo de recepção e comunicação, instituído e instituinte de valores culturais.

A principal conexão entre a proposta da presente tese e a discussão concebida por Duncan (1990) relaciona-se ao fato de que não existe apenas um único discurso, ou como nos seus termos, um único texto, estático. Nesta proposta, visualiza-se o ato criativo dos sujeitos, através de seus grupos de pertencimento, das leituras e interpretações das cidades relacionadas ao território descontínuo da prostituição travesti no Sul do Brasil. Este caminho evidencia de um lado o processo cotidiano criativo e de outro as interações entre os grupos sociais, tanto entre os que participam como entre aqueles que não participam dos mesmos códigos culturais. Sua principal proposição refere-se ao conceito de 'intertextualidade', relacionando-se às interações entre vários textos que se entrecruzam instituídos e instituintes destas espacialidades-texto.

Quando consideramos o aspecto da intertextualidade, incorporamos as variedades de caminho de construção de distintos significados a partir das mesmas espacialidades. Este caminho é aberto a paradoxos e a pluralidade, indo além da simples materialidade do espaço. O principal ponto é a partir desta perspectiva abrir possibilidades de tornar visíveis textos que não são hegemônicos, proporcionando a inteligibilidade de grupos que até o momento não foram expressivos do discurso geográfico, como o grupo das travestis. A partir da proposta de Duncan (1990), concebemos as espacialidades que compõe o território descontínuo da prostituição travesti no Sul do Brasil como textos urbanos que são lidos por pessoas que possuem seus próprios textos, a partir de coexistências, intercepções, conexões, sobreposições

e justaposições, forjando tramas espaciais e temporais múltiplas.

Vale salientar que o texto produzido por este grupo situa-se a margem da sociedade e do poder hegemônico. Todavia, em relação paradoxal àqueles que mantêm a hegemonia, pois as espacialidades que compõe o território da prostituição travesti são instituídas pelo grupo, da mesma forma que o grupo é instituído por estas espacialidades. Neste caminho, evidencia-se a invenção cotidiana das espacialidades, territorialidades e travestilidades, pois é a partir destas possibilidades que se demonstra a partir do desenvolvimento de comportamentos sociais a recriação e subversão de ideais de gênero e sexualidades. Mesmo que as travestis afrontem a linearidade heteronormativa, elas constroem e desconstroem a mesma sociedade heteronormativa que as exclui.

Como evidenciado em outro momento<sup>16</sup>, todo o cotidiano vivenciado pelas travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição é marcado por um conjunto de interdições espaciais e apropriações temporais de determinadas espacialidades do espaço urbano. É a partir destas espacialidades apropriadas que este grupo estabelece condutas consensuadas para os corpos, instituindo os territórios da prostituição travesti. Mesmo que existam organizações grupais onde se visualiza a participação de travestis, como visto na ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais - ou a ANTRA - Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros - é a partir das espacialidades relacionadas aos territórios da prostituição que as travestis ganham visibilidade social, mesmo que de forma negativa.

Em todo o tempo de convivência com as travestis, evidenciou-se que é das espacialidades interditadas a vivência travesti, a partir da sociedade heteronormativa, que elas criam possibilidades de resistência social, a partir dos territórios da prostituição travesti. O tempo de convivência também produziu a constatação da distinção entre o saber científico e o saber produzido cotidianamente pelas travestis. Se inicialmente, concebíamos os territórios da prostituição travesti estruturados a partir de uma diferenciação entre *insider* e *outsider*, esta posição relacionada a uma linha divisória entre grupos foi derrubada pelo saber das travestis, pois uma frase comum em meio a este grupo refere-se ao fato de que 'os mesmos homens que fecham suas portas durante o dia são os que abrem suas pernas durante a noite', questionando o conteúdo programático do território relacionado à *insider* e *outsider*.

---

16 Ornat (2008a).

A convivência com o grupo de travestis evidenciou que a mesma força de interdição espacial possibilita o fortalecimento dos territórios, produzindo reconhecimento social. Assim, exclusão e apropriação espacial não se anulam, mas pelo contrário, complementam-se constituindo territórios da prostituição travesti multidimensionais. Da mesma forma, outra desconstrução aconteceu em relação ao conceito de poder, pois se o poder, segundo evidenciado junto ao grupo, não se refere à posse, mas como na discussão de Foucault (1988), a um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado, os territórios da prostituição travesti, constituídos a partir de relações com outros grupos sociais, ora localiza os sujeitos da relação na margem, ora no centro das relações de poder, posições estas móveis, instáveis e transitórias.

Como tratado por McDowell (1999), as espacialidades não são inertes ou recipientes, mas elementos importantes na constituição das identidades dos sujeitos. Isto se evidencia no fato de que os territórios da prostituição, além de garantir a estas pessoas a sobrevivência econômica, é um elemento importante de sua subjetividade. A partir disso concebemos o território da prostituição travesti como um elemento ativo tanto na constituição da subjetividade individual quanto na constituição de sua identidade grupal intersubjetiva.

É a partir das espacialidades relacionadas aos territórios da prostituição travesti que se apreendem formas de comportamento, significados linguísticos e sinais corporais que permitem relações sociais. É através das relações grupais estabelecidas a partir dos territórios que ocorrem as transformações gradativas dos corpos, buscando atingir a feminilidade desejada para o corpo travesti. É através dos territórios da prostituição travesti que estas pessoas apreendem e produzem práticas de transformação, subvertendo a ideia de que o sexo é o definidor do gênero.

Estas ações e comportamentos, tidas como ações de comunicação, constituem simultaneamente espacialidades e afetividades, sociabilidades e identidades, resignificando corpos, prazeres e desejos. Esta análise se diferencia da habitual forma de visualização do território como composto pelo conteúdo programático relacionado a espaço, fronteira e poder. Este território coloca-se como um 'território paradoxal' (ORNAT, 2009), constituído a partir de inúmeras dimensões e espacialidades do ser travesti, posicionando sujeitos ora no centro, ora na margem destas mesmas relações, dependendo das marcas que estes corpos carregam, território feito entre separação – conexão entre eu e outro, a partir de centro de margem em

constante movimento. Território da prostituição altamente transitório, como o corpo, o sexo, o gênero, o desejo e a vida.

## **2. O Empírico e os Novos Questionamentos - O Modelo de Análise**

Os questionamentos que orientam a presente tese são desdobramentos da trajetória desenvolvida através da dissertação de mestrado intitulada 'Território da Prostituição e Instituição do Ser Travesti em Ponta Grossa – PR'<sup>17</sup>. Tal investigação científica tinha como foco central compreender a correlação existente entre a territorialidade da prostituição e a instituição do sujeito travesti.

Durante este percurso foi estabelecida uma parceria, através do Projeto de extensão 'Para além da batalha'<sup>18</sup> na rua: práticas de inclusão sócio-espacial e promoção de direitos humanos dos grupos em situação de vulnerabilidade social', entre o Grupo de Estudos Territoriais – GETE, do qual faço parte, e a Organização não governamental Renascer – Ponta Grossa - Paraná, que possibilitou uma vivência durante dois anos do universo e das práticas territoriais dos sujeitos investigados. A convivência cotidiana entre o grupo de pesquisadores e o grupo focal de travestis levou a conflitos teóricos e tensões de pontos de vista que culminaram com a afirmação de que o território é um elemento fundante da identidade travesti, o que possibilitou a ultrapassagem do tratamento do território enquanto um receptáculo de práticas sociais.

A experiência vivida junto ao grupo das travestis, a paulatina legitimação do saber científico do grupo de pesquisadores junto a elas levou ao estabelecimento de novas questões que eram centrais em seus discursos, pois há entre este grupo uma busca de conquistas territoriais cada vez mais ampla, relações estas que extrapolam àquelas contidas nos territórios intra-urbanos.

A instituição dos territórios intra-urbanos da prostituição travesti, compreendido

---

<sup>17</sup> Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

<sup>18</sup> O termo 'batalha' refere-se a atividade da prostituição.

como instituídos e instituintes do sujeitos, está correlacionado aos espaços de interdição. A experiência vivida do sujeito travesti na cidade se constitui numa relação contraditória e complementar, que envolve interdições de vivências espaciais, como discutido por Silva (2009), relacionadas ao poder da heteronormatividade e às instituições grupais, que as possibilitam se apropriar de outros espaços e tempos, tornando-os territórios.

A vivência espaço-temporal pode ser concebida e experienciada de forma contínua ou descontínua, com rupturas brutais ou bloqueios espaço-temporais, como argumenta Corrêa (1995) em sua discussão sobre o espaço como conceito-chave da Geografia. Segundo o autor, no processo de produção e organização do espaço, os grupos sociais criam um conjunto de ações, através das quais são possibilitadas a criação, a reprodução, a destruição e a reconstrução das formas e das interações espaciais. Estas ações seriam resultado, de um lado, da aceitação pelos grupos sociais da própria existência da diferenciação espacial, e de outro, dos projetos orientados à viabilização da existência e à reprodução social.

Uma das dimensões de reprodução social é o território. Desde a institucionalização da Geografia como ciência acadêmica, este conceito vem se colocando como objeto de interesse. Mesmo que a variação do conceito de território esteja relacionada ao 'Território Econômico, Território Político e Cultural' (HAERSBAERT, 2004), a forma de percepção do conceito de território privilegiada, como visto por Souza (1995), foi a relacionada ao Estado-Nação, colocando-se como uma área apropriada e ocupada por determinado grupo social. Enquanto uma área criadora de raízes e identidades, suas limitações não seriam imutáveis, mas cada espaço enquanto área apropriada seria território durante todo o tempo.

A articulação de área apropriada por agentes que envolvem o domínio de recursos econômicos é antiga, sendo base de análise de Friedrich Ratzel já em 1882 na obra *Anthropogeographie*<sup>19</sup>, implicando uma noção de expansão espacial política para manutenção de recursos econômicos de determinado grupo social, apoiado no aparato político estatal. A perspectiva de controle de área também foi desenvolvida por Gottmann (1973) em 'The Significance of Territory'. Para o autor, o território é um espaço definido por um sistema de leis e de uma unidade que lhe governa, uma área que possui uma organização espacial e central.

---

19 MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ratzel**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

Gottmann entende o território como uma ação que busca compartimentar o espaço, resultado de uma separação, de uma diversificação e organização. Estes elementos teriam por função primordial servir tanto como um refúgio de segurança, como uma fonte de oportunidades. Para ter validade este conceito, Gottmann defende a ideia que este designaria uma relação entre autoridades políticas, entendendo o conceito como relacional. Todavia, a discussão sobre este conceito toma o mesmo encaminhamento produzido por Ratzel, relacionando território a Estado-Nação.

A primeira obra que foge dos determinismos discursivos que relacionam território a Estado-Nação, refere-se à obra de Raffestin (1993)<sup>20</sup> em 'Por uma Geografia do Poder'. O autor trata o território como um dos trunfos do poder, ao lado da população e dos recursos, mas sendo um trunfo particular, “recurso e entrave, continente e conteúdo, tudo ao mesmo tempo. O território é o espaço político por excelência, o campo da ação dos trunfos” (1993, p. 60). Para Raffestin, espaço e território não são equivalentes, mas o segundo é posterior ao primeiro, sendo formado a partir dele, espaço apropriado, territorializado e marcado por relações de poder a partir da visualização de Foucault (1988).

O autor não relaciona a discussão do território exclusivamente ao Estado-Nação, como fez Ratzel. Em sua proposta, o território seria produzido do indivíduo ao Estado, passando por todas as organizações. Em qualquer nível encontraríamos atores produzindo território, apropriando-se do espaço. Assim, “em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem territórios” (RAFFESTIN, 1993, p.152). Segundo o autor, falar de território é fazer referência à ideia de limite, de delimitação do espaço, isolar, separar, ou manifestar uma relação de força em uma área precisa e restrita. Limite não apenas entendido como linear, mas também a partir de seu ponto de vista zonal.

Coloca-se neste movimento de renovação do conceito de território o trabalho de Sack (1986) em 'Human Territoriality'. Nesta discussão, o autor defende a tese de que o território, enquanto um espaço segmentado é uma fonte primordial de poder, entendido como posse de área. Os três processos de territorialização, ou seja, a atividade de tomada de posse do espaço, seria a comunicação pela fronteira, a classificação por área e o controle interno/de acesso a este espaço, processo que iria de um quarto/cômodo de uma casa ao Estado-Nação.

---

20 RAFFESTIN, Claude. **Pour une géographie du pouvoir**. Paris: Librairies techniques, 1980.

Tendo o mesmo conceito por objeto de reflexão, Souza (1995) em 'O território: Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento' salienta o fato de que o espaço vem há muito tempo sendo valorizado como de fundamental importância na manutenção, na conquista e no exercício do poder. Afirma que qualquer visualização do poder – de Sun Tzu, Michel Foucault, Paul Claval, Clausewitz e Ratzel – necessitam de uma espacialidade, por mais fugaz e indireta que esta nos pareça. Assim, fugindo de objetivos escusos, Souza grifa que seu interesse no território estaria localizado na possibilidade de saber quem manda ou influencia e como manda e influencia nesse território.

Assim como Sack (1986) e Raffestin (1993), Souza (1995) atribui uma variabilidade espacial e temporal deveras produtiva. Para ele, o território não deve ser reduzido às questões que envolvem o Estado-Nação, pois esse pode ser construído e desconstruído nas mais variadas escalas espaciais (da rua aos territórios dos países membros da OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte). Da mesma forma, podem ser instituídos e desfeitos nas mais variadas temporalidades (de séculos a horas). Mais ainda, podem ser permanentes ou cíclicos. O autor apresenta uma riqueza de situações de apreensão do território, entendendo-o como:

um campo de força, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre 'nós' (o grupo, os membros de uma coletividade ou 'comunidade', os *insiders*) e os 'outros' (os de fora, os estranhos, os *outsiders*). (...) Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (...). (SOUZA, 1995, p. 86-87).

Como visto acima, é a organização binária que tem estruturado a reflexão relacionada à compreensão do território, vendo-o como a ação de inclusão e exclusão de objetos, indivíduos e comportamentos. Este se concebe enquanto um espaço apropriado por um grupo social, que delimita formalmente (ou não) uma fronteira, estabelece e/ou reforça posições de *insider/outsider*. Entretanto, a visualização do território pode ser ampliada, quando buscada outra configuração de forças, além de oposições de inclusão/exclusão.

Aprofundando a discussão sobre o conceito de território, Silva (2000) demonstra a partir de um diálogo com Holzer (1997), que quando considerado o poder como elemento

preponderante do território, são deixadas de lado outras formas de territorialidades, não relacionadas em um primeiro momento à questão das delimitações de áreas pelo poder. Segundo a autora, o território “pode ser visto como um conjunto de lugares, onde se desenvolvem laços afetivos e de identidade cultural de um determinado grupo social” (SILVA, 2000, p. 7), sendo a expressão da constituição do mundo pessoal e subjetivo, envolvendo a instituição do *eu* em relação ao *outro*.

A identidade também tem sido um elemento importante nas discussões sobre o território. Como tratado por Bossé (2004) a identidade coloca-se como a resposta às perguntas de 'o que é? Quem são eles? Quem somos nós?'. Estes elementos servem para dar sentido a objetos e pessoas, pressupondo o estabelecimento de critérios concernentes a uma identificação (*eu – outro*). Ou uma identidade compreendida como uma *realização situacional* (entendida como espacial), buscando não o 'ser', mas o 'se tornar' (WEST & FENSTERMAKER, 1995).

Como analisado por Valentine (2007), a identidade a partir desta perspectiva tem clara ressonância tanto com a proposta de Butler (2003) sobre sua discussão de um gênero performático, vendo as identidades não como possuidoras de propriedades fixas ou estáveis, produzindo sujeitos estáveis, mas identidades que surgem das práticas, ações que possuem espacialidades. Uma identidade não unitária, mas múltipla, constituída a partir das interseções entre vários aspectos identitários, como os de classe, gênero, sexualidade, etnia, etc. Intersecção não pensada em termos de linhas homogêneas, mas enquanto um fazer, como um fluído possibilitando aproximações, distanciamentos, continuidades e descontinuidades, conflitos e neutralizações. Desta foram, para West e Fenstermaker (1995), as identidades seriam feitas e desfeitas, reclamadas e rejeitadas a partir de distintas espacialidades. A partir da nossa perspectiva, a partir de várias territorialidades.

O tratamento do território da prostituição sob a perspectiva de sua concretude foi reelaborada pelas reflexões desenvolvidas em outro momento (ORNAT, 2009), sob a perspectiva feminista, relacionando território e prostituição travesti. Nestes argumentos, o território da prostituição é simultaneamente instituído e instituinte do sujeito travesti e de sua identidade.

Esta discussão trata sobre o fato de que a linearidade entre sexo, gênero, prática

sexual e desejo sexual é uma característica comum da sociedade ocidental contemporânea que procura a todo custo manter explicações da ordem heterossexual baseadas na natureza dos corpos e comportamentos. Sob esta perspectiva os sujeitos que não correspondem aos padrões estabelecidos são considerados desviantes, doentes e outros tantos qualificativos criados para classificar a sociedade e manter sua pretensa ordem natural.

As espacialidades constroem as posições de sujeitos, compõem relações de forças, e orientam as escolhas e sua apreensão da realidade. As espacialidades que estavam relacionadas à vivência cotidiana do grupo de travestis entrevistadas para esta reflexão (ORNAT, 2009) relacionaram-se a evocações referentes às relações estabelecidas na família, relações de conjugalidade, e relação entre as travestis e deste grupo com moradores e policiais. As espacialidades que compunham as memórias travestis simultaneamente criam os laços de afetividade do grupo de pertença e a diferenciação entre outros grupos.

Como visto neste momento, estas espacialidades são constituidoras da experiência travesti e da identidade travesti, relacionadas à reprodução da heteronormatividade, bem como de sua transgressão. As principais espacialidades evocadas nas falas das travestis estavam relacionadas à casa, ao espaço urbano, e ao território. As experiências que são vividas pelas travestis, relacionadas à casa e ao espaço urbano, são compartilhadas no grupo, promovendo processos de identificação, processo que conflui para o espaço que se torna território.

É a vivência do território, instituído por normas e comportamentos orientados aos corpos, que produzem as identidades travestis, conseguindo localizar estas pessoas perante outros grupos sociais. Porém, as posições de sujeitos são móveis, entre centro e margem de relações de poder, pois o território da prostituição travesti é relacional, envolvendo configurações de poder entre os sujeitos que configuram as relações. O território é constituído por múltiplas dimensões, podendo a travesti em cada uma delas se encontrar em centro e margem de relações de poder. É esta possível plurilocalização das travestis que pode subverter a ordem de forças entre *eu* e *outro*, pois estes são simultaneamente separados e conectados. O território é um local de obtenção de ganhos da comercialização das práticas sexuais, mas também um elemento importante na constituição do ser travesti enquanto um local de aprendizado (ORNAT, 2009).

A perspectiva da Geografia Feminista tem constituído infindáveis possibilidades à

criatividade dos geógrafos(as) em suas análises sobre a dimensão espacial da sociedade, e neste tocante, a discussão sobre o conceito de território na relação entre gênero e sexualidades, pois como defendido por Cosgrove (2004), a Geografia está em toda parte. Entretanto, esta valorização não tem sido demonstrada na produção geográfica brasileira relacionada a estas temáticas.

As discussões geográficas envolvendo a relação entre as temáticas gênero, territorialidade e sexualidades colocam-se no Brasil num conjunto de esparsos trabalhos. Tais discussões não têm ganhado voz, tanto no formato de publicação em periódicos, como relacionadas aos trabalhos orientados nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil.

Após uma busca sistemática realizada tanto no Portal de Dissertações e Teses da Capes<sup>21</sup>, como na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações<sup>22</sup>, coordenando pelo IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), desde o ano de 1987, a partir dos termos gay, gênero, homossexual, lésbica, prostituição, *queer*, sexualidade, transexual, travesti, travestilidade, todos relacionados à Geografia, foram encontrados, a partir de uma filtragem das duplicações entre os bancos de dados e palavras-chave, quatorze trabalhos (ALMEIDA, 2005; CALIÓ, 1991; CARVALHAL, 2003; COSTA, 2002; FRANCISCO, 1997; GARCIA, 2001; MALZONE, 2001; NABOZNY, 2008; ORNAT, 2008; PAEGLE, 2004; PORTO, 2006; RODRIGUEZ, 2006; SCHEFLER, 2002; SOUSA, 2005). O primeiro trabalho refere-se a uma tese de doutorado em Geografia defendido na Universidade de São Paulo sobre 'Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista a Geografia Urbana' (CALIÓ, 1991), com o último trabalho sendo defendido em 2008 (ORNAT, 2008).

Tendo sido feitos em sua maioria no nível de mestrado (treze trabalhos<sup>23</sup>), estes foram realizados nas instituições Universidade de São Paulo (três), Universidade Federal da Bahia (dois), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (um), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (um), Universidade Federal do Paraná (um), Universidade Federal de Goiás (um), Universidade Federal de Pernambuco (um), Universidade de Brasília (um), Universidade Federal de Santa Maria (um), e Universidade Estadual de Ponta Grossa (dois).

---

21 Levantamento realizado entre 19 a 23 de maio de 2008.

22 Idem.

23 O único trabalho referente ao nível de doutorado relaciona-se a tese de Calió (1991).

Esta pequena produção em Programas de Pós-Graduação em Geografia coloca-se como uma ausência do discurso geográfico brasileiro em relação a estas temáticas. Pensamos que uma possibilidade para tratarmos sobre esta ausência está alocado na reflexão feita por Souza Santos (2004). Para o autor, quando trabalhamos com aquilo que não existe, necessitamos compreender o que é produzido ativamente como não existente, “como uma alternativa não-crível ao que existe. O seu objecto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que sua simples formulação representa já uma ruptura com elas (p. 786)”.

Esta ausência, não nas ciências sociais como um todo, mas na Geografia Brasileira, consolida-se com a existência de ambientes de interlocução em pequeno número, restringindo-se no Brasil aos encontros do Simpósio de Espaço e Cultura (NEPEC - UERJ<sup>24</sup>), encontros multidisciplinares, como nas nove edições do Encontro Fazendo Gênero<sup>25</sup> (Instituto de Estudos de Gênero / UFSC) e outros em que estas discussões são periféricas ou deslocadas, como por exemplo, o Simpósio Nacional de Geografia Urbana – SIMPURB<sup>26</sup> e o Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE<sup>27, 28</sup>.

Na produção geográfica localizada nos periódicos de circulação nacional, novas discussões demonstram o desejo de constituição de novos horizontes para a Geografia. Novas temáticas são apontadas por geógrafas/os como Oliveira e Vianna (1988), Mattos e Ribeiro (1996), Ribeiro (1997), Campos (2000) e Costa (2005), pensando as questões das mulheres, território, sexo e a prostituição a partir das suas espacialidades. Outras posturas podem ser vistas em Cabral, Ornat e Silva (2011), Silva (2003, 2007a-b, 2008), Ornat (2008b), Ornat e

---

24 O NEPEC - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, foi criado em 1993, no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Seus principais objetivos são resgatar uma tradição geográfica que problematiza a cultura em sua acepção ampla, além de desenvolver pesquisas que evidenciem relações entre espaço e cultura.

25 O primeiro encontro (Fazendo Gênero - Seminário de Estudos sobre a Mulher) aconteceu de 30 de novembro a 2 de dezembro de 1994. Deste então, com uma periodicidade de 2 anos, as temáticas levantadas por este evento referem-se a relação entre gênero e Literatura, História, Psicanálise e Antropologia, mas também gênero e saúde, cultura, política e sexualidade no século XXI, gênero e preconceito, relações entre corpo, violência e poder, e diásporas, diversidades e deslocamentos.

26 A primeira edição do SIMPURB - Simpósio Nacional de Geografia Urbana – aconteceu no ano de 1989.

27 Pela primeira vez na história do ENANPEGE, o encontro aconteceu em Goiânia – GO em 2011 conta com dois Grupos de Trabalho, um denominado 'ESPAÇO, CULTURA E DIFERENÇA: as dimensões étnico-racial, ambiental e de gênero e suas ressignificações espaciais' e 'GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES'.

28 Outra demonstração de que a Geografia Brasileira tem buscado novos horizontes de imaginação geográfica refere-se ao fato da programação de realização do 'I Seminário Latino-Americano de Geografia e Gênero/Pré-encontro da Conferência Regional da UGI' a acontecer em novembro de 2011 no Brasil.

Silva (2007), Nabozny (2007a-b), Nabozny, Silva e Ornat (2007), Veleza da Silva (1998), Rossini (1992, 1993, 1994, 1998, 2002) e López Pons e Lan (2008), buscando pensar o gênero e a sexualidade geograficamente, a partir de novas orientações epistemológicas, em sua maioria, desvinculadas de perspectivas masculinistas.

Outras visualizações foram obtidas a partir de um trabalho sistemático realizado pelo Grupo de Estudos Territoriais - UEPG, entre novembro e dezembro de 2008, tendo por objetivo mapear as produções brasileiras localizadas em periódicos de circulação nacional, com base na avaliação do triênio 2004-2006, Sistema Qualis (SILVA, 2009d). Este trabalho demonstrou que de mil quinhentos e nove artigos, localizados em cento e noventa e sete revistas, entre os anos de 1978 e 2008, foram encontrados apenas cinco artigos referentes a temáticas *mulheres e gênero* (OLIVEIRA e VIANNA, 1988; ROSSINI, 1998; DINIZ e CASTRO, 2003; SILVA, 2007 a-b).

Outra busca realizada refere-se às linhas e projetos de pesquisa sob coordenação de doutores/as geógrafas/os, cadastrados na Plataforma Lattes (CNPq), que possuíam por palavra-chave *Geografia Feminista, Gênero, Sexualidade e Mulheres*. Do total de currículos cadastrados na Plataforma Lattes, apenas quinze tinha como palavra-chave alguns dos termos acima postos, sendo que apenas três destes currículos constavam algum projeto de pesquisa com ocorrência na década de 1990.

Estes tinham por objetivo compreender a relação entre mulher e cultura, movimentos sociais, trabalho, cotidiano e gênero. No início do século XXI, alguns temas permanecem como as relações entre mulheres e trabalho. Entretanto, outros temas têm nascimento, como a valorização da obra de Simone de Beauvoir (1967, 1970) para as ciências sociais, planejamento urbano e gênero, as questões de gênero na luta do Movimento dos Sem-Terra, cruzamentos entre gênero, raça e uma feminização da pobreza, migrações nacionais e internacionais. Nesta década surgem acusações de ausências e silêncios do discurso geográfico, a instituição de um espaço paradoxal como resultante da intersecção entre sexo, gênero e desejo, e a espacialidade das 'homo'sexualidades. Também fazem parte desta tônica as discussões envolvendo violência, criminalidade e gênero.

Esses trabalhos foram realizados na década de 1990, ou tem sido realizados neste início de século, pelas/os professoras/es Antônia dos Santos Garcia (Universidade Federal da

Bahia), Antonio Thomaz Júnior (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), Benhur Pinós da Costa (Universidade Federal de Santa Maria), Carmen Regina Dorneles Nogueira (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões), Doralice Barros Pereira (Universidade Federal de Minas Gerais), Elizeu Ribeiro Lira (Fundação Universidade Federal do Tocantins), Ivana Maria Nicola Lopes (Universidade Federal do Rio Grande), Jones Dari Goetttert (Universidade Federal da Grande Dourados), Joseli Maria Silva (Universidade Estadual de Ponta Grossa), Kelly Cristine Fernandes de Oliveira Bessa (Fundação Universidade Federal do Tocantins), Martha Johanna Haug (Faculdades Integradas Cândido Rondon), Rosa Ester Rossini (Universidade de São Paulo), Sonia Alves Calió (Universidade de Uberaba), Sueli Andruccioli Felix (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) e Susana Maria Veleda da Silva (Universidade Federal do Rio Grande).

Estas/es geógrafas/os, acima citadas/os, têm se colocado na contra mão do que é produzido, via de regra, no Brasil, pois este total é pequeno, frente ao número de geógrafas/os que trabalham com outras temáticas já consagradas da Geografia Humana, como Geografia Urbana, Geografia Política e Geografia Econômica. Na produção científica do 'hemisfério norte', Olesen (2008) aponta em 'Early Millennial Feminist Qualitative Research', que os principais campos do conhecimento que tratam das questões envolvendo gênero e sexualidades são a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Ciência Política, Filosofia, História e Estudos Interdisciplinares de Mulheres, e os Estudos Culturais, mas também em programas profissionais como Educação, Enfermagem, e Serviço Social. Infelizmente, dentre as 20 perspectivas lançadas pela autora e os 125 trabalhos levantados, nenhum deles está relacionado a uma reflexão espacial. Mas a Geografia tem contribuído a estas discussões.

O interesse pelos fenômenos sociais relacionados ao gênero e às sexualidades surgiu na segunda metade do séc. XIX, como visto por Phillips (1999). O nascimento desta curiosidade tinha por origem a modificação de uma série de práticas discursivas, como dos sistemas hegemônicos do direito, da medicina e da religião (FOUCAULT, 1988), mas também de outros discursos, como da arte, da pornografia, da Antropologia, e da literatura de viagem. Estas literaturas de viagem são deveras interessantes, pois cartografaram territórios imaginários nos quais novas representações de sexualidade – homo e hetero – foram construídas e contestadas. Como afirmado por Phillips (1999), poucos autores tiveram um papel tão importante de cartografar e discutir a sexualidade, como a partir da proposta de

Richard Burton. Mais especificamente, Burton cartografou em sua obra 'The Thousand Nights and a Night' (volume 10. London, 1886) uma Sotadic<sup>29</sup> Zone. Esta era uma área onde a pederastia era comum, desafiando com suas afirmações as construções hegemônicas de sexualidade, dando inteligibilidade para um novo sujeito da sexualidade, o homossexual.

Esta era uma área localizada entre as latitudes 43° e 30° Norte, compreendendo o Sul da Europa e o Norte da África. No Oriente Médio esta faixa se estreitava, voltando a se alargar na China, Japão e Turquestão. Como na proposta de Burton (1886), nos mares do Sul e no Novo Mundo, o amor Sotádico era uma instituição bem estabelecida. Burton havia escrito diretamente e abertamente sobre sexo, defendendo um estilo combativo e queixando-se de censura. Burton afirmou que sua abordagem poderia prejudicar sua carreira e seu emprego. E de fato, Burton tornou-se *persona non grata*, tanto nos corredores da Foreign Office, como na Royal Geographical Society. Contudo, o mais importante na sua obra foi a importância dada ao espaço no sexo e nas sexualidades, ou melhor, em saber como as relações sociais eram espacialmente constituídas e contestadas. (PHILLIPS, 1999).

A tradição da discussão envolvendo a relação entre espacialidade, gênero e sexualidade, enquanto um corpo de reflexão remonta apenas à década de 1970. Tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, desde esta década, um sub-campo da Geografia tem se afirmado, denominado '*Feminist Geography*'. Desde suas primeiras proposições, este sub-campo tem se alimentado do movimento feminista e, ao mesmo tempo, o tem alimentado (OBERHAUSER *et al*, 2003). A Geografia Feminista nasce no contexto da 'segunda onda' do movimento feminista. Como dissertado por Narvaz e Koller (1996), este pode ser periodizado a partir de três ondas: a primeira onda representa o surgimento do movimento feminista, entre o final do séc. XIX e início do XX, nascendo como um movimento de luta das mulheres por igualdades de direitos civis. Este foi estruturado na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha; a segunda onda ressurgiu nas décadas de 1960/70, em especial nos Estados Unidos e na França.

Enquanto as feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade (feminismo de igualdade), as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente,

---

<sup>29</sup> Burton tomou este termo de Sotades, um poeta de Alexandria do séc. III a.C., que escreveu versos aparentemente inofensíveis que se tornavam obscenos se lidos de traz pra frente. (DYNES, 1985.)

à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada (feminismo de diferença). Para Narvaz e Koller (1996), a terceira onda, forjada nos anos 1980, introduz o paradigma da incerteza no campo do conhecimento, tendo por influência as proposições feitas por Michel Foucault e Jacques Derrida. É nesta terceira fase que se observa uma intensa justaposição entre movimento político e academia.

Uma das proposições produzidas através da perspectiva da Geografia Feminista, pertinente a presente discussão, relaciona-se às questões levantadas por Binnie e Valentine (1999) em 'Geographies of sexuality – a review of progress', trazendo a relevância das proposições de Judith Butler à Geografia da Sexualidade. Segundo os autores a sociedade atual naturaliza a linearidade entre sexo-gênero-desejo sexual. Entretanto, Butler (2003) desconstrói esta pretensa naturalidade, argumentando que há uma construção cultural que classifica os corpos a partir de suas características físicas de macho ou fêmea, instituindo a ordem poderosa da heteronormatividade. Segundo esta autora, não há apenas uma associação entre estas categorias, pois o ser humano pode produzir inúmeras combinações em sua vivência cotidiana, sendo uma possibilidade os sujeitos travestis.

A partir da compreensão da constituição cultural da norma heteronormativa de gênero, é possível dizer que o ser travesti desestabiliza o poder que organiza o mundo, já que ele não pode ser classificado nos pólos binários do masculino/feminino. Vale ressaltar que esta desestabilização é espacial. Estamos nos referindo a seres que são 'homens no sentido fisiológico' que se relacionam com o mundo como mulheres, rompendo e complexificando as categorias clássicas de masculino e feminino como apontadas por Peres (2005). Segundo este autor, as identidades sexuais e de gênero tem superado a visão orientada pela biomedicina que dava sentido ao discurso heteronormativo. Atualmente, os estudos que abordam a expressão de identidades sexuais e de gênero têm sido intermediados pela compreensão histórica, social, cultural e, para nós geógrafos(as), também pelas compreensões espaciais e/ou territoriais.

Tanto o gênero, entendido como o conjunto de ideias que uma cultura específica constrói em relação ao que é ser homem ou mulher, como o território, é cotidianamente inventado. Isto se deve ao fato de que embora as travestis visivelmente afrontem a linearidade discutida por Butler (2003) entre sexo, gênero e desejo, elas são fruto e constroem a mesma sociedade heteronormativa que as refuta. Cada espacialidade vivenciada pelas travestis constitui uma rede de relações socioespaciais.

Dentro da multiplicidade de teias, o território da prostituição é uma delas. Isto se relaciona a construção do conceito do Espaço Paradoxal discutido por Rose (1993). As reflexões da autora concentram-se na imaginação espacial do que Teresa de Lauretis (1987) em 'Technologies of gender' chama de sujeito do feminismo. Este seria um projeto político, como uma estratégia pessoal e política de sobrevivência e resistência. Todavia, ao mesmo tempo, uma prática crítica e uma forma específica de conhecimento, que vai além da dualidade homem-mulher, entendido enquanto eixos identitários.

Inicialmente, para Rose (1993) isto já aponta para a importância de outras orientações identitárias, onde as reflexões devessem ir além das diferenças sexuais. Em sua discussão, outros elementos devem ser considerados, um mundo de representações linguísticas e culturais, nas suas experiências em relação a outras esferas identitárias dos sujeitos, como a raça, a classe, bem como as relações sexuais. Isto formaria um sujeito não unificado, mas múltiplo, e não apenas dividido, como contraditório, trazendo a possibilidade de existências que vão além dos discursos dominantes.

Este sujeito do feminismo é associado a um distinto sentido de espaço. Um espaço que é multidimensional, contingente e em movimento. Rose (1993) o chama de paradoxal, ou seja, onde as ocupações entre centro e margem, *insider* e *outsider*, são ocupadas simultaneamente. Ou, como afirma Lauretis (1987):

É um movimento entre o (representado) e o que a representação deixa de fora, ou mais precisamente, tornado irrepresentável. É um movimento entre o (representado) espaço discursivo da posição disponibilizada pelos discursos hegemônicos e o espaço-off, o outro lugar, os outros discursos..., há dois tipos de espaços, que não estão nem em oposição um ao outro (...), mas que coexistem em simultaneidade e contradição. O movimento entre eles, portanto, não é o de uma dialética de integração, de uma combinação, ou de uma *différance*, mas é a tensão da contradição, da multiplicidade e da heteronomia. (LAURETIS, 1987, p. 26)<sup>30</sup>

Esta apreensão do espaço demanda uma passagem radical às geometrias

---

30 It is a movement between the (represented) and what the representation leaves out or, more pointedly, makes unrepresentable. It is a movement between the (represented) discursive space of the position made available by hegemonic discourses and the space-off, the elsewhere, of those discourses [...] there two kinds of spaces are neither in opposition to one another [...], but they coexist concurrently and in contradiction. The movement between them, therefore, is not that of a dialectic, of integration, of a combinatory, or of difference, but is the tension of contradiction, multiplicity, and heteronomy. (LAURETIS, 1987, p. 26).

heterogêneas, pois proporciona a articulação de diferentes estruturas espaciais e/ou territoriais. Assim, o mapeamento desta geograficidade não pode ser apenas o rebatimento de relações sociais de poder sobre espaços territoriais, pois isto é apenas a demonstração, congelada, de uma das dimensões do espaço paradoxal. Desta forma, nossa proposta não se relaciona estritamente ao mapeamento do fenômeno do território descontínuo da prostituição travesti no Sul do Brasil, mas compreender a lógica que subjaz este fenômeno, pois este é fluído, dinâmico e em movimento.

Cada relação tipificada possui uma espacialidade, compostas por relações de poder, nos moldes de Foucault (1988). Em sua análise, Foucault defende a tese de que não podemos considerar a existência de um metaconceito chamado poder, localizado em algum lugar ou emanando de alguma situação, mas se coloca como uma feição heterogênea e em transformação. Portanto, “o poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (FOUCAULT, 1988, p. X) e espacialmente.

Como visto acima, diferentemente do Brasil, onde a Geografia tem demonstrado pouco interesse nas possíveis relações entre espacialidade, gênero e sexualidade, a Geografia Anglófona tem valorizado esta orientação, interesse demonstrado a partir dos inúmeros caminhos de reflexão e ação. Estes caminhos têm buscado compreender, a partir da perspectiva feminista, as questões metodológicas, referentes à identidade, cultura, espacialidade, mas também nas discussões sobre identidade, espaços do corpo e sexualidade. Prova deste interesse é a existência de grupos específicos de discussão em diversas associações de geógrafos, como na *Association of American Geographers (Geographic Perspective on Woman Specialty Group)*, na *Royal Geographical Society with the Institute of British Geographers (Woman and Geography Study Group of IBG)* na *International Geographical Union (Commission on Gender and Geography)* e no *Canadian Association of Geographers (Canadian Woman and Geography Study Group)*.

Como analisado por Silva (2009b) as reflexões geográficas relacionadas às sexualidades superaram um grande conjunto de preconceitos relacionados a estas temáticas, incluindo as sexualidades no campo de discussão da Geografia Feminista. Dentre um corpo de reflexões relacionadas a espacialidade de gays e lésbicas, coloca-se como de fundamental importância pensar sobre a espacialidade de sexualidades distintas, relacionadas ao grupo das travestis, a partir de um território descontínuo da prostituição no Sul do Brasil.

A proposição do Espaço Paradoxal, somado a discussão feita por Valentine (2007) relacionada à 'interseccionalidade', propicia novas reflexões referentes ao território descontínuo da prostituição travesti presentes nos espaços intra-urbanos no Sul do Brasil. O conceito de interseccionalidade é utilizado pela autora para demonstrar a conexão entre diferentes categorias sociais, tais como gênero, classe, etnia, sexualidade e assim por diante, ou seja, uma interconexão entre categorias de experiência, acontecendo através das espacialidades.

A partir de concretas relações sociais, a articulação entre estas categorias produz efeitos espaciais específicos. Contudo, estas experiências não são separáveis no indivíduo a partir de distintas espacialidades, mas são vivenciadas simultaneamente. Esta vivência simultânea produz possibilidades espaciais variadas de realização das identidades, um processo de configuração de interseções espacialmente específicas, uma realização situada.

Sendo as identidades 'feitas' espacialmente, Valentine (2007) nos exorta que devemos buscar compreender como esta interseccionalidade, enquanto uma experiência vivida, é produzida espacialmente, como determinados elementos da intersecção são oprimidos em determinadas espacialidades, ou sob nossa perspectiva, sob várias territorialidades, e valorizados em outras, podendo estes elementos se abalar, se anular ou se cancelar. Isto aponta para o fato do movimento constante entre diferentes posições de sujeito, delineando o fato de que a forma pelas quais 'somos' surgem de interações e contextos geográficos específicos.

A análise do território a partir das relações de poder que tensionam sujeitos plurilocalizados em múltiplas dimensões espaciais é fundamental para tornar inteligível a questão proposta para esta tese. Os territórios da prostituição travesti intra-urbano no Sul do Brasil ligam-se com outras escalas espaciais e/ou territoriais a partir de alguns sujeitos que se relacionam com mais de uma dimensão escalar territorial, sendo, portanto, plurilocalizados.

O fenômeno abordado implica considerar escalas complementares, que conforme Castro (1995) permite sua múltipla apreensão, já que a realidade está contida em todas elas. Neste fenômeno, várias escalas se co-penetraram, como também visto por Corrêa (2003a) em 'Uma nota sobre o urbano e a escala'. Evidencia-se a partir desta reflexão que duas escalas conceituais estariam, de certa forma, em relação: uma relacionada a um tipo de 'rede urbana

da prostituição'; e outra referente à escala intra-urbana. Da mesma forma, estas escalas não são estanques, mas como visto por Sheppard e McMaster (2004), as escalas são espacialmente e temporalmente fluídas, pois os processos sociais estão presentes em várias escalas geográficas.

Se no primeiro tempo de convivência com o grupo de travestis, o mostrado era que nem todas as travestis envolvidas com a atividade da prostituição realizavam fluxos através de amplas redes geográficas que conectam territórios de diversas escalas, quando mudamos a escala de análise, agora não relacionados especificamente uma cidade média, mas em relação a um conjunto de cidades no Sul do Brasil, novos elementos foram descortinados. Nesta direção, o conceito de rede, a partir da ideia da prostituição travesti como um tipo de 'rede urbana da prostituição', pôde ser pensado, como pressupõe Dias (1995), em analisar fluxos de todos os tipos, de mercadorias à informações, sendo sua primeira qualidade a conexidade. Assim, os nós da rede seriam locais de conexão. Como tratado nas palavras da autora, “nunca lidamos com uma rede máxima, definida pela totalidade das relações mais diretas, mas com a rede resultante da manifestação das coações técnicas, políticas, econômicas e sociais” (DIAS, 1995, p. 148).

Esta possível rede seria resultante de manifestações sociais da prostituição travesti no Sul do Brasil. Algumas travestis conhecem os códigos culturais centrais na estruturação das redes de relações sócio-territoriais e desta forma potencializam seus fluxos inter-territoriais. Trata-se assim, como apontado por Corrêa (1999), de uma rede particular, a rede geográfica, formada por um conjunto de localizações na superfície da Terra articulada por fluxos e vias. Não como algo dado, mas enquanto uma construção social, reflexo e condição social, construída historicamente, fruto da consciência e de uma intencionalidade.

Mas no fenômeno objeto desta reflexão, não tratamos especificamente de uma rede geográfica, mas de uma conexão entre territórios a partir da instituição de um território descontínuo da prostituição travesti no Sul do Brasil. Nossas primeiras reflexões apontavam para uma organização consolidada da rede geográfica urbana da prostituição travesti no Sul do Brasil. A organização desta rede estava relacionada ao porte urbano, referente à metrópole, cidade média e pequenas cidades, onde cada cidade possuía uma hierarquia nesta lógica de deslocamento.

Contudo, as falas das travestis relacionadas a presente tese apontaram que esta conexão não apresenta um padrão repetitivo, pois o elemento primordial relaciona-se a constituição de redes de relacionamentos que ocorrem através dos territórios intra-urbanos, tanto na relação com travestis ou cafetinas. Os elementos que as evocações apontam referem-se ao fato de que os fragmentos dos territórios descontínuos, com suas características, não são mais importantes que as relações de 'auxílio' entre travestis ou entre estas e cafetinas, pois 68% das evocações referem-se a ajuda de cafetinas e 14% a ajuda de travestis como elementos espaciais de conectividade, quando estas falas tratavam do território descontínuo. O domínio das espacialidades é intermediado pelas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos envolvidos, de uma forma ou de outra, com a atividade da prostituição relacionada ao território descontínuo no Sul do Brasil.

Neste tocante, Souza (1995), além de considerar o território como uma área definida e delimitada por/a partir de relações de poder, traz uma interessante e importante concepção sobre a configuração de territórios constituídos pela relação entre território e rede geográfica. Para esta reflexão, estes são pontos ou nós que se conectam entre si por segmentos de arco, que correspondem aos fluxos que conectam e interligam os nós – fluxos de pessoas, bens e informações.

Cada nó desta rede seria um território da prostituição travesti, interligado pelos fluxos cíclicos das travestis. Esta construção é analisada por Souza (1995) como sendo uma ponte que vai além de uma ligação conceitual, mas constituindo uma ponte entre escalas de análise, propondo o autor a denominar este território-rede de *território descontínuo* (ver figura abaixo).

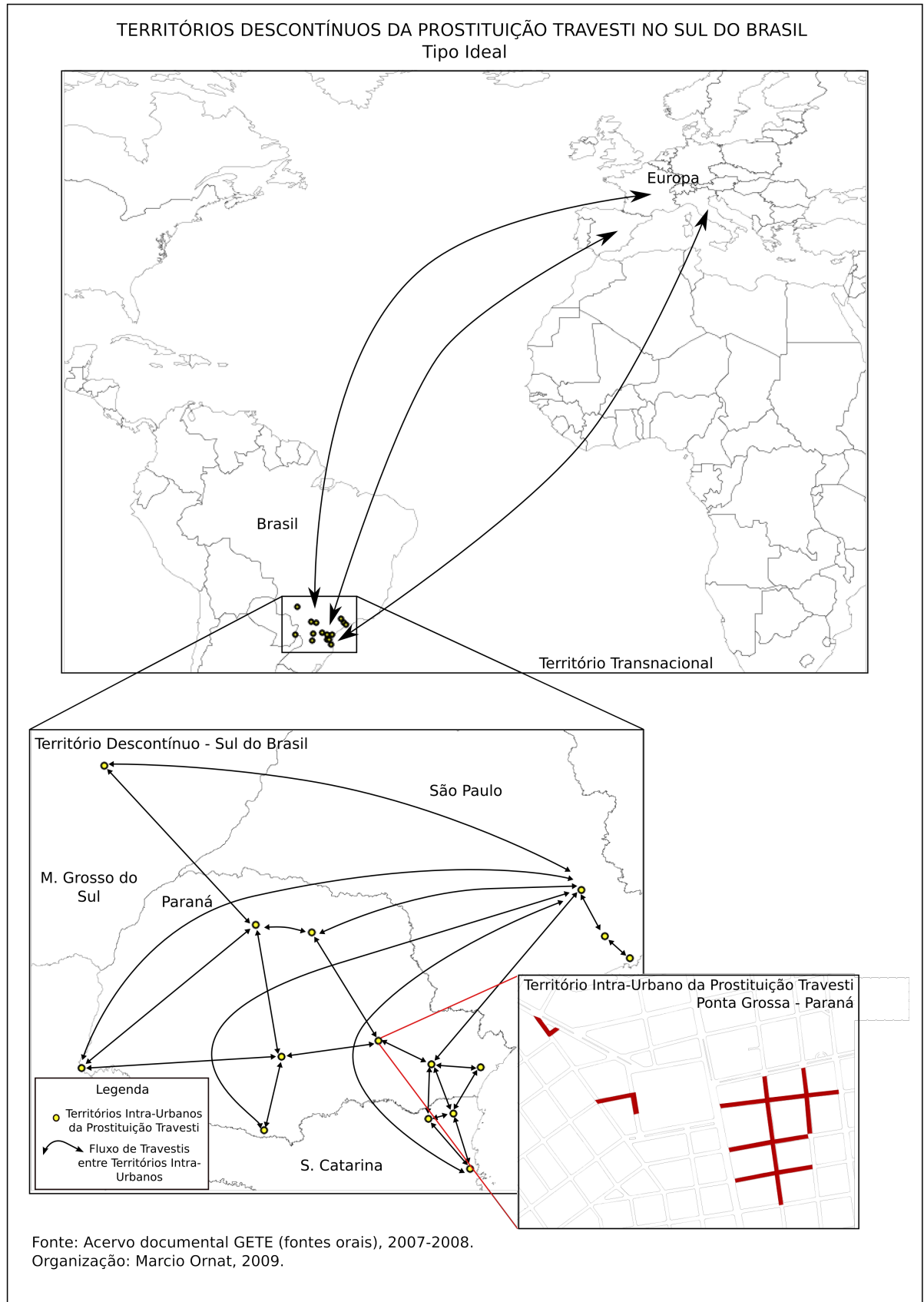


Figura 2.

Assim, como visto na proposição de Souza:

O território descontínuo associa-se a um nível de tratamento onde, aparecendo os nós como pontos adimensionais, não se coloca evidentemente a questão de investigar a estrutura interna destes nós, ao passo que, à escala do território contínuo, que é uma superfície e não um ponto, a estrutura interna precisa ser considerada. Ocorre que, como cada nó de um território é, concretamente e à luz de outra escala de análise, uma figura bidimensional, um espaço, ele mesmo um território, temos que cada território descontínuo é, na realidade, uma rede que articula dois ou mais territórios contínuos. (SOUZA, 1995, p. 93)

As redes estruturadas pelas conexões entre os territórios são constituídas de elementos próprios da identidade do grupo de travestis. Como existe um conjunto de normas relacionadas aos territórios, isto também seria visível a outras dimensões escalares. O respeito a estas configurações de interseccionalidade resulta em benefícios materiais e simbólicos, de acesso ou não acesso às redes. A arte da convivência espacial, em qualquer dimensão territorial, é concretizada devido aos laços de proximidade e repetição de práticas culturais. Da relação entre comportamento e benefício resulta o conceito de 'conveniência', proposto por Mayol (1996). Sob as regras de conveniência, cada travesti se torna parceira do contrato social, orientado a respeitá-lo para tornar possível sua vida cotidiana. A utilização destes códigos culturais atribui-lhe uma identidade que a autoriza a assumir o seu lugar nas redes de relações sociais inscritas em cada territorialidade.

A partir de um conjunto de 19 entrevistas realizadas no Brasil e 3 entrevistas realizadas na Espanha<sup>31</sup> com travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição, mais 7 entrevistas realizadas com Ongs<sup>32</sup> que possuem suas atividades voltadas a prevenção de DST/HIV – Aids, e com conexões com grupos de travestis que vivem da prostituição, fora apontado que 98 cidades foram vivenciadas pelo grupo de travestis, a partir da atividade da prostituição, sendo que 26.89 % destas se relacionavam a cidades<sup>33</sup> localizadas na Argentina

31 Entrevistas cedidas pela pesquisadora Joseli Maria Silva (Pós-Doutorado em Geografia e Gênero na Universidade Complutense de Madrid, 2008).

32 Ongs com sedes localizadas em: Curitiba – PR; Florianópolis – SC; Joinville – SC; Ponta Grossa – PR; Porto Alegre – RS; Sapiranga – RS.

33 Alicante – Espanha; Astúrias – Espanha; Barcelona – Espanha; Bergamo – Itália; Bilbao – Espanha; Brescia – Itália; Buenos Aires – Argentina; Gran Canária – Espanha; La Laguna – Espanha; Las Palmas – Espanha; Mabella – Espanha; Madri – Espanha; Málaga – Espanha; Mar del Plata – Argentina; Milano –

(2.1 %), Itália (5.3 %) e Espanha (19,4 %) Europa, com grande concentração na Espanha, e 73.11 % relacionando-se a cidades brasileiras<sup>34</sup>.

Deste último percentual, 29.42 % referem-se a cidades com população<sup>35</sup> entre 14.761 e 97.235 habitantes, 45.59 % a cidades com população entre 108.809 e 487.562 habitantes, 10.29 % a cidades com população entre 506.701 e 803.739 habitantes, 11.76 % a cidades com população entre 1.014.837 e 2.570.160 e finalmente, 2,94 % a cidades com população entre 6.320.446 e 11.253.503 habitantes (Gráfico 1), sendo que destas, 66.17% estão localizadas na Região Sul do Brasil. O que estes dados evidenciam é que o deslocamento entre cidades, ou melhor, as espacialidades que compõem o território descontínuo da prostituição travesti para o grupo que foi alvo da presente tese são realizados majoritariamente entre cidades localizadas no Brasil com população de até 490.000 habitantes (75.01 %).

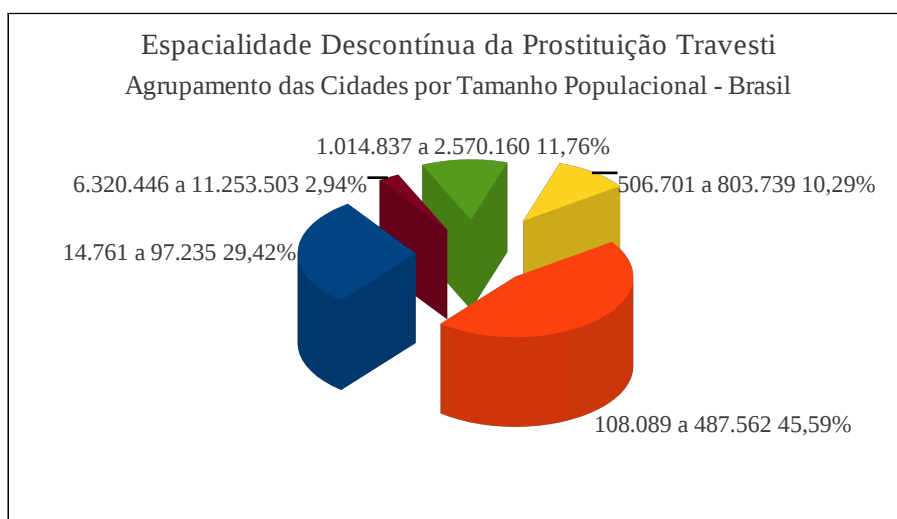


Gráfico 1. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 à Dezembro de 2010.

Itália; Múrcia – Espanha; Oloquio – Espanha; Oviedo – Espanha; Paris – França; Piacenza – Itália; Porto de La Cruz – Espanha; Réus – Espanha; Roma – Itália; Salamanca – Espanha; Salu – Espanha; Santander – Espanha; Saragoza – Espanha; Tenerife – Espanha; Valência – Espanha.

34 Aracaju – SE; Araranguá – SC; Balneário Camboriú – SC; Baurú – SP; Belo Horizonte – MG; Blumenau – SC; Brasília – DF; Caçador – SC; Cachoeira do Sul – RS; Campinas – SP; Campo Bom – RS; Campo Mourão – PR; Canoinhas – SC; Cascavel – PR; Caxias do Sul – RS; Chapecó – SC; Criciúma – SC; Curitiba – PR; Florianópolis – SC; Fortaleza – CE; Foz do Iguaçu – PR; Garuva – SC; Goiânia – GO; Guarapuava – PR; Guaratuba – PR; Erval Seco – RS; Hortolândia – SP; Indaial – SC; Itajaí – SC; Jaraguá do Sul – SC; Joaçaba – SC; Joinville – SC; Juiz de Fora – MG; Jundiá – SP; Lages – SC; Lagoa Vermelha – RS; Laguna – SC; Limeira – SP; Londrina – PR; Maringá – PR; Matinhos – PR; Niterói – RJ; Novo Hamburgo – RS; Passo Fundo – RS; Pelotas – RS; Ponta Grossa – PR; Porto Alegre – RS; Porto União – SC; Presidente Prudente – SP; Registro – SP; Rio Claro – SP; Rio de Janeiro – RJ; Rio do Sul – SC; Rio Grande – RS; Santo André – SP; São Bento do Sul – SC; São Bernardo – SP; São Caetano – SP; São Francisco do Sul – SC; São Leopoldo – RS; São Luiz – MA; São Paulo – SP; São Raimundo Nonato – PI; Sapiranga – RS; Três Rios – RJ; Tubarão – SC; Uruguaiana – RS; Vacarias – RS; Vitória – ES.

35 Censo Demográfico IBGE, 2010.

Cabe salientar que todas as cidades evidenciadas pelas travestis não compõe um território descontínuo no 'hoje', mas referem-se a espacialidades que compõe a história de vida das travestis ao longo de todo o seu trajeto social e espacial, através da prostituição. As formas como o grupo compreendem as espacialidades e as temporalidades resultam de um calidoscópio de práticas materiais e simbólicas, práticas estas tão variadas quanto à plêiade de vivências individuais e coletivas. Segundo o diálogo de Harvey (2002) com Bachelard (1964), compreendemos que estas espacialidades compõem a memória e vivência travesti, assim como estas memórias compõem as espacialidades, pois as espacialidades que foram apropriadas pelas memórias não se colocam como indiferentes.

Este rico caminho vai além de temporalizar os discursos e suas espacialidades, evidenciando que o grupo se conhece e se reconhece a partir de um conjunto de experiências compartilhadas temporalmente e espacialmente. Assim, o estabelecimento discursivo de elementos identitários na afirmação do grupo em relação ao *outro*, através das espacialidades vivenciadas, que passam pela memória do grupo, convertem-se em elementos identitários do grupo, espacialidades compondo discursos assim como discursos compondo espacialidades.

Como tratado por Cosgrove (1999), através dos estudos culturais de grupos sociais, ocorre uma substituição da história pelo binômio passado – memória, produzindo conexões entre o passado e o presente. Nas suas reflexões, a memória vai se constituir em uma temporalidade na qual as espacialidades tornam-se dimensões vivas e significativas, pois todas as relações sociais de memória são as memórias das relações sociais, sendo um forte e importante elemento tanto na constituição de identidades como de espacialidades.

Todos os relatos das pessoas que gentilmente cederam suas histórias de vida para a presente tese constituem-se enquanto memórias que articulam acontecimentos passados e re-significados segundo o presente, constantemente negociadas não apenas subjetivamente, mas sobretudo, intersubjetivamente, na constituição identitária do grupo de travestis. Nestes processos evidenciados que a partir de todas as falas que estruturam a presente análise, de forma cíclica ou em períodos consideráveis, as travestis vivenciam diversos territórios intra-urbanos, ou diversas escalas territoriais, uma relacionada a um território contínuo, o território intra-urbano, e outra relacionada a um território descontínuo, resultado do fluxo das travestis.

Esta territorialidade, porém, como dito acima, não é uma possibilidade a todas as

travestis, pois algumas delas conseguem constituir uma nova territorialidade descontínua, que se viabiliza em outra escala de fenômeno, podendo efetivar-se através dos territórios intra-urbanos. A característica de multiterritorialidade é um elemento que cria a possibilidade potencial destas travestis saírem do Brasil, entrando em um circuito transnacional.

Em cada território da prostituição travesti intra-urbano tem-se travestis que se localizam no centro das relações de poder e travestis que se localizam na periferia das relações de poder. Esta relação entre centro e margem tem ocorrência neste território descontínuo, como no exemplo da concorrência relacionada ao encaminhar travestis para fora do Brasil. Se determinada travesti entra na Europa através de uma cafetina-travesti, ou mesmo mulher, que é central nas relações de poder, esta terá mais condições de permanecer na Europa. Caso contrário, sua permanência prolongada pode ficar comprometida.

O estabelecimento do recorte espacial desta investigação fundamenta-se nos seguintes posicionamentos metodológicos: primeiramente, o recorte espacial é uma construção intelectual conjunta entre o grupo pesquisado e o pesquisador; da mesma forma, o recorte espacial estabelecido conjuntamente com o grupo pesquisado é fruto da flexibilidade e da posicionalidade do pesquisador frente ao grupo e ao fenômeno a ser investigado; e finalmente, a definição do recorte espacial conjugado com a posicionalidade adotada pelo pesquisador junto ao grupo pesquisado permite o aprofundamento da inteligibilidade do fenômeno a ser investigado. A compreensão do recorte espacial enquanto construção intelectual que se dá nesta pesquisa foi construída a partir de uma convivência desde o ano de 2006 com o grupo de travestis. As questões lançadas nesta tese não foram feitas *a priori*, mas nasceram de uma convivência que apontou para a espacialidade majoritária do Sul do Brasil.

Da mesma forma, como visto por Rose (1997) em 'Situating knowledges, positionality, reflexivities and other tactics', a posicionalidade do pesquisador em relação ao grupo pesquisado potencializou a vivência junto ao grupo, apontando para o fato de que a resposta de campo em um trabalho investigativo é o resultado de um processo concatenado por condicionamentos de retro-alimentação entre os vários fatores que envolvem a produção do conhecimento. Esta versão parcial construída da realidade se expressa a partir de sujeitos posicionados. Assim, a minha posicionalidade em relação ao grupo investigado produziu a minha aceitação pelos sujeitos pesquisados, avalizando a entrada junto ao grupo e legitimando os questionamentos estabelecidos. A posição de *outsider* não existia, mas sim a de um

*iniciado* para o grupo. A partir da reflexão do diário de campo constituído em todo tempo de convivência com o grupo, houve uma transformação do meu significado junto às travestis. Inicialmente, segundo relatos em conversas não gravadas, as travestis falaram que inicialmente pensavam que eu era um cliente potencial, isto nos primeiros contatos com o grupo. Devido à convivência junto às travestis não ter resultado em um programa ocasional, o grupo passou a considerar a possibilidade de que eu era homossexual. O terceiro momento, aí junto às atividades que ocorriam junto a Ong Renascer - PG, produziram uma nova resignificação: agora eu era um militante ativo na causa LGBT brasileira. No tocante a isso, a profundidade de respostas que seria colhida em outra espacialidade no Brasil, através de outro grupo de travestis que sobrevive da prostituição seria completamente dispare a que potencialmente pôde ser produzida nesta espacialidade proposta, a partir desta posicionalidade. Assim, evidenciamos as formas de estabelecimento das dimensões territoriais da prostituição travesti no Sul do Brasil e a natureza destas relações, como também o mecanismo de constituição de sujeitos multiterritoriais a partir de interseccionalidades espacialmente constituídas.

As travestis envolvidas na atividade da prostituição têm sido sistematicamente relegadas à marginalidade, tanto na Geografia Brasileira, como tema de relevância científica, como sócio-espacial, vivendo segregadas e carregando o estigma da culpa de diversos problemas sociais, entre eles a disseminação de doenças e a ocorrência de práticas sexuais que não coadunam com as que ocorrem na família tradicional. Na teia de relações que envolvem a travestis e o cliente, além da participação de outros sujeitos, os grupos prostituídos, paradoxalmente, estando no centro das relações, são alocados a uma condição de invisibilidade social, ficando expostos a situações de risco de diversas naturezas. Compreender de que forma as práticas territoriais da prostituição travesti no Sul do Brasil interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais, enriquece o universo conceitual da ciência geográfica. Além disso, a inclusão da relação entre território–identidade–prática sexual produz inteligibilidade a um grupo marginalizado, fornecendo através deste, subsídios à elaboração de políticas públicas, fundamentais para a ampliação e o fortalecimento da cidadania deste grupo social.

## CAPÍTULO II

### A GEOGRAFIA DA INSTITUIÇÃO DO SUJEITO TRAVESTI

Este momento da presente tese tem por objetivo construir uma reflexão discutindo a relação entre identidades e espacialidades, a partir da discussão teórica relacionada à instituição do sujeito travesti. Como visto no capítulo anterior, a partir da compreensão da constituição cultural da norma heteronormativa de gênero, podemos dizer que o ser travesti 'deestabiliza' uma das formas de relações de poder que organiza o mundo, pois estas pessoas não podem ser classificadas em um mundo visto de forma binária, já que se tratam de pessoas que são homens no sentido fisiológico, relacionando-se com o mundo como mulheres. Estas vivências ao mesmo tempo rompem e complexificam as básicas categorias de masculinidades e feminilidades. Tanto o gênero e sexualidades quanto as espacialidades são construções cotidianas, pois mesmo que este grupo afrente a linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, elas paradoxalmente contestam e reforçam esta linearidade.

Longe das categorias relacionadas ao *transgender* e ao *transvestite*, a travesti, mesmo compartilhando de alguns elementos, como a não correspondência a heteronormatividade, apresentam especificidades que são simultaneamente temporais e espaciais, especificidades estas relacionadas ao grupo que retira seu sustento da atividade da prostituição, através do território descontínuo da prostituição no Sul do Brasil.

O que o campo evidencia é que as histórias de vida de cada travesti são comungadas enquanto elementos identitários de grupo das travestis envolvidas com a atividade da prostituição, demonstrando uma repetição de situações de vulnerabilidade vividas em todas as fases da vida. Dentre esse caminho, trazemos à discussão o que é ser travesti para o grupo que fora alvo da presente tese, demonstrando que o espaço é um elemento fundamental de sua vivência cotidiana.

Partindo dos sujeitos, demonstramos os elementos que fazem com que haja identificação de grupo e apropriação de áreas urbanas, valorizando as práticas de manutenção dos territórios. É a partir do esgotamento do que estes territórios proporcionam que as travestis buscam novas espacialidades. Para tanto, dividimos este momento em duas partes. Inicialmente construímos uma reflexão que evidencia a co-relação entre identidade travesti,

interseccionalidades e espacialidades, para em um segundo momento evidenciar o perfil do grupo investigado, relacionado às identidades espaciais na instituição do sujeito travesti, entre espaços interditos e territórios de prostituição. Finalizamos o capítulo com uma discussão sobre os territórios intra-urbanos da prostituição travesti, como centralidades de suas identidades como adulta.

### **3. Espacialidades, Interseccionalidades e Sujeito Travesti**

O espaço é objeto de um amplo debate dentro das ciências sociais, e como visto por Corrêa (1995) envolvendo geógrafos e não geógrafos. Como tratado pelo autor, o espaço fora visualizado em toda a história do pensamento geográfico como absoluto, relativo, concebido como planície isotrópica e representado a partir de matrizes e grafos, descrito tanto através de várias metáforas quanto reflexo e condição social, experienciado de várias formas, carregado em simbolismos e campo de lutas. Evidenciamos nesta reflexão a importância do espaço para o grupo objetivado na tese, espacialidades estas que compõe sujeitos sociais, com suas trajetórias e vivências cotidianas.

Todas as espacialidades desenvolvidas pelo grupo de travestis ao longo de suas vidas são elementos de fundamental importância, pois são estas espacialidades que constroem as posições dos sujeitos, compondo suas relações de força e orientando suas escolhas e formas de apreensão da vida cotidiana. Nossa busca para este momento da tese é evidenciar a correlação entre espacialidades e elementos identitários de identificação, que foram resgatados pelas memórias das travestis. Estas criam tanto laços de afetividade de pertença grupal quanto à diferenciação no tocante a outros grupos sociais.

As espacialidades que são compostas e compõem as memórias das travestis são constituídas pelo paradoxo, formadas pela heteronormatividade e sua transgressão. As identidades são uma construção social, feitas a partir de várias temporalidades e espacialidades, e a partir da reiteração de conjuntos de normas que são anteriores aos sujeitos, posicionam pessoas ora no centro, ora na margem destas mesmas relações, a partir de fronteiras espaciais e sociais porosas.

Como analisado por Hall (2003<sup>36</sup>), a intensificação das discussões relacionadas ao conceito de identidade refere-se ao fato de que as velhas identidades que estavam por muito tempo estabilizadas deram lugar a um conjunto de identidades fragmentadas, visualizando um indivíduo não mais unitário. Segundo sua perspectiva, esta 'crise de identidades' refere-se a uma ampla dinâmica que desloca estruturas e processos que são centrais na sociedade moderna. Para ele, isso desestrutura todos os quadros fixos de referência para todo o mundo social. Mas de qualquer forma, como visto na reflexão do autor, existe um rechaço a qualquer postura essencialista ou uma visualização da identidade como uma categoria fixa.

O movimento de transformação da identidade é visto na passagem da concepção do sujeito do Iluminismo para o sujeito Sociológico, e deste para o sujeito Pós-Moderno, movimento tanto das discussões sobre a categoria 'identidade', quando das próprias práticas identitárias 'reais'. De qualquer forma, o movimento de transformação tem partida do sujeito que era unificado, tendo um núcleo interior, o que Hall chama de 'identidade', que fazia parte do indivíduo, em toda a sua vida. Em um segundo momento, a identidade passa a ser vista como uma ligação entre o mundo interior e o mundo exterior, um indivíduo composto por um núcleo interior, mas agora não autônomo ou auto-suficiente. Este movimento finda com a instituição atual de um sujeito fragmentado, uma pessoa composta por várias identidades provisórias e variáveis, movimento nascido de transformações culturais, estruturais e institucionais. Segundo as palavras do autor:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos (e espacialidades)<sup>37</sup>, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'. (...) à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2003, p. 13)

---

36 Publicação original - HALL, S. The Question of Cultural Identity. In: HALL, S; HELD, D; MCGREW, T. **Modernity and its future**. Cambridge: Politic Press, 1992.

37 Não consta do original.

Como visto acima, existe uma recusa em pensar as identidades a partir de possibilidades essencialistas, indicando estas como processos de identificações cambiantes e móveis, temporalmente e espacialmente. Isto demonstra que quando a identidade é pensada segundo uma perspectiva geográfica, ela coloca-se enquanto situada. Como analisado por Pratt (1999), ao invés de vermos identidades a partir de uma essência, construímos visões parciais sobre as identificações dos grupos sociais. A proposta da autora é pensar os limites entre identidades como fractais, limites estes estabelecidos de forma não estrutural ou regular. Dois antídotos são utilizados pela autora, no objetivo de fugir da constituição de metanarrativas relacionadas às identidades, sendo elas a 'mobilidade' e o 'hibridismo'. Segundo esta proposta, a mobilidade articularia uma visualização de identidades não essencialistas que emergiriam de processos de identificação de gênero, sexualidade, grupo de renda, raça/etnia, nacionalidade, etc., processos estes móveis e cambiantes no tempo e no espaço.

Entretanto, a metáfora da viagem e da mobilidade recebe a crítica de que elas haviam sido visualizadas mais a partir de posições masculinas do que femininas, salientando fenômenos identitários de classe média em detrimento de grupos de trabalhadores, ou de grupos brancos em detrimento de grupos africanos, e etc. Este lembrete chama a atenção para o fato de que, além das identidades não serem essenciais, elas constituem-se a partir de fronteiras forjadas em processos de identificação de quem faz e de quem não faz parte de determinado grupo, emergindo de conflitos de diferença. Como visto por Hall (2003), desde o projeto do Iluminismo até hoje, haveria um processo de desestabilização das identidades. Por outro lado, como proposto por Pratt (1999), algumas identidades são mais móveis do que outras, pensando esta maior ou menor mobilidade de identidades tanto em termos espaciais quanto temporais, todas elas envolvendo processos de inclusão e exclusão.

No tocante ao hibridismo, esta ferramenta tem sido muito atraente aos cientistas sociais que trabalham com cultura e identidade, não as vendo como substância essencializada, mas sendo produzidas nas relações com o *outro*. Para Pratt (1999), isto sugere que as pessoas possuem formas de lealdades com identificações múltiplas, identificações móveis que não ocupam posições singulares e únicas. As identidades são sempre definidas pela diferença, a partir da constituição de um *outside*, mas também como um processo de reprodução da própria fronteira, criando interdependências de ambos os lados da separação, demonstrando

que as delimitações identitárias se fazem na relação com o *outro*.

Uma das direções profícuas para se pensar a relação entre identidades e espacialidades têm se alocado nas discussões referentes ao conceito de 'interseccionalidade', ferramenta esta utilizada para demonstrar a teorização não entre identidades, mas a conexão de dimensões entre distintas categorias identitárias, tais como raça, gênero, sexualidade e etc.

Segundo Valentine (2007), este conceito tem recebido relativamente pouca atenção dos geógrafos, mesmo que alguns trabalhos se coloquem na vanguarda deste sub-campo, como visto pela autora, nos trabalhos relacionados a Peake (1993) discutindo a relação entre os desafios da estrutura patriarcal no espaço urbano através da co-relação entre raça e sexualidade, Kobayashi e Peake (1994) analisando a interface entre raça e gênero na Geografia, Ruddick (1996) refletindo sobre as diferenças nos espaços públicos a partir de sistemas de interlocução entre raça, classe social e gênero, e Pratt analisando primeiramente (1999) as geografias das identidades e diferenças a partir de fronteiras em seu fazer, e em seguida (2002) pensando as colaborações entre as fronteiras.

O feminismo surgiu nas discussões das ciências sociais a partir de sua relação com o próprio movimento feminista, como visto por Narvaz e Koller (1996). Estes movimentos sociais tinham por pauta, como tratados por Valentine (2007), as questões de desigualdade nas relações de poder de raça, patriarcado e classes sociais. No âmbito da ciência geográfica, as reflexões apontavam para a incapacidade de integração das mulheres como sujeitos identitários na investigação científica, como no exemplo da publicação de Monk e Hanson (1982) em seu célebre artigo intitulado 'On Not Excluding Half Human in Human Geography'.

Da mesma forma, no livro publicado pelo Women and Geography Study Group (1984), no qual introduzia as reflexões sobre Geografia e gênero à Geografia Feminista, as discussões apontavam para a demanda de se pensar, a partir deste caminho, o acesso à cidade, ao emprego e a infra-estrutura. Mesmo que nas décadas posteriores as pesquisas geográficas feministas tivessem adicionado uma gama crescente de temáticas, as interconexões entre diferentes dimensões de categorias identitárias foram relegadas a supervalorização de uma categoria em detrimento das demais nas relações de interseccionalidade.

Uma das contundentes críticas que foram o nascimento do conceito de

interseccionalidade refere-se ao fato de que as reflexões relacionadas às interconexões de opressão se faziam a partir de discursos, como tratado por Valentine (2007), das experiências de mulheres, que possuíam facetas identitárias relacionadas à cor da pele - eram mulheres brancas - e de classe média. Assim, devido aos recursos de capital cultural, as discussões feministas não eram originadas de grupos invisíveis, pois poucas pessoas que advinham de grupos sociais excluídos conseguiam entrar nas universidades. Se de um lado eram as feministas brancas que haviam aberto o caminho para as discussões relacionadas ao gênero, a participação das feministas negras mostrava-se pequena nas organizações de feministas brancas.

Esta mudança de posição conduziu as pesquisas ao descentramento de uma única posição identitária do sujeito investigado, abrindo caminho para uma pluralidade de feminismos. Entretanto, como afirmado por Valentine (2007), a primeira publicação relacionada às interconexões entre diferentes categorias identitárias de sujeito deve-se a discussão das sociólogas Andersen e Collins (1992), a partir do livro 'Race, Class and Gender: An Anthology'.

Nesta obra, as autoras reconhecem a impossibilidade de nas pesquisas sociais, se trabalhar com categorias identitárias em separado, como raça, classe, gênero e sexualidade. A impossibilidade se relaciona nesta discussão ao fato de que as desigualdades não podem ser explicadas a partir de um único quadro teórico. Assim, fora desafiado o fato de que as pessoas negras tinham apenas uma raça, as mulheres brancas tinham um gênero, as mulheres negras experiências de raça e gênero, ao passo que os homens brancos não eram marcados. Como visto pelas autoras, o conceito de interseccionalidade é creditado a Crenshaw (1994) em 'Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color'.

Analisando especificamente as questões de políticas de identidade, na problemática das mulheres que sofrem abusos, Crenshaw afirma que o problema destas políticas não é o do não êxito em transcender as diferenças, mas sim o de fundir as diferenças ou ignorar as diferenças existentes intra-grupo. No tocante especificamente em relação a seu objeto de reflexão, a violência exercida contra as mulheres é moldada por várias dimensões identitárias, tais como as de classe social ou de raça.

Neste caminho, nos utilizamos para pensar a constituição de sujeitos travestis a partir da exploração das dimensões do 'eu' que se entrecruzam. O conceito principal construído por Crenshaw refere-se ao de interseccionalidade, relacionando-se a situação de interação entre vários caminhos de experiência do sujeito, formando várias dimensões de existência espacial. Isto aponta para o não privilégio de uma categoria identitária em detrimento das demais, pois quando olhado o grupo a partir de possibilidades interseccionais, elementos como gênero, sexualidades, grupo de renda, faixa etária, cor da pele, etc, não podem ser visto como instâncias identitárias do sujeito em separado.

Esta possibilidade não aponta para uma visão totalizante das identidades, como também não evidencia que a formação de sujeitos travestis só possa ser visto, como defendido por Crenshaw (1994), a partir de quadros de gênero e sexualidade. Por outro lado, nosso olhar se orienta para uma organização calidoscópica da formação destes sujeitos, olhar este não final. A intersecção evidenciada, através das falas das travestis que foram o grupo focal da presente tese, relaciona-se aos encontros de elementos identitários relacionados ao gênero, sexualidades, cor da pele, faixa etária e grupo de renda, demonstrando que as identidades são construções sociais em um mundo construído.

Estas considerações revelam que as interseccionalidades formam experiências de vivências espaciais cotidianas. As reflexões de acesso ao emprego, a habitação e a possibilidade de sobrevivência econômica relacionam-se as estruturas de funcionamento de uma sociedade organizada a partir de grupos de renda, colocando-se como um importante elemento da definição da experiência das pessoas. Entretanto, é um equívoco afirmar que este é o principal elemento, pois existe o entrecruzamento de diversas experiências, não sendo as questões de classe social independentes das de gênero, sexualidade, cor da pele, faixa etária, etc.

A partir do exemplo construído por Crenshaw (1994) no tocante às mulheres de cor que sofrem violência, agora em outra direção fenomenal, em relação ao grupo das travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição no Sul do Brasil, os elementos identitários relacionados à cor da pele, gênero, classe social, faixa etária e sexualidade relacionam-se em conjunto. Além do fato do grupo relacionar-se a pessoas com baixo poder aquisitivo, o fenômeno da discriminação relacionado a este elemento identitário se reproduz através de seus comportamentos de gênero e sexualidade. A metáfora de Crenshaw refere-se a

um entroncamento rodoviário, onde vários acidentes acontecem, mas que não são relatados.

Se por um lado, a interseccionalidade é analisada, como visto em Valentine (2007), na forma como um indivíduo fica em uma encruzilhada, esta ferramenta consegue capturar que a diferença não se encontra nos espaços entre identidade, mas através das espacialidades. Segundo a autora, mesmo que as/os geógrafas/os feministas não estejam de fato engajadas neste debate, isso não aponta para o desconhecimento dos limites da categoria de gênero como única, ou que não devemos construir reflexões que apontem para as interconexões entre diferentes categorias identitárias de sujeitos, como de gênero, cor da pele, grupo de renda, sexualidade, faixa etária e etc.

Conduzindo as discussões por estes mesmos caminhos, as primeiras tentativas de se pensar a interconexão entre diferentes categorias identitárias baseava-se, segundo Valentine (2007), em uma busca de calcular os sistemas de opressão a partir da utilização de metáforas geométricas ou matemáticas, a partir da adição, multiplicação, localização e posição. As reflexões faziam-se sob o caminho de que os sistemas de opressão eram somados uns aos outros. Isso se refere ao exemplo de que uma mulher negra com deficiência seria mais oprimida do que uma mulher apenas negra. Entretanto, isso é rechaçado:

Esta maneira de pensar foi contestada como perigosamente essencialista devido ao modo como as diferenças adicionadas incrementam umas as outras. Ela também pressupõe implicitamente uma base identitária - presumivelmente branca, heterossexual, com um corpo não deficiente - a partir do qual são adicionadas outras identidades. Os críticos vêm apontando que o que significa ser uma mulher negra talvez não seja compreendido, acrescentando-se a experiência de ser negro para uma mulher através da combinação de estudos de mulheres brancas e homens negros, porque a experiência da raça altera o significado do gênero. (VALENTINE, 2007, p. 13)<sup>38</sup>

Estes mecanismos apontam para a questão de que, assim como relações sociais

---

38 This way of thinking has been challenged as dangerously essentialist because of the way it interprets identities as a set of separate and fixed differences added incrementally to one another. It also implicitly assumes a base identity—pre-sumably white, heterosexual, able-bodied male—upon which other identities are added. Critics have pointed out that what it means to be a black women cannot be understood by adding the experience of being black to being a woman through combining studies of white women and black men, because the experience of race alters the meaning of gender. (VALENTINE, 2007, p. 13)

concretas e articuladas entre si, as específicas intersecções podem produzir efeitos distintos, através das espacialidades. Como visto, as categorias identitárias são circunstanciais, se negando, se anulando e se fortalecendo. O lastro desta afirmação refere-se à proposição de Butler (2003), onde cada indivíduo experimenta todas as facetas identitárias simultaneamente:

Se alguém 'é' uma mulher (ou travesti)<sup>39</sup>, certamente isto não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da 'pessoa' transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos (e espaciais)<sup>40</sup>, e porque o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidade discursivamente construídas. Resulta que se tornou impossível separar as noções de gênero das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003, p. 20)

Assim, o caminho produtivo não é o entrecruzamento somatório de experiências de sujeitos, mas pensar as identidades como ações realizadas sem fim. O entrecruzamento das várias facetas identitárias dos sujeitos demandam formas de se pensar a interseccionalidade a partir de encontros fluídos e instáveis. Como afirmado por Valentine (2007), a compreensão da interseccionalidade como uma realização reconhece que as pessoas são ativas nos processos de produção de suas vidas, fugindo dos esquemas binários relacionados a opressores e oprimidos.

Por outro lado, estas intersecções foram pensadas pelas ciências sociais, via de regra, como se estivessem em um vácuo, sendo desconsideradas suas espacialidades. Quando as pesquisas geográficas têm olhares em relação às interseccionalidades, devido a motivos de recursos financeiros, tempo destinado à pesquisa, as várias narrativas levantadas em trabalhos de campo são aparadas, privilegiando-se algumas facetas identitárias em detrimento de outras:

O resultado dessa limitação é que os trabalhos sobre interseccionalidade frequentemente retornam para um foco sobre as experiências dos grupos não privilegiados, ao invés de pensar como as identidades poderosas ou

---

39 Não constando do original.

40 Idem.

privilegiadas são feitas ou desfeitas. Ao explicar que nossa pesquisa é sobre os participantes e, através do fazer da nossa própria identidade, nós também, por vezes de forma inconsciente, limitamos as narrativas que são contadas por contribuir para a adoção de algumas identidades/realidades em vez de outras. Finalmente, além das universidades, as organizações não-governamentais que se concentram entorno de vertentes de igualdades especiais tais como raça, gênero, deficiência, ou sexualidade, são frequentemente criadas para concorrer com outras organizações por recursos. Para ganhar mais dinheiro ou garantir uma posição política mais poderosa, cada grupo está sob pressão para concentrar sua investigação sobre a sua categoria dominante, e para demonstrar que essa categoria é mais oprimida do que outras vertentes. (VALENTINE, 2007, p. 14)<sup>41</sup>

Então, se a palavra-chave para esta discussão refere-se à complexidade das conexões entre dimensões de distintas categorias identitárias, isso se relaciona a proposição de McCall (2005) em 'The Complexity of Intersectionality'. Para ela, desde que os primeiros críticos alegaram que o feminismo reivindicava uma fala universal para todas as mulheres, as pesquisadoras feministas têm tomado a consciência das limitações do gênero enquanto uma única categoria analítica. Estas pesquisadoras têm alegado que a interseccionalidade, ou seja, as relações entre múltiplas categorias identitárias de sujeito, é uma categoria central em suas pesquisas.

Nesta direção, a autora aponta que a interseccionalidade é uma das contribuições mais importantes do feminismo acadêmico para as ciências sociais como um todo. Ao mesmo tempo, este novo paradigma, como denominado pela autora, traz consigo um problema metodológico, a forma como analisar várias trajetórias identitárias, que a partir de uma interseccionalidade, coexistem simultaneamente. Assim, fugindo do amplo leque de possibilidades propostas por vários caminhos de pesquisa, McCall evidencia três direções metodológicas para se trabalhar em interseccionalidade, na sua relação às categorias, ou seja, como se visualiza o entendimento analítico de categorias identitárias para se trabalhar com complexidades interseccionais na vida social. Estas possibilidades se referem à

---

41 The result of this limitation is that work on intersectionality often collapses back to a focus on the experiences of nonprivileged groups rather than on how privileged or powerful identities are “done” and “undone.” When we do explain what our research is about to participants and through the doing of our own identities, we also sometimes unwittingly shape or limit the narratives we are told by contributing to the enactment of some identities/realities rather than others. Finally, beyond academia, non- governmental organizations that focus around particular equality strands such as race, gender, disability, or sexuality are often set up in competition with one another for resources. To win more funding or secure a more powerful political position, each group is under pressure to focus research on its dominant category and to demonstrate that that category is more oppressed than other strands . (VALENTINE, 2007, p. 14)

*anticategorical complexity, intercategorical complexity e intracategorical complexity.*

Inicialmente, a *anticategorical complexity* se baseia em metodologias que desconstróem categorias analíticas. Segundo McCall (2005), a vida social é irreduzível, demasiadamente complexa, fluída e forjada a partir de múltiplas determinações para se pensar em categorias fixas. O caminho seria pensar as ficções sociais que produziriam desigualdades nos processos de produção de diferenças identitárias<sup>42</sup>. Em seguida, a *intercategorical complexity* refere-se à demanda dos pesquisadores na adoção, de forma provisória, de categorias analíticas existentes, com o objetivo de capturar as desigualdades entre os grupos sociais, alterando as múltiplas e contraditórias configurações de desigualdade ao longo da caminhada da pesquisa. Esta perspectiva refere-se ao trabalho com multi-grupos. Finalmente, a *intracategorical complexity* coloca-se enquanto uma possibilidade intermediária em um *continuun* entre a primeira e a segunda metodologia.

Assim como a primeira abordagem, que interroga os limites das definições e a segunda que reconhece as categorias como estáveis, mesmo que sejam representações sociais e se tenha uma postura crítica em relação às categorias, esta última é chamada de *intracategorical* porque os pesquisadores que trabalham neste sentido concentram-se em específicos grupos sociais, onde as intersecções que constituem as pessoas atravessam fronteiras de grupos tradicionalmente constituídas, revelando complexidades de experiências que são vividas dentro destes grupos, e como nesta pesquisa, através do grupo de travestis.

As pesquisas que trabalham com esta última possibilidade, segundo McCall, admitem o fato de que mesmo que se considerem as categorias como construções sociais, torna-se impossível fugir por completo do processo de categorização identitária do mundo. A direção tomada é a de desafiar as categorias, levantando a possibilidade da definição de novos grupos sociais, como o grupo das travestis, tanto novos em seu processo de nomeação, como também no sentido de ser uma construção intelectual.

O que mostra-se é que novos indivíduos são somados a agenda de pesquisa, grupos estes que como defendido por Butler (2003) não correspondem a linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Portanto, a crítica não se coloca à categorização em si, mas se relaciona a generalização de categorias. O que se busca de fato é trabalhar com pontos de

---

<sup>42</sup> Essas discussões podem ser vistas em Foucault em 'The Archaeology of Knowledge and the Discourse on Language' (1972) e Derrida em 'Of Grammatology' (1974).

intersecção que até agora foram negligenciados. Segundo sua perspectiva metodológica, McCall (2005) estabelece que o principal sujeito pesquisado em um processo de pesquisa, que tem por caminho pensar a identidade a partir da interseccionalidade, é qualquer grupo negligenciado. Isso se coloca como uma afirmação de grande importância, tendo visto a pequena produção geográfica brasileira, no tocante a vários grupos sociais, estando dentre eles as existências travestis, como visto na primeira parte desta tese. Assim, utilizando-se de narrativas dos sujeitos entrevistados, extrapolamos sua constituição ao grupo social mais amplo que é incorporada pelas travestis. Como visto em todas as falas das travestis que cederam suas histórias de vida à construção da presente tese, as travestis compartilham características de seu grupo, como dimensões de categorias identitárias que definem sua posição social enquanto grupo.

Portanto, a intersecção de identidades para o grupo de travestis envolvido com a atividade da prostituição no Sul do Brasil resulta de várias articulações de uma única dimensão de cada categoria, como gênero, sexualidade, cor da pele e grupo de renda. O que é múltiplo não se relaciona à interconexão de diferentes categorias, mas segundo a conexão entre diferentes dimensões de categorias de existência travesti. Estas interconexões entre diferentes dimensões de categorias não ocorre no vácuo, mas são constituídas por espacialidades, assim como as espacialidades constituem interseccionalidades, havendo uma cristalização temporária de relações sociais, particulares ao grupo de travestis, em distintas espacialidades e temporalidades.

Portanto, como analisado por McCall (2005), a questão não se coloca em negar a importância das categorias identitárias, mas salientar as formas como elas são produzidas, reproduzidas e experienciadas, e a partir do nosso olhar, através das relações sociais estabelecidas em todas as fases da vida das travestis, como segundo as espacialidades da casa, da vizinhança, da cidade, da escola, e dos territórios intra-urbanos e descontínuos da prostituição travesti. Este caminho aponta para a necessidade da compreensão do estabelecimento de identidades em seu fazer, dimensões de categorias identitárias que são valorizadas em determinadas espacialidades e desvalorizadas em outras.

Estas espacialidades não se colocam como meros receptáculos de ocorrências de interseccionalidades identitárias, mas operam-se processos de co-constituição mútua. Refletir sobre a relação entre espacialidades, interseccionalidades e sujeitos travestis demanda a

compreensão que estas relações têm seus conteúdos alterados a partir da escala geográfica que tomemos por referencial. É nesta perspectiva que podemos construir um diálogo entre as discussões relacionadas ao espaço. Utilizamos neste momento das proposições de Santos (1978) não como um discurso de autoridade, mas segundo a validade das suas proposições para a presente discussão. Na sua busca de construir um conceito de espaço, Santos nos apresenta que cada disciplina teria seu objeto estabelecido no conjunto dos sub-campos do conhecimento científico. Segundo ele, a Geografia teria como objeto de estudo a sociedade em sua dimensão espacial. Portanto, sua busca é definir um aspecto da realidade social a ser estudada, ou seja, o espaço. Para o autor, a Geografia visualiza o espaço como a natureza modificada pelo trabalho humano, onde a ideia de espaço natural cede lugar à ideia de natureza concebida, a construção permanente de uma natureza artificial, como sinônimo, espaço humano.

Compreendemos que o espaço é um fato social, constringendo as ações de indivíduos e grupos sociais. Segundo Santos (1978), o espaço seria como as demais instâncias ou estruturas sociais, assim como a instância econômica, a político-jurídica e a ideológica. O espaço, enquanto quarta esfera de existência dos fenômenos seria uma estrutura social subordinada e subordinante, e mesmo estando inserido na lei da totalidade, possuiria certa autonomia.

Por outro caminho, especificamente refletindo sobre o espaço urbano, Corrêa (2003b) afirma que este é reflexo e condição da sociedade. A partir da escala urbana, analisando a relação entre esta espacialidade e a vivência travesti, esta possibilidade geográfica se coloca como reflexo e condição do que é a sociedade. Sendo a sociedade desigual, o espaço apresenta-se como desigualmente organizado, mas simultaneamente condição à reprodução das mesmas relações de desigualdade. Lemos esta condição não a partir de um determinismo espacial, mas sim na possibilidade de evidenciar as espacialidades como compositoras de constringimentos de escolhas espaciais.

A partir da consideração realizada por Butler (2003) que o ocidente é estruturado a partir da linearidade entre sexo, gênero e desejo, as espacialidades ocidentais estruturam-se no que Valentine (1993) denomina como 'espaço heterossexual', ou seja, constringendo as ações dos sujeitos em direção a esta configuração de práticas de gênero e sexualidade. Como apontado pela autora, a heterossexualidade é uma prática sexual dominante na cultura

ocidental moderna, não definida apenas pelos atos sexuais nas espacialidades privadas, mas estabelecida a partir de relações de poder que se operam em todas as espacialidades cotidianas, espacialidades heterossexuais que se colocam enquanto invisíveis, até que suas fronteiras sejam transgredidas.

Evidenciamos que esta transgressão de fronteiras relaciona-se à vivência espacial, nas mais variadas possibilidades existenciais do grupo de travestis ao longo de suas vidas. Agora a partir de outras escalas geográficas, novos conteúdos são descortinados, pois como afirmado por Castro (1995), tão importante saber que as coisas mudam com o tamanho, cabe-nos evidenciar como elas mudam, ou seja, quais são os novos conteúdos estabelecidos a partir das relações sociais existentes através das espacialidades relacionadas a casa, a vizinhança, a escola, a cidade e aos territórios intra-urbanos da prostituição travesti. A partir do pressuposto que todas as espacialidades são constituídas a partir de relações sociais, as mais variadas, esta nova complexidade apresenta-se como constituída por inter-relações, esfera da multiplicidade e sempre em construção (MASSEY, 2008).

Massey (2008) afirma que há tempo vem refletindo sobre o que seria o espaço, chegando a ele via de regra indiretamente, a partir de conflitos que envolvem a globalização, das relações entre política e lugar, desigualdades regionais e formas complexas de se pensar as cidades. Após a declaração destas angústias, a autora afirma que “não só os pressupostos implícitos que fazemos em relação ao espaço são importantes, mas também que, talvez, fosse produtivo pensar o espaço de uma maneira diferente” (MASSEY, 2008, p. 19). Consideramos pertinente o diálogo entre a perspectiva do que é denominado 'espaço enquanto reflexo e condição' e o que é estabelecido por Massey como a tríade espacial - 'inter-relação / multiplicidade / movimento', para produzir inteligibilidade a relação entre as espacialidades e as interseccionalidades identitárias na constituição dos sujeitos travestis, grupo focal da presente tese.

A proposta de Massey (2008) tem por substrato três pressupostos de reflexão em relação ao espaço, a saber, a *ideia de se pensar o espaço enquanto uma extensão de terra na qual viajamos*, a perspectiva de pensar o espaço como *estruturado a partir de uma única cosmologia*, desconsiderando as relações entre multiplicidades e heterogeneidades, e finalmente, *separando o lugar - neste caso o local - do espaço externo*. Da mesma forma, suas proposições nascem de três questionamentos, ou seja, e se orientássemos nossas

reflexões espaciais não apenas na ideia de extensão de terras, mas sim, questionando o caminho de pensar o espaço enquanto superfície, concebendo-o enquanto um encontro de histórias? Por outro lado, e se pensássemos o espaço não apenas a partir de uma cosmologia, mas como constituído por uma multiplicidade de trajetórias? Finalmente, e se superássemos a distinção entre o lugar, definido em seu sentido vivido e cotidiano, e o espaço como exterior, abstrato e sem significação?

Este caminho de reflexão evidencia o fato de que, como defendido por Massey (2008), os grupos sociais desenvolvem modos de incorporação de espacialidades as suas visões sociais de mundo, produzindo estratégias de gestão dos desafios espaciais que constroem as ações dos sujeitos. Como levantado nos discursos das travestis que foram o grupo focal da presente tese, estas ações dialogam com a imposição do espaço ser reflexo e condição das formas de organização social hegemônicas.

Pensando estes processos a partir de sujeitos ativos, estas ações, tanto produzidas como envolvidas pelas práticas sociais, estabelecem um diálogo entre negociações cotidianas e constrangimentos hegemônicos gerais, apontando para o fato de que as interconexões entre diferentes dimensões de categorias identitárias dos sujeitos, ou melhor, os diversos arranjos interseccionais identitários são produzidos por escolhas conscientes, através das espacialidades, ou em relação às espacialidades, em processos de co-constituição mútua entre espacialidades e interseccionalidades. Sua proposta alternativa do espaço relaciona-se a três proposições básicas, a saber:

(...) reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão global até o intimamente pequeno. (...) compreendemos o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. (...) reconhecemos o espaço estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de histórias-até-agora. (MASSEY, 2008, p. 29)

Compreender o espaço como resultado de inter-relações, esfera da multiplicidade e sempre em construção alinha-se a proposta acima relacionada às estratégias de gestão de desafios espaciais frente à imposição do espaço ser reflexo e condição das formas de organização socioespacial hegemônicas, pois como evidenciado por Massey (2008), esta forma de pensar o espaço pode contribuir na reflexão deste enquanto a esfera da política, ou seja, uma abertura para uma autêntica dimensão do político, ou uma conexão entre uma imaginação do espacial e do político. Refletindo sobre nosso grupo focal específico, ao invés de propor uma política de identidades travestis como acabadas, este caminho estabelece que a constituição das múltiplas identidades interseccionais como compositoras de jogos políticos relacionais com outros grupos, através das espacialidades, uma construção relacional, pois:

o espaço também é um produto de inter-relações (...) não existe antes de identidades/entidades e duas relações. (...) eu argumentaria que identidades /entidades, as relações 'entre' elas e as espacialidades que delas fazem parte são co-constitutivas. (...) Mas a espacialidade pode ser, também, desde o princípio, integrante da constituição destas próprias identidades. Além disso, identidades espaciais (...) podem, igualmente, ser reconceitualizadas em termos relacionais (pois)<sup>43</sup> se nenhum lugar/espaço é uma autenticidade coerente e contínua, então **uma questão que é levantada e a sua negociação interna**<sup>44</sup>. (MASSEY, 2008, p 30-1).

Pensar a relação entre espacialidades e multiplicidades pressupõe o reconhecimento da coexistência simultânea da diferença, com próprias histórias e trajetórias, o que não quer dizer que estejam desconectadas de organizações sociais hegemônicas. Retornando novamente a proposição anterior, de que os diversos arranjos interseccionais identitários são produzidos por escolhas conscientes, através / em relação às espacialidades, isto demanda a aceitação de que não apenas a história, mas o espaço é aberto, pois segundo Massey, nesta possibilidade de espacialidade aberta interacional, sempre existem conexões por serem feitas, mesmo que em potencial. Portanto, o espaço é resultado de relações, demandando multiplicidade, não relações em sistemas coerentes e fechados, como se tudo se relacionasse a tudo. Não é uma simultaneidade completa ou um recipiente para identidades finais, “é um espaço de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes” (MASSEY, 2008, p. 32).

---

43 Não consta no original.

44 Grifo nosso.

Os processos de vinculação grupal das travestis relacionam-se às espacialidades através as quais são estabelecidas. Espacialidades e experiências identitárias interseccionais travestis são co-constituintes, performativamente relacionadas tanto à reprodução da heteronormatividade compulsória, como à transgressão destas mesmas normas. Desta forma, construímos em seguida uma análise das espacialidades constituidoras das memórias das travestis, produzindo elementos que são convertidos em elementos de identidade, através de processos de vinculação sócio-espacial.

#### **4. Identidades Espaciais na Instituição do Sujeito Travesti: entre espaços interditos e territórios de prostituição**

Como tratado por Massey, Allen e Sarre (1999), o conceito de espaço é central na organização da Geografia, conceito este que de tempos em tempos retornamos com boas razões. Este conceito é importante devido ao fato de que é tanto crucial na construção de nossos quadros de compreensão do mundo quanto como referenciais de orientação através dele. Os autores apontam que as ciências sociais como um todo tem reconhecido cada vez mais a importância do espaço, sendo este fenômeno denominado como '*spatial turn*'.

Como discutido acima, nossa compreensão parte da prerrogativa de que o espaço é feito, segundo as práticas sociais incorporadas e como visto pelos autores, segundo a produção social de um espaço vivenciado cotidianamente, resultado de versões particulares de performances relacionais. Da mesma forma, todas as intersecções de diferentes dimensões de categorias identitárias das travestis são co-constituídas através destas relações entre espacialidades e temporalidades.

Mesmo que tomemos a partir deste momento como referência de reflexão um conjunto de discursos relacionados a todas as fases das vidas das travestis, através das mais variadas espacialidades, salientamos que estas espacialidades são / estão em processos permanentes de serem feitos. Tanto no hoje, quando estas espacialidades são vivenciadas nas memórias das travestis a partir das espacialidades vividas atualmente, quanto no momento da vivência específica no passado, as relacionalidades que constituíam estas espacialidades fazia-se a

partir, como visto por Massey, Allen e Sarre (1999) no tocante a discussão sobre o conceito de espaço, de processos de se praticar e realizar estas espacialidades, pois todos nós estamos embebidos nestes fazeres e práticas.

Evidenciamos que as memórias espaciais que foram resgatadas pelas travestis através do processo de pesquisa são elementos que constituem identidades interseccionais enquanto grupo de travesti, pois como proposto por Pollak (1992), a memória coloca-se enquanto um fator de extrema importância para o sentimento de continuidade e coerência de grupos sociais. As memórias que foram resgatadas pelo grupo focal são elementos de afirmação grupal. Mesmo que estas memórias não sejam idênticas a todas as travestis que cederam suas histórias de vida para a construção da presente tese, os elementos que se colocam como comuns são elementos de identificação, através do cruzamento de experiências passadas, que são socializadas através dos territórios da prostituição travesti.

A partir destas afirmações, passamos ao estabelecimento do perfil do grupo investigado, refletindo sobre a relação entre espaços memoriais interditos como elementos da construção das identidades travestis, para em um segundo momento evidenciar a centralidade dos territórios intra-urbanos da prostituição travesti em suas identidades como adultas.

#### *4.1 Espaços memoriais interditos como elementos da constituição das identidades travestis*

Buscando responder a questão desta tese, que objetivou compreender as formas pelas quais as práticas territoriais da prostituição travesti, presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territoriais em múltiplas escalas espaciais, realizamos um conjunto de 19 entrevistas no Brasil e três na Espanha<sup>45</sup> com travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição. Com o objetivo de triangular as informações obtidas, realizamos 7 entrevistas com Organizações não Governamentais<sup>46</sup> que tem por objetivo estabelecer trabalhos orientados a prevenção de DST/HIV – Aids, e com conexões com grupos de

---

45 Entrevistas cedidas pela pesquisadora Joseli Maria Silva (Pós-Doutorado em Geografia e Gênero na Universidade Complutense de Madrid) 2008.

46 Ongs localizadas nos municípios: Curitiba – Paraná (2 Ongs), Florianópolis – SC (1 Ong), Joinville – SC (1 Ong), Ponta Grossa – PR (1 Ong), Porto Alegre – RS (1 Ong), Sapiranga – RS (1 Ong).

travestis que vivem da prostituição<sup>47</sup>.

Para o primeiro grupo, nosso roteiro<sup>48</sup> de entrevista esteve estruturado a partir do levantamento de informações relacionadas às táticas espaciais, tanto para as territorialidades intra-urbanas quanto ao território descontínuo da prostituição travesti. Cabe salientar que do total de travestis entrevistadas, três delas possuíam atividades relacionadas ao auxílio de outras travestis, gestando casas que eram denominadas por elas como 'pensionatos para travestis'. Todavia, o restante do grupo as denomina como 'cafetinas', denominação esta que utilizamos no presente texto. Em relação às Ongs, buscamos levantar informações referentes a quais eram as características da prostituição travesti na cidade em que esta se encontrava.

Assim, o quadro 1 a seguir demonstra as principais características do grupo focal das travestis<sup>49</sup>:

| Nome           | Idade   | Cidade de Nascimento | Atividade            | Total de Cidades em que Batalhou | Idade Saída de Casa | Idade de Início da Batalha | Cidade que Batalha Atualmente         |
|----------------|---------|----------------------|----------------------|----------------------------------|---------------------|----------------------------|---------------------------------------|
| <i>Hera</i>    | 41 anos | Porto Alegre - RS    | Profissional do sexo | 5                                | 19 anos             | 25 anos                    | Balneário Camboriú - SC               |
| <i>Atena</i>   | 35 anos | Três Rios - RJ       | Cafetina             | 8                                | 19 anos             | 19 anos                    | Balneário Camboriú – SC / Cafetinagem |
| <i>Reia</i>    | 18 anos | Campo Mourão - PR    | Profissional do Sexo | 3                                | Mora com a mãe      | 15 anos                    | Maringá - PR                          |
| <i>Demeter</i> | 22 anos | Ponta Grossa - PR    | Profissional do Sexo | 3                                | 14 anos             | 14 anos                    | Curitiba - PR                         |
| <i>Hestia</i>  | 46 anos | Niterói - RJ         | Profissional do Sexo | 6                                | 16 anos             | 16 anos                    | Curitiba - PR                         |
| <i>Leto</i>    | 28 anos | Curitiba - PR        | Profissional         | (anúncio                         | 16 anos             | 19 anos                    | Curitiba - PR                         |

47 O volume de entrevistas relacionadas a travestis e cafetinas computaram 14 horas e 43 minutos. Em relação às entrevistas realizadas com Ongs, o total de tempo de entrevista total foi de 3 horas e 30 minutos.

48 Ver anexo A (roteiro entrevista travestis e cafetinas).

49 Com o objetivo de proteger estas fontes, optamos em utilizar nomes que reportam as figuras femininas contidas na Mitologia Grega e Romana. Os nomes utilizados foram: **Hera** (uma das filhas de Cronos e de Reia); **Atena** (divindade da sabedoria e razão); **Reia** (a deusa dos belos cabelos); **Demeter** (deusa da fecundidade); **Hestia** (a deusa do fogo sagrado); **Leto** (filha dos Titãs Céu e Febe); **Ártemis** (deusa da caça); **Afrodite** (deusa da sensualidade, beleza e amor); **Circe** (deusa da magia e encantamentos); **Hécate** (inventora da magia e feitiçaria); **Diké** (deusa da justiça); **Tétis** (representa a terra sólida); **Dione** (deusa agrária); **Erinia** (protetora da ordem); **Íris** (mensageira dos imortais); **Hipólita** (a rainha das Amazonas); **Pítia** (a sacerdotisa de Delfos); **Eos** (deusa da aurora); **Selene** (personificação da lua); **Febe** (uma divindade sideral); **Estige** (uma ninfa); **Nêmesis** (a filha da noite). Fonte: HACQUARD, Georges. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Lisboa: Edições ASA, 1996.

|                 |         |                           | do Sexo              | jornais e internet)          |                      |         |                                  |
|-----------------|---------|---------------------------|----------------------|------------------------------|----------------------|---------|----------------------------------|
| <i>Ártemis</i>  | 21 anos | São José dos Pinhais - PR | Profissional do Sexo | (anúncio jornais e internet) | Mora com o avô e tia | 20 anos | Curitiba - PR                    |
| <i>Afrodite</i> | 38 anos | Canoinhas - SC            | Cafetina             | 26                           | 13 anos              | 16 anos | Curitiba – PR / Cafetinagem      |
| <i>Circe</i>    | 28 anos | Passo Fundo - RS          | Profissional do Sexo | 8                            | 14 anos              | 14 anos | Curitiba - PR                    |
| <i>Hécate</i>   | 29 anos | Guaíba - RS               | Profissional do Sexo | 19                           | 12 anos              | 12 anos | Florianópolis - SC               |
| <i>Diké</i>     | 30 anos | Florianópolis - SC        | Profissional do Sexo | 4                            | 16 anos              | 16 anos | Florianópolis - SC               |
| <i>Tétis</i>    | 33 anos | Florianópolis - SC        | Cafetina             | 8                            | 16 anos              | 16 anos | Florianópolis – SC / Cafetinagem |
| <i>Dione</i>    | 46 anos | Londrina – PR             | Profissional do Sexo | 5                            | 17 anos              | 17 anos | Londrina – PR                    |
| <i>Erinia</i>   | 38 anos | Cachoeira do Sul - RS     | Profissional do Sexo | 15                           | 11 anos              | 12 anos | Ponta Grossa - PR                |
| <i>Íris</i>     | 46 anos | Ponta Grossa - PR         | Profissional do Sexo | 17                           | Mora com a mãe       | 15 anos | Ponta Grossa - PR                |
| <i>Hipólita</i> | 28 anos | Ponta Grossa - PR         | Profissional do Sexo | 10                           | Mora com a mãe       | 18 anos | Ponta Grossa - PR                |
| <i>Pítia</i>    | 40 anos | São Raimundo Nonato - PI  | Profissional do Sexo | 7                            | 9 anos               | 18 anos | Porto Alegre - RS                |
| <i>Eos</i>      | 24 anos | Sapiranga - RS            | Profissional do Sexo | 4                            | 16 anos              | 18 anos | Sapiranga - RS                   |
| <i>Selene</i>   | 38 anos | Herval Seco - RS          | Profissional do Sexo | 8                            | 16 anos              | 19 anos | Sapiranga - RS                   |
| <i>Febe</i>     | 38 anos | Porto Alegre - RS         | Profissional do Sexo | 18                           | ----- <sup>50</sup>  | -----   | Madri - Espanha                  |
| <i>Estige</i>   | 26 anos | São Luiz - MA             | Profissional do Sexo | 9                            | 12 anos              | -----   | Madri - Espanha                  |
| <i>Nêmesis</i>  | 33 anos | Interior do Ceará         | Profissional do Sexo | 8                            | -----                | -----   | Madri - Espanha                  |

Quadro 1 – Características Gerais do Grupo Focal.

Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Para esta discussão algumas características que consideramos relevantes na caracterização do grupo das travestis são destacadas. Inicialmente, podemos detectar que do total do grupo investigado, 45.5 % das travestis possui idade entre 18 e 30 anos, 36.4 % idade

<sup>50</sup> Sem informações.

entre 33 e 40 anos, sendo que apenas 18.1 % possui idade entre 41 e 46 anos.

O fato das travestis serem relativamente jovens relaciona-se a circunstâncias de que, além da aquisição de doenças respiratórias advindas da contração da Aids, e doenças sexualmente transmissíveis, em geral, suas vidas são marcadas por muita violência, que via de regra culmina em uma morte precoce, tanto a sua morte como a morte das companheiras de batalha. Como visto em Cabral, Ornat e Silva (2011), a morte para o grupo de travestis não é algo que é experienciado a partir de longe, de tempos em tempos a partir do próprio ciclo da vida, mas faz parte de suas vidas cotidianas, caminhando a morte ao lado delas.

Assim, o sentido da vida para o grupo das travestis que foram o grupo focal desta reflexão, perante todos os riscos que estruturam suas vidas cotidianas, produz um sentimento de necessidade da vida presente e da existência de poucos planos futuros, não fazendo parte deste grupo a expectativa do envelhecimento e o cuidado de si para o dia de amanhã. O grupo de travestis dialoga com um destino previsível de morte, buscando extrair tudo que a vida pode proporcionar no hoje.

Este constrangimento vivenciado pelas travestis, que pode culminar na morte, relaciona-se ao levantamento realizado pelo grupo gay da Bahia, entre os anos de 2006 a 2009<sup>51</sup>, segundo grupos de homossexuais vulneráveis. Para este relatório, a maioria esmagadora das mortes se relacionava a travestis em atividade de prostituição. Outra evidência levantada por esta proposta refere-se ao fato que da mesma forma, a maioria das mortes relacionadas a travestis profissionais do sexo ocorrem a partir das espacialidades relacionadas aos territórios da prostituição travesti:

Este fenômeno espacial da morte das travestis está relacionado com a *causa mortis*, pois define o *modus operandi* do homicida. Como visto (...) a rua/território da prostituição constitui o local fundamental das mortes. Como existem fluxos de pessoas, os homicidas utilizam armas de fogo para a execução rápida da vítima e manutenção do anonimato por parte do autor dos disparos de arma de fogo. Entretanto, em outras espacialidades em que não há fluxo de pessoas, e o homicida está sozinho com a vítima, o *modus operandi* do assassino faz com que a *causa mortis* seja muito violenta, repleta de tortura física e psicológica. (CABRAL, ORNAT e SILVA, 2011, p. 10)

---

51 Fonte: Cabral, Ornat e Silva (2011).

O grupo focal da presente tese é jovem, perante a expectativa de vida do brasileiro, que segundo divulgado pelo IBGE no ano de 2011, ultrapassa os 70 anos. Os mesmos perfis também foram detectados por Mott, Cerqueira e Almeida (2002), pois como visto pelos autores, vivemos em um país de contradições. Mesmo frente a todas as conquistas sociais, a violência anti-homossexual, chamada de homofobia, persiste e se generaliza.

Tendo uma vida marcada pela exclusão e a violência, é segundo o estabelecimento de pequenas brechas que elas conseguem estabelecer táticas de sobrevivência. Suas existências são marcadas por ameaças, assaltos, brigas, rivalidades e muita violência, sendo tais ações resultado de considerações que apontam que estes indivíduos são 'pessoas não normais', não pertencendo a uma sociedade que é tolerante com prostitutas, mas intolerante com travestis.

Como analisado por Welzer-Lang (2001), a diferenciação entre a prostituição heterossexual e a prostituição homossexual ancora-se em uma visão sexista do mundo, indicando que a sexualidade tida como normal é aquela estruturada entre homens e mulheres. Outras possibilidades existenciais, como o nosso grupo focal, nomeadas como diferentes, dialogam com um modelo que objetiva padronizar comportamentos sexuais. Na proposta do autor, isto relaciona-se a uma prática heterossexista, onde as mais variadas instituições sociais, como a família, a igreja, as escolas e grupos sociais atribuem uma pseudo-superioridade da heterossexualidade frente à homossexualidade, sendo direcionada a estes grupos como ações preconceituosas e violentas, que como visto acima, muitas vezes culmina em morte.

Como analisado por Bryant e Vidal-Ortiz (2008), a palavra 'homofobia' tem se colocado tanto como uma ferramenta conceitual quanto como um recurso discursivo das pessoas que não se alinham as normas de gênero e sexualidade, como evidenciado através do grupo de travestis que fora o grupo focal da presente tese. Como apontado pelos autores, a forma como a homofobia tem sido pensada pelas ciências sociais aponta para o fato de que ela é produzida por intersecções de outros vetores de relações de poder, como as relações interseccionais que ocorrem a partir de grupos de renda, questões étnicas e raciais, mas também a partir das relações sociais que ocorrem através das espacialidades do urbano e do rural.

Segundo os autores, este termo foi cunhado por George Weinberg (1972) em seu livro

'Society and the Healthy Homosexual', tratando tanto das relações de outros grupos com relação aos homossexuais, quanto das relações intra-grupo. Mesmo tendo sido cunhado a partir da Psicologia, consideramos que estas relações homofóbicas, ou especificamente a partir de nossa problemática, de relações transfóbicas, ocorrem através das espacialidades, como evidenciado tanto na discussão de Mott, Cerqueira e Almeida (2002) como de Cabral, Ornat e Silva (2011). Assim, a homofobia entende-se como atitudes e ações excludentes em relação aos homossexuais, baseadas em considerações da homossexualidade e dos homossexuais, em suas mais variadas existências, como desviantes, doentes, perversos, pecaminosos, imorais, corruptos e assim por diante.

Outras informações evidenciadas nas entrevistas, que desmitificam a ideia da escolha 'livre' das travestis pela prostituição, referem-se ao fato de que apenas 18.1% das travestis entrevistadas vivem com suas famílias, sendo que a grande maioria delas (59%) saiu de casa com idades que variam entre os 9 e 16 anos<sup>52</sup>. Estes dados complementa-se à média de tempo de atividade de prostituição travesti que é de 16,3 anos<sup>53</sup>.

O ocidente não reserva às travestis outra atividade socialmente 'bem afamada', a não ser a prostituição. Nossa proposta não é apregoar uma espécie de determinismo social, afirmando que o 'destino' de toda travesti é a prostituição, como já salientado por Peres (2005) no tocante a outras travestis que sobrevivem de outras atividades econômicas. O que a nossa convivência com o grupo focal levanta é a existência de um forte constrangimento social estruturado em um pequeno range de possibilidades, estando dentre elas a prostituição.

Mesmo que Benedetti (2000) argumente sobre a necessidade da separação entre travestis e prostituição, é fato que a grande maioria das travestis brasileiras encontra na prostituição uma das únicas possibilidades de sobrevivência. Mesmo que as territorialidades da prostituição estejam relacionadas a outras esferas existenciais do sujeito, não se pode minimizar que esta condição é, de certa forma, 'imposta' temporalmente e espacialmente as travestis, sobremaneira através da exclusão de espacialidades do trabalho não relacionadas à prostituição. Estas relações não se fazem dissociadas de buscas de conquistas espaciais cada vez mais amplas, pois a média de cidades que constituíam seus territórios descontínuos, como visto no quadro acima, era de 9,55 municípios.

---

52 Em 9% das entrevistas não fora possível identificar o período da vida em que saíram de casa.

53 Em 13,6 % das entrevistas não fora possível levantar o ano de início na atividade da prostituição.

Estes números e percentuais são fundamentais para o objetivo de captar as principais características do grupo focal escolhido para a presente tese. Todavia, estão longe de fornecer indícios completos da compreensão das dinâmicas identitárias interseccionais que dão coesão ao grupo, através de suas várias vivências espaciais. Devido a isto, mergulhamos nas experiências espaciais vividas pelas travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição através do Sul do Brasil.

Após a realização de todas as entrevistas, entre o período de maio de 2008 a dezembro de 2010, detectamos um conjunto de 1.009 evocações que se referiam a relacionamentos estabelecidos com amigas, atendentes do comércio, cafetão e cafetinas, clientes, companheiros ou companheiras, comunidade escolar, detentos, empregadores, equipes médicas e pedagógicas, familiares, pessoas envolvidas com a militância LGBT brasileira, policiais, outras travestis e vizinhos das áreas de residência e batalha. Mas cabe salientar que estas relações são memoradas reportando acontecimentos passados, constituindo uma temporalidade pretérita, pois como proposto por Cosgrove (1999), as espacialidades aparecem como fenômenos vivos e significativos a partir dos processos de memória.

Do total de evocações detectadas a partir de todas as entrevistas que foram realizadas, as principais espacialidades que são vivenciadas pelas travestis em todas as fases da vida, referem-se a cidade, a casa, a casa de cafetinas, a escola, outros países, a vizinhança, além dos maiores percentuais<sup>54</sup> relacionados aos territórios intra-urbanos e ao território descontínuo da prostituição travesti. Da mesma forma, agrupamos na mesma categoria - *Demais Espacialidades* - os percentuais menores que 1 % de evocação<sup>55</sup>. Assim, vejamos o gráfico abaixo:

---

54 Partimos do pressuposto que estes percentuais são resultado da busca da tese, cristalizada em nosso roteiro de entrevista. Todavia, consideramos que estes percentuais relacionam-se também as experiências vividas pelas travestis, através das espacialidades, tendo como foco o fato de que todo o grupo focal vive da atividade da prostituição.

55 Estas espacialidades relacionavam-se ao Brasil, na visão da travesti em outro país, a casa de passagem, o comércio, a delegacia, espaços diversos de sociabilidade, exército, instituições religiosas, médicas e militares, motel, Ongs, presídios, trabalho e universidades.

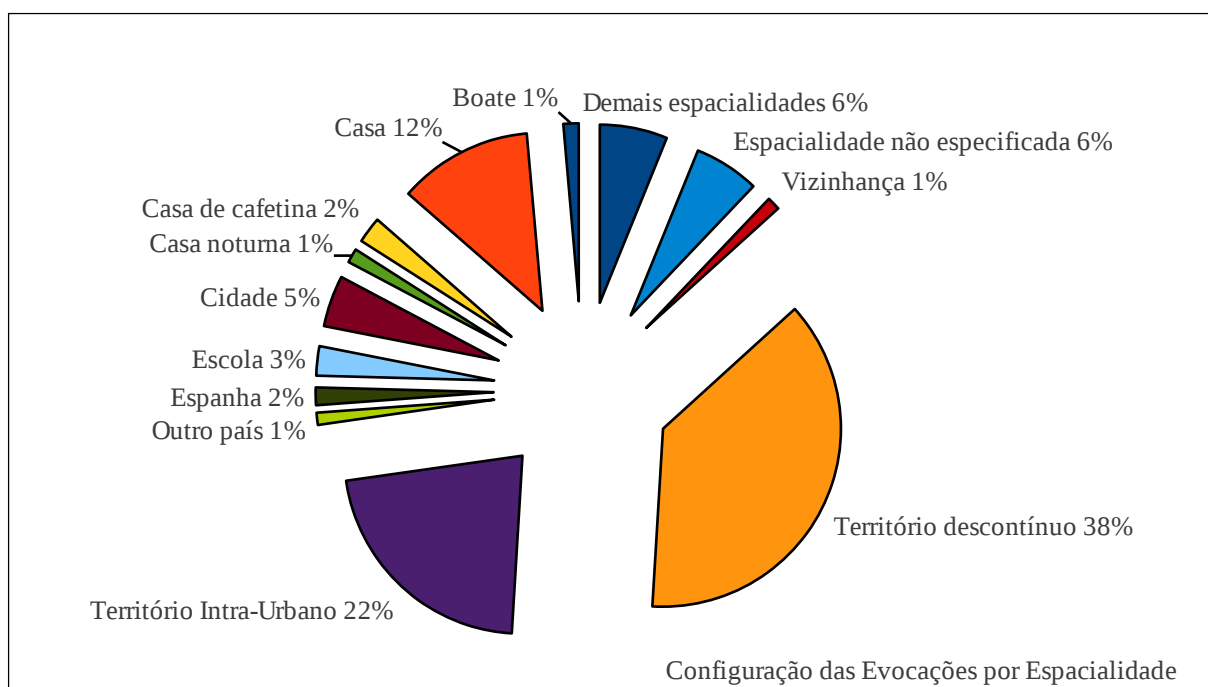


Gráfico 2. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

No tocante ao grupo de evocação *Espacialidade não Especificada*, esta foi estruturada a partir das categorias *Auto-Imagem*, *Prostituição*, *Relação com Clientes*, *Relação com o Outro*, *Relação com Companheiros/a*, *Relação com Travestis*, o *Ser Travesti e Transexual*, o *Sentimento de Diferença* e a *Transformação do Corpo*, como visto no gráfico abaixo:

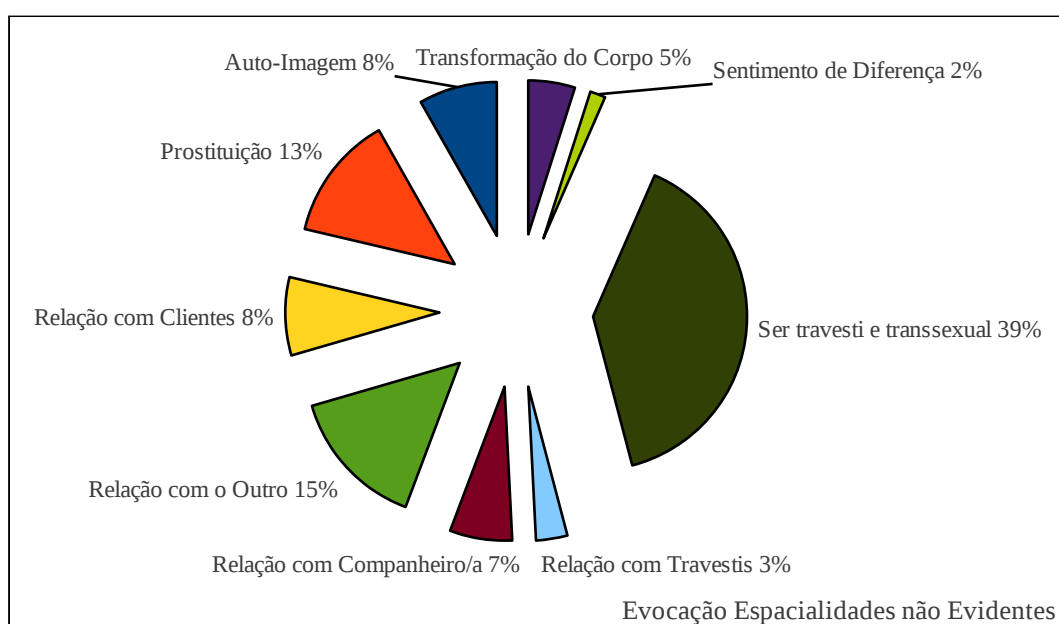


Gráfico 3. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Iniciamos a reflexão sobre estas informações a partir das relações entre o *Ser Travesti e Transexual* com a *Auto-Imagem* do grupo. Mesmo que nestas evocações não seja evidente as espacialidades de ocorrência, esta dimensão social está embebida nestas relações. As evocações apontam como auto-imagem a consideração que mesmo que as escolhas sociais venham de fora das corporalidades a partir de constrangimentos sociais, a partir da educação que é recebida das pessoas as quais convivem e conviveram, a energia 'do que se é' nasce de dentro de seus corpos.

Outros elementos levantados referem-se a não identificação com o universo masculino, desde a mais tenra idade. Todavia, os elementos de discurso que evidenciam o *continuun* paradoxal de negação e complementação entre o ser travesti e o ser transexual relaciona-se a ideia de que elas nasceram em corpos diferentes, ou seja, pessoas femininas nascendo em corpos masculinos, sem serem homens. Outro ponto refere-se as afirmações coletadas em diário de campo, como visto na reflexão de Nix<sup>56</sup>:

*A palavra travesti sempre esteve relacionada à prostituição, a violência, a doenças, a boca do lixo. (...) a aversão ao corpo biológico não pode ser o único elemento que diferencia uma travesti de uma transexual. Para ela o termo 'transexual' nasce e é utilizado como uma busca de livrar-se do estigma que a palavra travesti carrega. (Diário de Campo - Conversa realizada com Nix, em Florianópolis - SC, no dia 25 de maio de 2009).*

Como visto na reflexão de campo acima, existe uma justaposição entre o que é entendido pelo grupo em relação ao que é ser travesti e o que é ser transexual. Entretanto, outros elementos são de fundamental importância para se pensar a relação entre a transexual e a travesti. De todas as pessoas entrevistadas, mesmo que em alguns momentos elas se autodenominassem como transexuais devido ao desejo de uma trangenitalização, em apenas uma das entrevistas isso havia ocorrido, como visto em Afrodite. Assim, mesmo que exista o desejo de uma incisão cirúrgica de adequação de sexo, via de regra, a prática cotidiana do sexo ativo as coloca como travestis, como um elemento delimitador do grupo:

---

56 Da mesma forma que em relação às travestis, para proteger nossas fontes relacionadas as Ongs, optamos em utilizar nomes que reportam as figuras femininas contidas na Mitologia Grega e Romana. Assim, o nome Nix (Ong Florianópolis - SC) refere-se a deusa da noite ou personificação da noite. (Fonte: HACQUARD, Georges. Dicionário da Mitologia Grega e Romana. Lisboa: Edições ASA, 1996.)

*Acho que sim, porque eu tenho muita vontade de me operar, mas eu não sei o que que iria acontecer depois. Mas tem o fato da cirurgia não ser muito bem sucedida, e acabar mal, pois tem um grande tabu de que nunca mais você consegue ter o orgasmo. E isso pra mim é uma coisa muito séria. Porque daqui um tempo eu posso parar e não poder mais curtir minha vida. (Entrevista realizada com Tetis, em Florianópolis - SC, no dia 25 de maio de 2009).*

*(...) é isso que diferencia a transsexual da travesti, porque as construções de identidade de gênero são as mesmas, a gente passa pelos mesmos processos de preconceito. (Entrevista realizada com Artemis, em Curitiba - SC, no dia 26 de junho de 2010).*

*Eu sou completamente definida como uma travesti. Em termos de cabeça eu sou uma travesti. Porque há diferenças entre uma travesti e uma transexual. Eu não tenho problema com meu órgão genital, não me incomoda em nada, se eu tenho que usar eu uso sem problemas. Sem o mínimo problema mesmo, não me incomoda e não me afeta. Porque eu psicologicamente não tenho nenhum problema em me olhar no espelho e enxergar o que eu tenho. A única coisa que eu faço são câmbios estéticos. Isso sim estou sempre cambiando. (...) Eu vivo como uma mulher e me comporto como tal, mas meu órgão não me impede de nada, não me prejudica de nada. (...) já somos psicologicamente definidas do que somos, do que queremos e já está! Nosso sexo não nos incomoda, pelo contrário, usamos muito e se temos que usar isso não é problema algum. Isso não nos faz nem mais e nem menos mulher. Continuamos com a condição igual. (...) E sabe, isso sempre foi muito claro para mim, desde minha infância e na minha adolescência, eu tive isso muito claro. (Entrevista realizada com Febe, em Madri - Espanha, no dia 16 de setembro de 2008)*

*Pra mim ser travesti é ser um homossexual com uma personalidade diferenciada do homossexual. Não que seja 100% transexual, mas digamos assim, eu penso que fisicamente a travesti é um homem que muda o corpo, se não mudar o corpo não é travesti, e não adianta que é a cabeça, porque eu sou mulher. Porque é assim, eu me sinto uma mulher, mas o povo não vê em mim uma mulher. Então não é a cabeça. Tem que transformar o corpo, é casca, é tudo. É o bombom completo, é o recheio e a casca. Então travesti, grosseiramente falando, é um homossexual afeminado que bota silicone no corpo, que faz cirurgia plástica, que toma hormônio, faz laser no rosto pra não ter barba, pra ter uma aparência feminina. E internamente falando, eu acho que a gente é mais mulher, que pelo fato da vida ser grosseira com a gente, a gente acaba sendo pessoas grosseiras. Entendeu, com uma personalidade forte. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de setembro de 2008).*

*A mesma discussão relacionada a justaposição entre o entendimento do que é ser travesti e o que é ser transexual constitui o discurso político LGBT, como visto abaixo na fala*

de Témis:

*Aqui em Curitiba a gente usa muito 'travesti e transexuais' por que é muito parecida a vivência. O que tem de diferente é a travesti não sentir a necessidade da cirurgia e a transexual sim. **Mas o restante da caminhada de vida delas e o que elas passam é muito parecido. Então é difícil até você colocar um ponto**<sup>57</sup>. Eu fui entrevistada por uma colega minha que tá fazendo mestrado sobre as transexuais, e daí fica mais tranquilo por que seria o ponto final, por que quando você fala da travesti, você esbarra nesta questão, (...) **por que tem muita travesti que se diz transexual, e não é transexual** (...) **Se você trabalha nestes dois grupos que tem vivências iguais, experiência de vida, auto descoberta, a questão corpórea, a discriminação, a inclusão social, enfim, é um contexto de vulnerabilidade que é igual, só tira a questão da cirurgia**<sup>58</sup>. (Entrevista realizada com Témis<sup>59</sup>, em Curitiba - PR, no dia 5 de agosto de 2009)*

Estas informações sobre auto-afirmação na relação entre o ser travesti e o ser transexual demonstram a justaposição de ambas as experiências sociais. Como visto por Silva (2011) na sua discussão relacionada a 'Sou Europeia Mona!: Múltiplas Espacialidades Travestis Vivenciadas na Espanha do Século XXI', para seu grupo focal, mesmo que as travestis estivessem vivendo em um contexto distinto ao do Brasil, estruturado a partir de várias conquistas da comunidade LGBT, este grupo rejeita os termos 'transgênero' ou '*mujer trans*'.

Segundo o próprio movimento, a utilização do termo travesti é desaconselhado, sendo visto como pejorativo e atrasado, alinhando-se a proposição realizada acima por Nix. Como proposto nesta discussão, em relação ao nosso grupo focal, mesmo que algumas pessoas se identificassem como transexuais, suas declarações apontavam que 'ainda eram travestis', sonhando em um futuro realizar a operação de trangenitalização. Portanto, como visto em Silva (2011) e nos discursos que estruturaram as evocações que foram alvo da presente reflexão, o termo travesti ainda remonta a ideia de um corpo possuir um pênis, mesmo possuindo comportamentos orientados ao universo feminino, e fazendo uso dele sexualmente.

No tocante as relações estabelecidas entre Travestis (3%), *Companheiro/a* (7%), *Clientes* (8%) e *Outros* (15%), os discursos das travesti apontam muita dificuldade.

---

57 Grifo nosso.

58 Idem.

59 O nome Témis (Ong Curitiba - PR) refere-se a uma divindade fecundadora e profética. (Fonte: HACQUARD, Georges. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Lisboa: Edições ASA, 1996.)

Inicialmente, estas falas evidenciam a existência de diferenças nas relações entre os clientes e a necessidade de saber se portar a partir de boa educação e simpatia, para que se possa obter êxito na prostituição. A partir da relação com o *outro*, não definido nas evocações, o que é apontado pelos discursos é do recebimento do preconceito e da dificuldade de vida social, pois como tratado por Pitia<sup>60</sup>, sua vivência enquanto criança e adolescente era estruturada a partir de muito preconceito e machismo, sendo sua homossexualidade muito combatida. Outro elemento existente é o medo da não aceitação, como demonstrado nas falas de Artemis e Selene:

*Porque eu já parei pra pensar, até antes de eu passar por todo o processo de transformação, porque eu me preocupava muito, eu não quero deixar pra muito tarde, e pra mim foi tarde, eu achei super tarde, porque tem gente que se aceita com treze anos, não quero chegar nos quarenta, cinquenta, setenta anos e de repente querer me transformar. É uma coisa que acontece, porque tem casos que eu já vi, mas eu não queria viver a minha vida inteira infeliz por causa de não aceitação e não assumir. (Entrevista realizada com Artemis, em Curitiba - PR, no dia 23 de junho de 2010).*

*Digamos também o preconceito que vocês também recebem<sup>61</sup>, (...) porque no fundo, no fundo, eu não consigo me ver como uma pessoa diferente das outras pessoas, dos outros homens e das outras mulheres, eu sou um ser humano como todo mundo, com direitos e deveres. (Entrevista realizada com Selene, em Sapiranga - RS, no dia 20 de dezembro de 2010).*

Os mesmos elementos conflituosos levantados nas relações entre clientes e travestis são evidenciados nas relações intra-grupo. A evocação chave relaciona-se ao apontamento de Febe. Segundo ela, não existe entendimento no grupo, não existindo união. Segundo ela, esta afirmação ocorre devido ao fato de pertencer ao grupo e vê-lo internamente, a partir de seus defeitos e qualidades. Se por um lado, existe uma especificação de seu pertencimento grupal, por outro a questão da desunião é generalizada a todos os grupos de sexualidades dissidentes: “E é um defeito que temos, as travestis, as transsexuais, os gays e as lésbicas. Não são pessoas unidas. Não são. É uma coisa triste de ter que falar isso. Mas é a verdade, não são unidos para nada.” (Entrevista realizada com Febe, em Madri - Espanha, no dia 16 de setembro de 2008). Consideramos que isto relaciona-se ao fato de que os mais variados grupos sociais citados por Febe são constituídos por intersecções de várias dimensões de categorias identitárias dos

<sup>60</sup> Entrevista realizada Porto Alegre, no dia 21 de dezembro de 2010.

<sup>61</sup> Estávamos discutindo relações de preconceito quando Selene afirmou que os pesquisadores que trabalham com questões de gênero e sexualidade também recebem um preconceito secundário.

sujeitos, produzindo um não reconhecimento a partir de uma única dimensão de categoria identitária de sexualidade, ou seja, a homossexualidade. Nos relacionamentos amorosos, referente a relação com companheiros, o apontado é que existe uma dificuldade de travestis estabelecerem relacionamentos amorosos, sendo o amor difícil para este grupo.

Finalmente, no tocante as evocações com espacialidade não evidente, que tratavam da prostituição, as categorias de evocação apontaram sobre as problemáticas relacionadas ao se misturar a vida profissional à vida pessoal, a necessidade de apresentar desempenho junto aos clientes e o início precoce na vida da prostituição. O que estes elementos apontaram como uma distinta prática de prostituição, também visível no quadro 1 acima, é a configuração de uma prostituição relacionada aos ambientes digitais de internet e aos anúncios através de jornais, como visto nas evocações abaixo:

*(...) eu comecei pela internet. Não era nem anúncio, eu entrava em sites específicos de travestis e ali eu conhecia possíveis clientes. O inicial foi Orkut. Mas como eu não tinha anúncio, eu não tinha foto, e até por isso que eu perco muito dinheiro, porque eu não me assumo como prostituta pra minha família, entendeu. (Entrevista realizada com Selene, em Sapiranga - RS, no dia 20 de dezembro de 2010).*

*Mas é assim, então se trabalha em Curitiba com anúncio, por exemplo, vou colocar o anúncio para amanhã, então amanhã o telefone começa a tocar mais. Eu trabalho com apenas um jornal, aqui na cidade é apenas um jornal que ainda se possa trabalhar. Seria o Tribuna, mas na área de massagem, a gente não pode colocar como prostituição, a gente coloca como massagem, a gente não pode colocar. Aqui em Curitiba não sei se tem jornal especializado, mas se tivesse até seria mais interessante, pois até poderia colocar com foto. A Gazeta do Povo aqui tinha uma seção, que poderia colocar até foto, mas não tem mais. Então só tem um veículo. Ai tem blog e os sites. Mas nos sites eu não to, por enquanto não. Se eu continuar como profissional do sexo eu pretendo ir para o site. (Entrevista realizada com Leto, em Curitiba - PR, no dia 23 de junho de 2010)*

Mesmo que este não seja o foco principal da presente tese, estas evocações apontam para o fato de que a prostituição travesti não se restringe apenas aos contatos pessoais que ocorrem a partir das espacialidades da prostituição travesti, notadamente territórios intra-urbanos e territórios descontínuos, mas também coexistem através de geografias de ciberespaços (KITCHIN, 1998). Como nossa busca é evidenciar as formas pelas quais as práticas territoriais da prostituição travesti, presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do

Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais, e mais especificamente neste momento da tese, compreender os espaços memoriais interditos como elementos da constituição das identidades travestis, partimos à discussão que trata das espacialidades relacionadas *a casa, a escola e a vizinhança, a casa de cafetina e a boate, a cidade e as casas noturnas e a espacialidade de outros países*, para na próxima seção construir uma reflexão sobre os *territórios intra-urbanos da prostituição travesti* como centralidade de sua identidade adulta.

### *A Casa*

O processo de conhecimento dos grupos sociais relaciona-se a sequências de fixações espaciais que proporcionam estabilidade aos sujeitos. Portanto, quanto mais marcantes são estas espacialidades, mais concretas serão as lembranças e memórias espaciais dos grupos sociais. Não temos por objetivo construir uma hierarquia das espacialidades que são ou foram vivenciadas pelas travestis, mas salientar a importância de cada espacialidade que foi resgatada na memória, através do processo de pesquisa desta tese, à constituição das diferentes dimensões de categorias identitárias que se interseccionam tanto a partir das espacialidades de vivência travesti ao longo de suas vidas, como através dos territórios intra-urbanos da prostituição.

Visualizamos a relação entre tempo, memória e espacialidades, como proposto por Harvey (2002, p. 200), pois se a proposição de que as temporalidades não são apropriadas pelos sujeitos e grupos sociais enquanto fluxos, mas como lembranças de espacialidades, “a história deve ceder lugar à poesia, o tempo ao espaço, como material fundamental da expressão social. Assim, a imagem espacial afirma um importante poder sobre a história”. Como visto nas evocações relacionadas ao grupo focal, a espacialidade da casa aparece como o início do processo, na sua relação com a escola e a vizinhança. Um local como visto por Harvey (2002), estruturado a partir de pensamentos, sonhos e lembranças, como demonstrado na estrutura discursiva do gráfico abaixo:

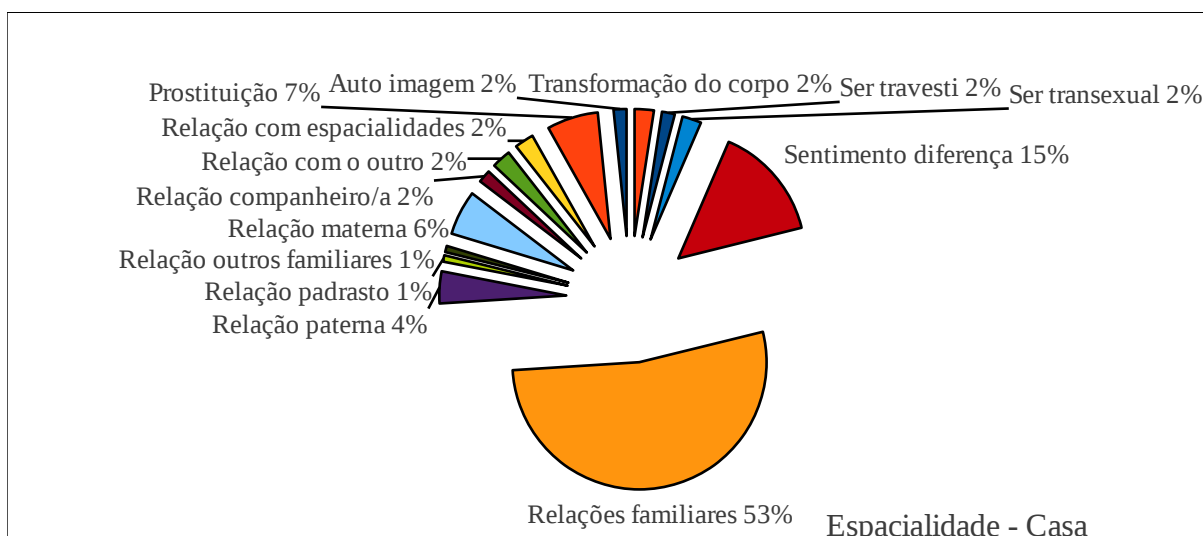


Gráfico 4<sup>62</sup>. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Na sua discussão com Bachelard (1964), Harvey (2002) aponta que o espaço é constituído pelo tempo. Neste caminho, uma espacialidade que é de fundamental importância a constituição da memória é a casa, uma espacialidade estruturada a partir da proteção e do aconchego, o local de vivência dos seus protetores. Isto evidencia-se nos principais percentuais relacionados a casa, sendo que do total, 53% referem-se a relações familiares, 4 % e 6% a relações paternas e maternas, respectivamente, e 15 % relacionado-se ao sentimento de diferença.

No tocante as categorias que tratavam das relações familiares, o levantando em campo demonstra que a casa não é o local da morada dos protetores das travestis, como proposto por Harvey (2002), proporcionando aconchego e proteção, mas sim estabelecida a partir de relações conflituosas. Os eixos de elementos nascidos deste agrupamento espacial referem-se inicialmente a expulsão de casa. O elemento encontrado em quase todas as falas tratava da saída de casa enquanto menores, não enquanto uma escolha, mas enquanto uma imposição familiar, imposição esta mais relacionada aos pais e padrastos que as mães, como visto nas falas paradigmáticas abaixo:

62 Estabelecemos como recorte da discussão relacionada a casa as evocações que possuíam maiores percentuais. Todas estas experiências que foram resgatas pelas memórias das travestis em relação a espacialidade da casa acontecem na infância destes corpos que não correspondem a heteronormatividade vigente. A partir da fase adulta, esta espacialidade é ressignificada, agora relacionada a atividade da prostituição.

*Com 14 anos em vim para Curitiba, porque meu pai me expulsou de casa. Eu me assumi de vez, porque eu nunca fui gay. Eu quando peguei 14 anos eu já virei travesti. Porque a maioria fica até uma idade gay por causa da família, trabalha e estuda. E eu não, eu enfrentei a família. (Entrevista realizada com Demeter, em Curitiba – PR, em 30 de julho de 2008).*

*Foi difícil assim porque eu não tive o apoio da minha família, eu me sentia afeminada, minha mãe sabia que eu era afeminada, mas aos dez pra onze anos eu perdi a minha mãe, então a única que me dava apoio era minha mãe. Então aí eu perdi ela, e aí eu tentei assumir perante minha família, meu pai, meus irmãos, e eu fui escoraçada de casa. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010)*

*Quando eu cheguei em casa eu falei que eu ia sair de casa. Aí minha mãe perguntou por que eu ia sair de casa. Eu falei que ia sair de casa mas não falei o por que. Quando fez um ano que eu já tinha me bombado, já tinha me hormonizado, eu voltei pra casa pra mim mãe me ver, quando minha mãe me viu com esta transformação de peito, com silicone na cara, a minha mãe levou um susto e falou: não, aqui em casa você não entra. Me atendeu no portão, não deixou nem eu entrar. O meu pai quando viu aquela cena ele não falou nada, por que o meu pai é daquela época que quem mandava na casa era a mulher. O que a mulher decidisse tava decidido. Aí o que o meu pai fazia, o meu pai tentou me achar. Daí eu fiquei um ano sem ver minha família, um ano sem ver pai, sem ver mãe, sem ver parente nem nada. (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).*

*Só que minha mãe ela sempre foi sustentada por este meu padastro, ela nunca trabalhou, aí ela não tinha como, não que ela não me ame, só que mãe que é mãe, que ame um filho, jamais vai ficar do lado de um homem e não ficar do lado de um filho. Só que minha mãe viu isso de outra forma, como que ela ia sair de casa, que no caso ela tem duas filhas, eu tenho duas irmãs, pra ficar comigo? Claro! Dai eu fiz dezoito anos e aí meu padastro me botou pra fora de casa. Dai eu saí e simplesmente eu disse que vou ter que ir para Porto Alegre, não tenho pra onde ir, daí eu cheguei em Porto Alegre e cai na prostituição. (Entrevista realizada com Eos, em Sapiranga - RS, em 20 de dezembro de 2010).*

Outros elementos levantados nas falas referem-se ao fato de que quando a aceitação existe na família, um dos caminhos desta acontece através da ajuda que a travesti realiza em casa. A vivência das travestis na casa, agora na vida adulta, é marcada por uma espécie de aquisição financeira do respeito, uma troca de bens materiais por aceitação familiar.

O elemento que evidenciamos é o fato de que se por um lado, existe a afirmação, como visto em Afrodite, de que estas relações de interesse não ocorrem somente em grupos de travestis, a fala de Demeter aponta esta possível troca como uma possibilidade de demonstração de um dos aspectos positivos da travesti à família, que é a bondade. Também se

coloca como envolvida nessa dinâmica a aceitação através da independência financeira. Assim, o controle dos corpos se faz a partir da dependência econômica. Quando esta dependência não existe, o constrangimento de escolhas se mostra menor, ao lado de uma 'aceitação' maior, como visto na fala de Tetis:

*A minha família quando eu fui para a Europa, que eu morei 5 anos na Europa, morei na Itália e 4 meses na França, aí se abriram as portas, todos de braços abertos, eu voltei com uma condição financeira melhor, comprando casa, comprando carro, comprando isso e aquilo, comprando eles com presentes, com ajuda<sup>63</sup>. Mas eu acho que em todas as classe meio que acontece isso, sabe? Eu acho que é meio generalizado. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).*

*Eu acho que chega uma hora que eles são obrigados a aceitar, não tem jeito. Porque eles veem que é isso que a gente quer. Porque se surra adiantasse. Mas tem famílias que não aceitam de jeito nenhum, que não vão na casa da família. Até o meu pai parecia que não ia me aceitar nunca. mas hoje tudo mudou, hoje ele me adora. Nós voltamos a conversar quando eu tinha 17 anos. Eu voltei pra casa e ele me aceitou. Mas daí eu cheguei assim como que eu estou, imagine?<sup>64</sup>. Porque eles achavam que era um tempo, eles acham que a gente tá curtindo um pouquinho e que já vai parar. Mas não era não. Quando cheguei me viram de peito, bunda, quadril, viram que eu tava indo pra frente e que tava investindo. E outra, eu ajudo minha família, comecei a ajudar eles, porque o meu pai trabalha na Sadia e minha mãe é diarista. Aí pra você ver, eu tenho quatro irmãos, nenhum ajuda nada em casa. Eu tirei minha mãe do tanque, que ela vivia de lavar roupa para fora com um tanque, dei máquina de lavar pra ela, dei uma geladeira, ajudo eles a pagar contas. Aí tem isso também. Eles veem que eu colaboro<sup>65</sup>. Porque daí eles veem o lado bom da gente. (Entrevista realizada com Demeter, em Curitiba – PR, em 30 de julho de 2008).*

*Até com a família eu não tive tanto problema, porque eu sempre fui independente, eu sempre trabalhei, desde criança<sup>66</sup>. Eu lembro que eu fazia jardinagem, eu limpava o quintal de alguém, eu fazia alguma coisa, eu sempre tinha alguma coisa. E devido a isso eu sempre fui independente, desde criança, porque eu já tinha essa noção que dinheiro era alguma coisa que fazia o bem, assim. E que ganhava respeito a partir de dinheiro<sup>67</sup>. (...) Nunca tivemos conversa a respeito disso, nem com meu pai ou com minha mãe, a minha mãe já é morta há dois anos e seis meses, e nós nunca tivemos uma conversa a respeito disso. Eu sempre me mantive, sempre tive minha casa, com tudo do bom e do melhor dentro. (Entrevista realizada com Tetis, em Florianópolis - SC, em 25 de maio de 2009).*

---

63 Grifo nosso.

64 Grifo nosso.

65 Idem.

66 Idem.

67 Idem.

Outros elementos que estruturam os eixos de discurso referentes às relações familiares através da espacialidade da casa voltam-se ao medo da não aceitação, tanto ainda morando com os familiares antes da declaração de possuir um gênero e sexualidade que não corresponde ao estabelecido nesta espacialidade como o 'correto', referente à linearidade estabelecida por Butler (2003), como após a saída de casa e o retornar com um corpo que não corresponde ao corpo masculino. Além dos elementos acima elencados, a vida das travestis que foram o grupo focal da presente tese estrutura-se a partir de paradoxos de aceitação e não aceitação. Como apontado por Iris, todas as travestis vivem dificuldades de aceitação através da casa, dificuldade esta relacionada para ela, mais a mãe:

*Porque uma mãe ter um filho homossexual deve ser horrível. Hoje em dia eu penso isso porque pra uma mãe aceitar um filho não ser homem, ser afeminado. Porque hoje em dia elas já nascem lindas, mas na minha época não, na minha época a gente ia construindo devagarinho, aprendendo devagarinho. Então é difícil. Eu acho que é difícil porque toda mãe quer ter um filho homem. E todo irmão também quer ter um irmão homem também, não quer ter um irmão afeminado, homossexual. É difícil, né, Marcio? Aí no começo, na aceitação da minha família foi bem difícil. (Entrevista realizada com Iris, em Ponta Grossa, em 8 de agosto de 2008).*

Salientamos na fala paradigmática acima o ir se 'construindo devagarinho, aprendendo devagarinho', demonstrando que tanto a aceitação das diferenças, quanto a transformação para a diferença, se realiza através de processos de conquistas sociais que ocorrem através da espacialidade da casa. Como salientado por Hipólita<sup>68</sup>, rememorando suas lembranças e seus acontecimentos passados, vê que desde criança sua família falava que ela possuía comportamentos femininos, uma forma de ser menina. Segundo ela, com toda travesti ocorre um processo de apropriação de elementos femininos em corpos masculinos, como roupas e adereços maternos. Como salientado, “eu acho que a minha família achava que eu não era uma travesti, mas eles achavam que eu era gay, pelo meu jeito e tudo mais assim, que eu era assim, como se diz, eu era muito garota assim”.

Especificamente nas relações maternas o que se evidencia é a sobreposição de preconceito e exclusão, aceitação e proteção. Nas relações paternas, o levantado a partir das falas das travestis refere-se ao preconceito, a violência e a expulsão de casa, pois 100% das

---

<sup>68</sup> Entrevista realizada em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de setembro de 2008.

falas a partir desta categoria estruturam-se a partir de frases como: “quando eu falei pro meu pai eu levei uma tijolada<sup>69</sup>”, “Até hoje meu pai não me aceita (...) ele conversa comigo por telefone, se eu for na casa dele ele não se sente bem, então eu prefiro nem ir<sup>70</sup>”, “ele (pai) falou que se eu queria ser gay, tu pode ser, a vida é tua, tu faz da tua vida o que tu quiseses, aí teve reticências, mas dentro da minha casa não! Muda de vida e aí tu continua morando aqui dentro<sup>71</sup>”, “eu sei que desde quando eu descobri quem eu realmente era, eu tava percebendo que meu pai não ia me aceitar, eu já cortei contato<sup>72</sup>”, “o meu pai nunca ele pegou, ele nunca me aceitou, tanto que ele não aceitou nem os filhos, porque ele preferiu ficar com uma segunda mulher, do que aceitar os filhos<sup>73</sup>”.

As frases acima transcritas referem-se ao sentimento de diferença que todas as travestis relembram a partir da espacialidade da casa, tanto na relação com familiares, como especificamente com pais e mães. Mas além disso, apontam para o estranhamento de suas práticas de gênero frente a um mundo organizado de forma bipolar. Isto se refere ao que Butler (2008) denomina como corpos abjetos. Segundo a autora, a matriz excludente a partir da qual se formam os sujeitos demandam a produção simultânea tanto de seres abjetos quanto daqueles que são considerados socialmente como sujeitos, formando o campo exterior destes. Precisamente, a autora denomina 'abjeto' como as zonas invisíveis e inabitáveis da vida social, e ao nosso olhar, através das espacialidades inabitáveis, por pessoas que não usufruem os mesmos direitos, vivendo abaixo do sujeito. Como visto em suas palavras:

Estas zonas de inhabitabilidad constituirá el limite que defina e terreno del sujeto; constituirá esse sitio de identificaciones temidas contras as cuales – y em virtud de las cuales – el terreno del sujeto circunscribe su propia pretensión a la autonomía y a la vida. Em este sentido, pues, el sujeto se constituyen a través de la fuerza de la exclusion y la abyección, una fuerza que produce un exterior constitutivo del sujeto, un exterior abyecto que, después de todo, es 'interior' al sujeto como su próprio repudio fundacional. (BUTLER, 2008, p. 20)

As abjeções de alguns corpos e a sua correspondente não aceitação manifesta-se na

69 Entrevista realizada com Héstia, em Curitiba – PR, em 19 de maio de 2009.

70 Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008.

71 Entrevista realizada com Hera, em Balneário Camboriú, em 26 de maio de 2009.

72 Entrevista realizada com Artemis, em Curitiba – PR, em 23 de junho de 2010.

73 Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010.

vida cotidiana, e como neste momento de reflexão, a partir da espacialidade da casa. Como salientado por Butler, na sua entrevista a Prins e Meijer (1998), viver a partir de tais corpos é viver nas regiões sombrias da vida social. Nenhuma materialidade e espacialidade se apresentam acessíveis antes dos discursos, só existindo através dos discursos. Portanto, a partir das falas das travestis em relação a espacialidade da casa e ao sentimento de diferença, o que se evidencia em seus discursos é o fato de que este estranhamento ocorre desde a mais tenra idade.

Este estranhamento acontece na relação com irmãos e irmãs, estranhamento este referente ao não se sentir bem usando roupas masculinas e não realizar brincadeiras masculinas, como o jogar bola, por exemplo. De forma complementar, suas brincadeiras referem-se ao universo feminino, como as brincadeiras de meninas: “Eu brincava com as minhas irmãs, de casinha, de boneca, de pintar, de fazer comidinha, essas coisas, eu brincava com brincadeiras de menina” (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010). Uma das maneiras através das quais as crianças relacionam-se com o mundo, construindo sua auto-imagem para e perante o mundo, construindo perspectivas de seu papel futuro é através das brincadeiras e por meio de jogos, como discutido por Chateau (1987). Na proposta do autor, a brincadeira é uma ação que é guiada ao sujeito em detrimento do objeto da brincadeira. O jogo não é uma atividade em si, mas o caminho pelo qual o indivíduo se identifica com a atividade. Assim, os jogos e as brincadeiras são antecipações futuras do mundo adulto.

A espacialidade da casa é constituída, via de regra, pela intersecção de dimensões de elementos identitários das travestis relacionadas ao gênero, faixa etária e sexualidade como preponderantes, fazendo parte desta mesma constituição os elementos relacionados ao grupo de renda. Todas as travestis entrevistadas pertenciam, em sua maioria, às famílias que estavam contidas em grupos populares de baixa renda. Sendo esta dimensão identitária padrão a todas as travestis, a tensão ocorria em relação à dimensão identitária de gênero e sexualidade, tendo visto que a iniciação sexual de todas as travestis se fez, na média, através do período contido entre a infância e a adolescência. Sua existência espacial ocorria através da espacialidade da casa a partir de práticas de gênero e sexualidade que não correspondiam à linearidade entre sexo e gênero, prática sexual e desejo, culminando esta intersecção específica na sua saída de casa.

A transformação de sua posição nas relações de poder ocorre a partir da alteração da dimensão identitária relacionada à apropriação de obrigações da fase adulta. Se a partir da intersecção entre prática de gênero e sexualidades dissidentes e infância-adolescência, o resultado era a exclusão da casa, quando estas travestis tornam-se adultas<sup>74</sup>, outro elemento preponderante é adicionado a esta intersecção, ou seja, a capacidade de consumo, e seu potencial auxílio à família. Como visto nas falas acima evocadas, várias travestis têm sua posição nas relações de poder alteradas quando adquire uma capacidade de consumo, produzida pela prostituição, consumo este orientado ao auxílio familiar, resultando em uma nova configuração de relações familiares, como visto nas falas acima tratadas de Afrodite, Demeter e Tetis.

Segundo Massey (2008) as espacialidades estão em constante movimento, movimento este constituído por alterações nas inter-relações e diversidades que as constituem. Mas salientamos que, como visto pela autora, esta não é uma completa simultaneidade, mas sim constituída por imprevisíveis resultados e ausentes ligações. Quando da alteração da intersecção das dimensões entre distintas categorias identitárias do sujeito, passa-se da exclusão a aceitação, evidenciando-se uma nova configuração co-constituínte entre espacialidade da casa e interseccionalidade do sujeito travesti. Cabe salientar que quando as travestis saem de casa e adquirem um lar, permanente ou temporário, esta nova espacialidade será estruturada, não agora na relação com familiares, mas sim a partir da prática da prostituição na casa<sup>75</sup>.

Não podemos desconectar as espacialidades da casa das relações espaciais que acontecem a partir da espacialidade da escola, assim como da vizinhança, estruturadas a partir do controle do corpo exercido segundo pessoas externas à família. Assim, as espacialidades a serem discutidas em seguida referem-se à escola e a vizinhança.

---

74 Não entendemos para o grupo focal da presente tese o termo 'adulta' em relação a idade acima de 18 anos, mas a apropriação de obrigações sociais relacionadas a esta idade, que se refere a responsabilidade da sobrevivência.

75 7% das evocações relacionadas a espacialidade da casa trataram da prostituição, como tratado no gráfico 5 acima.

### *A Escola e a Vizinhança*

As características interseccionais da espacialidade da casa não se fazem desconectadas das vivências sociais possibilitadas através das espacialidades da escola e da vizinhança, a partir do grupo de travestis que fora o alvo da presente tese. Pensar a vivência travesti demanda refletir sobre o fato de que esta sexualidade dissidente, a homossexualidade, dialoga com a sexualidade tida como a normal, relacionada à heterossexualidade. Segundo Valentine (1993), o termo homossexualidade foi criado pela medicina no final do Séc. XIX. Sua apreensão relacionava-se a uma patologia, advinda de degeneração biológica, variando seu tratamento deste a castração até a psicanálise. Mesmo que atualmente a homossexualidade não seja tratada como tal, segundo a autora o estigma prevalece, tanto em espacialidades privadas quanto públicas.

De forma geral, a sexualidade é uma prática social relacionada especificamente a espacialidade do privado, o seja, a casa. Contudo, como visto por Valentine, a heterossexualidade é institucionalizada a partir da lei, a partir de impostos, de sistemas de bem-estar social, e festejada a partir de rituais públicos, como casamentos e batizados. Assim, é errôneo restringir a heterossexualidade apenas às espacialidades do privado, pois segundo a autora, a heterossexualidade é a prática sociosexual dominante na maioria das espacialidades cotidianas. Desta forma, as espacialidades da casa se conectam a espacialidades públicas, relacionadas a escola e a vizinhança.

Especificamente em relação à espacialidade da escola, Junckes e Silva (2009) apontam que esta espacialidade estrutura-se a partir de significados contraditórios. Para os autores, a partir de um conjunto de entrevistas realizadas com travestis, esta espacialidade fora rememorada como uma espacialidade marcada por sentimentos de exclusão, preconceito e sofrimento.

Como analisado pelos autores, esta espacialidade está associada a significados construídos socialmente relacionados ao acolhimento, tanto a igualdade de direitos universais, quanto ao acesso de conhecimentos. Todavia, a construção do conhecimento em relação a realidade não ocorre especificamente pela aquisição e interiorização dos conhecimentos produzidos pela humanidade em toda a sua história, pois “o espaço escolar é vivido

cotidianamente e as práticas que o conformam também se convertem em aprendizado, já que a educação ultrapassa os limites do sentido convencional do conhecimento tecnocrático” (JUNCKES e SILVA, 2009, p. 150). Como apontado nesta discussão, não podemos imaginar que o ato de participação das dinâmicas escolares esta desconectado da sua vida cotidiana externa a escola. É também segundo esta espacialidade que os alunos desenvolvem um conjunto variado de práticas sociais não relacionadas especificamente a apropriação de conhecimentos.

As sexualidades, segundo Junkes e Silva (2009), também são componentes do espaço escolar, elementos estes que têm atualmente desestabilizado as práticas docentes que há tempo não eram dinamizadas por estas questões. Prova da demanda por este caminho de discussão da escolar nacional refere-se ao 'Projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar (FIPE/MEC/INEP, 2009)'. Segundo este relatório, o espaço escolar a partir de seus mais variados grupos sociais, é constituído por atitudes, crenças e valores que apontam o preconceito como um fato na realidade brasileira.

Este relatório evidencia que as ações de preconceito e discriminação acontecem simplesmente pelo fato de algumas pessoas pertencerem a grupos sociais específicos, como grupos de moradores de áreas rurais e favelas, migrantes, portadores de necessidades especiais, e homossexuais. Em específico, este último grupo aparece como vítima de preconceito, tanto sendo alunos/as como professores/as. Os dados evidenciados neste relatório apontam que os alunos das escolas públicas tanto agem de forma preconceituosa, quanto são 'vítimas' do preconceito de outros grupos que compõe a comunidade escolar, como diretores, professores e funcionários.

Esta espacialidade é marcada pelo preconceito, especialmente entre os alunos, resultando em práticas discriminatórias, como humilhações, agressões, afetando não apenas alunos, mas também funcionários e professores. Um dado que fortalece essa afirmação é que de um conjunto de doze afirmações homofóbicas aplicadas no questionário da pesquisa acima citada a alunos, equipe pedagógica e agente educacional, as duas afirmações que predominaram em escolha foram: 'homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais' e 'não aceitação da homossexualidade'. A realidade relacionada ao nosso grupo focal em específico aponta para as mesmas direções, como visto no gráfico abaixo e nas reflexões que se seguem:

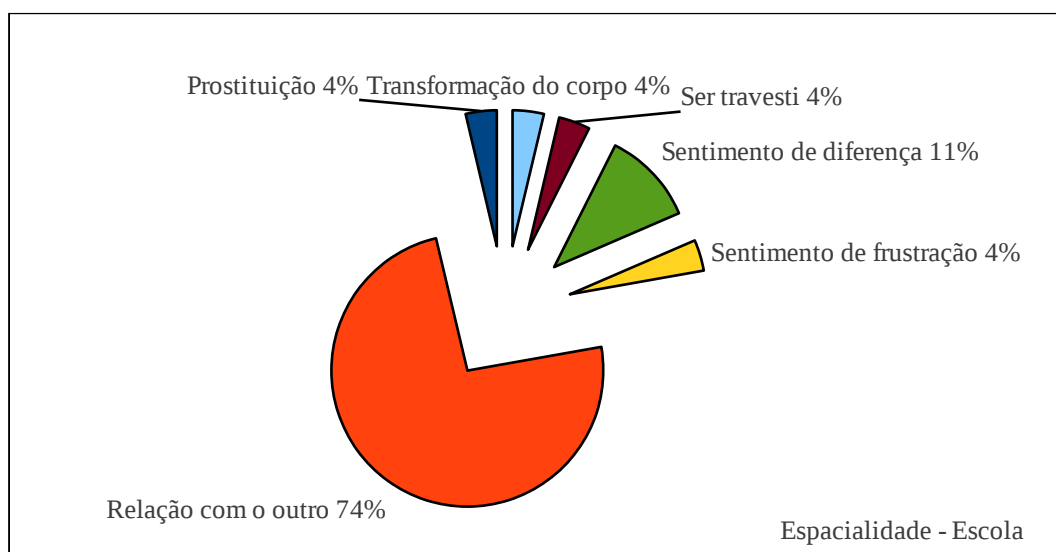


Gráfico 5. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

De 100% das evocações que tratavam da espacialidade da escolar, 74% se relacionaram a relações com o *outro*, apontando que a escolar é um local de constrangimentos para os corpos que não correspondem a heteronormatividade vigente, constrangimento este relacionado à indicação por professores que aquele corpo possui distúrbios hormonais e psicológico-psiquiátricos, e a exclusão por possuir comportamentos distintos ao estabelecido como masculinos. Outro elemento é que o preconceito vivenciado cotidianamente através do espaço escolar resulta no não desejo de continuar os estudos, como visto nas falas paradigmáticas abaixo:

*Minha mãe me levou varias vezes no psiquiatra, achava que eu tinha desvio mental, desvio de comportamento. Tanto na escola a professora achava que eu tinha desvio de comportamento. Achava que era doente, coisa horrível. As pessoas achavam que a gente era uma aberração, como acham ate hoje. Uma ignorância. E isso me deixava mais agredida. Eu fui expulsa da escola, pois meus colegas me agrediram, agrediram minha sexualidade, eu fui obrigada a pegar uma carteira e joguei em cima de três alunos, quase matei eles, do terceiro andar de uma escola pública onde eu estudava. Aí eu fui expulsa. Eu sofria muito preconceito, mas eles também me assediavam, vinte e quatro horas, falavam que eu gostava, sacudiam o pênis, falavam que eu gostava disso. Aí eles me ameaçavam de um jeito, queriam que eu transasse com eles, se não eles iam abrir o jogo pra minha família. Eu vivia abaixo de chantagem, mas acabava transando. Eu virava um escândalo no bairro que eu morava. Eu tava com uns treze anos. (Entrevista realizada com Hestia, em Curitiba - PR, em 19 de maio de 2009).*

*Na escola a coisa foi assim, Marcio, as pessoas já vão te tirando, já vão te excluindo. Os próprios diretores, professores e colegas. Porque na época da minha juventude, era aquela coisa de muito aviadado, muito afeminado. Eu tinha um professor de Educação Física do Ginásio, eu não tinha pelo no corpo, então quando eu fazia Educação Física ele achava um absurdo. Ele me censurava pelas minhas pernas não terem um pelo, serem lisas demais. (...) Aí quando eu comecei no Ginásio eu fui no Regente Feijó. Daí naquela época era misturado o científico e o ginásio. Aí eles sempre me chamavam de viadinho, de bichinha, dessas coisas. Aí os mais velhos do científico me judiavam demais. Era aquela perseguição, não podia entrar no banheiro, porque eles já queria fazer coisas absurdas com a gente já dentro do banheiro, então eu sempre me preservei muito, justamente por ser discriminada por ser a bicha da história. Então já pra não ser perseguida eu não ia no banheiro. Na sala de aula eu sempre tava isolada, sempre ou na última ou na primeira carteira, aí na hora do recreio sempre sozinha, nunca tava com meus amigos. (Entrevista realizada com Iris, em Ponta Grossa - PR, em 8 de agosto de 2008).*

*No colégio principalmente, é um espaço de sofrimento. Que ainda eu faço até agora. É como eu tava te falando mesmo, da exclusão, na Educação Física, eu ficava sempre por último, qualquer time me pegava, eu era a sobra, ninguém me queria no time, dentro da sala de aula me tavacam bolinha de papel, faziam piadinhas sem graça. (Entrevista realizada com Reia, em Campo Mourão - PR, em 19 de maio de 2009).*

*Só que eu não tive coragem pra fazer faculdade. (por preconceito?)<sup>76</sup> Eu acho que foi assim meio que por medo, puts, vou ter que enfrentar a escola de novo, preconceito e tudo mais, reviver aquilo que eu vivi na escola. Mas eu quero voltar pra escola, eu quero fazer faculdade, mas eu quero assim, quero ver se até o ano que vem eu to de volta pra escola, ou to fazendo qualquer outro curso pra eu voltar a ter as minhas rotinas de estudar e tudo mais. (Entrevista realizada com Artemis, em Campo Mourão - PR, em 23 de junho de 2010).*

Todas as evocações acima evidenciam que, como trata Welzer-Lang (2001), tanto crianças quanto adolescentes, a partir de processos de torturas psicológicas e físicas, o fazem sem se queixar, pois a partir deste processo, serão considerados pelo grupo, homens. Para o autor, aos sujeitos marcados culturalmente como masculinos, resta a reiteração de normas que são anteriores a estes, muitas vezes vividos segundo processo de exclusão. Quando as crianças deixam o 'mundo das mulheres', através da espacialidade da casa, distanciando-se da mãe e começando a frequentar outras espacialidades estruturadas a partir de outras formas de comportamentos espaciais, estes corpos atravessam uma fase na qual surgem fortes constrangimentos para viver momentos de homossexualidade, apontamento evidenciado nas

---

<sup>76</sup> Questão do entrevistador.

falas de Hestia e Iris, em relação ao assédio sexual e a chantagem a partir de colegas, que culminavam muitas vezes em uma relação sexual.

No tocante as evocações de tratavam do *Sentimento de diferença*, o demonstrado é da não adequação ao comportamento dito masculino, e a existência de relacionamentos densos com meninas ao invés de meninos, pelo fato de possuir um comportamento padrão ao das meninas, tanto em relação ao comportamento corporal, quanto da não execução de atividades voltadas ao universo masculino, como evidenciado na fala de Atena<sup>77</sup>: “mas desde criança eu já era afeminada, já não fazia educação física no colégio, já não jogava futebol no colégio, queria jogar queimada, entendeu”. Se a espacialidade da escola relacionada ao *ser travesti* aponta para uma admiração de colegas meninos em relação ao corpo feminino travesti, e a transformação do corpo produzindo estranhamento no restante da espacialidade da escola esta relacionada inicialmente ao 'tirar a sobrancelha', existe um alinhamento entre as evocações relacionadas a *prostituição* e o *sentimento de frustração*, como visto na evocação abaixo:

*Os professores não apoiavam nada, mas também não devem apoiar. Mas as crianças riam de mim, mas eu não tava nem aí. Mas eu sofria violência bastante. Tipo assim, se hoje em dia eu faço programa, 60% é porque eu não pude estudar como eu queria. Porque eu não queria fazer programa, eu queria trabalhar. Tipo assim, teve fazes na minha vida, quando mais nova, que eu tava feliz na prostituição, mas hoje eu não tô. Eu não tô feliz, eu queria ter trabalhado. Mas porque que eu não estudei, entre me preocupar em tirar notas boas, ou matar a ultima aula pra não apanhar na saída, eu matava a ultima aula. Eu não sei se eu já te contei, mas uma vez eu apanhei na frente de uma professora. Eu apanhei e a professora perguntou: porque que vocês tão batendo no (nome masculino)? Aí ele falou: porque ele é viado! E ela não falou nada. E até hoje eu fico de cara. Mas porque que ela não falou nada? Não falou: não bata nele! Ou: Deixe que seja viado! Pois graça que as pessoas tem rostos diferentes, ou várias cores. Não sei. Sei que ela ficou bem quieta e eu apanhei gostoso. Foi a primeira vez que eu chorei perto das outras crianças, primeira e última, graças a Deus. Aí eu não aguentei, chorei perto de todo mundo. Isso eu tava na oitava série, eu tinha quatorze pra quinze anos. E chorei igual criança, de soluçar. (...) Mas se pudesse voltar no tempo, se eu tivesse outras chances, eu teria aproveitado melhor. Eu queria ter estudado, ainda mais agora, teve o Fórum, que teve algumas amigas minhas que fizeram o curso técnico, o Fórum que veio o cara de Londrina, ô Márcio, e tava uma mulher que fez o curso técnico, e hoje ela é enfermeira padrão, e hoje ela dá aula. Aí nossa, fiquei até com depressão quando vi aquilo. Não invejando ela, mas era pra mim tá ali também. Não precisava ser uma pessoa que precisam daquela ajuda, podia tá ali ajudando. (...) E também veja, tem travesti que até hoje não sabe o*

<sup>77</sup> Entrevista realizada em Balneário Camboriú, em 26 de maio de 2009.

*que é botar uma prótese. Eu com dezoito e meio eu tava com prótese de silicone. Então naquela época, entre estudar e fazer a cirurgia plástica, eu preferi fazer a cirurgia plástica. Mas não me preencheu a cirurgia plástica. O que me preencheria mais seria a questão de que eu deveria ter estudado. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de setembro de 2008).*

Como visto em discussão anterior, mesmo que a partir dos movimentos sociais e da própria discussão teórica exista a necessidade da separação entre travestilidade e prostituição, o que as falas demonstram é que a grande maioria das travestis encontra na prostituição uma das únicas possibilidades de sobrevivência. Este constrangimento não nasce especificamente apenas na fase adulta para corpos travestis, mas origina-se já na espacialidade da escola. Frente a este constrangimento, estas pessoas realizam escolhas, entre o 'me preocupar em tirar notas boas, ou matar a última aula pra não apanhar na saída'. Esta escolha é considerada, como visto na fala de Hipólita, como não sendo a melhor escolha, reconhecendo o fato de que sua condição é resultado de um diálogo entre o 'constrangimento' espacial e sua possibilidade de sobrevivência frente as adversidades.

Se o sentimento de diferença computa 11% das das categorias relacionadas a espacialidade da escola, em relação à espacialidade da vizinhança, ela totaliza 67% deste total. Os outros percentuais referem-se à relação com *amigos*, com o *outro*, relação *através da vizinhança* e *relações sexuais*, como visto no gráfico abaixo:

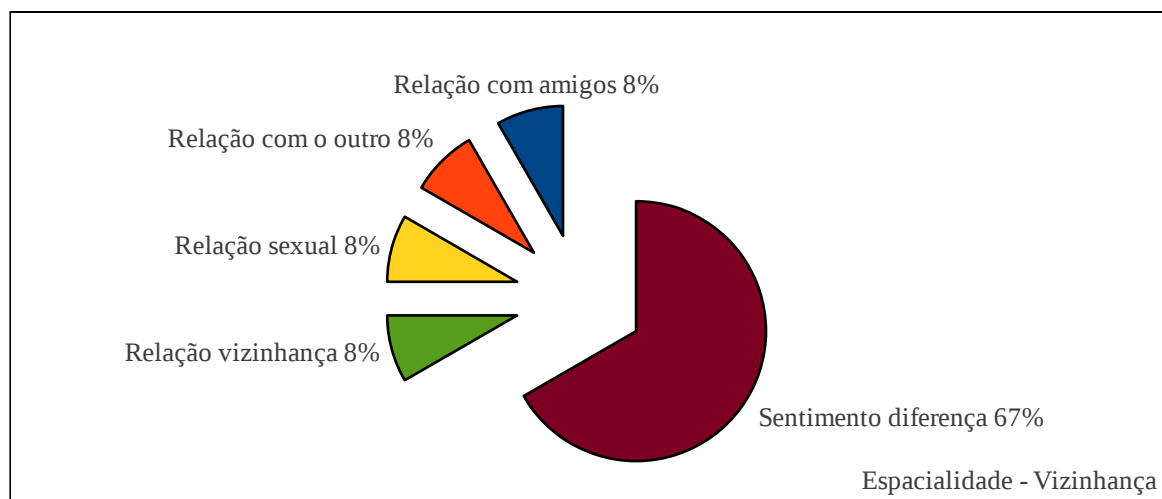


Gráfico 6. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Especificamente em relação ao *Sentimento de diferença*, as evocações apontam que as primeiras paixões ocorrem através da vizinhança, paixão esta estanhada por si e pelos pares sociais. Outro estranhamento se faz a partir das brincadeiras relacionadas a meninos e meninas e a intensidade de convivência com ambos, como discutido acima, em relação à espacialidade da casa. Entretanto, existem diferenciações no tocante a interseccionalidade identitária relacionada à espacialidade da vizinhança. O eixo interseccional variável refere-se a idade, assim como na espacialidade da casa, como visto nas falas paradigmáticas de Artemis. Outro eixo interseccional que ganha importância refere-se à descoberta e início da sexualidade a partir da vizinhança, como visto na fala de Dione:

*Isso foi desde criança, desde criança, até parece meio clichê, todo mundo fala desde criança, e coisa e tal. É assim, desde criança eu tinha a minha feminilidade, maior que a minha masculinidade, eu me sentia mais feminina do que masculina. Mas nem por isso eu deixava de brincar com os meninos, eu jogava futebol, brincava com as meninas, brincava de casinha. O que acontecia é que eu me identificava com as meninas, como sendo uma delas, ou eu querendo ser uma delas, do que com os meninos. (Entrevista realizada com Artemis, em Curitiba – PR, em 23 de junho de 2010).*

*Mas com nove anos eu já descobri minha sexualidade, que eu me achava diferente das outras, por que os meninos conversavam questões de meninas, mas eu via menino e alguma coisa em mim me transformava. Quando eu completei treze anos, esta questão do troca troca, quando chegava a minha vez eu inventava uma desculpa, tá vindo alguém, ou minha mãe tá me chamando, e eu não fazia o ativo, só o passivo. (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009)*

Como tratado por Mayol (1996), o bairro, ou mais especificamente em nossa problemática, a vizinhança, relaciona-se a uma “encenação da vida cotidiana (estabelecida a partir de)<sup>78</sup> relações entre objetos, (...) o vínculo que une o espaço privado ao espaço público” (p. 38). Segundo o autor, são através da vida cotidiana, a partir da espacialidade da vizinhança, que se articulam duas dimensões fenomenais, primeiramente os comportamentos traduzidos em roupas, códigos de cortesia, e etc. Em segundo lugar, Mayol aponta que esta espacialidade é composta, além dos comportamentos, pelos benefícios que as pessoas esperam obter por se comportar adequadamente nesta determinada espacialidade. Para o autor, a regulação que articula estes dois sistemas se refere a 'conveniência', ou seja:

<sup>78</sup> Não consta no original.

(...) representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por este 'preço a pagar' (saber 'comportar-se', ser 'conveniente'), o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível sua vida cotidiana. (MAYOL, 1996, p. 39).

Como visto na afirmação de Mayol (1996), a prática da vizinhança é desde a infância uma técnica do reconhecimento da posição de cada pessoa enquanto grupo, inscrevendo-se a vizinhança na história do sujeito. A espacialidade da vizinhança não é só apenas um local de conhecimento, mas de reconhecimento. Contudo, como evidenciado nas evocações realizadas por Dione e Artemis, o reconhecimento realizado é segundo sua diferenciação em relação aos outros comportamentos das outras pessoas que fazem parte desta realidade espacial. Tanto o 'desde criança eu tinha a minha feminilidade, maior que a minha masculinidade, eu me sentia mais feminina do que masculina (...) eu me identificava com as meninas, como sendo uma delas, ou eu querendo ser uma delas, do que com os meninos' quanto o "com nove anos eu já descobri minha sexualidade, que eu me achava diferente das outras, por que os meninos conversavam questões de meninas, mas eu via menino e alguma coisa em mim me transformava" apontam que este reconhecimento acontece segundo padrões de normalidade que são estabelecidos nestas espacialidades, diferenciando-se e estranhando-se as travestis destas normas de conveniência a partir da infância e adolescência:

*Então, olhe que engraçado, o processo não nasce da noite pro dia, tanto que quando eu brincava com os amigos meus, ficava com uns vizinhos meus assim, eu falava pra eles assim, isso eu tinha tipo uns doze anos, eu falava pra eles que quando eu crescer eu vou ser mulher, vou ter peitão assim, enfim. E eu falei realmente, e eu não sei se eles lembram isso hoje, sei que eles hoje não olham pra mim, não falam comigo, enfim, mas eu lembro que eu falei isso pra eles e tal. (Entrevista realizada com Artemis, em Curitiba – PR, em 23 de junho de 2010).*

Este auto-reconhecimento da diferença relaciona-se a vivência espacial da vizinhança,

através das brincadeiras de meninos e meninas, propiciando o ser reconhecido, como analisado por Mayol, e ser apontado com o dedo. Sendo o reconhecimento relacionado ao comportamento, isto salienta o corpo como o veículo de mensagens sociais e de controle. Desta forma, no próximo tópico estaremos refletindo sobre as espacialidades da cidade e das casas noturnas.

### *A Cidade e as Casas Noturnas*

Assim como segundo as espacialidades relacionadas a casa, a escola e a vizinhança, a espacialidade da cidade é um elemento componente da vivência cotidiana travesti. Esta espacialidade é estruturada, a partir da proposição de Valentine (1993), segundo o alinhamento da heterossexualidade como a sexualidade dominante. A heterossexualidade, a partir da interseccionalidade identitária entre sexo, gênero, prática sexual e desejo se expressa na organização da espacialidade da cidade, excluindo pessoas e grupo social que não tem práticas cotidianas correspondentes a linearidade tida como a correta. De todas as evocações produzidas pelo processo de pesquisa, 5% relacionaram-se a cidade, espacialidade esta estrutura a partir de várias categorias de evocação, como visto no gráfico abaixo:

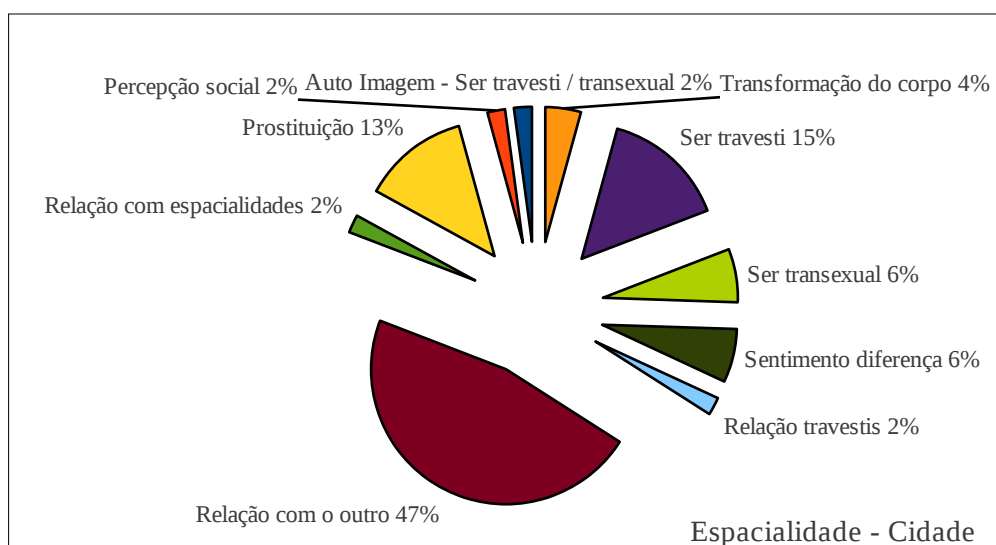


Gráfico 7. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Inicialmente, as categorias referentes à *Relação com o outro* apontam que é através da cidade que os corpos travestis são desejados. Todavia, este desejo anda ao lado do preconceito, a partir das roupas 'extravagantes' que algumas travestis dizem usar. Outros elementos evidenciados nas falas referem-se a imposição da aceitação e a indiferença para com o preconceito. Mesmo que as falas apontem um avanço no que diz respeito à diminuição da violência e ao aumento do respeito, a cidade é descrita pelas travestis que foram o grupo focal desta tese como uma espacialidade excludente. Esta exclusão é apontada no que se refere a própria vivência cotidiana, através do espaço urbano:

*(...) é mais esse negócio de ser barrada mesmo. E também, é, tipo assim, pra você entender, eu me fechei pra sociedade. Quando eu saio de dia eu saio literalmente uma vez por mês, só pra comprar o que eu quero, só pra ir nas lojas, (...) pra comprar o que eu quero, literalmente uma vez por mês, e evito horário que tenha muita gente. Eu já não desço no terminal (de ônibus). Quando eu vou trabalhar, graças a Deus, no meu horário o ônibus vai vazio, mas quando eu morava na Coronel Cláudio<sup>79</sup>, eu subia a pé pra não pegar ônibus. Ponta Grossa inteira é um espaço de sofrimento pra mim, eu não gosto. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de setembro de 2008).*

*Mas eu acho que toda parte da cidade é sofrida, você andando principalmente nas ruas mais movimentadas, rua de comércio, no centro, é onde existem mais olhares, pessoas mais conservadoras, é o olhar preconceituoso, acho que a sociedade criou uma imagem de olhar a travesti, já vê a imagem da esquina. Mas isso não quer dizer que só por que é travesti, faz programa e tá na esquina. Criaram uma imagem que vincula travesti a esquina, prostituição, a Aids. (Entrevista realizada com Reia, em Campo Mourão - PR, em 19 de maio de 2009).*

*Sempre eu via os meus relacionamentos no padrão normal, eu consigo ver ainda no padrão normal, nunca foi fora, as pessoas nunca tiveram problema de me assumir, de me aceitar, de andar comigo em qualquer espaço. É eu que tenho, eu tenho muito problema. É que ficou impregnada em mim toda esta questão de todos os preconceitos que eu já passei, que eu já vivenciei, principalmente quando eu era da rua e usava umas certas roupas e não tinha certa noção do que uma vestimenta pra dia e vestimenta pra noite, e acabava usando de dia o que era pra usar de noite, e acabei enfrentando certos preconceitos. E hoje em dia eu entro em qualquer estabelecimento e se eu percebo que alguém já me olha, eu penso que tá me olhando com olhar de preconceito. O estigma talvez não esteja nele, mas em mim. Ele pode estar me olhando e pensando: olhe, que mulherão! Daí eu fico louca comigo mesmo, que o estigma está dentro de mim mesma. (Entrevista realizada com Nix, em Florianópolis - SC, no dia 25 de maio de 2009).*

---

79 Uma das vilas de Ponta Grossa – Paraná.

A vivência cotidiana travesti através da espacialidade da cidade é construída, como visto nas falas paradigmáticas acima, segundo preconceito, tanto vivenciado na relação com outro, quanto aquele interiorizado a partir das vivências passadas, como visto em Nix. Se a fala de Hipólita demonstra um processo de ostracismo advindo de a cidade ser um espaço de sofrimento, Reia aponta que o sofrimento que estrutura as relações com a cidade refere-se aos olhares conservadores e preconceituosos advindos da sociedade. Como proposto por Mayol (1996), este vivenciar o espaço público inscreve-se em redes de sinais que são anteriores aos sujeitos. Assim, o andar de um corpo travesti pela cidade relaciona-se a um conjunto de convenções sociais que relacionam o sexo ao gênero e o gênero ao desejo, pois sair na rua é correr riscos, como salientado pelo autor.

A transgressão da conveniência relaciona-se a transgressão daqueles comportamentos que não convém, “mantém à distância, filtrando-os ou banindo-os, os sinais de comportamentos ilegíveis (...), intoleráveis (...)” (MAYOL, 1996, p. 49). Esta conveniência relaciona-se a obrigatoriedade de se permanecer submisso as regras sociais, excluindo todo comportamento que não coaduna aos jogos 'normais' de comportamento social. Assim, o corpo travesti através da cidade coloca-se enquanto um corpo abjeto, vivendo estas pessoas, como disserta Butler (2008), em zonas inabitáveis que constituem e definem o terreno dos corpos 'normais'.

Por outro lado, a cidade excludente é evidenciada nas *Relações com o outro*, a partir do acesso à habitação, apontando que as áreas segregadas estruturam-se para além de questões de não acesso à terra urbana segundo grupos de renda, mas também a partir de questões de gênero e sexualidade. Assim, um elemento evidenciado pelas travestis é o não acesso à habitação, a partir de relações de preconceito, como visto nas falas trazidas abaixo:

*A questão da violência é contra as travestis, é a questão de gênero. Porque no meu tempo, nem comprando um apartamento eu conseguiria, eu teria que morar em uma vila, numa favela, numa cafetina, isso em muitos lugares no interior ainda existe. Tu vai aqui em Arroio dos Ratos - RS, onde as travestis moram, moram em becos, moram em favelas, é a Grande Porto Alegre, aqui do lado. É 80 km de Porto Alegre, acho que nem isso, e tem em Guaíba - RS, as bichinhas moram tudo em periferia, não tem nenhuma travesti que more no centro, que tenha casa própria, tem poucas travestis. Mesmo que tenha dinheiro não consegue compra por causa do preconceito. Em Pelotas - RS que é uma cidade grande, a maioria das travestis moram*

*em guetos, e a gente vê isso aqui no interior. As travestis não conseguem entrar no programa Minha Casa Minha Vida. Essa é uma que não consegue entrar no programa Minha Casa Minha Vida (apontou para outra travesti que estava na Ong) Ela não consegue entrar pela questão família. Que daí entra em uma coisa que se chama Assistência Social, aí passa pela Assistência Social, e a assistente social avalia aquilo, ela pergunta cadê teu marido, cadê teus filhos, cadê aquilo? Travesti não tem. Ela não tem companheiro, ou hoje ela tem companheiro e amanhã ela não tem. Então não entra com renda fixa, não entra como família. Essa também é uma preocupação muito grande. E também a gente tá preocupado a nível nacional e a nível local. (Entrevista realizada com Eris<sup>80</sup>, em Porto Alegre – RS, em 21 de dezembro de 2010).*

As categorias relacionadas ao *Ser travesti* somadas ao *Ser transsexual* colocam-se como categorias em segundo lugar na intensidade de falas, quando tratadas da espacialidade da cidade. Da mesma forma que em relação às evocações com *Espacialidade não evidente*, as falas evidenciam um *continuun* entre negação e complementação entre o ser travesti e ser transsexual. As falas apontam que ser travesti é apropriar-se de um conjunto de elemento do universo feminino, como roupas, adereços e comportamento, uma apropriação que é carregada enquanto uma marca nos corpos das travestis durante todo o tempo, mas também a não existência da operação, como visto nas falas abaixo relacionadas à Atena, Hecate, Erínia e Hipólita:

*Mas ser travesti é ser assim vinte quatro horas por dia. Eu durmo assim, eu acordo assim. Tirar os pelos do corpo, tirar os pelos do peito, se hormonizar, ser uma travesti digna, pensar no futuro, pensar na velhice, depois do trinta tudo muda, tá entendendo? O corpo que você tem com vinte e dois não é o mesmo que você vai ter com trinta. (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú - SC, em 26 de maio de 2009).*

*Na realidade, ser travesti é o seguinte: tu nasce um homem, na realidade, que no papel a gente é um homem, no documento oficial. Então o que que acontece? Aquele aspecto de homem não é teu, por que você não é um homem, vamos dizer assim, internamente, entendeu. Você não sente vontade de comprar uma cueca, você sente vontade de comprar uma calcinha, você não sente vontade de comprar um sapato, você sente vontade de comprar um salto. Aí teu irmão vai lá e corta o cabelo bem batidinho, aí tu já pensa: eu não vou fazer isso, eu vou deixar crescer. Buscando tudo um aspecto, e*

---

80 Da mesma forma que em relação às travestis, para proteger nossas fontes relacionadas as Ongs, optamos em utilizar nomes que reportam as figuras contidas na Mitologia Grega e Romana. Assim, o nome Eris (ONG – Porto Alegre – RS) refere-se a deusa da discórdia. (Fonte: HACQUARD, Georges. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Lisboa: Edições ASA, 1996.)

*pra tudo isso vai também do gênero. Mas que gênero? Você quer ser aquele gênero que se faz apenas de noite, ou aquele que quer ser vinte e quatro horas. Eu nunca gostei deste gênero que se faz apenas de noite. Aquele que oco<sup>81</sup> (homem) durante o dia e amapô<sup>82</sup> (mulher) durante a noite. Tem que ser mona<sup>83</sup> (mulher integral) vinte e quatro horas, ser mulher vinte e quatro horas. Por que o transformista vem do transformar, por tem gente que fala: o travesti vem do travestir, do se vestir na realidade! Mas o palhaço se traveste também! Não é verdade? E uma travesti não é um palhaço! Por que o palhaço se transveste em alguns momentos, a gente é, se é pra falar transvestir, a gente é transvestida vinte e quatro horas, a gente acorda transvestida. Então pra mim ser travesti é ser mulher vinte e quatro horas. Não ser, mas buscar ser mulher vinte e quatro horas. Não que a gente vá alcançar a perfeição, por que muitas vezes não alcança, mas tenta pelo menos. A busca sempre existe. (Entrevista realizada com Hecate, em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009).*

*Olhe, Marcio, eu vou te responder o que é ser travesti. Ser travesti é uma barra, sabia? É matar um leão a cada dia. Hoje nem tanto, mas quando eu cai sim. Tanto que eu levei tiro, levei facada, era drogada, alcoólatra, então tudo isso influencia. E a maior dificuldade da gente é enfrentar a sociedade, pintar, se maquiar, se vestir de mulher, pra sair de dia, entendeu? Pra pegar e enfrentar a sociedade. E travesti é ser eu, vestida de mulher, botou silicone, transformou o corpo, né? Passou por várias dificuldades, eu que vou fazer já vinte e oito anos que sou travesti. Então isso é ser travesti. Ser mulher vinte e quatro horas, e passar pelas dificuldades. Que eu acho que se vestir de mulher é o de menos, pra fechar o nosso ego. É aguentar o preconceito, a maior parte que a travesti sente é a discriminação, a falta de oportunidade de trabalho, ter que cair na prostituição, né? (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

*Tipo assim, eu me sinto uma transsexual, só que eu não sou uma transsexual aos olhos clínicos. Então eu sou uma travesti<sup>84</sup>. Mas porque que eu me sinto uma transsexual, porque pra mim eu sou uma mulher normal. Eu não me vejo em nenhum momento como um homem que se veste de mulher, ou um homem que modificou o corpo. Não! Eu penso que sou uma mulher e que moldei meu corpo pela minha personalidade. E porque eu eu não sou uma transsexual, porque me operar eu não quero me operar. (...) Então nem eu sei o que eu sou, mas uma coisa eu sei, homem eu não sou, eu não me sinto homem. E homossexual eu também não sou, não me sinto um gay, como um homem que gosta de outro homem. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de setembro de 2008).*

Quando as categorias tratam da relação entre cidade e prostituição, elas evidenciam a separação entre áreas de prostituição, da mesma forma afirmando que do total de travestis que são conhecidas, quase 100% retiram seu sustento exclusivamente da atividade da prostituição.

81 A palavra 'oco' advém da linguagem denominada pajubá, que designa homem.

82 A palavra 'amapô' advém da linguagem denominada pajubá, que designa mulher.

83 A palavra 'mona' advém da linguagem denominada pajubá, que designa mulher integral.

84 Grifo nosso.

Esta ligação entre travesti e prostituição é evidenciada, segundo as falas das travestis, devido ao pequeno range de possibilidades de sobrevivência que existem para grupo, como proposto acima por Erinia. Outros elementos levantados nas evocações relacionam-se a exposição do corpo travesti através da relação entre cidade e prostituição, e o começo não intencional na prostituição, nascido do acaso através do caminhar pela cidade, atraindo o desejo dos homens.

Para as categorias de tratavam do *Sentimento de diferença*, as orientações de discurso apontam tanto para a diferença entre as travestis quanto em relação a outras pessoas através da cidade. Sobre as categorias referentes a *Percepção social* e *Relação com Espacialidades*, o que evidencia-se é a clareza de leitura espacial, e de sua localização na configuração da cidade, como visto na fala de Pitia:

*Então o significado para mim é o aprendizado, porque tu vê coisas assim que se eu fosse uma pessoa normal<sup>85</sup> eu não saberia se isso existia, este outro mundo, que a sociedade sabe que tem, mas fecha os olhos, dorme no seu travesseiro de pena de ganço e acha que o mundo dele é outro. Que dentro da cidade existem outros mundos, que a pessoa sabe que existe, mas não sabe como funciona. Eu sei como que funciona e eu vivo em um deles. (Entrevista realizada com Pitia, Porto Alegre - RS, no dia 21 de dezembro de 2010).*

A fala de Pitia, além de demonstrar consciência de sua condição e posição no mundo - se eu fosse uma pessoa normal - aponta para o fato de que o grupo, a partir do exemplo acima exposto, estabelece leituras dos sistemas de significado do espaço urbano. Como visto por Duncan (1990), problematizar a cultura é pensá-la enquanto um conjunto de significados. Nesta perspectiva, o autor refletindo sobre a proposição de Williams (1982), afirma que a cultura é um sistema de significantes, a partir da qual as organizações sociais são exploradas, comunicadas, reproduzidas e experienciadas. O discurso que Pitia evocado define-se enquanto uma estrutura de inteligibilidade social relacionada ao “eu não saberia se isso existia, este outro mundo”. Mas além de saber a existência deste outro mundo, esta travesti afirma diferentemente do restante da sociedade, que sabe de seu funcionamento, pois vivencia um deles cotidianamente. Assim como Duncan (1990), Pitia reconhece que a cidade é formada por um conjunto ordenado de objetos e da mesma forma como um texto. Todavia, esta

---

85 Grifo nosso.

espacialidade não é formada por apenas um texto, mas sim por vários textos, que se sobrepõe, ou como na evocação da travesti Pitia, “dentro da cidade existem outros mundos, que a pessoa sabe que existe, mas não sabe como funciona. Eu sei como que funciona e eu vivo em um deles”, conhecendo a inteligibilidade de um especificamente.

Da mesma forma que em relação à cidade, as espacialidades relacionadas a *Casas Noturnas* constituem-se a partir de uma dimensão de exclusão, mas também segundo o paradoxo desta em relação a aceitação. Para as categorias que estiveram orientadas a espacialidade das *Casas Noturnas*, estas se estruturaram a partir de elementos como *Relação com o outro*, *Prostituição* e *Possibilidade de relacionamentos homoafetivos*. No tocante a relação com o outro, as falas apontam boa recepção em espacialidades homoeróticas, alimentando o próprio desejo de transformação, mas também, quando estas espacialidades não estavam relacionadas ao homoerotismo, a proibição de acesso. Outra direção aponta que as casas noturnas são o começo para algumas travestis na vida da prostituição. E finalmente, quanto estas falas tratam da espacialidade das casas noturnas como uma possibilidade de relacionamentos homoafetivos, estas existem em potencial em casas noturnas LGBT. É a partir destas espacialidades que relacionamentos homoeróticos temporários podem acontecer, como visto na fala de Selene:

*(...) nos finais de semana elas vem (para Sapiranga – RS) em busca de relações afetivas, como a gente chama, elas vem pra escolher os bofezinhas, vamos dizer, pra quem elas vão dar de graça digamos assim, aí elas vem pra cá. Porque nos bailes aqui, principalmente este Star, elas entram como mulher, basta ter uma peruca na cabeça que elas entram como mulher, e os meninos chegam encima agarrando, beijando, elas vem fazer o vício, elas querem ser desejadas como uma mulher qualquer, mesmo que seja com a peruquinha na cabeça, que as vezes a gente vê cada dragão, mas enfim. Mas tem muitos que já beberam tanto que não tão vendo o que tá na frente, então vai qualquer uma. Então pra elas, o ganho maior, a vitória maior, até pra elas se afirmarem perante as outras é ser beijada por um rapaz desses, ali, em público, tendo outras pessoas por perto, outras mulheres por perto, os amigos dele, enfim, e mesmo que depois ele descubra, mas ela conseguiu pegar ele, e essa é a grande vitória dela. Então aqui é um cenário para este tipo de coisa, este bar que eu te falei, o Star, é um cenário para isso. (Entrevista realizada com Selene, em Sapiranga - RS, no dia 20 de dezembro de 2010).*

As memórias que foram resgatadas pelo grupo focal da presente tese, relacionadas às espacialidades da *casa*, da *escola* e a *vizinhança*, da *cidade* e das *casas noturnas* constituem-se, na maioria das vezes, por situações de exclusão que constituem as identidades interseccionais do grupo de travestis, relacionadas a interdições espaciais por possuírem comportamentos de gênero e sexualidades dissidentes. Como visto por Pollak (1992), o substrato *a priori* de análise, na relação entre memória, identidade interseccional e espacialidade, refere-se ao fato de que a memória é um fenômeno individual e íntimo da pessoa. Mas, além disso, construído através dos grupos sociais, um fenômeno social, que é elaborado coletivamente. Como proposto pelo autor:

Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. (...) no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente - houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala. (POLLAK, 1992, p. 2).

Além destes elementos, o autor aponta que existem três tipos de acontecimentos que fazem parte das pessoas ou grupos sociais, a saber, aqueles que são vividos pessoalmente, aqueles que são vividos indiretamente - ou como nas palavras do autor, por tabela, e finalmente, aqueles que são de certa forma herdados. Evidenciamos a existência dos três elementos que fazem parte da memória do grupo das travestis envolvidas com a atividade da prostituição no Sul do Brasil. Primeiramente, todas as espacialidades acima tratadas foram vividas pelas travestis que cederam suas histórias de vida a presente tese.

Além de terem sido vividas por cada pessoa, os acontecimentos que são vividos por uma pessoa, quando socializados a partir das espacialidades de convívio, passam a ser vividas

'por tabela' por todas as pessoas envolvidas nas trocas sociais cotidianas, ou como proposto pelo autor, “(...) são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 2). Permanecendo nas proposições do autor, quando os acontecimentos que foram vividos tanto individualmente, quanto 'por tabela', juntam-se as vivências cotidianas, agora estabelecida através da espaço-temporalidade do grupo de travestis que sobrevivem da prostituição, através da socialização tanto política quanto histórica, ocorre “um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (*Id.*, p. 2).

Pensando que os fatos que foram resgatados pelas memórias colocam-se enquanto elementos identitários interseccionados, todas as três dimensões de memórias vividas pelo grupo constitui intersecções identitárias a partir de dimensões que se entrecruzam. As narrativas que foram levantadas individualmente a partir das entrevistas extrapolam a constituição do grupo mais amplo, que é apropriada por cada pessoa. Desta forma, a interseccionalidade produzida por estas relações refere-se ao cruzamento de experiências temporais e espaciais do grupo investigado. Estes espaços memórias relacionados a casa, a escola e a vizinhança, a cidade e as casas noturnas colocam-se como espacialidades interditadas a vivência travesti, interdições estas que são elementos da constituição das identidades travestis.

As intertextualidades relacionadas aos vários textos que compõe a vivência cotidiana travesti, ao longo de suas vidas, refere-se ao que Silva (2009e) denomina como 'produção do espaço interdito'. Assim, as espacialidades estruturam-se tanto a partir do que lhe é visível quanto daquilo que se coloca como invisível. O que as entrevistas evidenciam é que todas estas espacialidades se colocam, via de regra para o grupo focal, enquanto espacialidades interditas, se reproduzindo cotidianamente através das existências travestis, pois como proposto pela autora, “as travestis são culpabilizadas pela sua própria exclusão (...), e o espaço se institui como um dos elementos mais eficazes da construção das táticas polimorfos de poder, (...) que garantem a manutenção das normas compulsórias de gênero” (SILVA, 2009e, p. 149).

De forma paradoxal, são estas mesmas experiências temporais e espaciais que produzem um questionamento e uma desestabilização da organização binária do ocidente, a

partir da heteronormatividade. As existências das travestis envolvidas com a atividade da prostituição no Sul do Brasil são atravessadas por espaços interditados e várias espacialidades relacionadas a prostituição, locais de exclusão e de acolhida, em processos contraditórios e complementares. Assim, nosso próximo tópico refere-se a discussão sobre as espacialidades da *Casa de Cafetina e a Boate* e a *Espacialidade de Outros Países*, relacionadas a prostituição, concluindo este capítulo com uma reflexão sobre os territórios intra-urbanos da prostituição travesti como centralidade de sua identidade adulta.

### *A Casa de Cafetina e a Boate*

As espacialidades que dizem respeito à *Casa de cafetina* e a *Boate* são compositoras de táticas de sobrevivência das pessoas que foram o grupo focal da presente tese. Como visto no quadro um acima, é de 14,7 anos a média de idade em que as travestis<sup>86</sup> saem de casa. O complemento desta informação quantitativa se relaciona a qualificação destas relações, como discutido acima em relação a espacialidade da casa: “(...) com 14 anos eu vim para Curitiba, porque meu pai me expulsou de casa” (Entrevista realizada com Demeter, em Curitiba – PR, em 30 de julho de 2008); “(...) eu tentei assumir perante minha família, meu pai, meus irmãos, e eu fui escoraçada de casa” (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010); “(...) quando minha mãe me viu com esta transformação de peito, com silicone na cara, a minha mãe levou um susto e falou: não, aqui em casa você não entra” (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009); “(...) meu padrasto me botou pra fora de casa. Daí eu saí e simplesmente eu disse que vou ter que ir para Porto Alegre, não tenho pra onde ir, daí eu cheguei em Porto Alegre e caí na prostituição” (Entrevista realizada com Eos, em Sapiranga - RS, em 20 de dezembro de 2010).

Do total de evocações que foram produzidas através das entrevistas, as espacialidades relacionadas à *Casa de cafetina* e *Boate* computaram 2% e 1%, respectivamente, demonstrando que estas duas espacialidades alocam-se como duas estratégias de sobrevivência, frente a todos os processos de exclusão e interdição vivenciados pelas travestis

---

<sup>86</sup> Esta média não computa 4 travestis que vivem com seus familiares e 2 que fora possível obter esta informação.

ao longo de suas vidas. Assim vejamos as informações contidas nos gráficos abaixo:

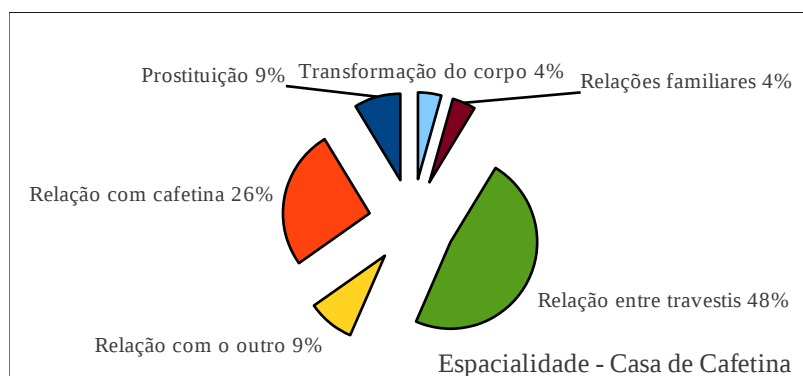


Gráfico 8. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

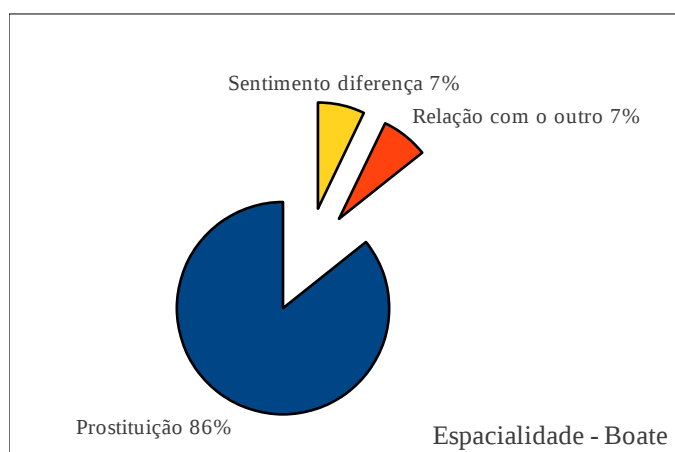


Gráfico 9. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Em relação à espacialidade relacionada à *Casa de cafetina*, quando as categorias tratavam primeiramente das *Relações entre travestis*, estas estruturaram-se a partir das direções relacionadas a ausência de conflito na atualidade, a constituição da centralidade nas relações de poder, a partir da visualização da cafetina como a mãe das travestis, a existência e o controle de conflitos a partir da centralidade das cafetinas, a felicidade no reconhecimento do pertencimento junto ao grupo de travestis, a diminuição da existência de conflitos entre as travestis segundo o passado e atualmente, ao lado da solidariedade entre as travestis, mas também a responsabilidade das cafetinas em relação ao pagamento das despesas das casas.

Estas orientações se evidenciam nas falas paradigmáticas abaixo:

*(Eu estava vindo para cá e vou fazer uma pergunta antes de prosseguir na conversa, aqui só ficam travestis, ou ficam travestis, transexuais, etc.?) Aqui as travestis são 90%. (uma travesti entrou na sala e falou: mãe, quer alguma coisa? e você Márcio? Uma água, um café?) (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).*

*Aqui em casa eu não aceito de forma nenhuma de ficarem brigando. Eu falo que briga é coisa de homem, homem que gosta de ficar brigando. Se quiser ficar brigando, tire a saia, coloque uma calça e vá procurar um ringue. Mas conflitos tem como tem em qualquer lugar. Se você for em um hotel, onde mora 2 ou 3, vai existir conflito entre eles, isso existe em qualquer lugar. É difícil conviver no mesmo espaço. Só que de 1 a 10, aqui é 9,5 porque elas conseguem viver esta harmonia. As vezes acontece um conflito aqui, um conflito ali, mas a gente sempre consegue contornar. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).*

*Em relação á felicidade, eu morei no Rio de Janeiro em um prédio que só morava travesti, lá na rua Taylor, nº 31, lá era maravilhoso, todo mundo se dava bem, ninguém brigava, morava só travesti, desde o primeiro andar até o topo. Lá tinha todo tipo de travesti, travesti europeia, isso pela década de 1980. Depois eu fui morar no Botafogo, no Edifício Rajá, só morava travesti também (...) (Entrevista realizada com Hestia, em Curitiba - PR, em 19 de maio de 2009).*

*Pelo menos no meu tempo era assim. Agora evoluíram bastante assim. Como tem a casa da Afrodite, a Star lá em Curitiba, que as meninas são muito bem atendidas, tem seus quartos e tudo. Antigamente a gente ficava três quatro travestis em beliche tudo num mesmo quarto. Deus o livre, e quando se agarravam no pau, não tinha como, sabe. Chegava uma, chegava outra, Deus me livre. Às vezes com caco de vidro, com canivete no pescoço, a gente se acordava. Mas houveram modificações da cafetinagem. Agora tá mais evoluído, as cafetinas estão agora mais humanas, e antigamente elas eram muito carrascas e tudo. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

No tocante a *Relação com a cafetina*, as evocações trataram do benefício financeiro de possuir uma casa, uma pensão para as travestis, mas também a consciência de sua centralidade nas relações de poder. De forma paradoxal ao estabelecido acima na fala de Erinia, o funcionamento de casas de cafetinas são estruturados a partir da exploração e a partir de relações de violência. Todavia, existe o consenso de que a 'cafetinagem' é um mal necessário ao grupo:

*Aí eu passei a morar em casa de cafetina. Lembro que na geladeira era pregada com cadeado, fogão era lacrado, armário era com corrente, se você quisesse beber uma água você tinha que pagar, se você quisesse comer fora do horário você tinha que pagar, pra sair de dia você tinha que pagar, ela tinha um quarto que ela tinha de tudo, meia fina que você precisava comprar. Então você tinha que viver em função da casa. Então ela vendia, sandália, vendia roupa, vendia meia fina, e aí tudo você comprava ali. Então você nunca saía dali por que você sempre tava devendo alguma coisa ali. Ou você fugia, ou ficava escrava dependendo dela. (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).*

*Essa que eu morei lá em Caxias do Sul era uma cafetina. Mas o cotidiano era horrível, horrível, porque era uma casa, um mausoléu velho, antigo. O nome da cafetina era Santa Maria. Tinha um cabelão aqui embaixo, vermelho, uma veia baixinha. Era uma mulher já idosa. Chegava as travestis drogadas de madrugada, ela pegava um revólver de cabo branco e dava de coronhada na cabeça das travestis. Ela era bandidona. E as travestis também tudo brigando, chegavam de madrugada tudo chapada, tudo brigando, as mais velhas brigando com as mais novas, era muito ferver. Era muito ferver, era horrível, horrível, horrível. Mas de cafetina eu só morei nessa, uma casa que tinha trinta travestis. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

Para as evocações que trataram da *Casa de cafetina*, a partir das *Relações com o outro* e a *Prostituição*, o que se evidencia é tanto uma busca pela prostituição quanto uma conexão entre a prostituição de rua e a prostituição por anúncios. Uma das evocações realizadas por Eos demonstra que quando ela era ainda menor de idade, conhecia algumas travestis que viviam da prostituição. Ela relatou que estas travestis haviam fornecido o número do telefone e o endereço de uma 'agência' em Porto Alegre - RS, como ela denominara: “Daí eu liguei, isso com dezessete anos, daí ela falou (a proprietária da 'agência') que eu tinha que esperar meus dezoito anos pra mim ir. Daí eu fiquei com aquilo” (Entrevista realizada com Eos, em Sapiranga - RS, em 20 de dezembro de 2010). Outra direção de fala tratou da conexão entre a *Casa de cafetina* e a *Prostituição* por anúncio, como visto na fala de Hipólita:

*Que na última vez que eu fiquei na casa da Afrodite eu fiquei só por anúncio, anúncio em jornal, aí os caras ligam pra você e você vai. Porque é assim que elas trabalham na Europa. Aí lá eu fiquei na Afrodite, porque é um prédio imenso, aí tem muito quarto. Então lá trabalham tanto na rua quanto por anúncio. Sei que quando eu tava lá eu dava a minha diária mais*

*dez reais pelo quarto. Eu atendi oito caras, eu dei oitenta reais pra ela. Mas também ganhei muito mais com isso, mas eu levava no quarto. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de setembro de 2008).*

Na relação entre *Casa de cafetina* e *Relação com o outro*, as falas estruturam-se a partir de péssimas condições de vida e de insalubridade. Finalmente, para as categorias referentes a *Relações familiares* e a *Apropriação de tecnologias de transformação do corpo* das travestis, se em relação ao primeiro termo, o que temos é a existência de relações, através da espacialidade da casa de cafetina, seguindo padrões familiares, com a obrigação dos afazeres domésticos relacionados àquelas que não 'trazem o dinheiro para casa', em relação ao segundo termo, a fala de Erinia aponta que algumas travestis, conhecendo o ofício da colocação de silicone nos corpos das travestis, possuiriam a prática de ensinar este ofício a uma travesti que seria a aprendiz desta atividade.

Através da espacialidade da *Casa de cafetina*, as categorias relacionadas à prostituição totalizaram 9% desta atividade, sendo esta possibilidade ligada em sua grande maioria a uma atividade de aluguel de quartos, a partir do pagamento diário. Em relação à espacialidade da *Boate*, a *Prostituição* totaliza 86%. As falas que tiveram esta direção foram estabelecidas a partir dos elementos relacionados ao cárcere privado, a diferença de comportamento dos clientes através do grupo de amigos, o início da prostituição em boates, a prostituição como escolha constrangida, a prostituição por contato entre boates localizadas em várias cidades, a transformação da prostituição, a prostituição travesti através das boates como *glamour*, e finalmente, a ampliação de possibilidades espaciais a partir de viagens pelo Brasil através da prostituição em boates. Estas direções são demonstradas nas falas paradigmáticas abaixo:

*Aí com 18 anos que eu fui conhecer a primeira travesti da minha vida, pois até então eu me achava a única na Terra. E foi bem nessa época que deu o bum da Aids. A primeira travesti foi a Kate, lá de Guaratuba - PR, mas ela já é morta há muitos anos. Aí com esse bum da Aids, a minha vida já era oprimida, se tornou mais ainda, porque pela minha falta de experiência, pela minha falta de conhecimento, o dono da casa me explorava completamente, porque ele contava uma história para mim, que o governo tinha dado uma ordem, de que todas as travestis, gay, tudo, tinha que ser isolado em um lugar separado. E eu pela minha ignorância, eu acreditava naquilo. E ele se fazia de bondoso: "fique tranquila, eu não vou te entregar,*

*você me ajude aqui, eu não posso te pagar, mas você fica aqui fazendo serviço pra mim, fica escondida aqui e ninguém vai ficar sabendo". Mas era tudo mentira, era uma total exploração, era uma quase escravidão. E assim eu fiquei quase dois anos, quando a Kate me avisou, eu tinha quase 18 anos. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).*

*Cidade pequena é mais bar, não é na rua que elas ficam, cidade grande já é na rua, Rio de Janeiro, São Paulo, imagine, elas ficam na rua. Agora cidade pequena é tudo barzinho. Conhece Irati? Eu trabalhei lá em Irati lá perto daquela santa, em um barzinho. Por que eu acho que o bar é o começo pra você cair pra rua. Por que no bar você tem mais segurança, um pouco. Por que nenhuma vai cair na rua de vereda. Nenhuma vai cair na rua direto. Eu não iria cair na rua direto, eu comecei num bar. Eu comecei em um bar em Ponta Grossa, no Gaiola. (Entrevista realizada com Demeter, em Curitiba – PR, em 30 de julho de 2008).*

*Aí com 15 pra 16 eu já tava fazendo salão, batalhando, fazendo ponto. E era difícil, porque na época não era tão divulgado as travestis, então eu tinha que trabalhar como mulher, não fazia programa, só bebia, eu acompanhava para beber no salão, mas não fazia programa. Ai quando o cliente sabia, aí eu ia para quarto com o cliente e fazia dinheiro, mas o meu trabalho era fazer a limpeza e ser acompanhante no salão. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).*

*Mas quem eu falo Marcio, hoje não é mais isso. Esse glamour se perdeu. De primeiro, quando eu comecei em boate, eu e a Iris, nossa, pra entrar no salão, nós eramos de vestidos de paetês. Vestidos de paetês, saltos, quizarinas, tudo, bem feito, maquiada, bem arrumada. Agora não, antes era glamour, brilho, agora isso passou tudo. Agora virou mesmo só pra ganhar dinheiro. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

*Primeiro eu trabalhei na Status, depois Gaiola, daí a Stilus, o Batacã, o Le Bateau, o último foi o Le Bateau, que eu cheguei a inaugurar. Eu também viajei o Brasil inteiro com o Balé da Pâmela. Mas aqui em Ponta Grossa foi o Le Bateau. Depois eu fui pra rua, daí depois de tudo isso de rua que eu conheci a Pâmela, voltei pra boate, conheci a Pâmela pra lá do Savanas, onde é um depósito hoje, mas naquela época era uma boate. Que era da Clarisse. Então ali que eu conheci a Pâmela, que eu comecei a dançar no Bale da Pâmela, que eu viajei o Brasil todo. Mas antes disso eu já tinha trabalhado em Santos, em 82 quando eu fui Miss, que daí eu fiquei mais adulta, que eu comecei a viver mesmo, que eu fui conhecer Santos, conheci Brasília, tudo já em boate. (Entrevista realizada com Iris, em Ponta Grossa, em 8 de agosto de 2008).*

A existência travesti, ao longo do desenrolar da vida, é atravessada por espaços interditados e por espacialidades relacionadas direta ou indiretamente à prostituição, como *Casas de cafetinas* e as *Boates*. O paradoxo de suas existências relaciona-se a processos de

exclusão e de acolhida, a partir de formas contraditórias e complementares. As ações sociais de interdição espacial proporcionam, complementarmente, o fortalecimento de espacialidades e atividades relacionadas à prostituição. Assim, exclusão e inclusão não se colocam como oposicionais. Ao contrário, complementam-se compondo espacialidades travestis multidimensionais. Buscamos desta forma compreender no próximo tópico mais uma de suas dimensões, ou seja, as relações entre vivência travesti e a espacialidade de outros países, que foram propiciadas a partir das atividades da prostituição.

### *A Espacialidade de Outros Países*

Através do conjunto de entrevistas realizadas com travestis que vivem da prostituição, tanto aquelas que batalham no Brasil como as que batalhavam no momento da entrevista na Espanha, as formas de agrupamento de evocações aconteceram respeitando estas realidades, como demonstrado nos gráficos abaixo, totalizando 1% e 2% do total de evocações, respectivamente:

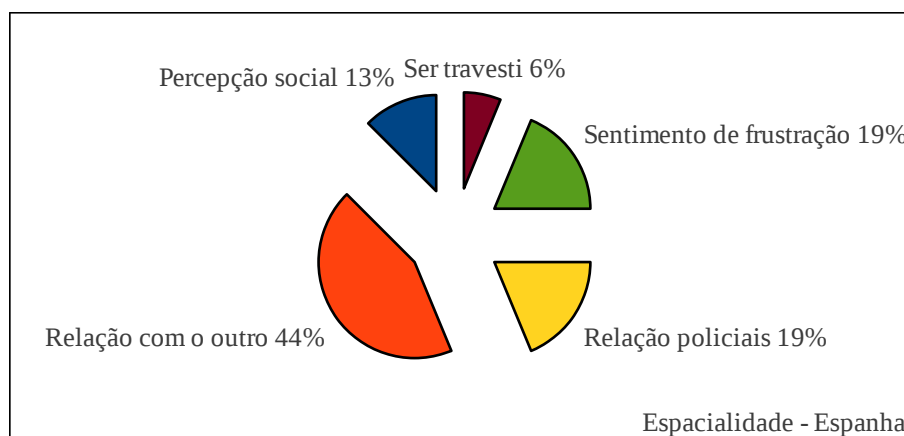


Gráfico 10. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

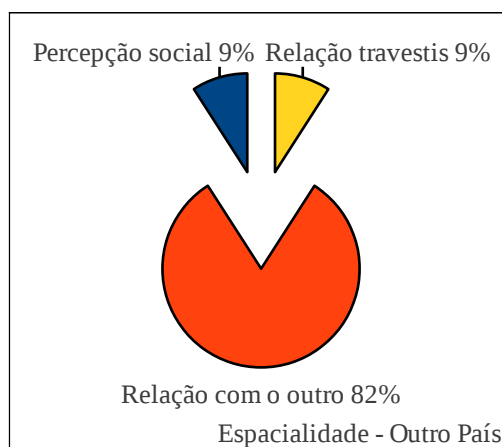


Gráfico 11. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

A lógica da busca travesti de espacialidades cada vez mais amplas refere-se tanto a uma circulação entre municípios brasileiros, como relacionada ao ir para fora do Brasil. Quando estas travestis entram em um circuito transnacional, especificamente relacionado a Espanha, na *Relação com o outro*, os elementos das evocações referem-se a uma intensidade do preconceito a partir do referencial vivido no Brasil, e a diferença de comportamento cotidiano entre as pessoas sul-americanas e espanholas. Todavia, o *glamour* de ser uma travesti europeia, via de regra citado nas entrevistas, é desconstruído pelas próprias falas de travestis que vivem na Europa. As dificuldades apontadas relacionam-se a sobrevivência, o ser clandestina na Europa e o preconceito relacionado à nacionalidade. Apenas uma das evocações resgata a felicidade de adaptação na Europa, fugindo do quadro demonstrado acima:

*Acho que é não ter documentos e ter que viver meio escondida. (...) Aqui é pior ser brasileiro. Aqui eles não tão nem aí contigo sabe. (Entrevista realizada com Némesis, em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008).*

*Agora, como brasileira, às vezes quando notam sua fala, depende da região que você vai, tem um pouco mais de preconceito. Eu me sinto mais à vontade na parte sul da Espanha, no litoral. As pessoas são mais alegres e amigáveis. Aqui em Madri as pessoas são mais frias, complicam sua vida até para te dar uma informação e em Barcelona é ainda pior. (Entrevista realizada com Febe, em Madri – Espanha, em 16 de setembro de 2008).*

*Olha, aqui até agora eu não tive uma experiência feliz. Porque eu tô longe da minha família e aqui você tem que trabalhar o tempo todo. Tem que*

*trabalhar bastante pra conseguir dinheiro. Aqui é muito difícil. A gente não pode nem mesmo alugar um apartamento. Aqui por exemplo, é pago por dia. Todo dia tenho que pagar. O dono do hostel (espécie de pensão que não tem banheiro no quarto) me empadronou (quando a prefeitura fornece um documento declarando que sabe da existência da pessoa no país. Entretanto, este documento não se relaciona ao visto de permanência), me deu o documento. E eu uso aqui pra morar mesmo porque programa eu faço em outro hotel. (Entrevista realizada com Estige, em Madri – Barcelona, em 14 de maio de 2008).*

Segundo a proposição realizada por Crenshaw (1994), os elementos identitários relacionados ao gênero, classe social, faixa etária, sexualidade e nacionalidade interferem-se mutuamente, e a partir de nossa problemática, interseccionando-se a partir de espacialidades externas ao Brasil. Como tratado por Estige, devido ao fato do grupo relacionar-se a pessoas com baixo poder aquisitivo, o fenômeno da discriminação relacionado a este elemento identitário se reproduz através de seus comportamentos de gênero e sexualidade, e vice versa, relacionando-se ao “a gente não pode nem mesmo alugar um apartamento”.

Este não conseguir alugar um apartamento relaciona-se tanto ao fato das travestis não possuírem uma estadia legal na Europa, quanto a ideia de uma nacionalidade alienígena na Europa, como visto nas evocações de Febe e Némesis, forjando uma interseccionalidade específica através destas vivências. Como visto por Crenshaw, vários padrões de subordinação cruzam-se a partir de várias experiências. Entretanto, como analisado pela autora, esta subordinação interseccional não necessita, obrigatoriamente, ser produzida intencionalmente. Estas intersecções são, via de regra, o resultado de imposições de fenômenos sociais que se relacionam com vulnerabilidades preexistentes as pessoas, criando novas dimensões de relações de poder, que colocam as travestis em outras periferias de outras relações de poder, agora em outras espacialidades.

Os discursos relacionados a “acho que é não ter documentos e ter que viver meio escondida. (...) Aqui é pior ser brasileiro”, “depende da região que você vai, tem um pouco mais de preconceito” e “porque eu tô longe da minha família e aqui você tem que trabalhar o tempo todo. Tem que trabalhar bastante pra conseguir dinheiro. Aqui é muito difícil” apontam que as travestis dialogam com o espaço ser reflexo e condição das formas de organização social hegemônicas, relacionadas à renda, gênero, sexualidade e nacionalidade, buscando a partir de suas vivências estratégias de sobrevivência. Para as evocações das categorias

relacionadas a *Relação com policiais* e *Sentimento de frustração*, as duas orientam-se a um grande sentimento de ilusão no que se refere ao morar na Europa, ao lado da humilhação recebida de policiais:

*Como a grande maioria que eu conheço. Eu já peguei duas cartas de expulsão. A maioria das pessoas que estão aqui sem papéis já passaram por essa história. Não posso falar em tratar mal, mas é uma agressão psicológica você ficar atrás das grades. E uma agressão psicológica fica na tua cabeça. Eu tive alimentação e tudo, mas a agressão foi psicológica. (...) Quando passei uma noite na cadeia que fui pega por não ter papel e fiquei uma noite na cadeia como uma marginal que eu não sou. Acho que não existe pior. Fui destrutada e discriminada. Eu nunca roubei nada, nunca fiz mal a ninguém, simplesmente porque você não tem o documento você ficar presa. Acho que não existe maior agressão psicológica do que isso. Não é questão de te tratar bem ou mal, é a pressão psicológica. Só de te pegarem e de te colocar atrás das grades, é uma pressão psicológica horrível. Se você leva um bofetão, daqui um pouco você pode esquecer, mas a marca psicológica fica. Não tem remédio que te tire essa dor. Eu já tive muitos problemas com a imigração. Mas também, como a grande maioria de nós. Eu já tive duas cartas de expulsão. A grande maioria das pessoas que está na minha situação já passou por essa experiência. A gente nem tem mais vergonha disso, entre nós. Isso virou uma tradição entre nós. E agora a coisa tá muito mais séria, muito complicado mesmo. (Entrevista realizada com Febe, em Madri – Espanha, em 16 de setembro de 2008).*

*A vida das travestis não é fácil. Não é como eu imaginava. É uma ilusão. Eu não volto pro Brasil porque não consegui meu sonho que é minha casa e meu negócio. Mas se você pensa que vai chegar aqui e vai viver bem é só ilusão. (...) Aqui eu já tô cansada de rodar as imobiliárias. Se você não tem os documentos, os papéis não adianta. (Entrevista realizada com Estige, em Madri – Barcelona, em 14 de maio de 2008).*

No tocante a espacialidade *Outro país* (Gráfico 12), a evocação majoritária refere-se à *Relação com o outro*. Estas evocações agrupam-se a partir de dois núcleos. Primeiramente temos as mesmas características de dificuldade evocadas especificamente em relação a Espanha. Com menor intensidade temos a 'vitória' como resistência a pressão psicológica da adaptação ao outro país. Como evocado por Febe, o comportamento das pessoas de outras nacionalidades, especificamente de europeus, é completamente diferente, tanto em relação à família e a amizade, relacionamentos estruturados a partir de uma frieza que não existe no Brasil. Outra condição levantada por ela é o fato de que a única alternativa para as travestis que saíram do Brasil é a vitória, “principalmente quando você vem de outro país. A palavra é

vencer, vencer e vencer. Não tem outra opção”. Segundo ela, só os perdedores voltam para o Brasil, e quanto mais tempo estas pessoas permanecem na Europa, mais vitoriosas serão.

*Os fracos voltam para trás. Porque se você ficou aqui um ano, é porque fraco você não é. Porque não é nem uma questão de ser covarde, é de ser fraco. O fraco, simplesmente não aguenta a pressão psicológica, ele simplesmente compra o bilhete de volta, pega a malinha e volta. E se contenta, e se conforma com aquela vidinha que ele tem ali. Esse é o fraco. Agora quem chegou, sobreviveu um ano, aprendeu a falar o idioma, aprendeu a se movimentar, aprendeu a viajar, sair do país, se mete em outro país esse, jamais pode ser considerado um fraco. Por mais que tenha voltado pro Brasil e tenha comprado pouca coisa, não importa. Você já é uma vencedora, simplesmente por ter sobrevivido em um país em que você não conhece a língua, o idioma, que você não conhece a cultura, que você tem que se adaptar a tudo. Então, fraca, você não é. (Entrevista realizada com Febe, em Madri – Espanha, em 16 de setembro de 2008).*

Na reflexão que esta travesti realiza, tendo como referência sua condição de vida no Brasil, o que é apontado é o fato de que perante isso, não se vive mal na Europa. O problema é o preço pago para esta permanência. O preço médio de um aluguel segundo ela é de aproximadamente 1.200 euros por mês, sem serem computados despesas com deslocamentos e alimentação. Assim, ou se escolhe comer mal e morar em condições precárias, ou se constrói redes de auxílio, propiciando a divisão das despesas de moradia com quatro ou cinco pessoas. Novamente, o elemento levantado é a ficção do sonho europeu; “a Europa não é o sonho que todo mundo pensa. Nós, os sul-americanos temos uma visão completamente equivocada. É muito diferente a nossa cultura, a forma de tratar, a recepção que as pessoas têm contigo” (Entrevista realizada com Febe, em Madri – Espanha, em 16 de setembro de 2008).

O 'sonho' que motiva a ida de travestis à Europa, é segundo Febe, a possibilidade de aumentar o rendimento advindo da prostituição, construindo um 'pé de meia', possibilitando o auxílio da família. Contudo, de todo o valor levantado através da prostituição, Febe aponta que 90% do total são destinados à manutenção de sua estadia na Europa. Quando se é ilegal, situação padrão nas travestis na Europa, todos os valores pagos possuem um acréscimo em relação às pessoas que possuem estadia regularizada nesta espacialidade:

*Um médico, você tem que pagar. Eles até te atendem numa emergência, porém, te passam a fatura e você vai ter que pagar. Se você não tem documentos, não pode tirar uma carteira de motorista. Não pode conseguir um emprego normal, comum e corrente. Alugar alguma coisa é impossível e daí, o que acontece? Você acaba sofrendo abusos. É assim, você vai morar com uma pessoa e aquela pessoa cobra uma sobretaxa em cima. Às vezes, a pessoa está pagando 600 euros de aluguel e te aluga um quartinho de 1 metro por um metro e te cobra 400 por aquele quartinho, sabe? Ou seja, você paga praticamente todo o aluguel da pessoa, ele desembolsa apenas 200 e você mais que o dobro. E na maior parte das vezes, você não tem liberdade pra nada, não pode receber ninguém, não pode nada. (...) Aqui se você não tem documento está sujeito a uma série de abusos. Nem conta de banco direito dá para ter. Você pode ter uma conta de estrangeiro, mas se você tem uma certa quantia depositada, eles já te chamam e daí tem esse problema, tem que dizer de onde vem o dinheiro. Até provar, eles podem ficar com seu dinheiro. Daí, o jeito é enviar o dinheiro por locutório, por agências de envio para fora mesmo. Aqui há uma série de formas de envio para o Brasil. Tem a Universal de Envios<sup>87</sup>, UNO Money<sup>88</sup>, Money Gram<sup>89</sup>, Wester Union<sup>90</sup>, mas as taxas dessa Wester Union são muito altas, as taxas são caríssimas, mas a única coisa que tem de bom é que o dinheiro chega lá na hora que você envia. Assim, por exemplo, você deposita aqui, e em 10 minutos está lá, a pessoa pode estar até já na fila do banco que recebe na hora. A melhor é a Money Gran em termos de taxas e a velocidade é boa também. Para você ter uma ideia, se eu mando 100 euros pela Werter Union você paga de 12 a 15 euros só de taxa de envio. É pelo valor enviado. Agora a Money Gram é muito mais barato. Eu enviei 250 euros para minha mãe e paguei 12 de transação. Então, se eu mandar pela Wester Union a mesma quantia, eu pago de 30 a 40 euros. Eu prefiro a Money Gran.*

O que fora evidenciado até agora, através das espacialidades relacionadas a casa, a escola e a vizinhança, a cidade e as casas noturnas, a casa de cafetina e as boates, e as espacialidades de outros países, é que as histórias de vida de cada travesti são socializadas intersubjetivamente, produzindo elementos identitários interseccionais das travestis que vivem da prostituição, produzidas por repetições de situações de interdição vividas em todas as fases da vida, processos estes de identificações temporalmente e espacialmente cambiantes e móveis.

As espacialidades que são vivenciadas pelas travestis que foram o grupo focal da

87 <http://www.universalenvios.net/esp/home.php>

88 <http://www.unomoneytransfers.es/esp/home.php>

89 <http://www.moneygram.com>

90 <http://www.westernunion.com.br>

presente tese se constituem por paradoxos de heteronormatividade e transgressão. As vinculações grupais relacionam-se às espacialidades, assim como as espacialidades referem-se a estas vinculações, co-constituídas mutuamente. Assim, a partir deste momento, evidenciamos a constituição dos territórios intra-urbanos da prostituição travesti como espacialidades que são centrais em suas vidas enquanto adultas.

#### *4.2. Os territórios intra-urbanos da prostituição travesti como centralidade de sua identidade adulta*

A possibilidade existencial das pessoas relacionada ao território tem sido visualizada a partir de uma variabilidade temporal e espacial, segundo as discussões de Sack (1986), Raffestin (1993) e Souza (1995). Para este último autor, o território não pode ser reduzido a dimensão do Estado-Nação, constituindo-se a partir de várias possibilidades escalares, temporalmente e espacialmente multifacetadas. Assim, iniciamos nossas reflexões a partir das proposições de Souza (1995), que considera o território como um campo de relações de poder que define uma diferença entre grupos sociais, a partir de posições de *insider* e *outsider*. Não desconsiderando esta proposição, mas indo além de suas configurações, o que as falas das travestis mostram é que estas espacialidades são apropriadas por laços interseccionais identitários e culturais dos grupos sociais que existem através destas territorialidades, realizadas situacionalmente a partir das vivências cotidianas. Território este produzido de forma relacional entre posições de centro e margem de relações de poder (ORNAT, 2009).

Estas relações identitárias não são unitárias, mas colocam-se como múltiplas a partir de continuidades e discontinuidades ao grupo de travestis que vivem da prostituição através do Sul do Brasil. Não encaminhamos a discussão relacionada ao território exclusivamente a sua materialidade ou a sua imaterialidade, mas o analisamos a partir do diálogo destas duas configurações. Assim, o território<sup>91</sup> é simultaneamente instituído e instituinte do grupo de

---

91 Os territórios intra-urbanos que são evidenciados nas falas das travestis referem-se as seguintes cidades, com maior preponderância no Sul do Brasil: Curitiba – PR; Londrina – PR; Maringá – PR; Ponta Grossa – PR; Cascavel – PR; Foz do Iguaçu – PR; Guarapuava – PR; Guaratuba – PR; Matinhos – PR; Joinville – SC; Florianópolis – SC; Blumenau – SC; Criciúma – SC; Chapecó – SC; Itajaí – SC; Lages – SC; Jaraguá do Sul – SC; Balneário Camboriú – SC; Tubarão – SC; São Bento do Sul – SC; Caçador – SC; Araranguá – SC; Rio do Sul – SC; Indaial – SC; Laguna – SC; Xanxerê – SC; São Francisco do Sul – SC; Porto União – SC;

travestis e de suas identidades. Esta dimensão relaciona-se, na categorização<sup>92</sup> das falas travestis, de forma preponderante aos elementos relacionados à *Prostituição*, *Controle do território* e *Influência do território*, *Relação travestis* e *Relação Cliente*, como evidenciado no gráfico abaixo:

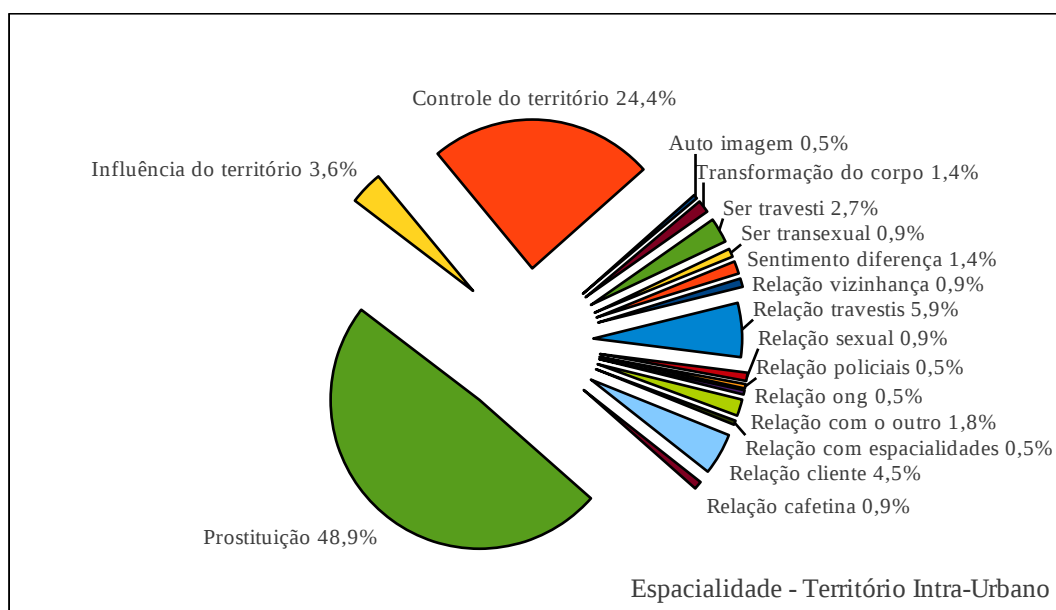


Gráfico 12. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

No tocante as categorias que tratavam da relação entre *Prostituição* e *Território Intra-*

Joaçaba – SC; Garuva – SC; Porto Alegre – RS; Caxias do Sul – RS; Pelotas – RS; Santa Maria – RS; Novo Hamburgo – RS; São Leopoldo – RS; Rio Grande – RS; Passo Fundo – RS; Uruguaiana – RS; Santa Cruz do Sul – RS; Guaíba – RS; Sapiranga – RS; Vacarias – RS; Campo Bom – RS; Lagoa Vermelha – RS; Aracaju – SE; São Paulo – SP; Campinas – SP; São Bernardo do Campo – SP; Santo André – SP; Jundiaí – SP; Baurú – SP; Limeira – SP; Presidente Prudente – SP; Hortolândia – SP; Rio Claro – SP; São Caetano do Sul – SP; Registro – SP; Rio de Janeiro – RJ; Niterói – RJ; Natal – RN; Fortaleza – CE; Brasília - Distrito Federal; Vitória - ES; Goiânia – GO; São Luís – MA; Belo Horizonte – MG; Juiz de Fora – MG. Quando as entrevistas apontaram para a prostituição de outros países, estas se faziam em sua grande maioria, quando trataram da realidade europeia, a espacialidade relacionada ao que Silva (2011) aponta como 'pisos', ou seja, apartamentos privados em que são desenvolvidas as atividades de prestação de serviços sexuais. Estes estiveram relacionados as seguintes cidades: Buenos Aires - Argentina; Mar del Plata - Argentina; Alicante - Espanha; Barcelona - Espanha; Bilbao - Espanha; Gran Canária - Espanha; La Laguna de Duero - Espanha; Las Palmas - Espanha; Mabella - Espanha; Madrid - Espanha; Málaga - Espanha; Murcia - Espanha; Oviedo - Espanha; Puerto de La Cruz - Espanha; Réus - Espanha; Salamanca - Espanha; Santander - Espanha; Tenerife - Espanha; Valência - Espanha; Zaragoza - Espanha; Bergamo - Itália; Brescia - Itália; Milano - Itália; Piacenza - Itália; Roma - Itália.

92 Mesmo que todas as evocações sejam importantes para a espacialidade do Território Intra-Urbano, nossa linha de corte refere-se as evocações com percentuais menores de 2,8%, totalizando uma média de 1 a 4 referências cada em um universo de 225 evocações.

*Urbano*, 63.4 % dos elementos levantados<sup>93</sup> referem-se a critérios de escolha dos locais de prostituição, a importância do território intra-urbano com suas dinâmicas, o início da prostituição, o significado da prostituição e as diferenciações do grupo de travestis, como visto nos percentuais abaixo:

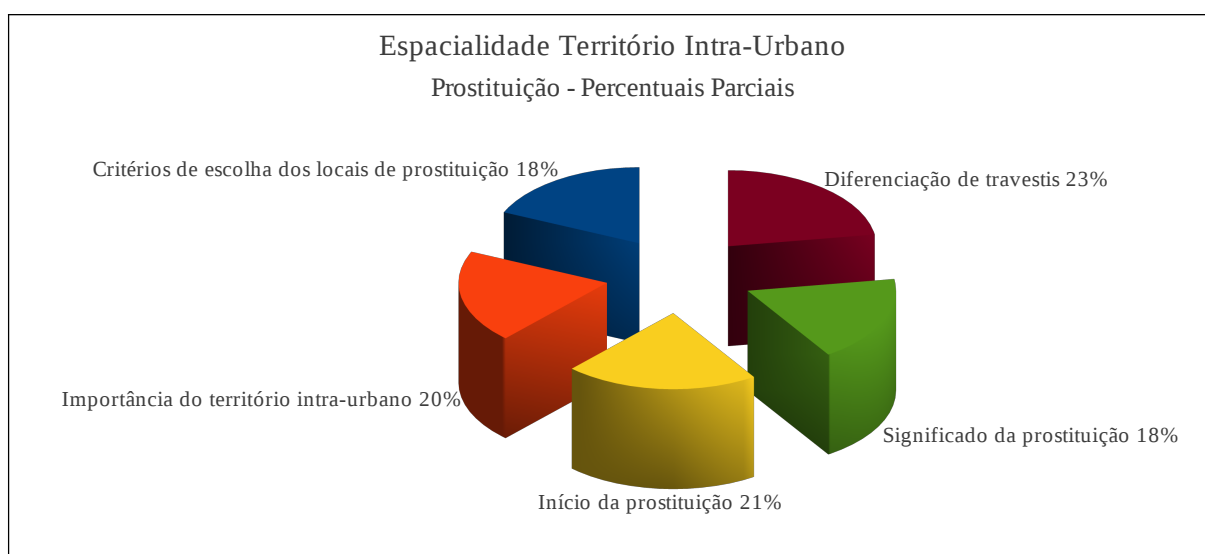


Gráfico 13. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Quando as falas tratavam dos *Critérios de escolha dos locais de prostituição*, através dos territórios intra-urbanos, estes estavam relacionados a locais estabelecidos como áreas de prostituição, como exemplo a Avenida Farrapos em Porto Alegre – RS: “tem boate de putas, são várias casas noturnas, são mais ou menos uma seis quadras, só de casas noturnas. Então é onde se concentra todo o núcleo ali. Quando se pensa em prostituição se pensa naquela área ali” (Entrevista realizada com Hera, em Balneário Camboriú, em 26 de maio de 2009”. Além deste critério, as ruas escolhidas para o *trottoir* são aquelas de maior circulação de carros com passageiros específicos, ou seja, aqueles que estão buscando relações sexuais com o grupo específico de travestis, pois como visto acima na fala de Hera, quando se pensa em prostituição, se pensa nas áreas onde pode se encontrar esta atividade. Isto evidencia que as espacialidades são feitas, temporariamente, enquanto áreas de prostituição. Por mais que não

<sup>93</sup> Os outros elementos que computaram 36.6% do total pulverizaram-se em 41 elementos de evocação, totalizando uma média de uma referência cada, em um universo de 112 evocações.

sejam os mesmos corpos que estejam naquela espacialidade específicas, o que o cliente está buscando é a relação sexual com um corpo travesti, não pensando especificamente na travesti, mas na travesti e no lugar, ou seja, localização mais travesti, como visto nas falas abaixo:

*Porque já onde os clientes sabem que tem prostituição. Os clientes já estão acostumados. Quando tinha a Piquiri (Curitiba - PR), os clientes já estavam acostumados. Mas a Piquiri era famosa. Ainda hoje é famosa, mas as meninas não estão mais lá. Mas ainda você vê os clientes passando por ali rodando perdido. Por isso que é ruim acostumar e mudar de ponto, porque ali na Piquiri era um ponto bom, era um bairro, não era centro, só rodava cliente à noite, não tinha família, todos os carros que você via ali era só homem sozinho. Agora lá na Getúlio Vargas é uma avenida, passa ônibus, passa carro, passa gente a pé. E ali também não vai durar muito tempo, porque ali passa muita família, e família não gosta. Eles deviam ter deixado ali, porque todo cliente sabia que ali era o ponto das travestis. (Entrevista realizada com Demeter, em Curitiba – PR, em 30 de julho de 2008).*

*Lá em Porto Alegre eu batalhava na Avenida Farrapos.(...) É por que os clientes já conhecem. Quando os clientes pensam em travesti, eles pensam na Avenida Farrapos. (Entrevista realizada com Hecate, em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009).*

Outro critério de escolha dos locais de prostituição travesti relaciona-se a existência de travestis que batalham no local, consolidando-se estas áreas como 'ruas de travestis'. Isto pode ser visualizado na fala de Dike, quando aponta que havia trabalhado em alguns locais na grande Florianópolis, tendo como critério as ruas que “já tinha travesti de anos trabalhando ali, então ali formou clientela e a gente foi pra ali. Em Florianópolis, quando se pensava em travestis, se pensava na Hercílio Luz” (Entrevista realizada com Diké, em Florianópolis, em 25 de maio de 2009). A relação entre a tradição da área e o anonimato são apontados como importantes elementos de escolha dos locais de prostituição, como visto na fala de Erinia e Hipólita:

*Era na Rua Dezoito do Forte (...) em Caxias do Sul - RS. (...) É porque já era de anos assim, sabe? E ali era específico, porque era uma rua mais escura, uma penumbra, atrás da Rua Dezoito do Forte tinha um trilho do trem que passava o trem, que era uma escuridão (...) era um local bem propício pra fazer programa e tudo, pros homens pararem. E além do fato de existi há muito tempo. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa*

– PR, em 30 de julho de 2010).

*As travestis tão preferindo mais ficar perto do Cemitério, subindo pra cima pelos lugares mais escuros. Só que porque que ali é o melhor lugar? Porque todo cara que passa naquela rua, antes dele passar pela rua do Rosário, que tem prostituta, antes dele dar a volta atrás do Cemitério, antes dele dar a volta pela Santa Casa, que tem travesti lá pra baixo, ele passa por aquela rua, é sagrado. E, tipo assim, a gente sai com muitas pessoas de fora. Mas como assim, como que vocês fazem três – quatro programas por noite se Ponta Grossa tem trezentos mil habitantes? Como se tendo oito travesti em uma rua, vocês fazem tanto programa, se não tem tanta cliente? É que a gente sai com muita pessoa de fora. E pessoas que vem uma vez por ano pra cá, e conhecem aquela rua. Então se sair de lá já atrapalha. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de setembro de 2008).*

A escolha dos locais tem como elemento as marcas no corpo que cada travesti carrega. Como tratado por Pitia, estas marcas referem-se ao possuir mais ou menos silicone no corpo, possuir um corpo mais ou menos transformado, mais feminino ou menos feminino. Esta diferenciação não ocorre apenas grupalmente, mas também espacialmente. Além de seu local de prostituição ter sido escolhido devido ao fato da área não ser residencial, o Parque Farroupilha (Porto Alegre – RS) coloca-se como aquele 'reservado' as travestis que não conseguiram apropriar-se completamente de tecnologias do corpo, transformando um corpo masculino em um corpo feminino. Esta ponderação pode ser vista na proposição de Louro (2004), quando afirma que é tanto no corpo quanto através do corpo que processos de afirmação ou transgressão acontecem e se expressam. Segundo ela, estas marcas tem:

(...) além de efeitos simbólicos, expressão material e social. Ela poderá permitir que determinado sujeito seja reconhecido como pertencente a determinada identidade; que seja incluído ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou rejeitado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado. (LOURO, 2004, p. 85).

Quando as falas tratavam da *Importância do território intra-urbano com suas dinâmicas*, os elementos de discurso que são trazidos nas falas referem-se à importância do *glamour* da noite, a importância financeira, mais a possibilidade de aprendizado e melhora na

auto-estima e auto-afirmação, e o acesso ao consumo, como visto nas falas de Dione, Erinia e Hestia:

*Quando eu virei travesti, qual que era a importância que era, era a beleza, o glamour da travesti, eu queria usar um salto, eu queria usar uma meia fina, e o pessoal via, famílias passavam onde a gente tava pra ver, tinha família que parava pra ver e perguntava: tem certeza que você é homem, tem certeza que você não é mulher? Gente, olhe que pele, olhe que maquiagem, nem eu que sou mulher sei usar um salto, não sei por uma meia fina. Os próprios policiais viam a gente correr de salto, eles falavam como que a gente corre de salto. Quando caía travesti bonita eles falavam: gente, como que pode. Eles tinha tanto respeito com a gente que eles não jogavam a gente com os presos, pois eles sabiam que se jogasse ia ter briga, porque era muito feminino. Tinha policial que enquanto não mandava a gente ficar pelada pra ver que a gente tinha mesmo um pênis, eles não acreditavam, não, isso não pode ser um homem. Na minha época tinha a finada Vivian, tinha a finada Ritoca, tinha um monte de travestis que os policiais até apostavam, essa é operada, tenho certeza. A importância pra mim era ir no território e me sentir mulher, ser desejada, quando a gente ficava três ou quatro travestis na esquina. (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).*

*Eu acho assim, que importância, importância, é pra nós sobreviver. É econômico. É porque a gente não tem outra oportunidade de renda. Mas eu não acho importante a prostituição. Eu acho importante pra gente crescer como pessoa. Entendeu? Sai daquelas quatro paredes que a gente só vê a família da gente, ou até mesmo os vizinhos e ver as pessoas de fora, o porquê que tão ali. Porque a gente tem uma história, a gente foi empurrada pra aquela esquina, que a gente fica a mercê. Então não vejo nada de importante na prostituição, (...) só pra gente se sustentar, sobreviver. Porque eu não acho nada de significativo, nada que a gente aprenda assim, é sofrimento, é que a gente vê as dificuldades e tudo. Mas eu acho que ninguém gostaria de aprender desse jeito. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

*A gente se sentir bem, saber que você vai ser valorizada por aquele trabalho que você fez a noite, sabe? É pelo dinheiro, pela sobrevivência de saber que no outro dia você vai ter do que comer, beber, vestir. Você vai na rua pela necessidade, não pelo glamour. Vai pelo glamour porque toda travesti se dá ao luxo de ser vaidosa. Porque o trabalho que você faz exige muito isso, de ser glamourosa pra atribuir um status pra gente. Você vai pra rua, mas sabe que no outro dia você tem que comer, tem que comer, tem que dormir, tem que se vestir, tem maquiagem que é cara, tem cabelo, tem acessório, tudo, aí vai. É também do cliente passar e falar: ô gostosa! O tesuda! Deixe eu ver esta bunda! (...) Essas coisas, sabe, que tem de tudo. Então é assim, sabe? É o assédio, o elogio, de tudo um pouco, sabe? Isso engrandece a travesti. Isso mexe com a auto estima, a pessoa fica engrandecida. Aí no outro dia ela vai caprichar mais no visual pra ouvir mais elogio. Porque travesti é assim, se ela vê uma travesti bonita, ela vai querer ficar mais bonita que*

*aquela que ela viu ontem. Então tem isso também, existe muita concorrência. Porque mulher é muito invejosa, uma com o cabelo de outra, e travesti é a mesma coisa, já é do instinto humano mesmo. De buscar sempre beleza e vaidade. (Entrevista realizada com Hestia, em Curitiba - PR, em 19 de maio de 2009).*

As falas relacionadas ao *Significado da prostituição* através do território intra-urbano apontam que esta atividade é vista tanto como uma atuação quanto como uma profissão, uma atividade que expõe corpos, como que em uma vitrine, mas também como uma atividade que faz com que as travestis percam sua auto-estima a partir da necessidade. Outros elementos levantados referem-se à transformação do corpo e prostituição e o aprendizado de sobrevivência, além da aceitação grupal. Dois caminhos de fala que se salientam do conjunto referem-se ao fato de que, como já discutido em outros momentos da tese, a prostituição se coloca enquanto uma escolha constrangida ao grupo de travestis, escolha constrangida esta que produz espacialidades feitas através das relações com outros grupos sociais, como evidenciados nas falas abaixo:

*E uma coisa, eu ia pra rua porque era a única forma, mas eu nunca gostei de rua, eu nunca gostei de ser prostituta. Assim, de me deitar. (...) Aí veio àquela frustração, que não tinha homem que ia montar a casa pra você, você não ia trabalhar, você não ia ser aceita, a única forma mesmo era a prostituição. **Então o que me resta, a prostituição, então vou me prostituir**<sup>94</sup>. (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).*

*Porque a esquina é tudo um fazer. Tu conservar o teu cliente, a relação com morador, com policial, com outros grupos que vivem da noite, também. **Tudo é uma relação**, tipo, você tem que ser tipo um 'relações públicas'. **Não é o apenas tá ali, é um conjunto todo de relações**<sup>95</sup>. Aí tu tem o dedo mingo, se tu não tiver o dedo mingo tu vai sentir falta do dedo mingo. Quer dizer, se você não tiver uma amiga na hora e vier dez pra te bater, você vai sentir falta desta amiga, porque ela não vai tá ali pra interceder por ti. (Entrevista realizada com Hecate, em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009).*

Os trechos salientados das falas de Dione e Hecate apontam tanto para a ideia de que o grupo de travestis dialoga com imposições e interdições sócio-espaciais, buscando formas de

---

94 Grifo nosso.

95 Idem.

sobrevivências frente a organizações sociais hegemônicas, mas da mesma forma, esta nova organização grupal, através da atividade da prostituição a partir de suas espacialidades relacionadas aos territórios intra-urbanos, se produz a partir de um fazer cotidiano. O grupo de travestis reconhece, assim como Massey (2008), que o espaço é constituído por inter-relações. A afirmação “se você não tiver uma amiga na hora e vier dez pra te bater, você vai sentir falta desta amiga” evidencia que a partir de sujeitos ativos, o espaço é interpretado pelo grupo como o resultado de “relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado” (MASSEY, 2008, p. 29).

Se como interpretado pelas travestis às espacialidades da prostituição se colocam como constituídas por inter-relações e sempre em construção, esta configuração demanda a discussão da relação entre a atividade da prostituição e sua espacialidade, a partir da configuração de um grupo diverso, ou seja, a partir das *Diferenciações do grupo de travestis*. Estas diferenciações estruturam-se a partir do sentimento de diferença entre as travestis, a partir de separações espaciais através de grupos que vivem da prostituição, mas também diferenciações nas relações com clientes, como tratadas nas evocações a seguir:

*Daí tem as travestis que batalham em boates e àquelas que colocam, que eu não considero travesti, as que se montam, mas nos momentos que elas estão transformadas não deixam de ser, é o olhar do cliente que tá pagando, então não deixa de ser também. Então, se a gente for contar essas, então, têm várias, tem várias novinhas. (Entrevista realizada com Selene, em Sapiranga - RS, no dia 20 de dezembro de 2010).*

*Em qualquer lugar é assim, e aqui também é. (não existe uma relação muito harmoniosa entre travestis e mulheres) Não se trata numa relação por harmonia, até existe uma harmonia entre as prostitutas e as travestis, pode haver uma relação de amizade, mas pela relação cliente, que tem muito clientes que por mais que curtam travestis, eles não tem a coragem de parar para uma travesti na frente de outra mulher. E não interessa a mulher que for, pode ser a mulher, mais bela e a mais feia, o fato de ter uma mulher vendo, prejudica o contrato. E a maioria dos homens que saem com travestis também são clientes que saem com prostitutas, que saem com mulheres, que são casados, que tem uma vida sexual, digamos, que são heterossexuais. (Entrevista realizada com Selene, em Sapiranga - RS, no dia 20 de dezembro de 2010).*

*É justamente essa divisão, tem o grupo que concorda com isso e o grupo que não concorda com a cafetinagem. Então, aí o grupo que concorda faz essa*

*fala de defesa. (e é espacial?) E acaba sendo espacial, não tem como tu, o que eu observo muito é que as travestis de maneira geral, eu acho que a população LGBT como um todo, ela se coloca na sociedade dependendo do lugar onde ela está. Eu acho que isso acontece nos bares e boates. Tem um bar aqui que não permite que as pessoas se beijem, que não deem a mão, por exemplo. Então, a gente observa que quando a população LGBT está lá dentro, ele se comporta de uma forma, quando ele tá em uma boate, ele se comporta de outro, quando ele vai em uma sauna, ele se comporta de outra maneira. Então, eu vejo que esta questão onde a travesti está, tipo se ela está na rua, se ela tá na rua que pode mostrar a bunda, ela mostra, se ela não tá ela não mostra. Porque a gente tem um povo que tá muito com essa característica, de ficar andando pelada, de roupa toda transparente. Então, tem uma divisão, tem uma parte que tem moral e a outra não. E esse é o grande motivo de choque entre os dois grupos. Porque o que que a travesti que vai de roupa na rua fala da que não vai, que ela tá sendo discriminada enquanto travesti porque aquela outra está indo pelada na rua. Não sei se você já observou em outros espaços, é a mesma coisa que o LGBT, que o gay menos afeminado fala, que ele é discriminado porque tem o gay bicha louca. E isso é a mesma coisa que acontece com a travesti. Então é o espaço lá, aquilo ali e pronto. Então eu até observo uma migração entre os grupos. Então a pessoa não se deu bem naquele grupo, aí vai pro outro grupo e acaba se comportando como o outro grupo se comporta, de outra forma. (Entrevista realizada com Atlas<sup>96</sup>, em Joinville – SC, em 9 de agosto de 2010).*

As relações-entre que produzem espacialidades a partir de diversidades, estando sempre em construção, possuem temporalidades específicas. Em todas estas dinâmicas, relacionadas à prostituição, a partir do seu *Início*, o dinheiro para quem está iniciando na prostituição, é analisado por Hipólita, como o 'dinheiro fácil', mesmo que depois de pouco tempo 'caia a ficha' que isso não é verdadeiro. Este começo também é lembrado por Reia como uma possibilidade de aceitação em grupos sociais que possuem sexualidades desviantes, como gays e travestis. Este início é visto em algumas circunstâncias de forma romântica, relacionada aos elogios recebidos e as relações sociais de amizade que se estabelecem entre 'iguais'. Outros elementos referem-se ao auxílio e incentivo de outras travestis para o ingresso na prostituição e a ajuda de madrinhas, travestis que além de batizarem estas pessoas, as auxiliam nos primeiros tempos de vida na prostituição:

---

96 Da mesma forma que em relação às travestis, para proteger nossas fontes relacionadas as Ongs, optamos em utilizar nomes que reportam as figuras femininas contidas na Mitologia Grega e Romana. Assim, Atlas (Ong Joinville – SC) é filho do Titã Jápeto e da ninfa Clímene. (Fonte: HACQUARD, Georges. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Lisboa: Edições ASA, 1996.)

*Chegando lá eu não tinha nada, eu era ingênua, eu era humilde, eu vim de família pobre, daí, chegando lá, me falaram: o que que tu quer pra ti? Olhe, eu quero trabalhar e ajudar minha família, mesmo tendo sido mandada pra fora de casa. Então lá eu não tinha, porque eu achava que tu botava qualquer roupinha, tu descia na esquina e tu ia ganhar, mas não, lá o mundo é totalmente diferente. Dai lá, chegando lá, eu fiquei em casa de cafetina, na Avenida Assis Brasil, aí chegando lá eu botei a roupa que eu tinha, porque eu não tinha muita produção, eu só tinha um cabelo comprido e um rostinho bonito, sem uma barba sem nada, e um corpinho. Aí uma travesti, que é raro uma travesti gostar de outra travesti, ser a madrinha, ela falou: tu vai descer assim? Eu falei vô! Aí ela disse: não, tu não vai ganhar assim guriiazinha! Mas é só isso que eu tenho! Aí ela falou: não, tu venha aqui. Pegou, abriu o roupeiro dela, me deu uma roupinha dela mais bonita assim, o nome dela é Thaís, hoje ela tá na Europa. Aí ela falou que eu podia usar, me vestiu. Só que daí ela falou: mas tu vai descer só com um lápis no olho, tu não vai ganhar! Aí me maquiou, arrumou meu cabelo e me levou. Aí cheguei lá, ela tinha a clientela dela. Então chegando lá, passavam os carros e não paravam. Aí ela falou: venha aqui guriiazinha, que eu vou te ajudar. Porque eu tinha que comer, né, tinha que comer no outro dia, pagar a diária, aí ela apresentou os clientes dela, ela apresentou pra mim e assim que eu comecei. Ela foi uma madrinha, aí ela me disse que se cuide assim, começa a tomar hormônio direitinho, aí eu fui tomando hormônio, eu aprendi isso tanto na rua como na casa da cafetina, e foi uma das únicas que ajudaram, porque neste mundo, eu achei que todas eram unidas, mas não, eu sofri muito, em cinco anos eu sofri muito em Porto Alegre. (Entrevista realizada com Eos, em Sapiranga - RS, em 20 de dezembro de 2010).*

*Aí ela me batizou e o primeiro nome que ela me batizou foi com o nome de Suzana. Aí teve o batismo e aquela coisa toda. O que era o batismo? Se comprava uma garrafa de champanhe e ela dava um banho de champanhe e falava: a partir de hoje teu nome é Suzana e você tá lançada como travesti. E o que era a norma pra você fazer parte desta população, pra você ser travesti? Na época que eu caí, logo tinha passado a época de usar silicone, você tinha que ter bunda grande. Cair é ir pra rua, se prostituir. Então foi assim. (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).*

*No início, às vezes têm que ser na humildade, às vezes na força. Porque a coisa é assim, se você vai trabalhar em uma loja, tem nove vendedoras e tu é a décima. Quer dizer que seis vendedoras podem gostar de ti, mas três não podem, entendeu? A nossa vida é a mesma vida de uma pessoa normal, só que nós temos aquele problema de resolver tudo ao pé da letra, que não é o meu caso, mas o caso da maioria das travestis, entendeu? (...) Mas quando eu comecei em Porto Alegre, eu fui agredida, fui arrastada, agredida, cortada. Lá, eu convenci na força, mas também na conversa, na humildade. (Entrevista realizada com Hecate, em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009).*

Se de um lado as falas de Eos e Dione demonstram que a inserção no grupo de

travestis que vivem da prostituição através dos territórios intra-urbanos ocorre a partir de travestis que são denominadas por este grupo como madrinhas, Hecate aponta que o início da prostituição realiza-se segundo conflitos entre as travestis que batalham há mais tempo e aquelas que desejam ingressar nestas dinâmicas. Esta três falas em conjunto apontam a um outro grupo de categoria, agora relacionado ao *Controle do território*, a partir de vários elementos constituintes, como visto no gráfico abaixo:

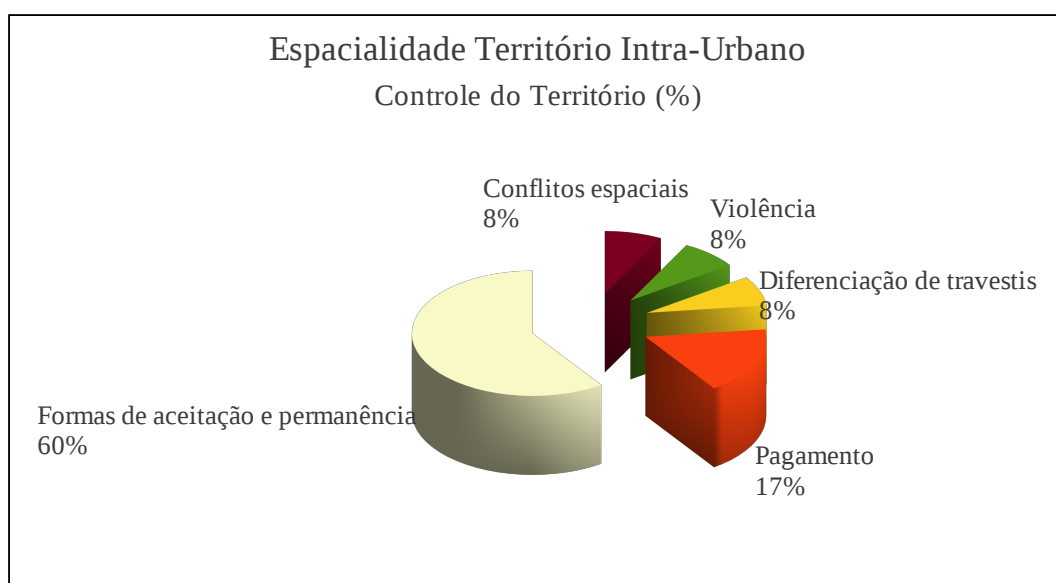


Gráfico 14. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Primeiramente, 60% das evocações deste grupo relacionaram-se as formas de aceitação e permanência nos territórios intra-urbanos da prostituição travesti. O que as falas apontam é que a aceitação se apresenta de várias formas, a partir de vários caminhos. Ela acontece a partir da ajuda de uma mãe da rua, chamada de madrinha, mas também a partir de uma travesti que é a pessoa central nas relações de poder, validando sua entrada nas dinâmicas que ocorrem através do território intra-urbano. Outros pontos evocados afirmam que é a partir de práticas de humildade que as travestis novas conseguem adentrar ao grupo, humildade que produz laços de amizade e de conquista das travestis iniciantes em relação as mais velhas de batalha. A persistência coloca-se como elemento complementar destas relações. De forma preponderante, o batismo, como denominado pelas travestis, apresenta-se enquanto um ritual de passagem. Este ritual de passagem coloca-se enquanto um processo, ocorrente ao grupo de

travestis que vivem da prostituição, que transforma corpos abjetos, utilizando os termos de Butler (2008), em corpos com significado, corpos que importam ao grupo de pertencimento:

*Nisso, minha madrinha chegou e perguntou: O que que você tá chorando? Eu falei que eu to chorando por que aconteceu este fato com a menina ali. Aí a minha madrinha foi lá e falou: eu trouxe a menina aqui, e ela vai ficar aqui, independente dela ser negra, ela vai ficar. E tinha outra travesti que viu aquela situação e não gostou, aí ela falou: vamo lá pra casa que você tá muito feia. Vamo lá pra casa que eu vou te dar uma melhorada. (...) E este nome Suzana tá muito peculiar, muito mulher, muito pobre, entendeu? Aí ela vasculhou lá, procurou, procurou lá e encontrou em uma revista que tinha na capa uma negra que tinha o nome de Dione, que foi manequim nos anos de 1960 no Canadá. Daí ela falou que a parti de hoje você vai ser Dione. E foi na rua e conversou com a Valéria e falou: Olhe, eu gostei muito dela, eu sei que você é madrinha dela, ela é simpática e ela vai morar comigo lá no hotel. Aí as duas se atracaram, e é incrível que esta conseguiu bater na minha madrinha, ela foi mais forte. Aí eu fui pro hotel, ela falou com o dono do hotel, me colocou no quarto e eu fiquei ali. Aí que começou toda a minha trajetória, que eu fiquei trabalhando do centro. (...) Aí quando ela me lançou na rua, aí entra a questão do território. A gente não podia ir direto pra cidade. Dentro de Londrina havia três pontos, três áreas, BR, depois tinha meio central que a gente falava, e centro. Próximo do centro e centro. Então quando você virava travesti, quando você era lançada, você tinha que começar na BR, posto de gasolina. Aí foi onde eu comecei, posto de gasolina. Aí como ela viu, se você é uma travesti que tua estrela brilha, que você começa a ganhar dinheiro, que você é novinha, que geralmente as mais velhas lançam as mais novinhas pra ter estas coisas. Aí eu trabalhei quase um ano na BR, aí ela falou: agora você já tá preparada, você já é travesti, vou levar você pro meio do centro. Aí foi onde ela me levou, chegou lá, outra travesti implicou comigo. Não! Você tá trazendo ela aqui, ela vai tirar nosso pão de cada dia. Que ela é ainda novinha, ela tem que ficar ainda na BR. Aí as duas se atracaram, brigaram por causa de mim. Como minha madrinha era mais forte, a outra apanhou. Aí a outra falou: Então agora ela fica. Então, eu fiquei no ponto porque eu tinha o respeito, por causa da minha madrinha era mais forte. Então elas não implicavam mais comigo porque elas falavam: não vamos implicar com a Dione porque a madrinha dela é forte. (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).*

Segundo Baumann (1992), os processos rituais são comportamentos simbólicos que têm por objetivo unir membros de um grupo social a partir da fala, de necessidades básicas e valores, produzindo um mundo de significados que são compartilhados intersubjetivamente por todos os seus integrantes. Segundo o autor, os rituais devem ser assumidos não só entre a relação de grupos de *insiders* e *outsiders*, mas também por grupos de concorrentes. Em

segundo lugar, o que Baumann salienta é que ao invés de assumirmos o caminho de que os rituais trabalham em favor da manutenção de valores sociais, devemos olhar o ritual como estruturado por aspirações de mudança cultural, salientando-se que o grupo focal da presente tese vive no paradoxo da transgressão e reafirmação das normas de gênero e sexualidade. Finalmente, devemos assumir que a participação nos rituais não é apenas limitada aos iniciados, mas à participação de pessoas externas as relações estabelecidas intra-grupo, como visto na relação entre duas madrinhas, visível na fala de Dione. Desta forma, o batismo evidencia-se enquanto uma prática de aceitação, como um ritual de passagem para as travestis, ao lado da humildade e da resistência.

Além das formas acima evidenciadas de aceitação e permanência, outro elemento evocado refere-se ao *Pagamento* como *Controle do território*. Dois modos de pagamento se apresentam: um sendo o pagamento para as travestis mais velhas na batalha e outro relacionado à cafetinagem. Sendo o território intra-urbano da prostituição feito cotidianamente, a partir de inter-relações de travestis, este pagar a rua refere-se ao utilizar uma espacialidade que foi feita por outrem, como visto na fala de Eos: “(...) não pode outra chegar, porque ali eu fiz. (...) se acaso aparecer outra ali, que pode ter surgido depois do meu tempo, com certeza vai ter que me pagar, porque eu fiz o meu nome, vão usar, no caso, o lugar que eu fiz, entendeu?” (Entrevista realizada com Eos, em Sapiranga - RS, em 20 de dezembro de 2010). Outra consideração refere-se à Erinia, na utilização destes valores adquiridos das travestis mais novas na aquisição de drogas. O segundo caminho de pagamento relaciona-se à cafetinagem propriamente dita, como visto nas falas de Circe e Nix:

*As novas tinham que comer um cortado. Naquele tempo tinham que pagar a rua e tudo. Tinha que pegar e dar dinheirinho pras mais velhas, pra comprar cocaína, que naquele tempo não existia craque, era cocaína e bola. Tinha que dar o aquê (dinheiro) pras travestis, pra tomar o odinzinho (bebidas) delas, pras mais velhas, e eu tava no meio desse bolo, porque eu já tava tirana, eu já tinha vindo de Caxias do Sul bandidona, já tinha vindo viciada e tudo de lá, na cocaína, na bola, Atani, Hipofagim, moderador de apetite, que dá uma reação assim, você toma com fogo paulista, eu ficava vinte e quatro horas chapada. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

*Quando eu morava em casa de cafetina eu tinha que pagar a diária. Pagava uma diária porque eu batalhava no ponto da cafetina. Agora se eu quiser trabalhar no centro e morar na casa da cafetina, eu tenho que pagar o*

ponto também no centro. (Entrevista realizada com Circe, em Curitiba – PR, em 19 de maio de 2009).

O que aconteceu de errado aqui foi as cafetinas que acabaram se fazendo. Aqui foram duas. Uma se sentiu no direito de abrir uma cafetinagem aqui no centro de Florianópolis, disseram que não teria problema, que teria casa, que não sei o que. As meninas não gostaram, só que, não se teve problema até este ponto. O problema foi quando abriu uma cafetinagem justamente no Kobrasol (São José - SC). Que é no continente, onde é mesmo o point da prostituição travesti. Aí esta menina começou a se sentir muito, começou a cobrar das meninas que eram da cidade, que já tão na cidade há anos, que sempre batalharam sem nenhum problema. Começou também a questão de invadir casas de travestis que batalhavam por anúncio de jornal, e cobrar delas, e bater e tudo mais. Só que ela acabou pagando um preço bem caro, acredito que é um preço bem caro, ela está presa há três meses. (Entrevista realizada com Nix, em Florianópolis - SC, no dia 25 de maio de 2009).

Todos os elementos acima encadeados relacionam-se a *Conflitos espaciais*, a partir de ações de *Violência*, a partir de *Diferenciações entre travestis* que vivem da prostituição. Os conflitos espaciais referem-se nas evocações a relações conflituosas entre grupos de travestis e mulheres que vivem da prostituição, ou conflitos internos ao grupo de travestis, inexistência de relações estreitas entre cafetinas em uma mesma cidade e finalmente, relações estruturadas por conflito por espaço entre grupos de travestis, como salientado na fala de Hipólita:

Meu espaço foi sempre na frente da Caixa Econômica, mas eu posso ficar onde eu quiser, mas é ali que eu tenho mais sorte. Se eu quiser, eu posso ficar na frente do Cemitério Municipal. (Mas não foi depois que você brigou com outras travestis que você teve a possibilidade de poder ficar onde você quisesse?) Ainda não, ainda tive que ficar uns três anos ali na Caixa Econômica. Aí eu tive, literalmente, não, tive que ficar uns quatro anos só na frente da Caixa Econômica, só ali, só ali. Se eu fosse pra cima, a Cláudia me tocava, se eu fosse em outra esquina, a Michele e a Priscila me tocavam, se eu fosse pra baixo, a Jéssica e a Iris me tocavam, eu bati ali e era ali que eu tinha eu ficar, feito cachorro mesmo, ali era o meu território, feito cachorro, feito animal, era ali, só ali. Aí depois de quatro anos a Cláudia se matou. Se enforcou. Mas tá, ainda existia a Priscila, a Iris, a Gleice, mas naquela esquina que eu gosto ainda existia algumas ali. Eu fico na Caixa Econômica, e literalmente quem fica, ali, quem fica ali pode ficar em qualquer lugar. Ali é o lugar mais valorizado entre mulheres e travestis. Ali é o lugar mais forte. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de setembro de 2008).

Os conflitos entre travestis por melhores localizações nos territórios intra-urbanos acontecem segundo ações violentas entre travestis, como evocadas por Dike: “Eu sofri bastante quando eu cai na rua. Eu sofri muita agressividade, as gurias não queriam que a gente trabalhasse na rua. Pela gente ser mais nova e a concorrência com os clientes” (Entrevista realizada com Diké, em Florianópolis, em 25 de maio de 2009). Outro elemento de evocação refere-se à fala de Circe, demonstrando o cruzamento entre violência e diferenciação entre travestis:

*Eu não batalhava tanto no centro, eu batalhava na estrada. Eu batalhava na estrada por que no centro tinha umas travestis antigas que não permitiam que a gente ficasse lá. Elas andavam armadas, com facão, era uma afronta total, né. Expulsavam a gente. Eu nunca apanhei, mas elas tocavam a gente, expulsavam a gente. (mas quem mandava?) Geralmente são as mais velhas que mandam, que tomam conta mesmo. (Entrevista realizada com Circe, em Curitiba – PR, em 19 de maio de 2009).*

Buscando cercar a geografia da instituição do ser travesti, evidenciando as identidades espaciais na instituição do grupo focal, os territórios intra-urbanos da prostituição travesti coloca-se como instituídos a partir de *Relações entre travestis e Clientes*. A partir disto, esta espacialidade de vivência coloca-se enquanto central em suas identidades enquanto adultas. Inicialmente, as relações com clientes tratam que se no passado, a atividade do roubo de clientes era uma prática corriqueira, esta configuração não se apresenta atualmente, pois como tratado por Hipólita, “O que era mais interessante pra mim? Roubar ou ganhar na moral, na limpeza? (...) Aí eu comecei a pesar isso nos meus pensamentos: não! Eu to saindo no prejuízo. Não é certo isso.(...) Mas isso tudo em 97–98. Hoje em dia não tem mais disso.” (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de setembro de 2008). Uma distinção relacional entre travestis e clientes deve-se ao tempo de batalha da travesti, como evocado por Dione: “Quando você passa dos trinta anos você já tá uma travesti (...) macaca velha, você já não tem a mesma paciência de chegar no carro e falar: oi meu amor, é tanto! (...) Ela não aceita mais muita coisa. (...) Ela já quer pegar o dinheiro e voltar pra rua.” (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).

Outros elementos apontados relacionam-se ao fato de que na maioria das relações

sexuais estabelecidas entre travestis e clientes, a travesti é ora passiva e ativa, ou apenas ativa. Dependendo dos sujeitos envolvidos nas relações entre travesti e clientes, o que se mostra é a utilização do corpo travesti como um objeto, como tratado da mesma forma por Dione: “vinha cliente bêbado, sujo, que você tinha que fazer sexo oral (...) e eles falavam: to pagando! (...) e como você precisava do dinheiro (...).” A partir da relação com outros grupos, a relação entre travesti e cliente embaralha a linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, demonstrando a existência de uma justaposição dos polos que organizam o mundo, referentes ao masculino – feminino, e suas correspondentes práticas de gênero e sexualidade, como como tratada por Hipólita:

*Os caras que saem comigo, eles sempre falam, que depois que eles dão eles se sentem aliviados (risada). Eles se sentem aliviados, agora tá beleza. (risada). É muito louco, e pra você ver como é louco, os caras que saem pra dar pra gente, é mais ou menos clássico, não generalizando, todos tratam a gente como mulher, tipo, abre a porta do carro, uma dama, os que saem pra gente comer. Os que saem pra gente dá pra eles, que nem pegam no pau da gente, são os mais porcos, tratam a gente muito mal. Tratam a gente igual viado, você faz isso, porque você é sem vergonha. Só falta eles falarem isso pra gente. E os outros não, tratam a gente igual a uma rainha, uma dama. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de setembro de 2008).*

Como analisado por Caplan (1987), a palavra sexo possui significados diferentes. Na linguagem cotidiana, segundo o autor, esta palavra aplica-se as categorias de masculino ou feminino, sendo visto no ocidente como uma característica 'natural' das pessoas, não podendo ser alterada. Todavia, como visto até agora, as discussões tem demonstrado que não existe uma ligação clara entre sexo, em seu sentido fisiológico e o gênero, como já proposto por Beauvoir em 1949. Para Caplan, recentemente - pensando como referencial a história da humanidade - a palavra sexo tem tomado uma nova conotação, relacionando-se a 'relações sexuais', relacionada ao coito, realizada a partir de instintos biológicos. Porém, as mudanças de significado da palavra demonstram que tanto comportamentos e práticas sexuais quanto de moralidade são fluídos, ou como evidenciados acima na evocação de Hipólita. A experiência sexual relaciona-se à implementação de significados socialmente apreendidos, ou seu questionamento, como visto no comportamento desviante de travestis e clientes, pois para o

autor, nossas cabeças são as principais zonas erógenas de nosso corpo.

As inter-relações que constituem os territórios intra-urbanos da prostituição travesti não ocorrem exclusivamente entre este grupo e clientes, mas da mesma forma, através das relações que se estabelecem internamente ao grupo. Do total de evocações que tratavam da relação entre travestis, os elementos levantados referem-se ao roubo acordado entre travestis, o aprendizado através das relações entre travestis, bons e maus relacionamentos entre travestis e diferenças temporais e espaciais de comportamentos das travestis nas relações do grupo, como visto na fala abaixo de Iris:

*E a união era maior do que de agora. Antes uma travesti sempre ensinava pra outra o que era bom e o que era ruim. Que hoje em dia a gente não vê mais isso. Hoje em dia você vê a competição e a maldade que todas tem dentro de si. Porque se a fulana é a mais bonita, então ela não vai ficar. A fulana é a mais alta, a fulana é a mais gorda, a fulana é a mais magrinha. Não! Na minha época não era assim. Isso de 1980 pra cá. Se elas queriam te corrigir, elas te ensinavam a você ser mais feminina, como você se comportar. Hoje em dia não, hoje em dia você aprende na louca mesmo. Hoje em dia você aprende vendo. Hoje sem dia, se você quer se transformar, você descobre o número da travesti que poe silicone, vai lá e se enche de silicone. Mas na minha época não, elas faziam questão de te levar, pra você melhorar o teu visual, o teu físico. Pra você realmente virar uma menina, uma mulher mesmo. (Entrevista realizada com Iris, em Ponta Grossa, em 8 de agosto de 2008).*

É frente a todo este processo de exclusão e dificuldades, tanto na relação com outros grupos sociais, quanto para aqueles que estão diretamente ligados à prostituição, que as travestis constituem estratégias de sobrevivência para superar os percalços da vida. É a partir destas táticas de sobrevivência que as experiências vivenciadas por este grupo, relacionadas às espacialidades da casa, da escola e da vizinhança, da cidade e das casas noturnas, da casa de cafetina e da espacialidade de outros países, que as vivências são compartilhadas a partir de processos de memória, que confluem para o espaço que se torna território.

As vivências cotidianas dos territórios intra-urbanos, estruturadas por conveniências de normas e comportamentos para os corpos, estabelecem localizações sociais e espaciais tanto para as pessoas componentes ao grupo, quanto em relação a outros grupos sociais. Estas

espacialidades são apropriadas pelas travestis, e neste ato de produção de territórios intra-urbanos, estabelece posições móveis aos sujeitos, a partir de flutuações entre centro e margem das relações de poder, territórios intra-urbanos relacionais que envolvem múltiplas relações de poder entre pessoas que configuram relações sociais.

Os territórios intra-urbanos da prostituição travesti constituem-se por múltiplas dimensões identitárias interseccionadas, que dependendo da configuração de entrecruzamento de dimensões de categorias identitárias das travestis, posicionam corpos ora no centro, ora na margem destas relações, subvertendo lógicas de força entre *insider* e *outsider*, produzindo co-existências sócioespaciais plurilocalizadas, a partir de simultaneidades de separação e conexão.

Evidenciamos neste capítulo a geografia da instituição dos sujeitos travestis, demonstrando que todas as histórias de vida comungam-se enquanto elementos identitários do grupo de travestis que vive da atividade da prostituição. Fugindo de uma visão totalizante, construímos uma visão parcial e não final, a partir da posicionalidade do pesquisador, sobre seus elementos identitários de identificação. As interseccionalidades identitárias que foram evidenciadas até agora constituem-se a partir de encontros de dimensões de elementos identitários relacionados ao gênero, sexualidade, cor da pele, faixa etária e grupo de renda, e nacionalidade, apontando que estas intersecções se fazem como construções sociais em uma realidade sócioespacial construída.

É segundo o esgotamento do que estes territórios intra-urbanos proporcionam que as travestis buscam novas espacialidades com suas vantagens locais. Uma nova demanda de discussão estabelece-se a partir desta nova configuração caleidoscópica da prostituição travesti, ou seja, a discussão sobre espacialidade, sujeito travesti e escala geográfica. Para tanto, o objetivo do próximo momento desta tese é construir uma reflexão relacionada às conquistas espaciais e as práticas pessoais, a partir de vivências multiescalares.

### **CAPÍTULO III**

## **CONQUISTAS ESPACIAIS E PRÁTICAS PESSOAIS: A VIVÊNCIA MULTIESCALAR**

O objetivo deste capítulo é evidenciar a relação entre espacialidade, sujeito travesti e escala geográfica. Como visto no capítulo anterior, as espacialidades colocam-se para além de planícies isotrópicas, como se constituíssem uma forma monolítica ou monoescalar. Estas espacialidades são, pelo contrário, múltiplas, fluídas e multiescalares, constituídas a partir de inter-relações, formando nossas cosmologias estruturantes, estabelecendo caminhos de apreensão do mundo e possibilitando múltiplas formas de ação frente aos outros. Espacialidades que se compõe enquanto imbricações de trajetórias, completamente abertas ao acaso e ao inesperado, *locus* da existência contemporânea.

Sendo o espaço multidimensional, os sujeitos, a partir de suas práticas cotidianas, conectam escalas espaciais. Todavia, além da conexão propiciada pelo deslocamento de travestis através de espacialidades relacionadas a prostituição, vários fatores espaciais conectam estas várias espacialidades, recompondo a própria identidade travesti e criando vantagens específicas nas relações de poder na comunidade de travestis que se prostitui. Toda esta lógica de configuração estrutura-se a partir de buscas de vantagens espaciais, como maior fluxo de clientes ou uma maior rotatividade, constituindo-se enquanto um elemento de novidade e de fascínio, subsidiando a atividade da prostituição. Outros fatores relacionam-se às conquistas de tecnologias de transformação dos corpos e as possibilidades de relações homossexuais em anonimato. Este conjunto de elementos resulta em escolhas e as escolhas resultam em localizações. Portanto, cada localização é uma composição específica de 'ser e estar' travesti nas mais variadas espacialidades específicas.

O que as entrevistas realizadas com o grupo de travestis envolvidas com a prostituição evidenciam é que cada vez que estas pessoas conseguem constituir espacialidades mais amplas, existe uma ressignificação pessoal em seus locais de origem, podendo haver uma relocação da travesti no tocante as posições das relações de poder - sua posição periférica em determinada cidade pode ser alterada a partir de outra espacialidade, ocupando esta pessoa posições centrais nas relações de poder segundo esta possibilidade específica. Como visto nas

falas das travestis que cederam suas histórias para a construção da presente tese, esta movimentação espacial ocorre segundo estratégias que são alçadas pelas travestis para a mudança de cidade, a partir de relações com amigas, indicações de outras travestis e a inserção em redes de cafetinagem. Além das estratégias de conquistas espaciais, outros elementos são os fatores que motivaram determinadas ações, como a atração que determinadas espacialidades desempenham, o que elas buscam com o deslocamento, ou seja, quais são os fatores motivacionais para o deslocamento espacial na conquista de espacialidades desconhecidas.

Assim, para o desenvolvimento deste capítulo, inicialmente construímos uma discussão relacionando escala geográfica e sujeitos travestis a partir de redes de pessoalidade. Em seguida tratamos das buscas de vantagens espaciais, a partir de escolhas de localizações, tratando dos fatores motivacionais dos deslocamentos, os fatores espaciais de conectividade e as próprias estratégias de deslocamento a partir da vivência multiescalar, com suas plurilocalizações, nas relações da prostituição travesti.

## **5. Escala Geográfica e Sujeitos Travestis**

A escala enquanto um conceito geográfico tem chamado à atenção de muitos cientistas sociais. Como apontado por Corrêa, (2003), a escala tem se colocado enquanto um problema geográfico, sendo considerada tanto uma construção social, na visão de Marston (2000), como a partir de uma perspectiva política e metodológica (BRENNER, 2000 e 2001; MARSTON & SMITH, 2001). Em sua discussão sobre 'O problema da escala', Castro (1995) afirma que existem três encaminhamentos sobre as considerações relacionadas à escala. Primeiramente, existe um caminho de discussão que relaciona escala e cartografia, que parte de considerações matemáticas. Segundo a autora, este encaminhamento resulta em uma concepção metodológica que estabelece coerência entre o tamanho espacial dos fenômenos e suas representações cartográficas. A segunda direção estabelecida relaciona-se ao problema epistemológico que a discussão sobre a escala suscita, pois tanto as pesquisas que trabalham com macroescalas quanto as que pretendem estabelecer discussões em microescalas demonstram que as lógicas de configuração de determinadas escalas alteram-se em outras

dimensões de fenômeno, a escala sendo assim um “um problema para a ciência (...) o artifício analítico que dá visibilidade ao real” (CASTRO, 1995, p.133). Finalmente, o terceiro caminho tomado estabelece uma orientação no tocante a escala como uma estratégia de apreensão dos fenômenos enquanto representação. O que é salientado por Castro diz respeito ao fato de que o espaço é polimorfo. Portanto, o jogo de escalas afirma a consideração que esta relação refere-se a imbricação de fenômenos com naturezas e amplitudes distintos. Nesta conjuntura, o pensar geográfico demanda o estabelecimento de recortes espaciais estabelecidos segundo um sentido explicativo, não *a priori*.

Como evidenciado em todas as falas das travestis, grupo focal da presente tese, mesmo que se pensasse na existência de uma organização consolidada de um tipo específico de rede, relacionado a prostituição travesti, suas falas apontaram que a conexão entre espacialidades, ou mais especificamente, o recorte espacial relacionado ao território descontínuo da prostituição travesti, se estabelece a partir da consideração de que, além da não existência de um padrão espacialmente repetitivo, o elemento preponderante na constituição desta espacialidade esta relacionado nas falas a capacidade de relações inter-pessoais e sua possibilidade de estabelecimentos de relacionamentos espaciais, produzindo um rizoma ou teia não direcional.

A escala, segundo Sheppard e McMaster (2004), de uma forma ou de outra, esta sempre relacionada à investigação geográfica. Este incomodo relacionado a escala não se refere especificamente a este sub-campo específico do conhecimento científico, mas coloca-se enquanto uma demanda à outros sub-campos, como a Ecologia, Meteorologia e Climatologia, Geologia, Economia, Sociologia e Ciência Política, entre outros. Desta forma, na sua discussão sobre 'Scale and Geography Inquiry, Nature, Society and Method', os autores visualizam que via de regra os geógrafos têm corriqueiramente pensado a escala a partir de sua concepção cartográfica. Os autores apontam que a fração - 1:10.000 – tornou-se o método padrão para representar a escala, a partir de seu aspecto matemático. Mesmo que estas considerações sejam uma pauta de discussões de geógrafos físicos e biogeógrafos, estas preocupações têm perpassado as reflexões de geógrafos humanos, vendo-as como uma construção social e um guia conceitual na definição de lógicas de funcionamento dos fenômenos. De forma geral, existem diferentes conceitos de escala, referentes às distintas concepções geográficas, tornando difícil apenas uma conceituação.

Buscando contribuir para estas reflexões, Sheppard e McMaster (2004) identificam três caminhos de interesse dos geógrafos relacionados à escala: escala espacial, escala temporal e escala espaço-temporal. Os autores oferecem uma classificação dos tipos de escala, incluindo a escala cartográfica, a geográfica, a operacional, a resolução espacial e a escala enquanto construção, como visto na figura abaixo:

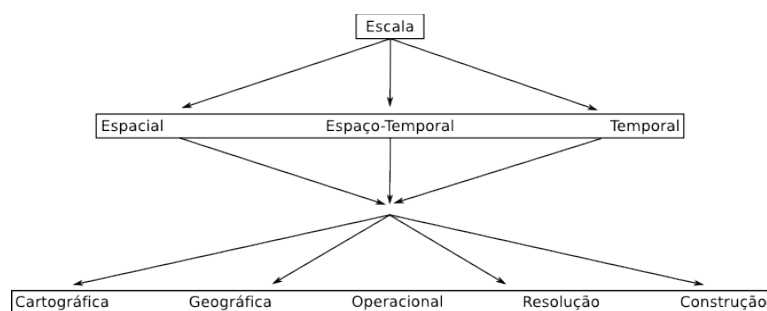


Figura 3 - Os Significados da Escala.

Fonte: Adaptado de Lam e Quattrochi (1992) por Sheppard e McMaster (2004)<sup>97</sup>.

O que salienta-se é o fato de que o significado de cada escala relaciona-se a cada contexto, e como na problemática desta tese, às escalas espaço-temporais específicas, no objetivo de compreender de que forma as práticas territoriais da prostituição travesti, presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais. A escala não se coloca enquanto uma métrica fixa, mas sim nasce das propriedades das complexas dinâmicas dos fenômenos sociais. A partir da evidência que não existem escalas mais ou menos válidas, como proposto por Castro (1995), a proposição realizada por Sheppard e McMaster (2004) coloca-se como muito pertinente à discussão da presente tese, pois como analisado pelos autores, a demanda que se estabelece é o entendimento do que muda quando a escala geográfica de fenômeno é alterada.

Segundo os autores, as discussões relacionadas a escala têm via de regra tomado caminhos quantitativos, pensando a escala como um cercamento métrico de fenômenos, estabelecendo hierarquias métricas entre estes. Todavia, como evidenciado nesta discussão, a Geografia Humana tem dado um tom diferente a escala, consequência esta de transformações nas próprias formas de se pensar e de se fazer Geografia. Este conflito entre hierarquias

<sup>97</sup> Sheppard e McMaster (2004, p. 262).

métricas de fenômenos nasce de um questionamento dos sistemas euclidianos de visualização das espacialidades e temporalidades, pois a busca não se coloca a partir de distâncias métricas, mas sim de proximidades e distâncias sociais. Como analisado por Sheppard e McMaster (2004), vários geógrafos humanos tem alimentado a ideia que a distância cartesiana entre dois locais tem pouco a ver com a distância 'real' que os separam. Como a escala relaciona-se aos fenômenos específicos que são problematizados, os autores apresentam dois exemplos. Inicialmente temos dois bairros, um composto em sua maioria por pessoas brancas, e outro formado majoritariamente por negros, sendo que estes dois bairros são divididos por uma rua. Mesmo que a distância métrica entre as duas espacialidades seja pequena, a distância social, efetivada a partir de interações sociais que separa estas duas realidades, se coloca como considerável. O segundo exemplo apresentado pelos autores refere-se as relações entre as cidades de New York e Londres. Mesmo que estas duas espacialidades estejam distantes no espaço euclidiano, a partir da escala fenomenal relacionada ao fluxo de pessoas, dinheiro e informações, estão mais próximas uma da outra do que de suas áreas de proximidade. Adicionamos a estes dois exemplos o que evidenciamos a partir das entrevistas que foram realizadas no processo de pesquisa, a partir da evocação de Hipólita:

*Então, a Tia Ivone era a mãe da (cafetina) que tava presa. Então, como a (cafetina) tinha matado o marido da (cafetina), que era a nervosa, que era a dona de Curitiba. Porque que eu fui pra São Paulo, Curitiba não é assim, Curitiba tem que agradar a (cafetina) e é difícil agradar a (cafetina). Aí fui pra São Paulo, foi por isso que Curitiba foi umas das últimas cidades que eu vim trabalhar, por causa da história da (cafetina)<sup>98</sup>. Aí o que aconteceu, a (outra cafetina) matou o marido da (cafetina), e deu uns tiro na (cafetina). Essa (cafetina) foi pra Balneário Camboriú e fugiu de Curitiba. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008).*

Sabendo que Hipólita residia em Ponta Grossa - PR neste momento rememorado, São Paulo - SP a partir de uma distância euclidiana de 537 km colocava-se como uma cidade mais próxima que de Curitiba – PR, a uma distância de 115 km. Mesmo que a partir de uma distância métrica menor, a distância social a partir da consideração “Ai fui pra São Paulo, foi por isso que Curitiba foi umas das últimas cidades que eu vim trabalhar, por causa da história

---

98 Grifo nosso.

da (cafetina)”, estabelecia um distanciamento maior.

A partir de aproximadamente a década de 1970, como tratado por Sheppard e McMaster (2004), a Geografia começou a ir além destas proposições, apontando que se o espaço é uma construção social, por implicação a escala espacial também era produzida a partir de processos relacionados a específicos sistemas sociais, não sendo uma dimensão exógena ou fixa, mas constituída por processos sociais, como apostado por Massey (2008), de inter-relações, esfera da multiplicidade e sempre em construção e por Hecate: “Tudo é uma relação, tipo, você tem que ser tipo um relações públicas. Não é o apenas tá ali, é um conjunto todo de relações” (Entrevista realizada com Hecate, em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009). Relações não se estabelecem apenas através de uma única espacialidade, mas na conexão entre as mais variadas possibilidades espaciais de existência das travestis através da prostituição.

Esta nova configuração da discussão sobre a escala aponta duas direções como visto por Sheppard e McMaster (*Ibid.*). Inicialmente, sendo o espaço uma construção social, a mesma afirmação é verdadeira em relação a escala, demandando o estabelecimento do processo através do qual esta veio a existência. A segunda opção estabelece o fato de que se a escala é uma construção social, não devemos tomar como certas a importância e a existência das escalas geográficas que são normalmente pensadas pela Geografia Humana, como o bairro, a cidade, a região, a nação e o mundo, pois como proposto por Howitt (1998), as utilizações metafóricas relacionadas ao local, regional, nacional e global tornaram-se naturalizadas enquanto categorias dadas, não sendo pensadas enquanto construções intelectuais. Pelo contrário, devemos compreender que a escala relaciona-se ao tempo e as espacialidades, mais além, se cada escala é a mais correta na problemática de reflexão. O que evidenciamos é a conexão entre as mais variadas escalas espaciais relacionadas a prostituição, a partir do grupo de travestis que fora o alvo da presente tese.

A reflexão sobre a conexão de várias escalas espaciais, ou melhor, de várias espacialidades, possui uma interface com as discussões atinentes a rede geográfica. Segundo Dias (2007), as discussões sobre as 'redes' tem se colocado enquanto uma agenda de reflexão que comunga propostas, significados e caminhos teóricos os mais diversos. Entendendo as redes como formas de organização espacial estruturadas por pontos que se conectam entre si por seguimentos de arco, estas conexões são apontadas pela autora como relacionadas a

quatro fluxos básicos, a saber, a movimentação de pessoas, movimentações comerciais, movimentações de informação e movimentação de capitais. Mesmo que estes fluxos estivessem até pouco tempo restritos a escala geográfica relacionada ao Estado-Nação, o que se visualiza atualmente é a superação das fronteiras espaciais 'legalmente' constituídas. Fluxos de todo tipo torna-se mais densos, ampliando necessidades de circulação. Como visto nas palavras da autora, “isso explica em parte o fato de a representação do mundo social integrar crescentemente a noção de rede, numa perspectiva que procura chamar a atenção sobre as relações e a complexidade de interação entre o nós” (DIAS, 2007, p. 12). Redes estas que nas ciências humanas tem sido problematizada como formas peculiares de organização, tanto social, urbana, político e econômica, e técnica.

Fugindo de uma perspectiva determinista relacionada especificamente às redes técnicas, como se fossem a principal forma de apresentação das redes, Dias nos exorta que ao contrário, vivemos nossos cotidianos a partir de uma multiplicidades de configurações de rede, a partir de vários tempos sociais, pois a rede coloca-se, assim como as espacialidades e a escala, como uma construção humana, sendo instituída através de vários tipos de estratégias, individuais, grupais, institucionais e privadas, pois a rede “não constitui o sujeito da ação, mas expressa a escala ou define a escala de ações sociais. As escalas não são dadas *a priori*, mas são constituídas nos processos” (DIAS, 2007, p. 23). Como evidenciado até agora na construção desta tese, nunca seremos capazes de compreender a rede de pessoalidades travestis por completo. Este completo coloca-se enquanto uma ficção, pois a rede está em permanente processo de se fazer: “(...) instável no tempo, móvel e inacabada, (...) a ideia da rede certamente ilumina um aspecto da realidade – chama a atenção para a complexidade das interações espaciais, resultante do conjunto de ações desencadeadas em lugares mais ou menos longínquos” (*Ibid.* p. 23).

Como tratado por Dias, a noção de rede se tornou onipresente e onipotente. Entretanto, na mesma obra, a autora disserta, a partir de um diálogo com Musso (2001), que “os olhares humanos não descobrem conceitos, mas os recriam” (*Ibid.* p. 13). No que tange a problemática desta tese, não tratamos da conexão, a partir de segmentos de arco, de pontos adimensionais, mas temos por escala espacialidades configuradas por lógicas complexas, relacionadas aos territórios intra-urbanos da prostituição travesti. Estes são constituídos por espacialidades rememoradas nas lembranças das travestis e que foram socializadas enquanto

elementos identitários interseccionados de pertença de grupo, através destes territórios. As conexões de espacialidades, a partir de redes, relaciona-se a escala geográfica. Como proposto por Sheppard e McMaster (2004), as redes de conexão entre espacialidades constituem uma nova escala não redutível as escalas das espacialidades que foram conectadas, espacialidades estas não hierárquicas.

Evidenciando que a tomada de consciência da importância da escala nas reflexões geográficas é um fenômeno que remota há poucas décadas, Marston (2000) aponta que este interesse tem destinado a compreensão das formas de implicação entre a produção da escala e a produção do espaço. Segundo a autora, um grande conjunto de trabalhos tem afirmado que a escala é uma construção social. Assim como Sheppard e McMaster (2004), Marston (2000) trata que em todo o conjunto de trabalhos que problematizam a escala, esta não está confinada especificamente a Geografia e muito menos a Geografia Humana. Todavia, no tocante a este último sub-campo, as reflexões que pensam a escala sob uma perspectiva social tem tido um compromisso de pensá-la dentro de um quadro de construção, rejeitando-a enquanto um quadro dado. A pedra de toque destas ponderações relaciona-se a visualização de que a escala não é um quadro de ordenamento hierárquico do mundo, a partir dos níveis relacionados ao local, o regional, o nacional e o global, mas sim resulta de tensões contingentes entre forças estruturais e práticas cotidianas dos sujeitos, ou de outra forma, como afirmado no capítulo anterior, resulta de estratégias de sobrevivência, perpetradas pelo grupo de travestis, a partir de diálogos entre o cotidiano de suas vidas e a imposição do espaço ser reflexo e condição das formas de organização social hegemônicas. Sendo que no capítulo anterior, o que fora evidenciado relacionava-se à conexão escalar entre as mais variadas espacialidades de vivência travesti e os territórios intra-urbanos, o que tratamos neste capítulo é de uma nova configuração escalar, agora referente à escala espacial propiciada por redes de pessoalidade, a partir de uma vivência multiescalar.

A escala tem tido um papel muito importante no desenvolvimento da ciência geográfica, como compartilhado por Howitt (1998), sendo muito apropriado considerá-lo como o principal conceito da Geografia. Em seu diálogo com Harvey (1996), Howitt aponta que este autor havia identificado que a Geografia possui como conceitos fundamentais os de tempo, espaço e natureza, mas também reconhecendo que a escala espacial era uma fonte de confusão para a Geografia. Por outro caminho, Howitt afirma que o nascimento da Geografia

Regional apresenta uma transformação na ênfase dada aos 'ambientes' para uma valorização do 'lugar'. Assim, todas as transformações teóricas pelas quais a Geografia passou nas décadas de 70 e 80 do século passado indicam, segundo o autor, que o 'desenvolvimento da Geografia' teve a escala enquanto um elemento implícito da trajetória deste sub-campo do conhecimento científico. A escala não é um conceito independente, mas tem seu papel delimitado aos conceitos mais importantes da Geografia, relacionados ao lugar, ao espaço e ao ambiente.

Salientamos que a escala não possui uma existência axiológica *per si*, mas, forma-se a partir de nossas construções intelectuais, produzindo-se a partir de interações escalares entre espacialidades. Nos apropriando dos termos de Howitt (1998), esta teoria 'serva' implica na compreensão e natureza de configurações geográficas. Contudo, na sua proposição, pelo fato dos vínculos entre conceitos, nenhum deles deve ser compreendido estritamente como sendo o servo ou inferior aos demais, devido ao fato de todos servirem a todos, estando implicado um em relação aos outros. A partir de suas proposições, sem o espaço a reflexão sobre a escala corre o risco de reduzir as espacialidades a metáforas ou a uma estéril relação entre distâncias. Por outro lado, sem a escala, corremos o risco de transformar as espacialidades em uma construção idealizada, perdendo as múltiplas facetas que são as chaves compreensivas das geografias do mundo.

Reafirmando a posição de não considerar a primazia e a independência da escala em relação aos outros conceitos estruturantes do conhecimento geográfico, Howitt (1998) afirma que a escala é constituída por teias de relações entrelaçadas por conceitos em igual importância. Mas, indo além destas proposições, sua perspectiva esquiva-se à discussão sobre a escala relacionada especificamente ao 'tamanho' e ao 'nível', como visível em Lacoste (1989). Sua proposta refere-se à natureza, o papel e as especificidades da escala nas teias de relações espaciais. Tendo visto a pertinência destas proposições no objetivo de compreender de que forma as práticas territoriais da prostituição travesti, presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais, atemo-nos aos três aspectos da escala propostos por Howitt (1998), referentes à escala enquanto tamanho, enquanto nível e finalmente enquanto relação.

Inicialmente, Howitt construindo uma reflexão sobre a escala enquanto tamanho, propõe que as escalas em mapas funcionam como metáforas de escalas geográficas, como também afirmadas por Sheppard e McMaster (2004) no tocante a fração matemática ter sido

aceita como a forma padrão de representações espaciais. Para Howitt (*Ibid.*) a origem da conexão entre escala e tamanho relaciona-se a Peter Haggett (1965) em 'Locational analysis in human geography', estabelecendo nesta proposta relações entre enquadramentos métricos, escalas comparativas e terminologias de hierarquias regionais. Segundo Howitt, as metáforas propostas por Haggett foram pouco produtivas devido à redução da escala geográfica a uma questão de tamanho. A segunda crítica construída pelo autor refere-se à metáfora da utilização da escala geográfica como uma pirâmide hierárquica, relacionada a níveis de complexidade. Esta crítica enquadra-se naquilo de Lacoste (1989) denomina como 'diferentes ordens de grandeza' ou diferentes níveis de análise espacial. Mesmo que o autor critique a conexão simples entre tamanho de fenômeno e escala cartográfica, ele não consegue sair do labirinto que a reflexão hierárquica da realidade produz, pois como visto em suas palavras:

É preciso, pois, basear os diferentes níveis de análise do raciocínio geográfico, não sobre as relações de redução segundo as quais se efetuam as diversas representações cartográficas da realidade, mas sobre diferenças de tamanho que existem na realidade entre os conjuntos espaciais que vale a pena tomar em consideração (LACOSTE, 1989, p. 88).

A crítica à analogia entre escala cartográfica e geográfica realizada por Lacoste (1989) é estruturada a partir de algumas incongruências. A primeira refere-se à problemática hierarquização da realidade proposta a partir de sete ordens de grandeza, indo da primeira ordem de grandeza, com dimensões de dezenas de milhares de quilômetros, até a sétima dimensão com tamanho de metros. O segundo problema refere-se ao fato de não conseguir ir além da metáfora da escala enquanto tamanho: “É preciso também classificar essas diferentes categorias e conjuntos espaciais, não em função das escalas de representação, mas em função de suas diferenças de tamanho, na realidade” (*Ibid.*, p. 88).

Finalmente, Howitt (1998) propõe que a melhor forma de visualizarmos a escala refere-se a pensá-la enquanto uma relação, ao invés de analisá-la de forma hierárquica. Desta forma, a escala pode ser problematizada enquanto um arranjo organizacional de determinados fenômenos, e como em nossa pesquisa, o arranjo conectivo entre espacialidades através da vivência travesti. Portanto, a totalidade parcial deste fenômeno é muito maior do que a soma destas espacialidades, ao grupo de travestis que retira seu sustento da atividade da

prostituição. Pensando especificamente sobre 'Scale as relation: musical metaphors of geographical scale', Howitt trata que quando existe uma mudança de escala em uma música<sup>99</sup>, esta altera a totalidade desta, mudando as relações entre elas, mudando os elementos reunidos no conjunto. Portanto, pensar os arranjos espaciais a partir de metáforas musicais possibilita a compreensão de que os elementos que são consistentes em uma determinada escala geográfica, como os vários processos de exclusão e interdição espaciais vivenciados pelas travestis, estendem-se a variadas escalas geográficas.

As alterações não se realizam no tocante aos elementos, mas na alteração da relação entre os elementos, constituindo estas 'novas' realidades espaciais. Assim, o que é significativo é o contexto em que estas exclusões e interdições ocorrem, possuindo um significado espacial específico a partir de cada pessoa envolvida nas relações, permitindo considerar que os tipos de conexões e relações escalares instituem escalas espaciais de atuação dos sujeitos. Reconhecemos que a escala é um fator de relações na elaboração de dinâmicas de realidades geográficas, ao invés de ser o produto de relações hierárquicas entre dinâmicas espaciais com tamanhos distintos de ocorrência.

A partir das respostas de campo resultantes de todo o processo de pesquisa, evidencia-se que não se pode tratar a escala apenas enquanto uma espacialidade dimensionada, demandando o campo a não redução da complexa geografia da existência travesti a apenas uma dimensão, pois é através de várias espacialidades que se constroem várias intersecções de distintas dimensões de elementos identitários tais como gênero, sexualidade, raça-etnia, idade, nacionalidade, e etc. A partir dos mesmos elementos constituem-se novos arranjos interseccionais segundo relações escalares distintas entre os mesmos elementos.

A relação entre várias dimensões escalares e as existências travestis não se faz, parafraseando Corrêa (2003a), a partir da ação de sujeitos invisíveis atuando sobre espaços abstratos, mas relaciona-se a sujeitos concretos, que a partir da inserção e/ou instituição de redes de pessoalidade, instituem uma nova escala geográfica de vivência travesti através da prostituição. Estas ações constituem uma vivência multiescalar, a partir de conquistas espaciais, intermediadas por práticas pessoais. Como dissertado por Santos (2007), pensando

---

99 A 'escala musical' relaciona-se a uma sequência ordenada de tons (dó-ré-mi-fá-sol-lá-si), consistindo na manutenção de determinados intervalos e posições entre as notas. Portanto, a mudança de escala não altera a natureza das notas, mas muda as relações entre elas, mudando as relações entre os elementos que se reúnem no conjunto musical. Daí sua utilização metafórica à escala geográfica. (WOWITT, 1998).

especificamente sobre 'Redes e Territórios: reflexões sobre migração', a movimentação das pessoas ocorre a partir de laços sociais de relações, propiciando tanto a troca de informações entre as pessoas quanto seu potencial deslocamento espacial: “Táticas e estratégias são acionadas entre os membros da rede, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais” (SANTOS, 2007, p. 53).

Construindo uma relação entre redes de pessoalidade e migração, Santos nos exorta que cada grupo social possui formas de redes de pessoalidade com organizações específicas. Neste caminho, a autora aponta que o deslocamento entre espacialidades é um processo instituído pelas pessoas componentes do grupo social específico, que quando iniciado, torna-se cumulativo. Esta acumulação de experiências relaciona-se a todos os processos de idas e vindas entre as mais variadas espacialidades. Mesmo que não nos utilizemos do conceito de migração, conceito este que possui considerável conexão às relações sociais estabelecidas a partir de laços familiares como tratado por Santos (2007), compreendemos que os movimentos espaciais são mantidos e reforçados por distintas maneiras de relações sociais, sendo inexistente no grupo de travestis que fora o grupo focal da presente tese as relações de parentesco como elementos de ligações sociais e espaciais.

Realizando uma análise a partir da publicação de D. Massey (*et al.*, 1987), Santos (2007) trata que os laços sociais advindos de certas organizações sociais são recursos para o deslocamento entre espacialidades, redes de pessoalidade estas que são formadas anteriormente ao deslocamento. Consideramos a partir destas ponderações alguns elementos. Inicialmente, como já dissertado em vários momentos desta tese, nem todas as travestis deslocam-se entre espacialidades, pois como tratado acima por Hipólita, este processo é seletivo. Esta seletividade advém da própria organização social do grupo de travestis, ora constrangendo, ora facilitando a movimentação das travestis. Portanto, o que define a possibilidade ou não de deslocamento das travestis relaciona-se ao pertencer - temporariamente e espacialmente - a determinada organização - espaço temporal. Como tratado por Santos (2007), mesmo que determinada pessoa se desloque sozinha, ela faz parte de uma dinâmica social nascente em seu local de origem, reconstruindo-se tanto na espacialidade de origem, quanto nas espacialidades de destino. Assim, ser pertencente a redes de pessoalidade relacionadas ao deslocamento de travestis pelo Sul do Brasil implica utilizar

recursos e informações, permitindo amenizar as dificuldades do deslocamento. Por outro lado, tanto como visto por Santos (2007), quanto evidenciado pelas entrevistas, não existe uma conexão direta entre a participação nas redes de pessoalidade e a existência de ações de solidariedade, pois a ajuda disponibilizada às travestis que se deslocam esta conectada a existência de obrigações aos membros que compõem a rede, facilitando e criando campos de conflito entre estas pessoas.

Utilizamos-nos do conceito de 'redes de pessoalidade', proposto por Silva (2002), para pensar as relações existentes entre as travestis conectando espacialidades da prostituição através do Sul do Brasil. Segundo a autora, as redes de pessoalidade são criadas e recriadas através das estruturas que a constituíram, estabelecidas por códigos de conduta, tanto regulando práticas individuais quanto criando instrumentos para tais regulações. Como visto pela autora, adequar-se aos papéis sociais, sendo fiel ao que é estabelecido a partir das redes de pessoalidade produz uma possibilidade de conquistar uma posição dentro do grupo estabelecido, ou como a partir das travestis, possibilitar permanecer nas espacialidades relacionadas à prostituição. Mesmo que esta proposição tenha sido utilizada para pensar as relações sociais de pequenas cidades, como na sua tese, à cidade de Guarapuava – Paraná, elas mostram-se como uma configuração de relações sociais fundamental em negócios ilegais e informais, onde as palavras e as atitudes coercitivas são usadas e se fazem valer. São através de redes de pessoalidade, relacionadas à prostituição travesti, que se instituem tanto espacialidades escalares de prostituição, como vivências multiescalares.

Pensar o espaço como constituído por inter-relações através de redes de pessoalidade, instituídas segundo multiplicidades sociais e sempre em construção (MASSEY, 2008), através da conexão entre várias escalas espaciais de ação dos sujeitos travestis, orienta-se a proposição de Rose (1999), propondo uma forma de pensar o espaço como performático. Segundo a autora, a imaginação geográfica que pensa o espaço enquanto relacional chama a atenção para o fato de que esta relacionalidade não se dá entre sujeitos pré-existentes aos discursos. Portanto, para a autora, pensar o espaço como relacional é analisá-lo como sendo constituído por discursos, fantasias e corporeidades. Analisar o espaço nesta perspectiva é aceitar o fato de que esta relacionalidade é performada, não elaborada através de essências, mas constituída a partir de interações entre pessoas. Esta 'performatividade' relaciona-se à discussão realizada por Butler (2003), na qual esta se refere a ideia do gênero ser um fazer

permanente, um texto escrito por um sujeito que não preexiste a escrita. O espaço a partir desta proposição também se faz a partir de um fazer, não existindo um sujeito anterior a esta ação, fazer este relacionado a articulação de performances relacionais a partir das mais variadas espacialidades. Segundo Rose, Butler (2008) espacializa as discussões relacionadas aos corpos heterossexuais, refletindo sobre o fato que esta forma de ser produz a existência de outros corpos não heterossexuais, delimitando a existência da normalidade, a partir de um *outside* abjeto. Estas performances particulares produzem espaços específicos, como outras performances de outras formas de relacionalidade produzem outros espaços. Portanto, as espacialidades não são entes a serem especificamente preenchidos e construídos. Pelo contrário, Rose nos exorta que o espaço é praticado como uma matriz de um jogo dinâmico e interativo, ou seja, estruturado a partir de formas e configurações que se realizam segundo performances situacionais nas relações entre o eu e o *outro*.

Rose não entende que o espaço é infinitamente plástico, pois algumas espacialidades são formadas a partir de repetições de relações de poder, como na proposição de Valentine (1993) sobre os espaços heterossexuais. Quando estas espacialidades apresentam-se como não plásticas, é porque a espacialidade das relações foram saturadas por encontros entre o eu e o *outro*, apresentando certa estabilidade. Da mesma forma, pensar o discurso geográfico, ou melhor, a concepção das espacialidades produzidas por corporalidades, coloca-se como fundamental, nos termos de Rose (1999). Segundo ela, isso descobre a perspectiva universalista de várias tradições de reflexão geográfica, marcadas por corpos brancos, masculinos, heterossexuais e não deficientes, pois:

(...) o intrépido explorador e sua voz de razão perde seu manto transparente de neutralidade. Suas práticas acadêmicas podem ser interpretadas como performances de práticas corporais específicas; pode-se argumentar que o corpo de seu trabalho assume os traços de suas outras corporalidades mais fortes. (ROSE, 1999, p. 249)<sup>100</sup>.

Como analisado pela autora, a partir de algumas geógrafas feministas nasce à demanda de pensar outras modalidades textuais diversas, ou seja, a produção de outros corpos. Os

100 (...) the intrepid explorer and his voice of reason lose their transparent cloak of neutrality, and their academic practices can be interpreted as performances of specific bodily practices; it can be argued that the body of their work bears the traces of their other, more fleshy corporealities. (ROSE, 1999, p. 249).

corpos podem ser pensados como marcadores de inclusão e exclusão, mas além disso, existem tensionamentos que se afirmam sobre a negação dos corpos que consistentemente significam o eu e o *outro*, com suas posições de centro e margem. Os corpos nestes trabalhos nunca produzem a mesma coisa, tendo visto especificamente nesta tese o fato que os corpos travestis, a partir das mais variadas escalas espaciais produzem significados distintos. A performance, utilizando dos termos de Butler (2003) são atos interativos entre as pessoas. Butler não afirma que os corpos aguardam uma codificação de macho ou fêmea, masculino ou feminino. Ao contrário, argumenta que os corpos são discursivos, não sendo o sexo a base da sexualidade, rejeitando a autora as afirmações de que ha um *outside* dos discursos ou um 'antes' simbólico, do tipo que se apresente.

Portanto, os corpos anatomizados e sexuais são a consequência de discursos sobre a heterossexualidade, produzindo corpos masculinos e femininos como seus fundamentos aparentes. Segundo Rose (1999), Butler trata que a existência performativa discursiva dos corpos sexuais é obliterada pelo que ela denomina como efeito substancializante, ou seja, tornar-se objeto. As pessoas não são determinadas pelos papéis através dos quais são geradas, porque os processos de significação não são atos de fundação, mas processos regulatórios de repetição que ao mesmo tempo impõe regras e as escondem. Este processo de substancialização materializa as diferenças de corpos sexuais, estabilizando estes ao longo do tempo, produzindo fronteiras e fixidez.

Finalmente, pensar as espacialidades como compostas por fantasias refere-se à discussão que Rose (1999) realiza com De Lauretis (1994) em 'The Practices of Love: desire and perverse sexuality'. Segundo Rose, De Lauretis pensa o desejo como uma articulação espacial, como uma relação entre diferenças. Este desejo é uma direção em relação ao outro, um caminhar em direção a algo que esta fora de si, ou fora do cotidiano vivido em determinadas espacialidades. Desta forma, De Lauretis propõe uma relação entre a articulação de diferenças espaciais e sexuais, e o desejo. Tendo por objetivo pensar a existência lésbica, Rose propõe que a fantasia é pensada enquanto um espaço imaginado, um elemento do desejo. Portanto, os desejos e as fantasias podem desregular discursos, deformando e deslocando espacialidades, fantasias estas imaginadas sempre segundo sinais culturais disponíveis.

Para Rose (1999) o corpo é entrelaçado com as fantasias e com os discursos, fantasia

esta que é mobilizada nos corpos e expressa através de discursos. Da mesma forma, os discursos são interrompidos pelas fantasias e pelas corporeidades, articulando-se todas estas relações de forma espacial. Para a autora, esta forma de compreensão parece útil, tanto para as formas complexas de se pensar as espacialidades, quanto como uma maneira de se pensar, de se sonhar e de se praticar outras espacialidades estruturadas a partir de distintos caminhos de se produzir relações de diferença.

Assim, as espacialidades vividas pelas travestis são múltiplas e fluidas, formadas por corporeidades, discursos e fantasias. Além disso, são multiescalares, produzidas por relações de pessoalidade entre as travestis que vivem da prostituição. É este conjunto todo de vivências espaciais que constitui, nos termos de Massey (2008), as cosmologias estruturantes da vivência travesti, forjando tanto possibilidades de apreensão de todas as relações sociais estabelecidas através das atividades da prostituição, nas mais variadas espacialidades, quanto formando caminhos de ação entre as travestis e delas em relação a outras pessoas. O evidenciado nas respostas de campo aponta que toda vez que cada travesti constitui uma nova espacialidade, a partir da inserção em redes de pessoalidade, existe uma significação mútua, tanto nas espacialidades de origem quanto nas de destino. As falas das travestis demonstram que se de um lado o deslocamento espacial é motivado segundo diversos fatores, estes se relacionam com os fatores espaciais de conectividade entre cidades e com suas estratégias de deslocamento, conectando espacialidades a partir de escalas espaciais e produzindo vivências multiescalares. Assim, o objetivo do próximo momento da presente tese é construir uma reflexão que evidencie todas estas relações.

## **6. A Busca de Vantagens Espaciais e a Escolha de Localizações**

O total de evocações relacionadas a trezentos e oitenta falas, referentes especificamente ao território descontínuo da prostituição travesti, foram agrupadas segundo cinco categorias principais e outras em menor intensidade de existência<sup>101</sup>. Este primeiro

---

<sup>101</sup>Este segundo grupo de evocações com menor intensidade se refere a 6,6 % do total, relacionando-se as seguintes categorias: relação travestis; relações policiais; relação clientes; relação com o outro; relação com companheiro/ relação com Ongs; transformação do corpo; relação cafetina; sentimento de diferença; e sentimento de frustração.

grupo esteve relacionado aos *Fatores motivacionais de deslocamento* (17,4 %), *Fatores espaciais de conectividade* (23,4 %), *Estratégias de deslocamento* (17,1 %), *Controle do território* (15 %) e *Prostituição* (20,5 %). Assim, para a construção da presente reflexão, trataremos neste momento dos fatores motivacionais de deslocamento, dos fatores espaciais de conectividade e das próprias estratégias de deslocamento, para no último capítulo desta tese construir uma discussão sobre a pessoalidade e a estruturação do território descontínuo da prostituição travesti no Sul do Brasil, a partir dos elementos relacionados à prostituição e ao controle dos territórios.

### 6.1 Fatores Motivacionais de Deslocamento

A partir do total de evocações relacionadas ao território descontínuo, segundo a categoria *Fatores motivacionais de deslocamento*, teve-se por preponderante as evocações relacionadas aos motivos financeiros, à manutenção da novidade, à transformação do corpo e à fuga de espacialidades e a busca de ampliação de relacionamentos como visto no gráfico abaixo:

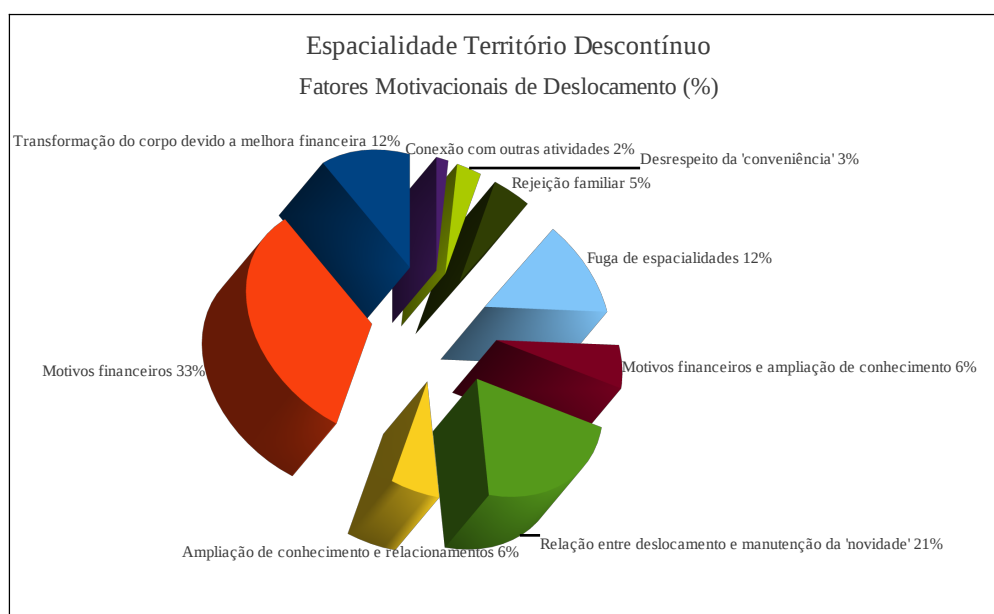


Gráfico 15. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

O maior percentual do conjunto refere-se ao ganho propiciado pelo deslocar-se entre

os municípios como um fator motivacional de deslocamento. As falas das travestis demonstram que este motivo financeiro relaciona-se a ampliação da renda, tanto nos deslocamentos realizados no Brasil, como no exterior, deslocamento este referido a estabilidade financeira e à aquisição de bens, pois assim como visto na fala de Hera<sup>102</sup>, “Eu vejo que também é ter um maior rendimento. Porque o que que um travesti quer, uma travesti quer dinheiro, pra ter uma boa vida, então ela sempre vai procurar uma cidade que ela possa ganhar mais”. Outra ponderação realizada por esta travesti refere-se ao fato de que ela havia ido de Araranguá – SC para Indaial – SC devido ao motivo de ampliação do rendimento advindo da prostituição. Mesmo que se nas duas espacialidades a prostituição acontecesse ao lado de estradas, em Indaial – SC o rendimento era muito maior. Esta diferenciação espacial do rendimento é apontada pela travesti como sendo estruturada a partir da tradição da prostituição na referida cidade e pela manutenção dos resultados financeiros da prostituição advindas nesta espacialidade. Esta ampliação de rendimentos também é apontada por Héstia<sup>103</sup> como advinda de uma maior circulação de clientes nas espacialidades de destino. Como salientado em sua fala, os 'intercâmbios' são motivados pela ideia de ganhar mais na prostituição, intercâmbio este relacionado a várias cidades do Sul do Brasil, como na sua vivência, às cidades de Curitiba - PR, Londrina - PR, Maringá - PR, Cascavel - PR, Balneário Camboriú - SC e Joinville – SC. Este deslocamento dentre municípios, motivado pela busca de melhores rendimentos é visto por Febe<sup>104</sup>, de certa forma, como uma loteria, e assim a partir de sua proposição, o que a travesti deve fazer é apostar, ora ganhando, ora perdendo. Segundo sua fala, não importa muito a cidade, mas sim a aposta constante na vida, pois a sorte de uma travesti talvez não seja a mesma sorte de outra. Mesmo que a espacialidade de referência deste discurso seja a Espanha, os mesmos elementos podem ser visto nas evocações relacionadas ao deslocamento entre municípios no Brasil, como salientado na fala de Hipólita:

*Teve uma vez que eu fui pra Curitiba e eu tinha que mandar dinheiro pra Ponta Grossa. Só que foi muito sofrido. Teve uma ocasião de não ganhar nada, sentar na calçada e chorar. Mas a maioria das vezes as travestis fazem este circuito pra ganhar mais dinheiro, ou procurar lugares melhores. Que pena que a (outra travesti) não tá aqui, que ela tem este espírito aventureiro. Ela viajou horrores, agora ela tá em Joinville - SC. Ela é daquele tipo mesmo, ela faz tour mesmo. Ela ficou em Ponta Grossa - PR,*

102Entrevista realizada em Balneário Camboriú - SC, em 26 de maio de 2009.

103Entrevista em Curitiba – PR, em 19 de maio de 2009.

104Entrevista realizada em Madri – Espanha, em 16 de setembro de 2008.

*ficou quinze dias, acabou meu tour, tenho que ir pra outra cidade. (...) Mas na maioria das vezes as travestis fazem isso pra ganhar mais dinheiro ou pra encontrar um lugar melhor até pra morar. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, no dia 11 de setembro de 2008).*

Como salientado na proposição de Rose (1999), as espacialidades, sendo constituídas a partir de relações, também podem ser compreendidas a partir de discursos, fantasias e corporeidades. Salientamos neste momento que uma das fantasias que compõe esta escala espacial relacionada à prostituição, a partir dos discursos das travestis na ação de suas corporeidades, está assentada na apropriação da ideia do êxito que outras travestis tiveram a partir do deslocar-se entre cidades, ou como no caso de Febe<sup>105</sup>, entre outros países. Para ela “Você vê uma pessoa que vem pra cá fica um ano e compra casa e compra carro. Isso parece um estimulante, uma coisa assim para te instigar mesmo. Não é assim uma inveja, mas cada um tem um sonho de crescer”. Este sonho que constitui a fantasia travesti de ter também êxito no deslocamento ancora-se na visualização de ver outras travestis irem para a Europa: “E a gente vendo pensa assim: nossa, a fulana veio ficou aqui um ano fora, chegou e comprou um apartamento, um carro te estimula, te instiga e queira ou não nós vivemos numa sociedade consumista”. Esta espacialidade é constituída a partir dos fazeres cotidianos das travestis, fazer este que não pré-existe as espacialidades e a constituição das intersecções de elementos identitários da vivência travesti. Contudo, ao lado da fantasia deste possível êxito, também existe a consideração de que esta busca relaciona-se àquelas informações positivas, pois como evidenciado na fala de Némesis<sup>106</sup>, “o lado ruim ninguém conta porque não quer parecer que não deu certo”.

Além da ação perpetrada por cada travesti, busca esta guiada pela fantasia de uma melhoria em sua condição financeira, outro elemento evocado relaciona-se à conexão entre o deslocamento, conectando várias espacialidades, a partir de atividades de cafetinagem. A rotatividade, como tratado por Dione<sup>107</sup>, relaciona-se ao ser fiel àquilo que é estabelecido a partir de redes de pessoalidade, rede esta forjada na relação entre travestis e cafetinas, autorizando ou não a permanência das travestis em determinadas espacialidades. Como evidenciado por sua fala, há pouco tempo atrás as cafetinas prendiam as travestis em suas

<sup>105</sup>Entrevista realizada em Madri – Espanha, em 16 de setembro de 2008.

<sup>106</sup>Entrevista realizada em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008.

<sup>107</sup>Entrevista realizada em Londrina – PR, em 27 de março de 2009 .

casas: “(...) Então você tinha que viver em função da casa. (...) tudo você comprava ali. Então, você nunca saía dali, porque você sempre tava devendo alguma coisa ali. Ou você fugia, ou ficava escrava dependendo dela”. Entretanto, segundo Dione, hoje a lógica de relação entre travestis e cafetinas é completamente diferente. O elemento estruturante destas relações atualmente é a rotatividade. Pelo fato de cada travesti, após certa temporalidade, tornar-se conhecida, seu rendimento advindo da prostituição começa a diminuir. Isso faz com que estas cafetinas mandem travestis embora e busquem receber travestis novas para aquela espacialidade específica, pois “O que que as cafetinas de hoje querem, a questão do lucro (...). Se ela vê que a travesti não tá ganhando, ela fala: Querida, vá embora que você não tá me rendendo” (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).

Mesmo que esta seja a temática a ser discutida no próximo tópico, referente aos fatores espaciais de conectividade, cabe-nos realizar algumas ponderações no tocante a este elemento. Segundo entrevista realizada com uma das cafetinas que possuem pensão para travestis em Curitiba – PR<sup>108</sup>, ela já havia auxiliado mais de cem travestis. O que nos chama a atenção nesta fala em específico, e que se alinha a evocação acima de Dione, é de que na época em que a entrevista fora realizada, ela havia recebido uma 'remessa' de dez travestis da cidade de Maringá – PR. Como ela mesma falara: “Agora aqui é a temporada de Maringá”. Segundo a sua fala, ela se colocava enquanto um nó em uma rede de pessoalidade realizada a partir de relações entre cafetinas, enviando e recebendo travestis das mais variadas espacialidades. Mas como dito anteriormente, este enviar e receber travestis está conectado ao fato da diminuição dos ganhos advindos da prostituição, resultando na possibilidade ou não de cada travesti poder corresponder às obrigações contratadas com as cafetinas, no pagamento das diárias, e dependendo da cidade, também no pagamento de poder permanecer na rua.

Se uma das motivações dos deslocamentos, conectando várias espacialidades da prostituição travesti se relaciona à manutenção dos rendimentos, outra categoria relaciona-se ao deslocamento entre cidades tendo por objetivo a manutenção da novidade que cada travesti apresenta corporalmente. Sendo que este elemento representou 21 % do total de evocações referentes à categoria fatores motivacionais de deslocamento, ela esteve estruturada a partir desta necessidade, devido aos seus corpos não serem mais novidade nas espacialidades relacionadas à prostituição. Assim, o deslocamento alinha-se a consideração que para que haja

---

108 Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em em 31 de julho de 2008.

a manutenção de seus rendimentos, seus corpos sempre devem ser vistos como uma novidade nas mais variadas espacialidades, e por consequência, desejáveis, como salientado nas evocações abaixo:

*Porque a gente tem que rodar, né? Se a gente ficar em um mesmo lugar, a gente fica batida. Tem que conhecer outros clientes, porque cliente quer novidade. Por que se eu chegar hoje lá em Ponta Grossa, eu vou ser novidade. Pois quando eu saí de lá, eu não tinha me transformado toda, eu ainda era morena, feia pra caramba, se eu tivesse umas fotos, eu ia te mostrar. Eu só tenho foto hoje comigo assim. Mas se eu chegasse hoje lá, eu seria novidade. Novidade e ganho, porque quando eu vou para Ponta Grossa, eu ganho mesmo. (Entrevista realizada com Demeter, em Curitiba – PR, em 30 de julho de 2008).*

*Então a estratégia é essa, você fica na cidade por um tempo, um mês nessa cidade, fica um mês em Curitiba, aí já pegou os clientes, já saiu, já fez todos os contatos e tudo mais, aí muda pra outra cidade, pra dar um tempo. Aí muda pra outra cidade pra dar outro tempo, e muda pra outra e pra outra, aí volta pra Curitiba. Aí depois de um bom tempo volta pra Curitiba, aí voltei a Curitiba e tô trabalhando aqui, daí os clientes já são diferentes, ou pode até ser os mesmos de quando ela veio, mas o tempo é outro, entendeu? (Entrevista realizada com Artemis, em Curitiba - SC, no dia 26 de junho de 2010).*

*O principal benefício mesmo é dinheiro, aumentar a renda. Por que é assim, as travestis que estão ali os homens já conhecem elas, entendeu. Ai tu vai no roxo, no amarelo e no verde, tu vai no roxo, no amarelo e no verde, aí apareceu um violeta! Você diz: nossa, uma cor diferente, vamo lá no violeta, vamo ver o que que esta cor tem de estranha, vamo ver o que esta cor tem de diferente. Mas de repente tem uma pessoa que tem uma química contigo, ela vai sair contigo uma, duas, três, quatro, cinco, seis vezes. Só que um dia ela vai achar um lilás, ela vai achar um lilás, e aquele lilás vai tá ali como tu teve em um violeta em outro local. Tu era um violeta, era uma cor nova. Mas de repente apareceu um lilás. É como arroz e feijão, você come todo dia. Ai vem um dia que você come uma linguiça, já come uma carne de chapa, um bife com limão, que tem um gosto diferente, claro! A ideia de sair de um município é dar versatilidade aos clientes e continuar recebendo por isso, continuar se beneficiando de ser a diferença no local. (Entrevista realizada com Hecate, em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009).*

*Hoje em dia existem muitas travestis que fazem isso, muitas. Hoje em dia no Brasil, mas não apenas no Brasil, mas como na Europa toda, as travestis querem ser assim, elas querem ser sempre novidade, como eu falei no começo. Então pra você ser novidade, você tem que ficar pulando de um lugar pro outro. (Entrevista realizada com Iris, em Ponta Grossa, em 8 de agosto de 2008).*

Este elemento de novidade constitui tanto a motivação de deslocamento quanto a

fantasia dos clientes em relação aos novos corpos travestis através das espacialidades. Como proposto por Pile (1996), o corpo não é uma superfície passiva ou um recipiente, um conjunto de orifícios, membros, órgãos e sentimentos, mas sim o local de uma intensa articulação entre relações de poder, relações de aversão e de desejo, relações estas que acontecem através das espacialidades. Esta busca por novos corpos coloca-se como na proposta de Binnie (2001), nas possibilidades eróticas da cidade. Como visto pelo autor, o desejo sexual se materializa em várias espacialidades, ou como denominado pelo autor, também através de espaços *queer*. Em relação ao nosso grupo focal e suas relações constituintes, as espacialidades relacionadas à prostituição travesti também se referem a materialização de desejos sexuais relacionados aos contratos realizados entre travestis e clientes. Assim, a escala geográfica da prostituição travesti referente ao deslocamento entre as cidades também é a materialização do desejo sexual por novos corpos nas mais variadas espacialidades da prostituição. Da mesma forma que em relação à fantasia das travestis, referente ao ter êxito nos deslocamentos, a escala geográfica formada a partir do deslocamento entre as travestis também é constituído pelas fantasias construídas pelos clientes em relação aos novos corpos, pois segundo Binnie (2001), são as fantasias que nos permitem criar contextos e espaços orientados aos nossos desejos. A distinção entre a fantasia e a 'realidade' funde-se a partir das espacialidades relacionadas a prostituição travesti, espaços através dos quais os desejos são materializados – tornando a fantasia real - ou no mínimo, potencialmente realizáveis a partir dos corpos travestis.

Assim como a ampliação de rendimentos e a manutenção da novidade dos corpos travestis, o acesso a tecnologias de transformação do corpo coloca-se como fator que motiva o deslocamento através dos municípios. Como visto dentre o conjunto de falas, os encaminhamentos tomados nas evocações se relacionaram ao fato de que são a partir da melhoria nos rendimentos que as travestis conseguem acessar, financeiramente, o sonho da transformação do corpo, buscando alinhar seu corpo as suas práticas femininas. Como salientado por Afrodite<sup>109</sup>, depois de estar cansada da Europa, ela havia estabelecido como meta investir em seu corpo. Indo além de pensar que é o deslocamento que possibilita o acessar estas tecnologias, as falas de Démeter e Atena apontam que são as espacialidades conquistadas que propiciam esta transformação:

---

109 Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008.

*Aí eu vim para Curitiba e comecei a transformar meu corpo. Mudei e vou fazer mais ainda, vou fazer plástica no nariz, quero fazer plástica no corpo. Agora quero fazer minha boca. Sabe, como que eu vim para cá, você conheceu a (outra travesti), eu falei pra ela que queria colocar silicone, aí ela me indicou a (...) bombadeira daqui. Daí eu vim pra cá, bombei. Daí (a bombadeira) falou porque que eu não vinha pra Curitiba trabalhar? Daí me deu a louca e vim. Bombeie o peito, voltei para Ponta Grossa, peguei minhas coisas e vim para cá (...). (Entrevista realizada com Démetre, em Curitiba – PR, em 30 de julho de 2008).*

*Eu já cheguei em Balneário Camboriú toda feita, há dez anos atrás. Por exemplo, Santo André me deu o corpo, Avenida Industrial em Campinas me deu a prótese, e Balneário Camboriú me deu tudo que eu tenho. Mas hoje em dia, eu jamais voltaria a Campinas, Santo André, são cidades muito violentas (...) . Mas Balneário me deu tudo, eu cheguei assim. Balneário me deu o luxo e o conforto. Me deu um carro bom de setenta e três mil reais. (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú - SC, em 26 de maio de 2009).*

Como tratado por Selene<sup>110</sup>, as travestis colocam-se enquanto um grupo de ciganas. Para elas, as travestis viajam porque não tem corpos feitos biologicamente como femininos. Existe uma gritante demanda para a transformação do corpo, sendo que para isso, é necessário muito trabalho, que resulta em quantias de dinheiro considerável, possibilitando a transformação. Contudo, além desta busca, o desenvolvimento, como nos termos dela, de uma alma cigana, também se deve ao fato de que muitas delas são rejeitadas pela família, sendo obrigadas a sair de casa, de sua cidade natal, e a partir disso, vivendo a liberdade em outras cidades. Esta ponderação orienta-se ao elemento *Rejeição familiar* (gráfico 16). Esta rejeição, que como visto no capítulo II desta tese, perpassa várias espacialidades de vivência travesti ao longo de suas vidas, é mais um elemento motivacional de deslocamentos. Como tratado na fala de Némesis<sup>111</sup>, sua motivação de deslocamento advinha da rejeição recebida tanto da família quando de seus 'conhecidos': “Muita discriminação da minha família, do pessoal que me conhecia. E aqui eu levo uma vida normal. Lá não me aceitavam”. Pelo fato das espacialidades relacionadas à vivência familiar serem interditadas as travesti, o que lhes cabe é deslocar-se através dos municípios. Novamente, o que evidencia-se é o diálogo entre o espaço ser reflexo e condição das formas de organização social hegemônicas, e as ações realizadas pelas travestis a partir de suas estratégias de sobrevivência, como tratado na fala de Íris:

<sup>110</sup>Entrevista realizada em Sapiranga - RS, no dia 20 de dezembro de 2010 .

<sup>111</sup>Entrevista em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008.

*A maioria é do interior, porque o que elas fazem, vamos supor uma travesti do interior, que é do interior, ela sofre mais preconceito da família. Até falei com uma que é minha vizinha, ela é de Arroio dos Ratos – RS, que é aqui perto, aí tem várias travestis de lá. Até fiquei impressionada de quantas travestis que vieram de lá. Ela falou que vieram umas nove de lá pra cá. Aí eu perguntei: E a família? A família a gente nem visita mais, a gente perdeu o contato com a família. E elas vieram para cá e tão trabalhando aqui na prostituição. Tem também uma que está na Europa, e que é de Arroio dos Ratos – RS. E assim elas vão migrando, elas vão para São Paulo, elas vão migrando de uma cidade para outra, de uma cidade pequena para uma cidade grande, de uma cidade grande, elas vão para uma maior, elas vão para São Paulo, de São Paulo podem ir pra fora. (Entrevista realizada com Íris, em Porto Alegre – RS, em 21 de dezembro de 2010).*

Esta 'fuga' de espacialidades, anteriormente evidenciada a partir do preconceito advindo da família e de suas relações de proximidade também se realiza quando a travesti sente que a violência que ocorre a partir das espacialidades de prostituição pode levar a cabo sua vida. Outro elemento é quando estas desrespeitam, utilizando-se dos termos de Mayol (1996), as regras de conveniência, regras estas estabelecidas tanto a partir das suas redes de pessoalidade, quanto relacionadas às coerções institucionais, fugindo estas travestis de determinadas espacialidades. Como tratado em uma das evocações, Erinia havia saído de Cachoeira do Sul - RS e ido até Caxias do Sul – RS com aproximadamente dezessete anos de idade. Entretanto, a violência na cidade de Caxias do Sul – RS era uma atividade cotidiana. Fôra nesta espacialidade que ela havia sido baleada e esfaqueada: “E aí eu fui pra Santa Catarina, porque eu vi todas as minhas amigas morrendo. Porque naquela época era duas, três travestis sendo assassinadas por semana. Aí eu disse: Eu vou me embora” (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010) . A mesma fuga da violência é visto abaixo na fala de Hera:

*Eu sempre saí de um lugar pra outro sozinha, e o que me fez sair de Porto Alegre foi o que eu te disse, existem travestis e travestis. Infelizmente nós chegamos numa época em Porto Alegre que aconteceu muito assalto de travestis assaltando clientes, sequestro relâmpago, entendeu? Então eu trabalhava em uma esquina e na outra esquina debaixo trabalhavam o grupo de marginal. Lá na terceira esquina trabalhava o grupo de travestis boas, entendeu? Então, nessa esquina trabalhavam dez, ficavam as duas*

*mais bonitas, parava um carro, entrava uma no carro e as outras escondidas na metade da quadra. Aí essa puxava a chave do carro, rodeavam o carro, roubavam tudo que ele tinha, limpavam o carro. Aí o que acontece, se o cliente não fazia, ele mandava alguém fazer, passar alguém e dar um tiro. Aí eu perdi muitas amigas minhas que não tinham nada a ver com isso, que tomavam um tiro de graça, porque era uma bala perdida, então Porto Alegre é uma capital como todas as capitais, vem muitas travestis de fora. (...) Daí eu ficava pensando: já tô batalhando aqui na rua, que é uma coisa que eu não gosto de fazer, e ainda vou ficar aqui me arriscando? Disse pra mim: eu vou procurar um lugar mais tranquilo. E um lugar mais tranquilo é uma cidade pequena. (Entrevista realizada com Hera, em Balneário Camboriú - SC, em 26 de maio de 2009).*

Se de um lado as falas de Hera e Erinia apontam que o deslocamento entre municípios é motivado pela fuga da violência e pela possibilidade de morte, os elementos relacionados ao 'aprontar' – roubar clientes e dever para cafetinas e travestis – é da mesma forma um fator motivador de deslocamento destas travestis que realizam estas práticas. Como visto por Mayol (1996, p. 47), a partir de relações sociais estabelecem-se convenções tácitas de conduta, “não escritas, mas legíveis por todos os usuários através de códigos da linguagem e do comportamento”. A partir desta reflexão, toda submissão - ou não submissão - das travestis a estes códigos constitui os discursos das travestis em relação ao que é estabelecido como o comportamento correto. Como proposto por Mayol, estas normas excluem os excêntricos, as pessoas que não se comportam como 'nós'. Esta é a manifestação de um contrato que possibilita a instituição de práticas de normas a partir de redes de pessoalidade, um contrato, uma coerção que constrange comportamentos para que a vida seja melhor suportável, como visto nas falas abaixo de Hipólita:

*Eu acho que o motivo pra uma travesti não poder volta pra uma cidade é o da (outra travesti) aqui em Ponta Grossa. (...) Porque além de roubar os clientes, ela saiu devendo pra todo mundo. E isso já é um motivo pra não poder voltar. Tipo to em Curitiba, fico devendo diária e fujo, não dá pra voltar. Esse é o pior motivo pra não voltar. Não tem o motivo por que não fui com a tua cara, isso não existe. (...) Uma que tem dezessete anos e tá começando. Vamos pensar (outra travesti), ela não pode ficar mais em Curitiba, mas porque? Porque lá ficou devendo diária, com toda aquela beleza dela. Agora ela tá em São Paulo, porque em Curitiba ela não pode ficar. Porque com toda a beleza dela, ela ficou devendo quarenta dias de diária. Eu fiquei de cara, quando fiquei sabendo. E ela nunca usou droga nem nada, ela sempre foi uma Pati, não sei por que aconteceu isso. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, no dia 11 de*

setembro de 2008).

Outros fatores constituintes do elemento *Fuga de espacialidades* relaciona-se a coerção institucional realizada contra a prostituição. Como tratado na fala de Némesis, ela já havia recebido várias cartas de expulsão em vários países na Europa: “vou esperar ela caducar e se me pegarem de novo vão me dar outra e eu vou deixar ela caducar de novo. **Na Itália não, a lei é outra e por conta disso vim pra cá**<sup>112</sup>. Eles podem dá umas mil cartas de expulsão, mas como a gente não dá bola eles cansam e não expulsam mais! Ah! Ah!” (Entrevista realizada com Némesis, em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008). Outro fator constituinte, a partir de outra temporalidade, refere-se a repressão existente em algumas cidades do Paraná perpetradas por uma polícia que era chamada 'Polícia de Costumes', como tratado na fala de Dione:

*Aí o que aconteceu em Curitiba neste tempo, aí como tinha muita prostituição em Curitiba, muita prostituta, muita travesti e muita puta, isso por 1985 – 1987, aí veio a Costume, a Polícia Costume. Como tinha muita prostituição, muito viado e muita puta dentro da cidade de Curitiba, então foi feito a Polícia Costume, que era pra prender prostituta e travesti. Só pra isso. E lançaram o termo de vadiagem. Então, você era presa e assinava um termo de vadiagem, que você tinha que arrumar um serviço, se você assinasse três termos, você ficava presa. Entendeu? Então o que que acontecia, então como saiu a Costume e o Termo de Vadiagem. O nome da Polícia era Costume. Mas nas outras cidades não tinha, o único lugar que tinha esta polícia era na Capital, uma polícia específica pra prostituição. Mas nas outras cidades eles aderiram ao termo de vadiagem e atentado ao pudor. Então o que que eles faziam, eles te prendiam, você ficava a noite inteira presa e no outro dia eles te davam o termo de vadiagem. Você tinha que arrumar um serviço. Se de noite eles passassem e te pegassem, você ficava presa. Você ficava presa de um mês a nove meses. Mas você tinha que arrumar serviço. Mas como que você ia arrumar serviço se você sendo travesti. Eles já faziam isso pra você ficar presa mesmo. Ou se não, o que que eles faziam, prendiam a gente, deixavam a gente a noite toda presa e quando dava meio dia eles soltavam a gente, maquiada, com roupa de prostituta, pro povo taca pedra, pro povo xingá, pra você passar aquela humilhação. Qualquer lugar que você fosse viajar, do Paraná, do Brasil, tinha isso. **Então o que aconteceu, então quando elas recebiam o termo de vadiagem, elas viajavam**<sup>113</sup>. (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).*

---

112 Grifo nosso.

113 Grifo nosso.

Segundo Mazzeiro (1998), a partir da discussão do criminólogo Evaristo de Moraes, a prostituição no final do século XIX e começo do XX era um mal necessário para a preservação do lar, sendo descabido considerá-la enquanto crime. Todavia, ela fôra criminalizada como imoral e ameaça para a sociedade. Este tratamento da prostituição era perpassado pelo discurso médico, entre este período, pois esta 'Polícia de Costumes' deveria prender as pessoas que realizavam condutas antissociais, para que estas realizassem exames médicos e de certa forma instituindo uma polícia sanitária que criminalizava a prostituição. Outra criminalização aconteceu, como apontado pelo autor, em relação à criminalização da prostituição pelo viés do atentado ao pudor. O terceiro elemento de criminalização da prostituição foi a relação entre prostituição e vagabundagem – ou vadiagem a partir da fala de Dione. Mesmo que na reflexão do autor, seu grupo focal estivesse relacionado a prostitutas mulheres, e que o recorte espacial fosse o Estado de São Paulo, estas mesmas práticas foram assumidas por policiais de outros Estados, como no caso do Paraná, até a década de 1980, estendendo-se suas práticas a todos aquelas pessoas que estivessem envolvidas com a atividade da prostituição, e como em nossa discussão, em relação ao grupo de travestis. Assim, como visto na fala de Dione e na ponderação de Mazzeiro, a 'Polícia de Costumes' foi a forma da concretização aberta de repressão contra a prostituição. Todavia, mesmo que em espacialidades e temporalidades distintas, como visto nas falas de Némesis e Dione, a repressão institucionalizada coloca-se como um elemento motivador de deslocamentos entre municípios - “Então o que aconteceu? Então quando elas recebiam o termo de vadiagem, elas viajavam” – ou entre países - “Na Itália não, a lei é outra e por conta disso vim pra cá”.

Finalmente, para a categoria *Fatores motivacionais e deslocamento* existe uma busca realizada pelas travestis relacionada à ampliação de relacionamentos. Mesmo que estes elementos estivessem ao lado da busca de melhores rendimentos, as evocações apontam que o deslocamento entre as cidades também é motivado pelo desejo de conhecer pessoas diferentes ao seu universo de convívio, ou como nos termos de Selene, Circe e Hipólita, conhecer outras travestis:

*Eu acho que é financeiro, mas também é próprio conhecimento de conviver com as outras realidades de outras cidades. Existe uma intenção de*

*conhecer outros locais. E elas têm interesses culturais e por mais que elas não tenham uma formação acadêmica e tal, mas elas tem de fato interesse de estar vivendo tudo que está acontecendo na sociedade. Elas têm interesse de estar na cena e ganhando pra isso. E mesmo que elas não vão só pra trabalho, elas vão pra turismo. Pra dar 'close' em outras cidades. O benefício é financeiro, mas também **ampliar outras relações, conhecer outras pessoas**<sup>114</sup>. (Entrevista realizada com Selene, em Sapiranga - RS, no dia 20 de dezembro de 2010).*

*Eu acredito que é por que eu gosto de viajar, **conhecer mais pessoas, você consegue ter amizade com outras travestis**<sup>115</sup>, você tá entendendo? E financeiramente também, porque a gente que mora no interior, não ganha tão bem, não é verdade? Daí a gente vem pra uma cidade maior, a gente ganha um pouco mais. Aí a ideia foi vir de município em município experimentando. (Entrevista realizada com Circe, em Curitiba – PR, em 19 de maio de 2009).*

*Conhecer outras travestis e as amigadas, isso é o mais precioso. **Criar uma rede, mais amigas, saber se um dia você for pra aquele lugar, e elas tiverem lá, elas vão te ajudar, isso é o principal**<sup>116</sup>. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008).*

O que se evidencia nas falas paradigmáticas acima é que a motivação de deslocamento refere-se a ampliação das redes de pessoalidade. O “ampliar outras relações, conhecer outras pessoas”, “conhecer mais pessoas, você consegue ter amizade com outras travestis” e “Criar uma rede, mais amigas, saber se um dia você for pra aquele lugar e elas tiverem lá, elas vão te ajudar, isso é o principal” está conectado a possibilidades de ajudas potenciais nos deslocamentos entre municípios. Portanto, a potencialidade de permanência nas mais variadas espacialidades da prostituição travesti está estritamente relacionada a constituição de densas redes de pessoalidade entre travestis através do Sul do Brasil. Assim, como visto nas falas acima, além da necessidade de construção de redes de pessoalidade, coloca-se como preponderante, como evocado por Selene, o “conhecimento de conviver com as outras realidades de outras cidades. Existe uma intenção de conhecer outros locais”. Dependendo das características destas espacialidades, elas podem ou se colocar enquanto fatores espaciais de conectividade, tópico que discutiremos a seguir.

---

114 Grifo nosso.

115 *Idem*.

116 *Idem*.

## 6.2 Fatores Espaciais de Conectividade

Do total de evocações que tratavam da espacialidade do território descontínuo, 23.4 % estiveram relacionadas à categoria *Fatores espaciais de conectividade*. Esta esteve estruturada a partir dos elementos *relação com cafetinagem*, *ajuda de travestis*, *relação entre militância e cafetinagem*, *relação entre Ongs*, *repressão policial e cafetinagem*, *ajuda de travestis e cafetinas*, *cidade industrial* e os *bons relacionamentos familiares como elementos de não conectividade espacial*, como evidenciado no gráfico abaixo:

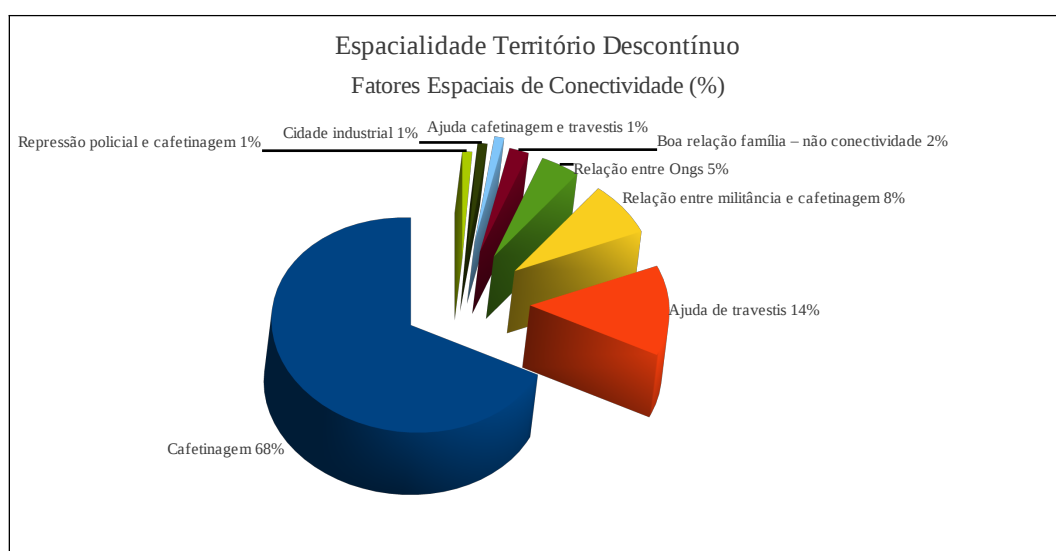


Gráfico 16. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Iniciamos a discussão deste tópico a partir do maior percentual das evocações relacionadas aos fatores espaciais de conectividade, referentes à cafetinagem. As direções tomadas pelas evocações diziam respeito à constituição da centralidade das relações de poder nas espacialidades específicas enquanto cafetinas, à defesa das casas de cafetinas, à importância das casas de cafetinas e às relações entre cafetinas de várias espacialidades. O termo jurídico relacionado a cafetinagem refere-se ao de 'Lenocínio', ou seja, a prática da exploração sexual, segundo qualquer forma, havendo relação direta ou indireta com o retorno

econômico da prostituição. O Código Penal, Capítulo V<sup>117</sup> – Do Lenocínio e do Tráfico de Pessoa para fim de Prostituição ou outra Forma de Exploração Sexual - está estruturado em seis artigos, a saber:

Art. 227 - Induzir alguém a satisfazer a lascívia de outrem;

Art. 228 - Induzir ou atrair alguém à prostituição ou outra forma de exploração sexual, facilitá-la, impedir ou dificultar que alguém a abandone;

Art. 229 - Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente;

Art. 230 - Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerce;

Art. 231 - Promover ou facilitar a entrada, no território nacional, de alguém que nele venha a exercer a prostituição ou outra forma de exploração sexual, ou a saída de alguém que vá exercê-la no estrangeiro;

Art. 231 A - Promover ou facilitar o deslocamento de alguém dentro do território nacional para o exercício da prostituição ou outra forma de exploração sexual.

Dentre o conjunto de artigos acima citados, a atividade das pessoas que se autodenominam como 'proprietárias de pensões', envolve a prática de todos, ou pelo menos, de considerável conjunto destas contravenções. Entretanto, estas práticas se estabelecem a partir de redes de pessoalidade, colocando-se como uma estratégia de sobrevivência das travestis, tendo visto todos os processos de exclusão e interdição social e espacial já apontados até agora. Portanto, são estas relações de ilegalidade que possibilitam a sobrevivência das travestis, assim como visto por Leto, no tocante ao fator espacial de conectividade *Ajuda de travestis e cafetinas*:

*Muitas acabam saindo cedo de casa. Como eu falei que eu sai de casa, mas eu procurei outras áreas, algumas acabam saindo e indo para a rua, conhecem as outras, aí veem que as outras são mais bonitas, já são mais formadas fisicamente. Daí o que que é oferecido para elas sem família? É oferecido a casa da cafetina, ou o pensionado, vamos dizer assim. (Entrevista realizada com Leto, em Curitiba - PR, no dia 23 de junho de 2010).*

---

117 Lei nº 12.015, de 2009.

Como apontado em outro momento (ORNAT, 2009), a existência do grupo de travestis que retira seu sustento da atividade da prostituição é atravessada por espaços interditos e por territórios, como locais de exclusão e de acolhida, a partir de contradições e complementações, sendo que é a capacidade de interdição socioespacial que fortalece os territórios da prostituição travesti, e a partir deste momento de discussão, fortalecendo a atividade da cafetinagem e a formação de uma escala geográfica da prostituição relacional entre as travestis e esta atividade.

A primeira proposição a ser realizada, refere-se ao fato de que a cafetinagem, enquanto uma possibilidade de centralidade nas relações de poder, não ocorre de forma espontânea, mas é forjada após determinado tempo de atividade e de reconhecimento. A constituição desta centralidade refere-se, como evidenciado nas falas das travestis e de cafetinas, ao auxílio dado as travestis, tanto nos deslocamentos realizados no Brasil, quanto para o exterior, o conhecimento direto ou indireto que as travestis têm com as cafetinas, o auxílio financeiro e a maternagem, como também a utilização de violência. Como tratado por Erinia, Afrodite enquanto uma proprietária de 'pensão para travestis' tinha como principal atividade resolver problemas nas espacialidades da prostituição travesti. Este resolver não se relacionava apenas a utilização da força e da violência, mas também do convencimento propiciado pelo respeito que possui das outras travestis. Segundo Erinia, este respeito tinha vindo com ela da Itália, país em que Afrodite tinha por responsabilidade o cuidado de uma rua. Como evidenciado em sua fala:

*Tanto que ela tá montando um apartamento lá na Espanha parece, pra montar de novo lá. Porque daí ela vai mandar as que tãõ na pensão dela, as que querem, pra lá pra Espanha. Quando eu vim do Rio de Janeiro, no outro mês ela ia pra lá pra ver, o local, o apartamento, que já tava tudo certo. E se ela consegue apartamento lá, é porque ela tem conhecimento lá, com certeza. Mas ela tem conhecimento lá, ela ficou anos lá. Então, as que querem ir pra lá, ela vai pagar a passagem e vai mandar pra lá. Aí já fica no apartamento dela na Espanha, tudo certinho, já tem a rua certa pra elas ficarem, pra elas trabalharem. (...) Mas eu acho que ela até montou a casa. (ela paga passagem, passaporte?) Aí a travesti vai pagando ela quando chega lá, que lá ganha mais dinheiro. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

Como salientado por Erinia, a existência de uma 'pensão para travestis' coloca-se enquanto um fator espacial de conectividade, tendo visto que o projeto de Afrodite é o estabelecimento de uma nova casa na Europa, criando uma ponte entre escalas geográficas de atuação travesti através da prostituição. Esta consolidação enquanto central advém tanto da qualidade dos serviços prestados, como falado por Afrodite, quanto da 'propaganda' realizada pelas travestis em relação a estes serviços, como falado por Afrodite:

*(...) que passaram por aqui, que eu ajudei, foi mais de 100. Porque funciona assim, quando o lugar é bom, uma passa para a outra. Então, se vem uma de Ponta Grossa e gosta, ela faz a propaganda lá, aí vem outra, vem outra. Como você mesmo falou, de lá veio (citou vários nomes de travestis). Veio dez só de Ponta Grossa. De Joinville, teve uma época que veio umas dez só de Joinville, de Florianópolis. Agora eu tô com uma remessa de dez de Maringá, que agora aqui é a temporada de Maringá. Mas também Londrina, Foz do Iguaçu, Cascavel, tem (...) Cascavel, de Balneário Camboriú tem bastante. (...) Tem, de Porto Alegre (...), tem as meninas de Cuiabá, Campo Grande, tem de tudo quanto é canto. Tem de Amazonas, (...) Belém do Pará, daí tinha a (citou o nome de outra travesti) que agora foi para Portugal, que eu tinha um conhecimento lá. Ela queria ir para a Europa e eu ajudei ela. Ela era de Fortaleza, daí, tinha outra que era do Maranhão, tem do Brasil inteiro. (quantas travestis você conhece?) Muito, mais de mil, com certeza. Agora aqui em Curitiba a gente já tem mais de trezentos travestis, na cidade toda. Só aqui em casa são vinte e sete, que chegou quatro de Balneário Camboriú. **E eu me constitui como uma pessoa importante pela forma de trabalho, pela forma que eu gerencio minha casa, de proporcionar tranquilidade, conforto e segurança**<sup>118</sup>. Eu cheguei em Curitiba, e comecei a receber travestis, falei que ia hospedar apenas umas duas travestis, e isso foi crescendo, e isso veio delas. Elas me pediam, quero morar com você, quero morar com você, mas eu não tenho mais lugar, mas pode ser em qualquer lugar, pode ser no sofá, pode ser em um cantinho. E isso foi crescendo, foi crescendo, que eu tenho menina que mora aqui comigo que tá aqui a cinco anos. E uma fala pra outra, e perguntam, você não sabe onde está a Afrodite? A Afrodite tá com casa lá em Curitiba, então eu vou pra lá. Que depois de tanto viajar, viajar, eu escolhi Curitiba como a minha cidade. (...) Eu fui para Piçarras, descansei lá, ainda voltei pra Itália, fiquei mais três meses lá, porque eu tinha deixado a casa montada lá, eu voltei pra ver se arrumava mais uma grana (deu um sorriso) e resolver tudo que tinha pra resolver lá. Aí quando eu voltei, eu peguei um outro apartamento aqui perto. Aí, como eu tinha muito conhecimento, porque eu conheço muita gente, eu conheço travesti do Brasil inteiro, muita, muita, muita. Do Brasil inteiro e do mundo inteiro. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).*

---

118 Grifo nosso.

De todas as cafetinas que estabelecemos contato e aplicamos o roteiro de entrevista, Afrodite colocava-se como a proprietária de pensão que mais conhecia e tinha recebido travestis, tanto em total, quanto em número de cidades. Mesmo que em menor intensidade, as falas de Tetis<sup>119</sup> e Atena<sup>120</sup> apontam que o estabelecimento destas centralidades relacionam-se ao encaminhar aos hospitais, auxiliar na transformação do corpo, a partir do acesso a tratamentos de pele e cirurgias plásticas, além da própria hospedagem e a alimentação. Contudo, dependendo da localização da 'pensão para travestis', a espacialidade de influência enquanto um fator espacial de conectividade coloca-se como distinta, como evocado por Tetis: “Elas eram de Santa Cruz do Sul - RS, Guaíba -RS, Pelotas - RS, Erechim – RS, Tubarão – SC. Mais do Rio Grande do Sul, acho que do Paraná veio uma apenas, mais do interior de Santa Catarina e Rio Grande do Sul”.

Tendo visto todos os processos de exclusão pelos quais as travestis passam, uma lacuna se forma nas relações familiares, relacionadas a maternagem. Como afirmado por Przybysz e Silva (2010), a maternidade é um fato biológico, mas a maternagem coloca-se quanto um fenômeno social, com uma variabilidade de possibilidades de construções temporais e espaciais. Estas reflexões são evidenciadas na fala de Afrodite a partir de uma constituição específica de maternagem, pois como dito:

*Eu montei minha casa, foi chegando uma, foi chegando outra, tanto que todas me consideram, mãe, mãe daqui, mãe dali. (quais são os benefícios da casa pra você?) Todos, um sorriso, a alegria de uma delas, me faz mais do que feliz. Esse reconhecimento de mãe é incrível. Porque eu acabo me sentindo mãe delas de verdade. Porque se elas têm que chorar, elas vêm chorar para mim. Se elas precisam de uma confiança, eu ouço. Elas me procuram pra tudo. Pra pedir uma opinião, pra pedir uma resposta, uma solução. E sem contar que é o meu trabalho, mas vai além do financeiro. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).*

No início do processo de coleta de dados em campo, tínhamos por hipótese que a atividade da cafetinagem seria completamente criticada pelas travestis. Entretanto, o campo desconstruiu esta hipótese, pois se por um lado as cafetinas defendiam suas atividades como

---

119 Entrevista realizada em Florianópolis - SC, em 25 de maio de 2009.

120 Entrevista realizada em Balneário Camboriú - SC, em 26 de maio de 2009.

não sendo ilegal, esta defesa fez eco nas evocações das travestis. Como tratado por Atena, existe um benefício financeiro de possuir uma 'pensão para travestis', pois ninguém mora na casa de ninguém de graça. O valor que é recebido de diária das travestis – trinta reais – refere-se à alimentação e à moradia. Todavia, esta 'ajuda' vai além destes elementos: “Eu não acho que eu as estou explorando. Mas eu gosto de ajudar, se for presa eu vou atrás. (...) Como eu tava comentando, eu passei semana passada por uma coisa que eu nunca tinha passado na minha vida, eu enterrar uma companheira” (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú – SC, em 26 de maio de 2009).

Neste discurso de defesa da atividade, Atena trata que em sua casa as travestis tem uma boa cama, bom chuveiro e boa alimentação. O elemento preponderante nesta fala relaciona-se ao fato de não utilizar da violência para resolução dos problemas que nascem nas relações com travestis, pois: “Eu não sou uma dona de casa que bato em viado, eu não chego a este extremo, acho que isso é inútil, acho que a tua mãe não botou você no mundo pra você apanhar, de ninguém, tá entendendo. Se elas me devem, é porque eu deixo, é porque eu vendo, tá entendendo?”. (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú – SC, em 26 de maio de 2009). Como tratado na discussão relacionada aos fatores motivacionais de deslocamento, existe um grande busca pela transformação do corpo, sendo que as donas de pensão também auxiliam as travestis nesta empreitada:

*Aí fora da casa, nós aqui temos um laser muito bom, mesmo se no dia do laser se elas não tiverem dinheiro eu empresto, elas vão me pagando naquela semana. Por exemplo, o laser é todo dia quatro. Como eu fiz há muito tempo, o pelo volta, aí você tem que refazer. Eu fiz mês passado depois de três anos que não fazia. Nós somos travestis, mas o pelo volta com o tempo. Ai eu levo, vamos dia quatro lá uma leva na clínica, já tem até um horário, assim, duas horas pras gurias daqui. Ai eu tenho uma amiga também que acabou de me escovar, que coloca mega-hair nelas, aí se tiver alguém precisando eu coloco, elas vão me pagando aos pouquinhos. Eu tento fazer elas bonitas, pra ir pra rua e se sentirem bem. Não ir pra rua aquele cão feio, aquele homem vestido de mulher, mas tem que ser feminina pra conseguir viver. (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú – SC, em 26 de maio de 2009).*

Da mesma forma que em relação à fala de Afrodite, a evocação de Atena evidencia que as 'pensões para travestis' são fatores espaciais de conectividade, propiciando a

constituição de uma escala geográfica da prostituição travesti estabelecida a partir de redes de pessoalidade entre cafetinas e travestis. Estas redes de pessoalidade são complementares aos processos de interdição espacial que a maioria das travestis vivencia. A fala de Atena aponta que as proprietárias de 'pensões para cafetinas' não devem ser consideradas como cafetinas, mas como auxiliadoras, mesmo que a apreensão social as veja de outra forma: “Uma pessoa que tenha uma casa como eu tenho, como a Afrodite que tem, como tem em Floripa - SC, como tem em Tubarão - SC, como tem em São Paulo - SP, somos tachadas como cafetinas, mas não somos” (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú – SC, em 26 de maio de 2009). Este reconhecimento do auxílio dado às travestis e da sua complementação aos processos de interdição relacionam-se, como defendido por Atena, à própria dificuldade que cada travesti vivencia quando chega a uma cidade desconhecida. O que se salienta é que a 'pensão para travestis' é uma possibilidade de estabilidade à vivência destas pessoas, frente à própria instabilidade de ganhos obtidos através da prostituição:

*É muito difícil pra uma travesti quando ela chega em uma cidade não ter ninguém. Os hotéis não aceitam. Se ela vai pra ontem por exemplo, e não ganhou pra diária, a minha funcionária já chegou hoje pra passar o café, o almoço já tá comprado e já tá pronto pra ser colocado no forno, frango, frango assado, eu só dou comida boa, eu dou café da manhã e almoço. E se você tiver no hotel e você não ganhar, o que que você ia comer hoje, você não ia nem entrar pra tirar as suas roupas. A noite é uma caixa de surpresas, às vezes se ganha duzentos e às vezes não se ganha nada. (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú – SC, em 26 de maio de 2009).*

Se por um lado existe uma defesa óbvia da atividade da cafetinagem estruturando os discursos das cafetinas, esta defesa é também realizada pelas travestis. Como apontado por Dione, as pessoas que são proprietárias de 'pensões para travestis' não devem ser vistas como cafetinas, como criminosas, mas sim como madrinhas que auxiliam e que dão conforto. Da mesma forma, Erinia defende a mesma tese que o termo cafetinagem é equivocado, pois “cafetinagem é quando você bota na rua e tudo que ganhar, vai ganhar pra mim. (...) Então ela tá cobrando por um teto, uma cama, alimentação, a proteção. E ela não explora não, ela vende um serviço. Aí vai da oferta e da procura, não é verdade?” (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010). Assim como tratado por Atena,

Erinia, Hipólita e Estige defendem que esta atividade é uma possibilidade de ajuda às travestis que circulam entre os municípios:

*Mas eu acho assim, eu acho que não é cafetinagem, Marcio. Eu acho que não seja cafetinagem, a travesti tá viajando de lado pra lado, quer um teto pra ficar, é mais do que justo a dona da casa cobrar uma porcentagem pra água, luz, tomar banho, alimentação, essas coisas. (mas eu digo a cobrança da rua)<sup>121</sup> Pois é, e também a maioria das travestis que dão hospedagem, dão o teto, dão garantia na rua, você tá entendendo. Então pra travesti é maravilhoso isso. (eu vejo que ou a travesti fica na casa da cafetina e fica garantida na rua, ou paga pra ficar na rua. Parece que existe uma pressão pra travesti ficar na casa da cafetina)<sup>122</sup> Mas é assim, Marcio, você ficou na minha casa, você tem a garantia da rua. Aí porque que a travesti vai se incomodar? Tem a minha casa e a garantia da rua, vou trabalhar sossegada. Eu acho que é melhor do que as outras vezes, que a gente pagava a cafetina e ainda pagava pau pras travestis na rua, ou pros gigolôs das travestis. Ali não, ali já tá assegurado. É como se elas tivessem organizado a coisa. Por isso que eu falei pra você, antigamente a gente tinha que pagar cafetina, e pagar o ponto pras mafiosas, pra ficar na rua. Pagava cafetina, pagava gigolô, pagava as travestis mais velhas. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

*Exatamente, é como que fosse uma pensão. Porque pra nós é melhor, porque sai mais barato, porque pense, na época que eu tava lá, eu pagava trinta reais, mas eu ganhava comida, hospedagem, e era tudo de primeira. E descer na rua sossegada, sem medo de nada, só tava ganhando. Se eu fosse ficar em um hotel, o hotel mais barato que eu fui ver era em torno de vinte reais, e mais a comida, ia sair quanto? (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008).*

*Sabe, a polícia muitas vezes não entende o mundo da gente sabe? Eles acham que é crime o que a gente faz. Eles não entendem. Dizem que uma pessoa que tem uma casa, e por exemplo, recolhe uma travesti, investe nela e depois quer o dinheiro que investiu de volta, é cafetinagem. Mas veja, vem uma travesti, quer colocar peito, quer uma peruca e você ajuda ela se montar e ensina a vida a ela. Como que faz o serviço, como se defender, como ser uma travesti. Você faz a travesti e depois, é claro, quer o que investiu de volta. **Imagina! Uma pessoa que geralmente nem a mãe quer, a família rejeita e só tem a gente. Mas a polícia não entende a gente, como é que é a vida da gente e acha que isso é crime. Mas não é, é a forma como a gente vive, como podemos viver.**<sup>123</sup> (Entrevista realizada com Estige, em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008).*

121 Questão do entrevistador.

122 Questão do entrevistador.

123 Grifo nosso.

Como salientado por Estige, as proprietárias de 'pensões para travestis' propiciam o acolhimento que não é dado pela família ou pela sociedade, possibilidade esta que se coloca enquanto uma estratégia de sobrevivência a estas pessoas. Salientamos que a não compreensão desta lógica de sobrevivência está estruturada naquilo que Duncan (1996) denomina como a marginalização espacial das trabalhadoras do sexo. Pensando sobre a dicotomização das relações público – privado, Duncan oferece uma reflexão apontando que as atividades relacionadas à prostituição ofendem a sociedade, ameaçando as noções dos comportamentos respeitáveis. Assim, esta atividade deve ser reservada a uma temporalidade e espacialidade específica, ou seja, as espacialidades noturnas referentes à prostituição. Como tratado, todas as formas de sexo comercial não são consideradas respeitáveis. A atividade da prostituição é uma prática espacial e temporal marginalizada, pois segundo Duncan, o processo de estigmatização destas pessoas ocorre tanto segundo as atitudes da sociedade quanto a partir da lei. Mesmo que a autora estabeleça reflexões sobre o Canadá e a Grã-Bretanha, suas ponderações conectam-se a mesma lógica de repressão brasileira no tocante a prostituição. Tanto em relação a lei brasileira nº 12.015, de 2009, quanto nas legislações dos países acima citados, é quase impossível se praticar a prostituição sem ferir algum dos princípios instituídos. Estes limites espaciais estabelecidos negam da mesma forma a sexualidade de locais públicos, impondo restrições espaciais sobre grupos com sexualidades dissidentes, como no caso das travestis.

De qualquer forma, a atividade da cafetinagem é considerada pelo grupo como um refúgio frente às adversidades, a partir de deslocamentos entre municípios. Pensando a importância desta atividade nos deslocamentos entre cidades, Iris<sup>124</sup> aponta que este deslocar-se acontece quando se conhece cafetinas. Segundo ela, a partir da indicação e referência de outras travestis é que se consegue acessar estes 'pensionatos'. E assim inserida nesta rede de pessoalidade, vai-se de uma pensão a outra. Mas a indicação não é o único fator de participação nas redes de pessoalidade, pois se a entrada na rede depende de indicações e referências sociais, a permanência nesta rede de pessoalidade relaciona-se também ao agradar a cafetina, correspondendo à conveniência que é estabelecida pela cafetina, tanto na espacialidade da pensão quanto na cidade em que esta está localizada. Como indicado por Iris, estas regras referem-se ao não beber e ao não usar drogas, pois “elas querem ver, além do bem estar delas, elas querem ver o teu bem”, criando uma possibilidade das travestis

---

124 Entrevista realizada em Ponta Grossa, em 8 de agosto de 2008.

corresponderem as principais regras da relação de pessoalidade entre travestis e cafetinas, que é o pagamento das diárias e o não trazerem problemas ao pensionato. Cabe salientar que existe uma imbricação entre as relações estabelecidas através dos pensionatos para travestis e as suas espacialidades de prostituição. Quando determinada cidade possui mais de um pensionato, existe uma separação espacial entre as travestis que ficam em pensionatos específicos. Como evidenciado por Hipólita, especificamente em relação à cidade de Curitiba – PR, quando as travestis não desejam ficar na pensão de Afrodite, elas preferem 'pagar a rua' para outra cafetina que possui pensão nesta mesma cidade. Este pagar a rua relacionando-se a possibilidade de permanecer nas áreas 'gerenciadas' por outra cafetina, sem a necessidade de permanência em sua pensão, caso esta deseje ficar hospedada em um hotel. Esta mudança de espacialidade da prostituição também acontece segundo certa resistência, como salientada na fala de Hipólita: “A Afrodite, aos olhos geral, ela é uma pensionista, a casa dela é uma pensão. Tanto que ela fala, (...) que quando as travestis saem da casa dela e vão pra outra casa, ela vai dar uma surra de facão. Mas ela fala assim: aqui é uma pensão, eu não sou cafetina” (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa, em 8 de agosto de 2008).

Como visto em vários momentos deste capítulo, a rede de pessoalidade relacionada à escala geográfica da prostituição travesti que é forjada a partir do deslocamento entre municípios também é constituída por redes de pessoalidade que acontecem entre cafetinas. Segundo a fala da travesti Iris, existe um deslocamento de travestis entre pensões, propiciado pela existência de redes de pessoalidade entre cafetinas:

*Por exemplo, eu tô em Ponta Grossa na casa de uma cafetina que manda na cidade. Daí eu quero ir pra Curitiba. Aí, como ela conhece a travesti que comanda em Curitiba, ela já me indica. Na maioria das vezes, elas próprias ligam e falam: Olhe, tô mandando uma filhinha minha pra ficar um tempo com você. Então uma cafetina indica pra outra cafetina. É tipo uma rede, Marcio, é uma rede. Nós aqui no Brasil é uma rede Nacional, igual na Europa. Na maioria das vezes, as que vão pra Europa hoje em dia elas vão, mas quando chegam na Europa, já tá pago o lugar onde elas vão trabalhar, o lugar onde elas vão morar, pra elas ter segurança. (Entrevista realizada com Iris, em Ponta Grossa, em 8 de agosto de 2008).*

Como visto por Artemis<sup>125</sup>, o “contato se estabelece entre as cabeças”, sendo que as

125 Entrevista realizada em Curitiba - SC, no dia 26 de junho de 2010.

conexões entre municípios se fazem a partir de relações de pessoalidade entre cafetinas de cidades distintas: “Aí a de São Paulo tem umas meninas que querem ir pra outra cidade, daí manda pra lá e as de lá manda pra cá, tem essa troca”. Além desta evidência, o que as falas das três cafetinas entrevistadas apontam é que suas relações se fazem a partir de densas redes de pessoalidade, relações estas não restritas apenas a estas três cafetinas, mas também segundo contatos localizados em outras nacionalidades: “(...) acabou de chegar uma da Alemanha, é a (nome de uma travesti), ela tava na Alemanha e veio buscar travesti pra levar” (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú - SC, em 26 de maio de 2009). Em específicos às relações entre cafetinas brasileiras, as falas das pessoas entrevistadas demonstram que estas redes de pessoalidade formam uma trama que propicia o deslocamento entre espacialidades, colocando-se as 'pensões para travestis' como fatores espaciais de conectividade. A fala de Atena salienta sua estreita relação com Afrodite, havendo trocas de travestis entre as duas pensões: “tem travesti devendo aqui eu mando pra lá, tem travesti devendo lá ela manda pra cá, pra trocar de praça, tá entendendo, pra ver se aqui ou lá tá melhor, como que eu posso te explicar, uma travesti de lá seria novidade aqui, e vice versa” (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú – SC, em 26 de maio de 2009). Além das relações estabelecidas com Afrodite, Atena trata que suas redes de pessoalidade são estabelecidas com proprietárias de 'pensões para travestis' em Tubarão – SC, Criciúma - SC e Florianópolis – SC, salientando ela que suas relações se fazem apenas com 'boas donas de casa'. A mesma problemática relacionada a travestis de 'bom e mal' comportamento se fazem também em relação cafetinas 'boas e não boas'. Outras redes de pessoalidade são demonstradas por Tetis, em relação às proprietárias de pensão das cidades de Tubarão – SC, Criciúma – SC, Porto Alegre – SC e Balneário Camboriú – SC. Evidenciamos que as relações entre cafetinas a partir destas redes de pessoalidade não se colocam apenas no enviar e receber travestis, mas refere-se a relacionamentos intensos de pessoalidade, pois como salientado por Afrodite: “Tem a minha amiga, Atenas no Balneário Camboriú, é minha amiga, fazemos churrasco, vem travesti de lá pra cá e eu mando daqui pra lá. Quando as minha amigas querem ir pra praia, eu recomendo a casa dela, elas são muito bem tratadas” (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em em 31 de julho de 2008). Segundo sua fala, seus relacionamentos estavam estabelecidos com proprietárias de pensões de outras espacialidades, relacionadas as cidades de Criciúma – SC, “ também é super minha amiga”, Foz do Iguaçu – PR, Campo Grande – MS, Cuiabá – MT. Isso possibilita que:

*(...) eu receba travestis delas e recomende travestis da minha casa pra elas. Elas me ligam e falam: Olhe, Afrodite, tá indo uma travesti tal pra aí, ela é super legal, bacana. (estes relacionamentos refere-se apenas ao indicar travestis?) Depende muito da afinidade, da aproximação de cada uma. Eu e Atena nos consideramos quase como irmãs. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).*

Portanto, como tratado até agora, as atividades de cafetinagem se estabelecem enquanto fatores espaciais de conectividade, conexões estas que se colocam enquanto 'pontos fixos' através de redes de pessoalidade, pois como tratado acima por Afrodite, a consolidação de uma pensão para travestis não ocorre espontaneamente, mas é resultado de um longo processo de trabalho e reconhecimento advindo das travestis. Esta lógica possui espacialidades e temporalidades específicas, pois como tratado por Dione, em relação ao elemento *Repressão policial e cafetinagem*, quando as travestis recebiam o termo de vadiagem na década de 1980, elas viajavam. Seus deslocamentos referiam-se a ir de uma cidade para outra, de um Estado para outro, através do estabelecimento de contatos por telefone com cafetinas. Este fator espacial de conectividade coloca-se ao lado de outro elemento fluido, referente a ajuda que as várias travestis recebem umas das outras, possibilitando o deslocamento espacial a partir da criação e participação de outras formas de redes de pessoalidade. Totalizando 14% das evocações relacionadas ao *Território descontínuo – Fatores espaciais de conectividade*, estas falas trataram do conhecimento que as travestis devem ter uma das outras para se deslocar:

*Depende da amizade que você tiver com outra travesti que você chegar, se você tiver amizade com outra travesti da cidade, é mais fácil pra você se inserir na população. Como aqui em Ponta Grossa, pega e chega as travestis de fora, a gente já fica sabendo. A gente não briga nada pra elas não batalharem, só que elas não ficam no ponto das que já tão. Ponta Grossa é grande, aí a gente explica pra elas irem pras outras esquinas. Pode ficar onde quiser, mas do meu lado não. Pra viajar, depende muito do conhecimento, porque é brabo, ainda mais na rua assim, é bastante complicado de chegar na rua ali e já parar pra batalhar, porque as outras não deixam. Todas podem querer viajar de cidade em cidade, mas depende de conhecimento. Se não tiver vai sofrer, é claro que vai sofrer, é a lei da selva, entendeu? Quem pode mais chora menos. Se elas chegarem na cidade e vierem enfrentar elas e elas forem mais forte que aquelas que enfrentou, conseguiu o campo delas, ninguém vai meter a mão. Aí, se não conseguir*

*vai apanhar e vai ter que pagar pra ficar, fazer alguma coisa, ter amizade de algum jeito. (...) É, o auxílio de viajar de Município em Município tá relacionado a você conhecer alguém, alguém te indicar, amizade, pra não ter dificuldade, pra você não passar sofrimento. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

Assim, como tratado por Hipólita, toda esta lógica de deslocamento “tinha que ser tudo uma corrente. Tudo com intermediário. Você ia pra Londrina, atrás da (nome de uma travesti, mas (ela) não tava lá, quem tava lá era (outra travesti), aí ela falou que a gente podia ficar lá, mas por quê? Porque a gente tinha tratado ela bem em Ponta Grossa” (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008). O conhecimento com este grande grupo de travestis refere-se a cidades de vários Estados do Brasil. O número que cada travesti conhece é consideravelmente um elemento muito importante como fator espacial de conectividade. Todavia, diferentemente da característica fixa do elemento cafetinagem, o conhecimento com travestis coloca-se como uma conexão fluida, não dependendo estritamente do local da prostituição, mas sim da localização que determinada travesti 'conhecida' tem no momento deste deslocamento, como visto nas falas de Hera, Demeter, Dione e Hecate.

*Eu conheço umas duzentas, do Brasil inteiro. De Norte a Sul do Brasil. No Rio Grande do Sul (...), do Paraná (...), de Santa Catarina (...), de São Paulo (...), de Campo Grande (...), de Cuiabá (...), aí Nordeste, eu não conheço. Conheço pessoas que vieram de lá, mas que moram lá não. (Entrevista realizada com Hera, em Balneário Camboriú - SC, em 26 de maio de 2009).*

*Bastante. Tem a (citou o nome de uma travesti) de Balneário Camboriú, ela tá até na Europa. A (citou o nome de uma travesti) de Balneário Camboriú, é até gaúcha, mas batalhava em Balneário Camboriú, mas ela já foi pra muitos lugares, foi pra Campinas. Tem a Afrodite também, ela rodou por tudo, mas agora ela parou por que agora ela tem a casa. Agora ela tem que cuidar daqui. Tem a Hipólita de Ponta Grossa, a (citou o nome de uma travesti) de Joinville, tem (citou nomes de uma travesti) que conhecem muita cidade pequena, Irati, Palmeira. (Entrevista realizada com Demeter, em Curitiba – PR, em 30 de julho de 2008).*

*Marcio, já perdi a conta. Com as travesti que morreu, mais as que tão viva, conheci mais de três mil. Eu conheci muita travesti. Das que tão caindo agora, as novinhas, de Londrina eu conheço, (citou nomes de uma travesti), elas tão tudo viajando, tão na Europa. Tem a (citou o nome de uma travesti)*

*que tá em Santos, tem a (citou o nome de uma travesti) que tá em Curitiba na casa da (outra cafetina de Curitiba - PR), tem muita. E na minha época tinha que ser considerada da rua, não podia nem ser cafetina. Era da rua. Por exemplo, dentro de Londrina, eu sou ponto de referência, todo mundo me conhece. Se de repente, independente das casas de cafetina que tem lá, uma travesti chegar lá e falar que eu vim porque foi a Dione que me mandou, elas não implicam. Não por medo, mas por respeito, por eu ser uma travesti que me dou com todas, eu não tenho atrito com nenhuma, não brigo com nenhuma, isso hoje em Londrina. Mas se uma travesti chegar lá e aí perguntarem pra ela: quem te mandou aqui e ela não ter o que dizer, elas tocam dali. Elas não brigam, mas tocam, e ela vai andando. Ou ela funda um ponto pra ela ou ela volta pra cidade dela. (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).*

*Eu conheço muitas. Eu conheço muitas, cem, não chega nem perto. Eu conheço uns seiscentos, setecentos viados. Dos cem por cento, uns quarenta e cinco por cento viajam. E o restante são pacatas, não viajam, tem família, mãe, marido, que seria o meu caso agora, eu virei pacata, tenho marido e tal<sup>126</sup>. Sou casada com um manozinho da ilha. Mas um pouco menos que a metade viaja muito. (...) Eu gosto de viajar, não tem um significado apenas financeiro. Conhecer pessoas novas, quanto mais conhecimento melhor. É um ganho financeiro e pessoal. (Entrevista realizada com Hecate, em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009).*

Chamamos a atenção para o que Hecate salienta na fala acima, de que as travestis que não viajam são aquelas que têm bons relacionamentos familiares ou construíram um relacionamento, de certa forma, estável com um companheiro. Esta fala relaciona-se a evocação *Território descontínuo – fatores espaciais de conectividade*, a partir do elemento *Boa relação familiar como não conectividade espacial*. Como visto por Dione, no começo do século XXI o fenômeno de deslocamento de travestis entre municípios começou a se alterar, tendo visto o fato de que elas podem ficar em suas próprias cidades: “porque tem travesti que sustenta a própria família. Tem travesti que mora só com a mãe, tem travesti que mora com o pai e com a mãe” (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009). Este elemento de mudança também é apresentado por Tetis. Segundo ela, mesmo que exista ainda resistência advinda da família, no geral o acontecimento de uma maior aceitação tem se mostrado presente, morando estas travestis com suas famílias ou ao lado delas. Contudo, este percentual é pequeno, evidenciando que os processos de exclusão e interdição referentes às espacialidades da casa ainda permanecem como preponderantes na motivação dos deslocamentos das travestis entre municípios.

---

126 Grifo nosso.

Finalizando este momento específico da tese, tratamos das relações entre militância e cafetinagem, relação entre Ongs e cidade industrial como fatores espaciais de conectividade entre municípios. Como visto através das respostas do processo de pesquisa, o fenômeno de conexão entre municípios envolve uma teia complexa de redes de pessoalidade que, além das questões discutidas acima, referem-se a relação entre cafetinas, travestis e Organizações não governamentais, instituindo uma escala geográfica da prostituição travesti relacional. Buscando não criar falsas relações e inconvenientes reflexões, não afirmamos que esta organização possui uma lógica organizacional, com o objetivo de retirar o lucro do deslocamento entre travestis<sup>127</sup>. Apenas evidenciamos que esta fluidez de conhecimento se faz a partir de vários atores sociais, fluidez estruturada segundo relações que se estabelecem entre estas organizações e as proprietárias de 'pensões para travestis'. Inicialmente, existe uma rede de pessoalidade entre Organizações não governamentais e proprietárias de 'pensões para travestis'. Estas relações de pessoalidade se fazem tanto a partir do conhecimento, através da própria militância LGBT no Brasil, como segundo a atuação de cafetinas em Organizações não-governamentais, evidenciando uma intersecção entre atividades legais e ilegais. Uma possibilidade do estabelecimento de redes de pessoalidade para travestis no Brasil se refere à Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros (ANTRA) e ao Encontro Nacional de Travestis e Transexuais (ENTLAIDS)<sup>128</sup>. Isto é demonstrado na fala de Erinia<sup>129</sup>, na defesa desta atividade enquanto uma oportunidade:

*Ela (Afrodite) me explicou certinho quando a gente tava no ENTLAIDS no Rio de Janeiro. Ela tá montando um apartamento lá na Espanha, pra montar de novo lá. Porque daí ela vai mandar as que tão na pensão dela, as que querem, pra lá pra Espanha. Que eu não digo cafetinagem, como que falei pra você, Marcio, é uma oportunidade pra gente. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

Esta relação complexa também se faz a partir da participação de cafetinas, ou ex-cafetinas, em Organizações não governamentais. Estas conexões são evidenciadas na fala de

127 Incorrendo no que o artigo 288 do Código Penal (Lei nº 12.015, de 2009) trata: Associarem-se mais de três pessoas, em quadrilha ou bando, para o fim de cometer crimes.

128 A 18ª edição do Encontro Nacional de Travestis e Transexuais se realizar-se-á entre 5 a 8 de outubro de 2011 em Recife – PE.

129 Erinia, além de sobreviver da prostituição, é presidente de uma Ong no Sul do do Brasil.

Hipólita, pois quando esta havia ido para Porto Alegre – RS, permaneceu na casa de Eris:

*Mas ela é palestrante, ela sempre vem nessas coisas de ONG. Mas tem outra também, mas quando eu fiquei eu fiquei na casa dela. (mas ela é cafetina e trabalha com ONG?) E ainda defende direitos humanos. E nervosa. Em Balneário Camboriú a (nome de uma cafetina). Também lá tem a (nome de uma cafetina), que é irmã da (nome de uma travesti), que é uma das filhas da Afrodite. Então é todo um laço. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008).*

Esta complexa tessitura da escala geográfica da prostituição travesti no Sul do Brasil, estabelecida a partir de redes de pessoalidade, é tratada por Hipólita como paradoxal, pois é fato que as Ongs não influenciam no deslocamento das travestis entre municípios, pelo contrário: “ainda prejudica a travesti, porque se ela quer defender direitos humanos, que história é essa de cafetinagem?” (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008). Esta justaposição de contradição e complementação apontada por Hipólita também é visível na fala de Afrodite, pois suas atividades cotidianas relacionam-se tanto ao gerenciamento de uma 'pensão para travestis' quanto na participação de uma Ong LGBT localizada em Curitiba – PR. Outro elemento é a relação entre a militância LGBT de várias cidades enquanto o fator espacial de conectividade, a partir da administração de 'pensões para travestis', como tratado na fala de Eris:

*Aqui na casa eu dou o básico, casa e comida. Aí a gente tenta procurar saúde, fazer exames, fazer a saúde em ordem. Como eu trabalho no (Ong LGBT – Curitiba - PR), aí eu tenho acesso a preservativos, quando eu vou nas reuniões, eu já trago pra elas, tento levá-las, mas como elas trabalham à noite, fica difícil. Mas como eu trabalho lá e tenho acesso fácil a elas, (passou uma travesti e ela falou que ela era de São Paulo - SP) eu vou lá, pego o que tem para ser discutido, trago pra elas, a gente se reúne em um bate papo, e aí, eu vou passando pra elas. Também relacionado a documentação, porque muitas chegam aqui sem documento. Não tem como uma pessoa viver sem documento, ou eu receber uma pessoa sem documentação. Então, a gente procura fazer um boletim de ocorrência, ou ligar pra família pra pedir o registro, pra fazer o encaminhamento para pedir os documentos. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).*

*(...) até teve uma época que uma que morou na Afrodite me ligou e falou: eu*

*queria ficar um tempo (nesta cidade) e como que é que é? Você pode me ligar amanhã te dou uma resposta amanhã? Aí, eu liguei pra Afrodite e ela falou: não pega não, porque ela é pedreira, pedreira é a que fuma crack. Não pega que ela não vale nada, ela tá roubando. Aí no outro dia quando ela me ligou eu falei que não, que não tinha lugar. Aí, ela disse, mas por que, não sei o que, não sei o que, não sei o que. Não! Porque eu falei com a Afrodite. Mas esse viado, o que ela falou de mim? Não falou nada, só não tem lugar aqui, só liguei pra pegar uns dados de você. E ela veio pra cá, parece que ela ficou só um dia e uma noite, ela roubou um homem, as travestis pegaram ela, deram uma coça nela e botaram ela no ônibus pra ela voltar pra cidade de onde ela veio. Parece que ela voltou pra Curitiba de novo. Ela tá em Curitiba agora, mas não na casa da Afrodite, saiu de lá faz tempo. Isso foi no início deste ano (2010). (Entrevista realizada com Eris, em Porto Alegre – RS, em 21 de dezembro de 2010).*

De todas as evocações que trataram do território descontínuo em relação a categoria fatores espaciais de conectividade, o elemento relacionado a intensidade de atividades econômicas não se coloca como de grande importância no deslocamento das travestis entre cidades, não sendo um forte fator no estabelecimento da escala geográfica da prostituição travesti propiciada pelos deslocamentos, pois apenas uma evocação realizou a consideração de que uma cidade industrial atrai travestis. Desta forma, os principais elementos dos fatores espaciais de conectividade relacionam-se a imbricação complexa, fixa ou fluída, entre atividades de cafetinagem, conexões desta atividade com Ongs LGBT e finalmente, relações de conhecimento entre travestis a partir das mais variadas espacialidades do Brasil. Assim, o último tópico a ser discutido neste capítulo relaciona-se às estratégias de deslocamento realizadas pelas travestis, com o objetivo de conquistas espaciais cada vez mais amplas.

### 6.3 Estratégias de Deslocamento

Sendo que a busca de vantagens espaciais e a escolha de localizações para o exercício da atividade da prostituição são formados a partir de *fatores que motivam os deslocamentos* e por *fatores espaciais de conectividade*, o terceiro elemento desta configuração e lógica está relacionado às *estratégias* perpetradas pelas travestis para o deslocamento, criando uma escala espacial da prostituição travesti, segundo uma teia complexa de redes de pessoalidade. Assim,

do total de evocações que trataram do território descontínuo da prostituição travesti, a partir da categoria estratégias de deslocamento, as direções de discurso estiveram estabelecidas a partir da ajuda de travestis, do respeito à conveniência estabelecida nos grupos de travestis, auxílio de cafetão e cafetinas, auxílio de travestis e cafetinas, auxílio financeiro, especificidades de estratégias, sem ajuda no deslocamento e estratégia de deslocamento relacionada a outras atividades, como visto no gráfico abaixo:

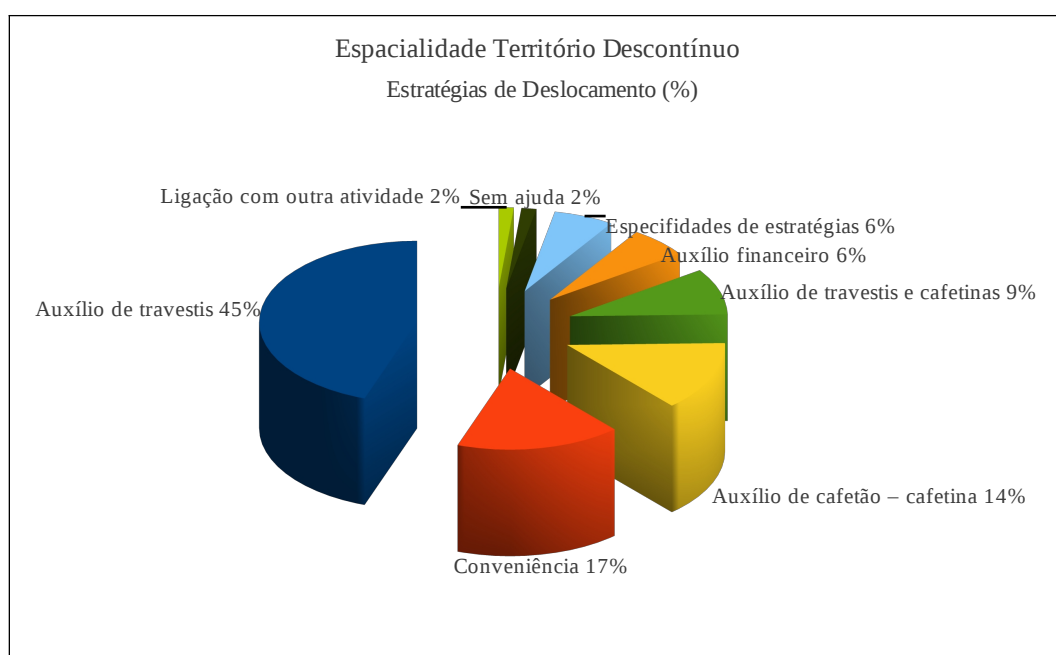


Gráfico 17. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Mesmo que os *Fatores espaciais de conectividade* relacionados ao *conhecimento com travestis e cafetinas* tenham computado 90% do total de evocações e que as *Estratégias de deslocamento* a partir dos elementos *auxílio de travestis* (com o respeito das conveniências estabelecidas nos específicos grupos) mais o *auxílio de cafetinas e cafetões* (com seus auxílios financeiros) tenham obtido um total de 91% do total de falas, torna-se de fundamental importância a comparação entre estes dois gráficos no prosseguimento desta discussão<sup>130</sup>. Se como evidenciado no tópico anterior<sup>131</sup>, o principal fator espacial de

<sup>130</sup> Tendo visto que os elementos *Sem ajuda* (0,26%), *Ligação com outra atividade* (0,26%) e *Especificidades de estratégia* (1,04%) representam pequenos percentuais do total de evocações referentes ao Território descontínuo da prostituição travesti, estes não serão tratados na reflexão do presente tópico.

<sup>131</sup> Gráfico 16 acima.

conectividade relacionava-se à atividade da cafetinagem, como demonstrado no gráfico 17 acima em relação às estratégias de deslocamento, a preponderância apontada nas informações resultantes do processo de pesquisa referem-se ao auxílio de travestis, com o respeito das regras estabelecidas nos mais diversos grupos de travestis envolvidas com a atividade da prostituição. Estas informações colocam-se como uma chave de compreensão da lógica da geografia do deslocamento travesti entre municípios. Estas ações instituem uma escala geográfica específica da prostituição travesti, que novamente relaciona-se a participação em redes de pessoalidade. Mesmo que travestis e cafetinas apontem que o principal fator espacial de conectividade relaciona-se às atividades referentes a 'pensões para travestis', existe uma complementação entre estas afirmações e suas práticas cotidianas de deslocamento, produzindo uma vivência multiescalar ao grupo de travestis, a partir de conquistas espaciais e práticas pessoais.

Para as falas que tratavam das estratégias de deslocamento segundo o auxílio de travestis, este se fez a partir de amigas, ou de amigas de amigas, ora quando é a travesti que se desloca, ora quando é a pessoa que recebe a travesti na cidade. O nome de cada travesti conhecida é uma chave que autoriza esta pessoa a participar, dependendo da localização desta *chave-travesti* nas relações de poder, das práticas do grupo de travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição. Outro elemento que fora tratado relaciona-se ao auxílio de travestis mais velhas, ou seja, aquelas que ocupam posições de prestígio nas espacialidades da prostituição, ou do auxílio de madrinhas como uma estratégia de deslocamento. Outras falas se referem à situação de saber que determinado grupo de amigas está em determinada cidade, caminhando esta travesti em direção a esta específica espacialidade, além do fato dos convites para viajar se colocarem enquanto uma estratégia de deslocamento. Estas afirmações podem ser vistas nas evocações abaixo de Hipólita, Dione, Héstia e Hécate:

*Que nem essa de Joinville, esse último caso, a (nome de travesti) veio pra cá e ficou em um hotel. Aí por ela ser minha amiga de Curitiba eu falei: Você pode ficar à vontade aqui em Ponta Grossa. Aí, uma semana depois ela falou que ia levar outra. Ai eu falei: Não! Eu posso me responsabilizar por você e falar pras travestis que você é minha amiga, e que a gente trabalhou e passamos frio juntas em Curitiba, aquelas velhas histórias de velhas cansadas. Eu falo pra elas que você é uma sofrida, que você é mais uma guerreira, mas sozinha, porque se vier com outra, eu não posso escorar. Aí, tá. Uma vez fui pra Campinas, lá em Campinas eu fiquei uns vinte dias, a*

primeira vez que eu fui. Aí, de lá a gente conheceu uma amiga chamada (nome de travesti) (...). Aí, ela falou: Querem ir para o Paraná, conhecem o Paraná? Aí a gente mentiu que conhecia Londrina e Maringá, mas a gente não conhecia Londrina e Maringá. Isso eu e a (nome de travesti), e com isso nós fomos pra Londrina. (...) Aí, o que que a gente fez, ficamos uma semana procurando a Iris de Ponta Grossa, a gente foi lá por causa da Iris. Aí, a gente pensou: lá tem a Iris que mora lá, aí, vai ser mais fácil pra gente entrar lá. Entrar com o nome. E a gente teve sorte que tava a (nome de travesti) lá. Aí ela falou: Ah, essas são minhas amigas, essas aí podem ficar e não vão precisar pagar cafetina. Tinha a (nome de cafetina) na época, agora tem as (nomes de cafetinas) que são as donas. (...) agora você pode ficar e não precisa pagar a (nome de cafetina). Aí a (nome de cafetina) falou: Mas como que não precisa pagar? Não! Elas são minhas amigas, eu fui na cidade delas e elas foram maravilhosas comigo lá, não tem porque elas pagar. Aí, de lá a gente foi pra Maringá. Ficamos na rua Colombo, mas lá estava muito fraco o movimento, e tava muito frio, muito frio. Aí, voltamos pra Londrina. De Londrina a gente foi pra Guarapuava. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008).

Aí, quando fazia já uns quatro anos que eu já tava de travesti em Londrina, essa minha madrinha falou: Vamos viajar comigo? Mas pra onde que nós vamos? Nós vamos pra Prudente. Presidente Prudente, foi onde eu conheci Zona, que Presidente Prudente, era em uma vila, que era uma Zona, uma área com várias casas, e nas casas você já morava na casa, você já fazia programa, e com tudo ali na vila. E tinha casa que tii de Prudente, ela percebendo que eu não tava me adaptando, que eu não tava gostando, que eu chorava todo dia, não tava me adaptando, então vamos pra Curitiba. Aí, então onde eu fui pra Curitiba. Em Curitiba eu fui trabalhar no centro, no Operário, na rua, aí quando eu cheguei em Curitiba, perto da praça do relógio, perto de um quartel, era bem no centro, quando eu cheguei em Curitiba, cidade grande, capital, nossa, me deslumbrei, capital, ganhei mais dinheiro. Então eu fui de Londrina pra Presidente Prudente e de Presidente Prudente pra Curitiba. Aí, fiquei em uma casa que a menina me recebeu melhor, não cobrava diária, a gente rachava a despesa. (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).

(...) isso sempre existiu, sabia? Sempre existiu, pra você chegar aqui na cidade a gente pergunta: de onde veio? Quantas vezes de eu chegar no ponto das bicha e elas diziam: mona, quem é você? De onde você veio, quem você é? Quem te indicou? Quantas vezes eu vi chegando uma monte de bichinha nova, as mais velhas falavam: Mona (batendo palmas) avoa! Avoa viado! (Entrevista realizada com Héstia, em Curitiba – PR, em 19 de maio de 2009).

Como que vão? Através de uma coligação. Entendeu? Isso é uma coligação. Tem uma amiga que mora lá e que vem pra cá, e aí tu vai pra lá. Ou então tu vai com a cara e com a coragem. Mas sempre que tu vai com a cara e com a coragem, tu enfrenta. Tem que enfrentar, ou então tu volta do lugar onde veio. Isso se você não tiver uma pessoa amiga na cidade. Comigo muitas vezes foi com a cara e com a coragem, e muitas vezes eu fui levada. Na maioria das vezes eu ligo e vou. Aí, a pessoa já me conhece, sabe que eu sou uma pessoa legal. (Entrevista realizada com Hécate, em Florianópolis –

SC, em 25 de maio de 2009).

Todo este conjunto de respostas colhidas em campo partiram da minha posicionalidade enquanto um pesquisador que conheceu algumas travestis durante o processo de pesquisa, enquanto com outras, esta convivência se estende desde o ano de 2006. Portanto, este conjunto de respostas foi potencializado tanto pela convivência com o grupo, quanto pela utilização de chaves para adentrar ao grupo, chaves estas que eram os nomes das travestis que conhecia a mais tempo enquanto pesquisador. Como dissertado no capítulo I, eu não era um *outsider*, mas um iniciado no grupo. Assim, me utilizando desta posicionalidade, na entrevista realizada com Hipólita, construímos uma hipótese de que, eu sendo uma travesti que a conhecia, como ela me ajudaria neste deslocamento entre municípios, enquanto uma travesti recém assumida:

*(vamos considerar que eu virasse uma travesti...) <sup>132</sup> Agora vamos pra Foz do Iguaçu, que não tem uma cafetina forte, eu e você. Ai se você fosse comigo, pelo fato de eu conhecer a (nome de travesti), você poderia ficar. Agora se você fosse sozinha pra lá, ai ia ser outra história, ou você ia ter que pagar muita bebida, muito lanche, muita droga pras travestis (ia ser como você foi aqui em Ponta Grossa?) Um viadinho, um viadinho, porque todo mundo pisa no viadinho. (é só através da ajuda de travestis?) Quero viajar, fez tudo e quer viajar, vai ter que ficar em casa de cafetina. Tipo assim, não conhece ninguém, que é o teu caso, ou você vai ter que descer na cara e na coragem, mas é um negócio, quando você conhece uma travesti é muito mais fácil. Porque se você fosse minha amiga, eu ia dizer, olhe, eu não posso te indicar uma cafetina, mas sabe o que que você faz, pega um taxi, roda pela rua das travestis e pergunta o telefone ou o endereço de uma cafetina. Que é isso que elas fazem, mas isso se eu não soubesse, mas se fosse hoje eu ia falar: o telefone de quem você quer? Eu dei o telefone pra você e você ia ligar. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008).*

Além do fato de que a ajuda de *travestis e cafetinas* estão lado a lado nesta rede de pessoalidade complexa, todo este conjunto de práticas acima relacionadas por Hipólita ao “pagar muita bebida, muito lanche, muita droga pras travestis” diz respeito à categoria *Estratégias de deslocamento*, referente ao elemento *Conveniência*, ou seja, a partir dos termos de Mayol (1996), como cada travesti deve se portar e qual o benefício de respeitar estas

---

132 Inclusão do pesquisador.

convenções grupais. As formas que são estabelecidas como corretas, potencializando suas estratégias de deslocamento dizem respeito a necessidade das travestis evitarem intrigas, demandando a construção de amizades. Outros elementos relacionam-se à necessidade da humildade, ou seja, o reconhecimento de sua posição marginal nas teias de relações de poder entre travestis, além de que cada travesti, para ser aceita nas mais variadas espacialidades, deve ter boa índole. Em suma, cada travesti deve ter respeito às relações estabelecidas através de todas as espacialidades da prostituição travesti, como evidenciado nas falas de Pitia, Hipólita e Hecate:

*Eu chegava em uma cidade em fazia a linha da humilde, falava que tava passando, que tava viajando, que tava sem condições, aí já que tu tá aí, que tu fique ali. E o que me salvava é que eu não tinha o chamarisco do corpo. Essa daí não vai nos prejudicar porque não tem o atrativo suficiente, pode ser bonitinha de rosto, pode ter os olhos claros, mas não tem a abundância, assim, no bom sentido. Então isso não provoca ciúme com as outras. Aí já ia conversando com uma, ela já via que eu era do bem. Fui fazendo a linha da humilde em cada cidade. Eu não provocava as outras, e muitas vezes o que eu sentia era que não precisava de corpo, aquela bonitona tava ali e o cara chegava pra mim e falava: vamos ali ligeirinho. Então não era o corpo, e as vezes ganhava dinheiro pra me manter uma semana. (entrevista realizada com Pitia, em Porto Alegre – RS, em dia 21 de dezembro de 2010).*

*Eu acho que a chave principal é a chave principal pra tudo na vida, a humildade. Que nem no caso dessa (nome de uma travesti), porque que ela não pode descer em Ponta Grossa, porque ela não é humilde. Ela é uma pessoa metida e arrogante. Isso é o principal, essa é a chave pra tudo. Isso foi a chave pra eu conseguir tudo o que eu consegui na época, que era feroz, pra eu conseguir meu lugar em Ponta Grossa. Foi na humildade, porque só uma pessoa humilde vai poder pagar uma pessoa. E pra outro município também. Se você é uma pessoa que se acha, ninguém chega perto de você. Porque as travestis é uma coisa muito louca. Ao mesmo tempo que você tem que ser uma pessoa forte e mal educada pra sociedade, entre nós você é obrigada a ter educação. É toda uma hierarquia, a travesti mais nova é obrigada a respeitar a mais velha. Não é como o político mais jovem que chega acabando com os políticos mais velhos. Com a gente é diferente, as mais novas são obrigadas a respeitar, se não respeitar não entram. Fica fora. Tanto que essa (nome de travesti), porque que ela tem respeito, porque ela é antiga. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008).*

*Por causa das amigas, eu sou uma pessoa muito do bem, as pessoas gostam de mim. Eu sou uma pessoa que não tenho tempo frio, chuvoso, calor, nada, eu vou. Se você tá com um problema a gente tenta resolver, se tá com fome a gente vai e come, se tá com sede a gente bebe (...). Eu sempre tive ajuda. Foi em poucos municípios que eu meti a cara. Eu sempre tive ajuda de amigas*

*que tava batalhando em outros municípios, que já conhecem, são de lá ou passaram por lá, ou conhece alguém que tá lá. Eu acho assim, sabe? Mais forte ou mais fraca não existe, porque a que tem força pode não ter dinheiro, e quem tem dinheiro talvez não tenha força. **Quando a gente vai na cidade, tem uma travesti que te dá o mapa, como as coisas funcionam lá. Dá o mapa da situação lá, claro! Daí, você não chega crua lá, já chega conhecendo lá.***<sup>133</sup> (Entrevista realizada com Hecate, em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009).

Como tratado por Hecate, existe uma clara reflexão geográfica para o estabelecimento de estratégias de deslocamento, buscando conhecer as espacialidades de destino antes do deslocamento, buscando conhecer, como em suas palavras, o “mapa da situação”. Além da ajuda das travestis estruturando-se como uma possibilidade de estratégias de deslocamento, outra possibilidade relaciona-se à ajuda dada por cafetinas e cafetões nos deslocamentos espaciais. Contudo, do total de evocações que tratavam deste elemento em específico, 77.7% das evocações trataram do auxílio de cafetinas e cafetões como uma estratégia de deslocamento internacional e 22.3% desta estratégia relacionada à escala geográfica brasileira. Iniciando nossa discussão pelo menor percentual, o que as evocações apontam é que as travestis que conhecem as donas de pensão para travestis indicam seu nomes, quando certa pessoa tem a intenção de se deslocar até a cidade em que esta pensão está localizada, indicação esta que se faz tanto pela recomendação da travesti a cafetina, quanto do fornecimento do contato com ela, como endereço e telefone. Outras ponderações dizem respeito ao fato de que mesmo que as cafetinas busquem o dinheiro, elas aceitam travestis em suas casas caso estas não tenham envolvimento com drogas, para que haja a possibilidade de correspondência das obrigações com a cafetina, relacionadas ao não manchar o nome da pensão junto aos policiais, e o pagamento regular das diárias. Quando as evocações tratavam do auxílio de cafetinas e cafetões como uma estratégia de deslocamento internacional, o que fora evidenciado é que este auxílio estabelece-se segundo empréstimos e facilitações de entrada na Europa. Como falado por Némesis, ela havia entrado na Europa através da ajuda de um cafetão, que lhe havia emprestado o valor de 10.000 euros. Mesmo sabendo que se sua estrada fosse possibilitada através deste caminho, sua estadia na Europa seria difícil: “(...) eu ia pagar muito caro por isso. A minha sorte é que depois que paguei 6.000 euros o cara foi preso na Itália e eu fugi pra cá, pra Espanha. Eu acho que a dívida acabou, né? (risadas)”

---

133 Grifo nosso.

(Entrevista realizada com Némesis, em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008). Estas estratégias de deslocamento, como já evidenciado parcialmente neste capítulo, referem-se à conexão entre cafetinas e cafetões de nacionalidades distintas, criando uma escala geográfica internacional da prostituição travesti, pois segundo Némesis e Estige:

*Quando eu vim cheguei primeiro em Bérghamo, no apartamento de um cafetão (Itália). A pessoa me pegou no aeroporto e me levou direto pro apartamento. Sempre tem né? Ou já tem papéis, porque tá bastante tempo aqui, ou tem alguém do país mesmo. No meu caso era um casal e ela era italiana. (...) Olha, eu vim com uma carta de convite e eu já era transformada lá no Brasil mesmo. Eu entrei por Milano e tudo bem sabe? Toda a minha papelada quem arrumou pra mim foi uma cafetina no Brasil e ninguém me perguntou nada. Vim na pinta menina, até com dinheiro no bolso. Depois eles pegam tudo da gente, mas cheguei na pinta sabe? (...) Aí minha filha, tem que pagar o que deve e o que não deve e manter a discrição para ninguém saber de nada porque se não, você tá envolvida também e corre o risco de ter que voltar pro Brasil. Agora que já tô aqui só volto quando conseguir o que eu quero que é uma casa. (...) Meu Deus, tem que fazer um bocado de coisas sabe? Por exemplo, pagar 10.000,00 como eu tinha (risadas). Mas o principal é encontrar uma pessoa certa que goste de ti e te traga sabe? Não é você que vai atrás. Veja, esse homem mesmo que eu conversei com ele na segunda (conexão com Itália), na terça, na quarta eu já tava dormindo na casa da mulher dele pra vir pra cá. Você tem que ter conhecimentos e amizades. Então, é sempre assim. Por exemplo, tem uma travesti daqui que vai para o Brasil e tem amizade com as melhores cafetinas do Brasil. Assim, uma lá que tem mais de 18 bicha numa só casa. E essa bicha daqui vai lá na casa da cafetina, vai visitar a bicha de lá e vai beber um café né. E daí ela vai olhando as bicha, a cafetina vai apresentando as bicha pra ela. E daí ela vê qual é a bicha que ela se interessa mais e faz a proposta né. Tem que ser bonita, ou pelo menos ter uma belezinha normal né? Daí ela, se interessa, conversa com você, faz a proposta e marca a viagem pra cá. Eu vejo que é assim. (Entrevista realizada com Némesis, em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008).*

*Olha, eu sonhava em vir, mas aconteceu sabe? Foi de uma hora para outra que aconteceu. Eu sonhava e tinha conseguido uma casa no Brasil e daí, surgiu uma oportunidade. Uma mulher brasileira me convidou. Me telefonou e perguntou se eu não queria vir para a Europa e eu falei, quero, mas não dei muito caso, sabe? Daí, a sobrinha dela já apareceu com a passagem com tudo e pensei assim, bem, se Deus tá abrindo as portas pra mim eu vou, né? (...) Quando eu cheguei, eu fui direto para o apartamento da mulher que me pagou a passagem. Ela tinha um piso onde já tinham vários travestis e mulheres brasileiras. Mas eu tive que pagar toda a viagem pra ela. Na época paguei 4.000 euros, quando minha passagem tinha custado 800 euros. Mas é assim sempre sabe?(...) olha, eu acho que tem que ter sorte, porque não é pra qualquer uma. Por exemplo vai uma travesti daqui e vai pro Brasil pra trazer outras 2 travestis pra dar lucro. É ela que escolhe quem ela vai trazer. Ela olha, olha muitas e escolhe. Não é você que*

*diz que quer vir. É ela que te escolhe e diz que quer te levar. Então, a gente não tem que dizer nada. É assim, uma pessoa que tá aqui e quer ganhar mais dinheiro e vai pro Brasil e busca outra pessoa assim. Eu quero ter lucro, eu vou lá e busco duas mulheres ou travestis pra mim e ganho tanto. Essas me dão um lucro e eu vou lá e busco mais gente e assim o negócio cresce. Isso é tipo assim, um tráfico. Vamo dizer logo. É um tráfico. Vamos usar a palavra correta. Isso é um tráfico de pessoas humanas. Isso é, um tráfico. Porque ganha dinheiro às custas dos outros. (Entrevista realizada com Estige, em Madri – Barcelona, em 14 de maio de 2008).*

Como visto tanto por Estige e Némesis, quanto por Silva (2011), o conjunto de estratégias de deslocamento que são utilizadas pelas travestis driblam os mecanismos de regulação, constituindo paradoxos de legalidade e ilegalidade. Mesmo que o deslocamento das pessoas seja um processo legal, este deslocamento se faz, a partir do grupo de travestis, segundo práticas ilegais. Assim como existe uma negociação entre as formas de organização hegemônicas e as práticas cotidianas da vivência travesti, existe um diálogo entre imposições estruturais e possibilidades de sobrevivência a partir de deslocamentos internacionais. Segundo Sassen (2003), tem ocorrido na primeira década do século XXI uma presença considerável de mulheres numa plêiade de circuitos transnacionais. Consideramos que suas reflexões podem ser estendidas ao grupo de travestis acima evocadas. Segundo o autor, estas relações internacionais, mesmo sendo diferentes, comungam de uma mesma característica, ou seja, são rentáveis, gerando lucro à custas de pessoas desfavorecidas: “Incluyen el tráfico ilegal de personas destinadas a la industria del sexo y a varios tipos de trabajo en el mercado formal e informal. Incluyen migraciones transfronterizas, indocumentadas o no (...). (SASSEN, 2003, p. 41). Sua proposta teórica é conceituar este circuito como contrageografias da globalização, ou seja, fenômenos justapostos de mercados globais e conexões transnacionais que escapam das formas convencionais de controle. A instituição desta escala geográfica internacional da prostituição travesti tem também como elemento constituinte as estratégias de deslocamento segundo a ajuda financeira. O que as falas de Febe e Estige apontam é o volume da dívida em comparação aos valores realmente gastos no deslocamento. Segundo Febe, mesmo que ela tivesse entrado na Europa com 1.300 euros, a dívida com seu 'auxiliador' era de 7.000 euros. Entretanto, conhece amigas que entraram na Europa com dívidas de 10.000 ou 15.000 euros, mesmo que tenham sido gastos no limite 2.000 euros no deslocamento. Como tratado nas falas de Febe e Estige:

*Você considera isso uma ajuda? Não dá pra dizer que isso é ser ajudada, né? Tudo bem. Respeito, porque é, num sentido, a pessoa que me deu a luz. Mas é uma luz meio que ofuscada. Porque na verdade, depois que você seguir, você tem que trabalhar o brilho dessa luz e trabalhar muito pra essa luz brilhar, porque, olha, existe vezes você fica ali, caminhando e nada. Claro, no fim do túnel existe sempre uma luz, porém, o túnel às vezes é tão longo que desanima. Mas graças a Deus, eu sempre fui uma pessoa muito positiva. Eu sempre acreditei que há uma luz no fim do túnel, sempre. Imagina, tem que ter muita luz para atrair muitos clientes e pagar as dívidas e tal. (Entrevista realizada com Febe, em Madri - Espanha, no dia 16 de setembro de 2008) .*

*Toda a travesti que vem pra cá vem assim, sabe? Não existe aquele que vem com seu próprio dinheiro. Sempre tem que passar por isso. Tem travesti que paga 10.000 euros, 12.000 euros. E até a gente pagar as dívidas é difícil, porque a pessoa não deixa a gente sair, não deixar sair pra rua, só pode ficar dentro de casa (pisso). Queria que eu ficasse presa, sem ligar pra ninguém, sem telefonar pra minha família, mas eu não sou tonta. E depois, eu não via o dinheiro, não via nada de dinheiro e então eu falei: Não, meu amor, eu não nasci ontem, sabe? Deixei o que eu devia e peguei minha mala e vim direto pra Madrid. Ela chegou a pegar a minha carteira e pensou que meu passaporte estava dentro, mas eu já tinha escondido em outro local num bolso da calça e minha carteira com identidade nacional e cartão de crédito, ela pegou. Eu disse pra ela, não! Eu vim pra trabalhar como é que eu vou ficar te dando dinheiro, dinheiro, dinheiro e eu não vejo nada. E eu não pude nem ir na polícia. E isso é o problema, aqui na Espanha, o brasileiro não pode ir na polícia, não pode fazer nada. Porque se você vai e se queixa, ainda te ameaçam de mandar para o Brasil e se já sofreu tanto pra chegar aqui, como é que vai arriscar voltar para o Brasil? Tenho que ficar aqui. (Entrevista realizada com Estige, em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008).*

Portanto, como visto até agora, evidenciamos as múltiplas relações entre espacialidades, sujeitos travestis e escalas geográficas. As espacialidades que constituem a vivência travesti, grupo focal da presente tese, são forjadas pela fluidez e pela multiplicidade. Além de serem constituídas por inter-relações, se compõe como a imbricação de trajetórias sócio-espaciais distintas. A partir das evidências contidas nas falas das travestis, relacionadas às suas vivências multiescalares, estas pessoas, a partir de suas práticas cotidianas, conectam várias espacialidades. Estas conexões propiciadas pelos deslocamentos através das espacialidades se fazem também a partir conjuntos de fatores motivacionais de deslocamento, fatores espaciais de conectividade e de suas próprias estratégias de deslocamento. Estas imbricações são capacitadas pela constituição de relações inter-pessoais, relações estas em

permanente processo de se fazer. Estruturadas por estratégias cotidianas de sobrevivência, a partir de diálogos constantes entre suas vidas e a imposição do espaço ser reflexo e condição das formas de organização social hegemônicas. Assim, o último momento da presente tese versará sobre a atividade da prostituição e as ações relacionadas ao controle dos territórios, segundo relações de pessoalidade, estruturando o território descontínuo da prostituição travesti no Sul do Brasil.

#### **CAPÍTULO IV**

### **A ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO DESCONTÍNUO DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI ATRAVÉS DO SUL DO BRASIL**

Tendo por objetivo do presente capítulo construir uma reflexão evidenciando a estruturação do território descontínuo da prostituição travesti através do Sul do Brasil, além dos fatores relacionados às motivações de deslocamento, as características espaciais de conectividade e às estratégias de deslocamento, esta escala geográfica instituída também se relaciona às atividades referentes a prostituição e ao controle dos territórios. Como salientado até agora, a convivência desde 2006 com o grupo de travestis que retira seu sustento da atividade da prostituição evidenciou a imbricação entre a constituição de espacialidades relacionadas a esta atividade e a instituição da identidade travesti referente ao grupo focal da presente tese. No acesso a esta lógica, algumas travestis demonstraram com suas histórias de vida o fato de não possuírem espacialidades ancoradas estritamente a um único território intra-urbano, mas sim, que a partir de redes de pessoalidade e práticas pessoais, constituíam vivências multiescalares, conectando várias territorialidades da prostituição travesti.

Como afirmado em outros momentos desta tese, mesmo que tivéssemos por hipótese a ideia de que esta lógica estava estruturada a partir de certa forma de rede urbana, segundo uma hierarquia entre grandes cidades, cidades médias e pequenas cidades, o que a vivência cotidiana travesti nos demonstrou é que este território descontínuo da prostituição travesti não apresenta um único padrão repetitivo. Pelo contrário, como será discutida neste capítulo, a organização deste se apresenta como uma teia não direcional, nunca acabada e estabelecida situacionalmente, temporalmente e espacialmente, pois como visto no capítulo anterior, as relações de inter-pessoalidade colocam-se como elementos de fundamental importância na organização desta lógica. As experiências resultantes das redes de pessoalidade, potencializando relacionamentos espaciais, não afirmam que estes fragmentos do território descontínuo são mais importantes que as relações que as travestis estabelecem entre si e entre estas com cafetinas. Portanto, estes fragmentos espaciais da prostituição travesti não se relacionam por subordinação através do Sul do Brasil, pois mesmo que vários elementos estejam conformados com o que poderíamos denominar como uma espécie de rede geográfica hierárquica da prostituição travesti, a complexidade desta lógica é muito mais ampla,

envolvendo pontes de escalas geográficas de fenômeno.

O que fora demonstrado por todo o processo de pesquisa - que buscava compreender como as práticas territoriais da prostituição travesti potencializam fluxo de travestis e conexões escalares da prostituição – refere-se ao fato das experiências pessoais manterem e serem mantidas por relacionamentos entre o grupo envolvido com a atividade, mantendo conexões fluidas entre os territórios. Suas buscas não estão relacionadas ao completo domínio de toda a cidade enquanto nó de uma rede geográfica hierárquica, mas sim ao objetivo de poder participar de específicas dinâmicas sociais relacionadas aos territórios da prostituição travesti.

Indo além de pensar a viagem de forma metafórica, como o fez Louro (2004) em 'Um Corpo Estanho', afirmamos que estas viagens são um elemento estruturante da vivência travesti que fora o grupo estabelecido para esta pesquisa. Segundo Louro, uma viagem pode ser definida como o deslocamento entre locais, vencendo a partir deste movimento distâncias temporais e espaciais. Da mesma forma, referem-se às distâncias sociais e culturais, a partir do que seus corpos representam de 'não normalidade', representando-se naquilo que se coloca como o 'estranho'. Além da importância dada aos movimentos, relacionados às trajetórias e aos trânsitos das travestis, nos cabe, assim como proposto pela autora, pensar sobre suas partidas e chegadas, compostas por imbricações de “movimento e também os encontros, as misturas e os desencontros” (LOURO, 2004, p. 14). Estas viagens que deslocam corpos também transformam corpos, identidades e noções do que é ser travesti, pois “suas transformações vão além das alterações na superfície da pele, do envelhecimento, da aquisição de novas formas de ver o mundo, as pessoas e as coisas. As mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas ou decididas (...)” (*Ibid.* p. 15). Como proposto por Louro, mesmo que as regras se façam valer, sempre existirão pessoas que irão romper estas normas, transgredindo arranjos espaciais de normalidade para os corpos. Mesmo que a autora utilize metaforicamente a ideia da viagem, evidenciamos sua pertinência, a partir da ideia da viagem em nossa problemática, pois “(...) pode ser instigante sair da rota fixada e experimentar as surpresas do incerto e inesperado. Arriscar-se por caminhos não traçados. Viver perigosamente” (*Ibid.* p. 16). Portanto, nos utilizando das palavras da autora, não podemos impedir que algumas pessoas se atrevam a subverter as normas, tornando-se “os alvos preferenciais de pedagogias corretivas e das ações de

recuperação ou de punição. Para (as travestis)<sup>134</sup> a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões” (*Ibid.* p. 16), processos estes contraditórios e complementares com a formação, de um lado, dos territórios intra-urbanos, e de outro, da instituição de territórios descontínuos da prostituição travesti através do Sul do Brasil. Assim, para o desenvolvimento da última parte desta tese, construiremos uma reflexão relacionada a constituição do território descontínuo da prostituição a partir das relações entre territórios, territorialidades e paradoxos, para em um segundo momento evidenciar as conexões pessoais-territoriais a partir do controle do território e da atividade relacionada a prostituição.

## 7. A Constituição do Território Descontínuo Paradoxal

As discussões relacionadas aos conceitos de território, de territorialidade e de fronteira têm sido trabalhadas pela Geografia, sendo a expressão espacial de relações de poder, como afirmado por Wastl-Walter e Staeheli (2004). Segundo as autoras, estes três conceitos foram em sua grande maioria ferramentas nas reflexões do sub-campo da Geografia Política, operacionalizando as discussões relacionadas ao Estado-Nação, a partir de fronteiras que delimitariam áreas. Outros elementos apontados relacionam-se primeiramente a concentração das pesquisas aos termos 'soberania e segurança' e, como uma resultante, a refutação da importância das questões envolvendo gênero, e como a partir da nossa problemática de pesquisa, as interfaces entre territórios e sexualidades. Como tratado pelas autoras, também em Nagar (2004) e Martin (2004) a reflexão sobre territórios e fronteiras estão conectadas a práticas sociais associadas com o estabelecimento de diferenças entre as pessoas, sendo formas de imposição de ideias a indivíduos e atividades, ou como nos termos de Souza (1995), relacionando-se a quem manda e influencia e como manda e influencia em determinadas espacialidade. Indo além da forma usual de pensar o território na sua relação ao Estado-Nação, como já visto desde as considerações de Ratzel (1882) e Gottmann (1973), Wastl-Walter e Staeheli (*Ibid*) nos exortam que, mesmo sem negar a importância do Estado na sua relação com territórios e fronteiras, devemos compreender que esta instituição não se apresenta como a única forma de expressão espacial de relações de poder. Assim, devemos

---

134 Nossa inclusão.

“ampliar a discussão do território e das fronteiras para incluir outros locais e escalas em que as expressões territoriais de **inclusão e exclusão**<sup>135</sup> são formadas” (WASTL-WALTER e STAEHELI, 2004, p. 141).

Da mesma forma que os vários caminhos de discussão estabelecidos através da Geografia, a tríade território-territorialidade-fronteira é instituída a partir de um conjunto considerável de influências, não sendo determinantes as discussões atinentes a política ou ao gênero. Como visto pelas autoras, algumas direções de reflexão tem tomado o pressuposto de pensar a tríade a partir da ecologia humana, concebendo-os segundo conjecturas biológicas referentes ao comportamento humano, argumentando sobre a necessidade humana de controlar espacialidades como uma ação 'natural'. Contudo, estes caminhos excluem possibilidades de produção de inteligibilidade de fenômenos territoriais, a partir de dinâmicas políticas, ou segundo perspectivas feministas. Como tratado por Wastl-Walter e Staeheli (*Ibid.*), o território vai além de uma mera ação biológica, mas relacionando-se a uma construção social, política e cultural. O território e suas fronteiras delimitadoras são reflexos e condições das relações de poder através das quais foram produzidas, sendo forjados em situações particulares e projetando-se para fins estabelecidos. Esta ponderação se alinha a nossa problemática de discussão, pois como evidenciado a partir de todas as entrevistas, é segundo uma plêiade de processos de exclusão e interdição social e espacial, relacionados à sociedade heteronormativa, que as travestis criam vias de resistência social, segundo o estabelecimento de territórios da prostituição travesti. Mas além destas formas de diálogo ser campos de resistência, coloca-se com componentes culturais do grupo de travestis, ligando-se a interseccionalidades de dimensões de categorias identitárias espacialmente estabelecidas e reconhecíveis, a partir de práticas de prostituição. O paradoxo do sentido cultural do território para o grupo de travestis que fora o alvo da presente tese pode também ser expresso segundo sentimentos de pertença, a partir de experiências positivas, mas também segundo experiências negativas relacionadas à reprodução das mesmas práticas de exclusão social, agora com ocorrência segundo a espacialidade do território da prostituição travesti através do Sul do Brasil.

Alinhando-se as proposições de Raffestin (1993), Sack (1986) e Souza (1995), Wastl-Walter e Staeheli propõem que o território é uma espacialidade que é reclamada tanto por uma

---

135 Grifo nosso.

única pessoa quanto por grupos sociais. O ingrediente principal para se pensar este conceito, assim como em relação a outras discussões realizadas através da Geografia, relaciona-se a escala geográfica, pois este fenômeno pode ir de um único indivíduo a corporações transnacionais. Estas espacialidades podem ter delimitações visíveis ou simbólicas, relacionadas funcionalmente a ideia de fornecer uma possibilidade de ação social para vários tipos de atores sociais. Além de pensar o território como estruturado a partir de processos de inclusão e exclusão, a territorialidade pressupõe também as ações de controle destas espacialidades apropriadas. Assim, discutindo 'Territory, Territoriality, and Boundaries', Wastl-Walter e Staeheli (2004) propõem que as estratégias levadas a cabo, a partir de ações denominadas por elas como territorialidades, referem-se a um grande universo de ações, indo desde a tecnologia jurídica até as normas que são sancionadas pelos grupos sociais do que é ou não esperado de comportamento viável das pessoas. A territorialidade também está baseada nas ideias de identidade e diferença, a partir da consideração de que determinadas pessoas pertencem ou não pertencem a códigos identitários, sendo a territorialidade tanto uma configuração de estratégias espaciais como identitárias.

O elemento que fica nítido nas discussões que realizamos até agora relacionadas ao território diz respeito, via de regra, ao fato de que a partir da instituição de espacialidades específicas, segundo os elementos referentes ao espaço, a fronteira e ao poder, existe uma inclusão ou exclusão de pessoas, constituindo *insiders* e *outsiders*. Se em nossas leituras o que fora construído como hipótese relacionava-se à criação desta linha divisória entre grupos, o conhecimento que as travestis nos socializaram demonstrou que esta linha divisória coloca-se como uma ficção. Mesmo que o grupo possua práticas de gênero e sexualidades distintas a outros grupos sociais, tanto grupos que vivem como em relação a aqueles que não vivem da prostituição, estas espacialidades se fazem como relacionais, ou como nos termos de Massey (2008), constituídas por inter-relações. Esta possibilidade de pensar o território a partir de uma perspectiva relacional, que fora socializada a nós segundo as falas das travestis, diz respeito ao fato de que estas relações instituintes de territórios realizam-se entre travestis, mas entre este grupo e atividades de cafetinagem, ações de repressão policial, relações de conflito ou não conflito com moradores das áreas de vizinhança dos locais de prostituição, transeuntes, e acima de tudo, na relação entre travestis e clientes. Se a produção de territórios da prostituição travesti está em sua grande maioria relacionada as atividades da prostituição, então a principal inter-relação instituinte desta espacialidade específica diz respeito aos

contratos estabelecidos entre os grupos que se prostituem e seus clientes.

Outros elementos que desmistificam a separação entre pessoas que participam e que não participam destas práticas espaciais específicas dizem respeito às próprias ponderações realizadas pelas travestis em momentos de conversa não gravados. O que estas falas apontam relaciona-se ao fato de que eram os mesmos homens que fechavam as portas durante o dia que abriam as suas pernas durante à noite, demonstrando tanto a complexidade temporal, espacial e social da instituição das espacialidades relacionadas a atividade da prostituição. O significado desta frase para o grupo de travestis relaciona-se ao fato de que é a mesma sociedade que cria interdições espaciais e exclusões sociais que possibilita a criação de territórios da prostituição travesti, desconstruindo a ideia de praticas territoriais da prostituição estabelecida a partir de relações entre *insiders* e *outsiders*.

Além deste ponto, os corpos travestis não existem fora da sociedade, mas compõem um grupo que mesmo sendo distinto, também é sociedade. Segundo Butler (2008), pensando os corpos abjetos, a matriz que produz corpos identificáveis socialmente demanda a produção simultânea de corpos desconsideráveis. Os corpos abjetos, como nos termos de Butler, produzem tanto o questionamento da matriz de produção de corpos com significados sociais, quanto à delimitação do que seria considerado válido enquanto existência social. As zonas invisíveis e inabitáveis da vida social são ao mesmo tempo o produto do tensionamento e a delimitação do que é visível e considerado habitável socialmente. Pensando analogicamente esta ponderação em relação a instituição dos territórios da prostituição travesti, por um lado, estes corpos não existem fora da sociedade, e por outro, suas relações não se fazem em uma condição de *insider* ou *outsider*, de que forma esta venha a ser pensada. Nosso argumento é que os territórios da prostituição travesti se fazem a partir de paradoxos de inclusão e exclusão, processos vividos simultaneamente, pois serão estas áreas inabitáveis que definirão o que é habitável, constituindo uma local de reivindicação a existência e a vida.

Como visto em Sack (1986), a territorialidade envolve formas de classificação, processos estes que pelo menos em parte, proporcionam relações de impessoalidade. Todavia, como visto a partir do acesso às vivências travestis, a partir de formas de reivindicação à existência e a vida, estas não se fazem de forma isolada, mas de forma coletiva, a partir de redes de pessoalidade entre todas as pessoas envolvidas com o fenômeno da prostituição, como já discutido no capítulo anterior. Da mesma forma que em relação ao questionamento

desta proposição propiciado pela vivência travesti, Wastl-Walter e Staeheli (2004) afirmam que em contraste, a maioria das reflexões que tem sido realizada a partir das Geografias Feministas tem pensado o território como pessoal e relacional, segundo as corporeidades. É segundo o corpo que experimentamos, executamos e interpretamos as territorialidades. Neste caminho, o corpo coloca-se como o principal local de nossas identidades, pois segundo as autoras, os corpos portam valores simbólicos, sujeitando-se ou não as normas e a relações de poder. Sujeitando-se neste processo não quer dizer ser submisso às normas, mas participar de todos os jogos de relações de poder através das territorialidades. Pensando a relação entre territorialidades e corpos, as autoras propõem que este último termo negocie de várias maneiras com os limites estabelecidos, tanto socialmente quanto espacialmente, limites estes formados tanto a partir de contatos pessoais quanto por redes de pessoalidade, conhecimentos das características das específicas espacialidades e dos mais variados mecanismos de identificação do grupo de travestis que retira seu sustento da atividade da prostituição. É devido ao fato de nossos corpos carregares várias dimensões de categorias identitárias dos sujeitos, como tratado no capítulo II, que as negociações das fronteiras se fazem como múltiplas. Espacialidades estas altamente complexas e dinâmicas, em construção permanente e continuamente experienciadas, construídas e reconstruídas a partir de várias relações que se estabelecem segundo a prostituição travesti.

Pensando os territórios como trunfos do poder, Raffestin (1993) nos concede uma visualização das relações territoriais muito apropriadas ao prosseguimento desta discussão. Sendo que o poder é o elemento preponderante na construção de inteligibilidades no tocante as relações territoriais, Raffestin nos oferece a consideração de que ao lado das relações de poder, o território não possui menor importância, sendo a espacialidade do poder um local através das quais as relações de poder ocorrem. Portanto, se o território é instituído por inter-relações, a maneira mais apropriada de pensar um dos seus elementos constitutivos, ao lado do espaço e da fronteira, refere-se à visualização das relações de poder proporcionada por Foucault. Pensando a formação de certos tipos de saberes em relação ao sexo, Foucault (1988) nos apresenta que estes não se referem aos termos da repressão ou da lei, mas segundo relações de poder. Primeiramente, quando tratamos do poder não estamos querendo dizer 'Poder', relacionado, como argumenta Foucault, ao conjunto de instituições e aparelhos de Estado que garantem a sujeição dos indivíduos; muito menos a sujeição de pessoas a pessoas. Como visto em suas palavras:

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes a transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram uma nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formação da lei, nas hegemonias sociais. (...) Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua incrível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E 'o' poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerente, de auto-reprodutor, é apenas efeito do conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. (...) o poder não é uma instituição, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 1988, p. 102-3).

Portanto, se a instituição do território da prostituição travesti, que ocorre através da espacialidade do Sul do Brasil, faz-se segundo inter-relações, o poder se manifesta nas ocasiões das relações. Utilizando dos próprios termos do autor, este poder que estrutura tanto o relacionamento entre as travestis e cafetinas, quanto entre travestis envolvidas com a atividade da prostituição, não é alguma coisa que possa ser adquirida, algo que se possa guardar ou perder, mas sim se exerce segundo inúmeras relações desiguais e móveis. Da mesma forma, estas relações de poder estabelecidas através dos territórios descontínuos da prostituição travesti não se encontram no exterior de outros tipos de relações, mas emanam das multiplicidades de relações sociais estabelecidas entre as travestis e outros fenômenos. Assim como afirmado acima, sobre a não produção de inteligibilidade do fenômeno territorial descontínuo da prostituição travestis - a partir da utilização do conceito de território como um processo de inclusão e exclusão segundo relações de *insider* e *outsider* - este poder que estrutura as relações territoriais da prostituição travesti não nascem de cima, ou seja, não há uma matriz binária de dominadores e dominados, mas pelo contrário, nascem de múltiplas relações de força, que forma e são formadas a partir das espacialidades da prostituição. Estas criam “uma linha de força geral que atravessa os afrontamentos locais e os liga entre si;

(procedendo)<sup>136</sup> a redistribuição, alinhamentos, homogeneizações, arranjos em série, convergências destes afrontamentos locais” (FOUCAULT, *Ibid.*, p. 104-5). O que as falas de todas as travestis evidenciam, assim como tratado por Foucault, diz respeito ao fato de todas as ações ou relações de poder que estruturam o território descontínuo da prostituição travesti, não sejam subjetivas, mas relações intencionais, calculadas, não existindo nenhuma relação de poder que exista sem objetivos ou escolhas. De qualquer forma, estas escolhas não se fazem segundo a ação de sujeitos completamente livres, mas segundo um diálogo entre a vivência travesti e a imposição do espaço ser reflexo e condição das formas de organização social hegemônicas, pois a “racionalidade do poder é a das táticas muitas vezes bem explicitadas no nível limitado em que se inscrevem (...) que, encadeando-se entre si, invocando-se e se propagando, encontrando em outra parte apoio e condição, esboçam finalmente dispositivos de conjunto” (*Ibid.*, p. 105). Como visto em todo o processo de pesquisa, referente às práticas territoriais da prostituição potencializando fluxo de travestis e conexões escalares, evidenciou-se uma lógica completamente clara e decifrável, práticas estas que não foram estabelecidas apenas a partir de uma única pessoa envolvida com a atividade da prostituição, “carácter implícito das grandes estratégias anônimas, quase mudas, que coordenam táticas loquazes, cujos inventores ou responsáveis quase nunca são hipócritas” (*Ibid.*, p. 105). Finalmente, onde existem relações de poder, existe resistência, não existindo exterioridade em relação as próprias relações de poder, em configurações de *insider* e *outsider*, segundo os territórios descontínuos da prostituição travesti através do Sul do Brasil. Assim, nenhuma resistência pode existir a não ser no campo das estratégias das relações de poder, pois todos os pontos de resistência disseminam-se temporalmente e espacialmente, “às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos corpos, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento (...) pontos de resistência móveis e transitórios (...)” (*Ibid.*, p. 105).

Evidenciamos que a constituição dos territórios descontínuos relacionados à prostituição travesti não se fazem a partir de relações de *insider* e *outsider*, mas segundo relações complexas e paradoxais entre centro e margem de relações de poder, a partir das mais variadas situações, pois dependendo dos seus elementos situacionais estruturantes, ora a travesti pode estar na margem, ora no centro das mesmas relações de poder. Pensamos esta complexidade a partir da proposta por Rose (1993) em 'Feminism and Geography - The

---

136 Nossa inclusão.

Limits of Geographical Knowledge'. Segundo a autora, as múltiplas possibilidades de existência pessoal apontam para a instituição de espacialidades multidimensionais, sempre contingentes e em movimento, pois o que seria convencionalmente cartografável a partir de posições de centro e margem, ou de *insider* e *outsider*, existem simultaneamente, constituindo espacialidades paradoxais, estando as pessoas em dois locais ao mesmo tempo, através dos discursos.

Para Rose (1993), este espaço paradoxal é evidenciado com relativa frequência dentro das Geografias Feministas. Estes trabalhos têm pensado que a conexão entre pontos de partida e destino são perpétuas intersecções destas duas possibilidades. Neste caminho, tanto as origens quanto os destinos de deslocamento das travestis entre cidades se fazem como através do paradoxo justaposto de separação e conexão, assim como o *outsider* compõe o *insider*, e vice versa. Para a autora, esta visualização das espacialidades implica uma ultrapassagem radical às geometrias heterogêneas, pois possuem sentidos, são vividos, experienciados e articulam elementos de poder e identidade, colocando-se enquanto geometrias não-euclidianas que tratam de relações de poder, de resistência e de reconhecimento das diferenças. Assim, para Rose a reflexão sobre esta geografia não pode ser resumida ao simples mapeamento de relações de poder sobre territorialidades, pois a partir de uma multiplicidade de dimensões se produzem geografias paradoxais, posições estas não imaginadas como sendo constituídas por corpos ocupando várias espacialidades, mas ocupando simultaneamente polos de centro de margem de relações de poder a partir das mais variadas possibilidades espaciais. Queremos dizer que os corpos travestis não existem fora da sociedade, mas ocupam posições de centro e margem de relações de poder segundo as varias espacialidades, estando dentre elas os territórios descontínuos da prostituição travesti. Como tratado pela autora, cada territorialidade é diferenciada entre centro e margem de relações de poder na relação com o outro, não sendo este *outsider* exterior ao discurso do mesmo, pois posições de *insider* e *outsider* são simultâneas, havendo uma oscilação entre ambas as posições. Um exemplo muito pertinente tratado pela autora refere-se à reflexão de Collins (1990), sobre mulheres negras. Segundo ela, descrevendo a ocupação simultânea de *insider* e *outsider*, sugere que estas posições são articuladas frequentemente por mulheres negras que exercem atividades como trabalhadoras domésticas em residências de pessoas brancas. Estas mulheres estabelecem relações de intimidade e confiança com as crianças das famílias, mesmo sabendo que não pertencem a estas famílias, pois exercem apenas atividades de empregadas. Assim, ao mesmo

tempo elas estão/não estão ali. A mesma evidência é estabelecida a partir da fala de Pitia, demonstrando esta justaposição e ocupação simultânea de centro e margem de relações de poder:

*Então, o significado para mim é o aprendizado, porque tu vê coisas assim que **se eu fosse uma pessoa normal**<sup>137</sup> eu não saberia se isso existia, este outro mundo, que a sociedade sabe que tem, mas fecha os olhos, dorme no seu travesseiro de pena de ganso e acha que o mundo dele é outro. Que dentro da cidade existem outros mundos, que a pessoa sabe que existe, mas não sabe como funciona. Eu sei como que funciona e eu vivo em um deles. (Entrevista realizada com Pitia, Porto Alegre - RS, no dia 21 de dezembro de 2010).*

Quando fala 'se eu fosse uma pessoa normal' estabelece o reconhecimento de que enquanto sociedade, é *outsider*, ocupando a margem das relações de poder estabelecidas a partir de constrangimentos sociais hegemônicos relacionados à linearidade do que é estabelecida como normalidade em relação ao sexo, ao gênero, a prática sexual e ao desejo. Todavia, esta ocupação de margem é sobreposta a sua ocupação de centro, a partir do reconhecimento de que se ela fosse uma pessoa normal, não conheceria a lógica de funcionamento deste outro mundo que é considerado como margem, pois segundo ela, “(...) dentro da cidade existem outros mundos, que a pessoa sabe que existe, mas não sabe como funciona. Eu sei como que funciona e eu vivo em um deles”. Este 'saber como funciona' é o reconhecimento de que o conhecimento das lógicas de funcionamento desta outra geografia a posiciona no centro das relações de poder, segundo esta realidade específica, mesmo que esta posição esteja imbricada a sua posição de marginalidade social.

Afirmamos que é o reconhecimento desta geografia paradoxal relacionada aos territórios descontínuos da prostituição travesti que produzem inteligibilidade as suas possibilidades de existência. Segundo Rose (1993), esta potencialidade consegue descrever tanto as dinâmicas de prisioneiros como de exilados, construindo a compreensão de que as travestis, a partir de suas mais variadas espacialidades cotidianas, ocupam posições simultâneas de centro e margem de relações de poder, sendo tanto *insider* quanto *outsider*. Pensando que a prostituição travesti não se relaciona a apenas uma escala geográfica de

---

137 Grifo nosso.

atuação dos sujeitos, concebemos que esta nova lógica se relaciona àquilo que Souza (1995) chama de território descontínuo, ou seja, a imbricação entre escalas geográficas distintas de ação cotidiana travesti através da prostituição. Mesmo que no início da construção de todo o processo da tese, tivéssemos por hipótese o fato de que os fenômenos de instituição de redes de pessoalidade relacionadas à prostituição travesti iriam demandar a construção de pontes conceituais relacionadas à instituição de territórios - no seu sentido contíguo - e redes geográficas, o que as falas das travestis evidenciaram é que este território descontínuo da prostituição travesti é estabelecido a partir de pontes de escalas geográficas de atuação das pessoas, formadas por paradoxos de centro e margem de relações de poder. Portanto, propomos a utilização do termo 'território descontínuo paradoxal' da prostituição travesti, com ocorrência através da espacialidade do Sul do Brasil, com o objetivo de construir inteligibilidade a este fenômeno. Esta geografia resultante das práticas cotidianas travestis é estruturada a partir de tensões dinâmicas entre polos de centro e margem de relações de poder, tanto relacionadas aos fatores motivacionais, quanto aos fatores espaciais de conectividade, as estratégias de deslocamento e finalmente, as práticas de controle dos territórios, através das atividades da prostituição. Esta geografia travesti coloca-se como multidimensional, sendo estruturada a partir de simultaneidades diversamente contraditórias de uma plêiade de relações sociais. As relações de multiplicidade, de contradição e complementação produzem, como nos termos de Rose (1993), geometrias não-euclidianas estendidas entre locais paradoxais, mapas estes múltiplos e interseccionais, sempre provisórios e instáveis.

Essas possibilidades de pensar os territórios descontínuos paradoxais da prostituição travesti apontam como evidenciadas ao longo de todo o texto da presente tese, sobre o fato de que estas espacialidades colocam-se como locais de resistência ao grupo envolvido com a atividade da prostituição. Pensando a publicação de bell hooks (1990)<sup>138</sup>, Rose (1993) nos apresenta uma reflexão que se alinha as evidências contidas nas falas das travestis que cederam suas histórias de vida à construção da presente tese. Segundo a autora, hooks desenvolve seu argumento, pensando sua vivência em periferias, tanto urbanas quanto sociais, a partir da cultura dominante. Sua experiência de crescer segregada em uma comunidade negra do Sul dos Estados Unidos aponta que mesmo que esta espacialidade fosse desconsiderada pelas atividades econômicas da cidade, este era o local onde várias pessoas viviam. Utilizando a ideia de que trilhos de trem dividiam o que era ou não a área segregada,

---

138 bell hooks é como Glória Jean Watkin se autodenomina.

a autora apresente que esta delimitação estava relacionada a outras formas de opressão, menos tangíveis, como relacionadas às intersecções de sexo, gênero, cor da pele e etc., sendo sua pobreza estruturada por esta plêiade de relações. O mapeamento desta pobreza não poderia ser realizado apenas a partir de oposições de inclusão ou exclusão, mas sim ser problematizado segundo uma espacialidade de resistência a estas pessoas, vendo estas posições de centro e margem de relações de poder como a partir de uma existência sobreposta. Todavia, como evidenciado por todas as falas das travestis, este espaço de resistência não é alguma coisa facilmente alcançável, tendo visto todos os processos de exclusão e interdição pelas quais as travestis passam ao longo de suas vidas. Contudo, é através dos vários elementos até agora elencados, que as travestis conseguem sobreviver, constituindo, como nas palavras de Rose (1993) topografias multidimensionais, fluidas e duplicadas entre polos de centro e margem de relações de poder. Assim, a geografia da existência travesti, atravessada por várias espacialidades, dentre elas os territórios descontínuos paradoxais, colocam-se como projetos políticos, a partir de ações que buscam questionar e desafiar as formas de organização social hegemônicas, mesmo que sejam de forma ilegal. Estes objetivos são estruturados a partir de deslocamentos pessoais entre as cidades, que também se tornam políticos, atravessando fronteiras, tanto de comportamentos socialmente considerados válidos, quanto de territorialidades transnacionais. Esta forma de visualização da vivência cotidiana travesti permite a construção de inteligibilidade de uma forma distinta de ver suas espacialidades, fugindo de caminhos de criminalização ou vitimização, mas sim, produzida segundo a demanda de respeito às diferenças.

## **8. Conexões Pessoais/Territoriais da Vivência Travesti – a Prostituição**

A prostituição, além de ser uma das atividades mais antigas da humanidade, como tratado por Catonné (2001), é a que emprega hoje milhões de pessoas em todo mundo. Segundo Edlund e Korn (2002), segundo estudos da Organização Internacional do Trabalho, estima-se que percentuais entre 0.25 % e 1.5% das populações de países como a Indonésia, Malásia, Filipinas e Tailândia retirem seu sustento da atividade da prostituição, representando estas atividades totais que variam entre 2% e 14% do produto interno bruto de cada país.

Mesmo que as autoras afirmem que esta atividade seja mais intensa em países da periferia do sistema capitalista, a prostituição tem ocorrência em todo o mundo. Da mesma forma, mesmo que seu grupo focal estabelecido sejam mulheres prostitutas, esta atividade é uma alternativa ao grupo de travestis, tendo visto o fato de que os processos de exclusão social reservam às travestis poucas possibilidades de inserção em atividades econômicas, estando dentre elas a prostituição.

Mesmo que a prostituição seja um fenômeno histórico e espacial muito presente na humanidade, a Geografia tem reservado pouca atenção a esta atividade como um fenômeno objetivado. Segundo Howell (2001), mesmo que várias áreas do conhecimento científico estejam debruçadas a um tempo considerável sobre sua lógica e complexidade de funcionamento, como a partir de reflexões de historiadores e teóricos sociais, a Geografia produziu um não dito geográfico até muito recentemente. Mesmo com a consolidação dos sub-campos relacionados a *Feminists Geographies* e a *Queer Geographies*, construindo um grande conjunto de reflexões sobre a geografia da sexualidade do mundo, como tratado por Howell ainda existe uma lacuna considerável no tocante as discussões relacionadas à prostituição. Outra interface refere-se à imbricação entre espaço urbano e prostituição. Para o autor, a Geografia produziu um silêncio geral sobre a espacialidade do comércio sexual, posição esta paradoxal a potencialidade de problematizar mais uma faceta de processos de exclusão social e interdição espacial. Como tratado pelo autor, os trabalhos que foram realizados não conseguiram ir além da mera descrição do que poderíamos chamar como o mapeamento das geografias da sexualidade comercial. Contudo, mesmo que não exista uma hegemonia de reflexões relacionadas a perspectivas feministas e *queer*, desde a década de 1990 a Geografia brasileira tem demonstrado o interesse pela compreensão das geografias da sexualidade comercial, como vistos nos trabalhos de Mattos e Ribeiro (1996) pensando sobre os 'Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro', Ribeiro (1997) problematizando a 'Prostituição de Rua e Turismo em Copacabana – A Avenida Atlântica e a Procura de Prazer', Campos (2000) refletindo sobre as 'Permanência e Mudança no Quadro de Requalificação Espacial de Cidades Brasileiras: O Caso das Territorialidades do Sexo na Área Central do Recife, Nabozny (2007b) pensando sobre a prostituição segundo 'Constrangimentos Espaciais: a concepção legal de infância e as táticas desconstrucionistas desenvolvidas pelas profissionais do sexo', Silva (2008) problematizando a relação entre espacialidades e vivências travestis, segundo 'A cidade dos corpos transgressores da

heteronormatividade', e Ornat (2009) construindo uma discussão sobre 'Espacialidades travestis e a instituição do território paradoxal'.

Assim, seguindo esta mesma demanda, objetivamos construir neste tópico a inteligibilidade do território descontínuo paradoxal travesti, a partir da dimensão fenomenal relacionada às atividades da prostituição. Da mesma forma como proposto por Howell (2001), visualizamos a estruturação do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti não como uma instituição acidental ou secundária, pois a formação desta espacialidade prostitucional é essencial a produção e reprodução das vidas de pessoas que se autodenominam como travestis, espacialidade esta que é fundamental ao funcionamento e ao significado da sexualidade comercial realizada por travestis, através do Sul do Brasil. Do total de falas que estiveram relacionadas a evocação *Território descontínuo*, a partir da categoria *prostituição*, as direções de discurso estiveram relacionadas ao acesso a mundos desconhecidos, a brutalidade da noite, a relação entre travestis, o conhecimento de especificidades espaciais, as relações com cafetinagem, o deslocamento entre espacialidades, as diferenciações de comportamento espacial, o retorno financeiro da prostituição, a relação entre boates e territórios e a fantasia da prostituição, como pode ser visto no gráfico abaixo:

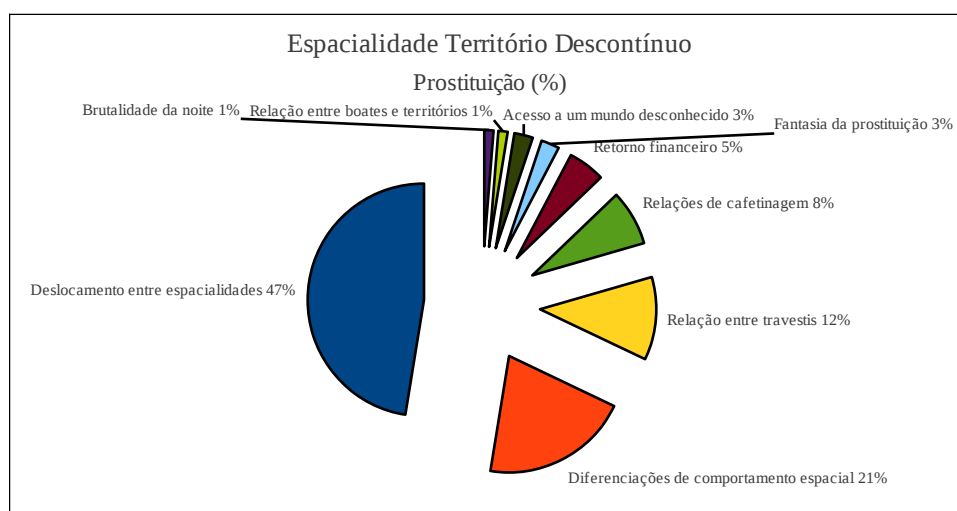


Gráfico 18. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Iniciamos a discussão sobre estas informações<sup>139</sup> a partir do maior percentual

<sup>139</sup> Tendo visto o fato de que os elementos *Retorno financeiro*, *Fantasia da prostituição*, *Acesso a um mundo desconhecido*, *Relação entre boate e territórios* e *Brutalidade da noite* totalizarem em média 0.52 % do total

relacionado a atividade da prostituição, referindo-se ao deslocamento entre espacialidades, constituindo a partir desta ação os territórios descontínuos paradoxais da prostituição travesti. A partir de todas as entrevistas realizadas, fora evidenciado pelas travestis que 98 cidades foram vivenciadas pelo grupo, a partir da atividade da prostituição. Deste total, 26.89 % estiveram relacionadas a cidades localizadas em outros países, como Argentina, Itália e Espanha. As evocações também apontaram para um deslocamento realizado para outros países europeus, sem a especificação da cidade, como Portugal, França, Suíça e Alemanha. Das cidades brasileiras, 66.17% estão localizadas na Região Sul do Brasil. Outra informação de fundamental importância relaciona-se ao fato de que 75.01% destes deslocamentos que estruturam o território descontínuo paradoxal da prostituição travesti através da espacialidade do território brasileiro ocorrem segundo cidades com população de até 490.000 habitantes, desconstruindo a hipótese de que as maiores vivências espaciais da prostituição seriam constituídas por grandes cidades. Após o mapeamento da geometria da espacialidade da prostituição para o grupo que fora o alvo da presente tese, fora evidenciado que existem três tendências básicas de constituição de territórios descontínuos paradoxais. Tratamos este termo no plural, devido ao fato de que a partir da utilização de narrativas das pessoas que foram entrevistadas, extrapolamos a constituição individual de um território descontínuo paradoxal ao grupo social mais amplo, que é incorporada pela travesti, a partir de uma tendência de conexão entre municípios. A primeira destas tendências relacionava-se a conexões entre municípios sem a ocorrência de movimentos pendulares referentes ao transitar periodicamente. A segunda tendência refere-se aos deslocamentos entre territórios intra-urbanos da prostituição travesti, agora constituídos pela existência de movimentos pendulares. A terceira e última tendência relaciona-se a existência de uma constituição transnacional do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti. Da mesma forma, mesmo que tenhamos como referência um conjunto de falas que foram resgatadas pelas travestis no hoje, estes deslocamentos estruturam um território descontínuo paradoxal a partir de toda a sua vivência, segundo a imbricação entre temporalidade e espacialidade descontínua, pois as memórias espaciais que foram resgatadas constituem identidades interseccionais enquanto grupo de travesti. Assim vejamos nas figuras abaixo a tendência I:

---

de evocações relacionadas ao Território Descontínuo, elas não serão problematizadas.

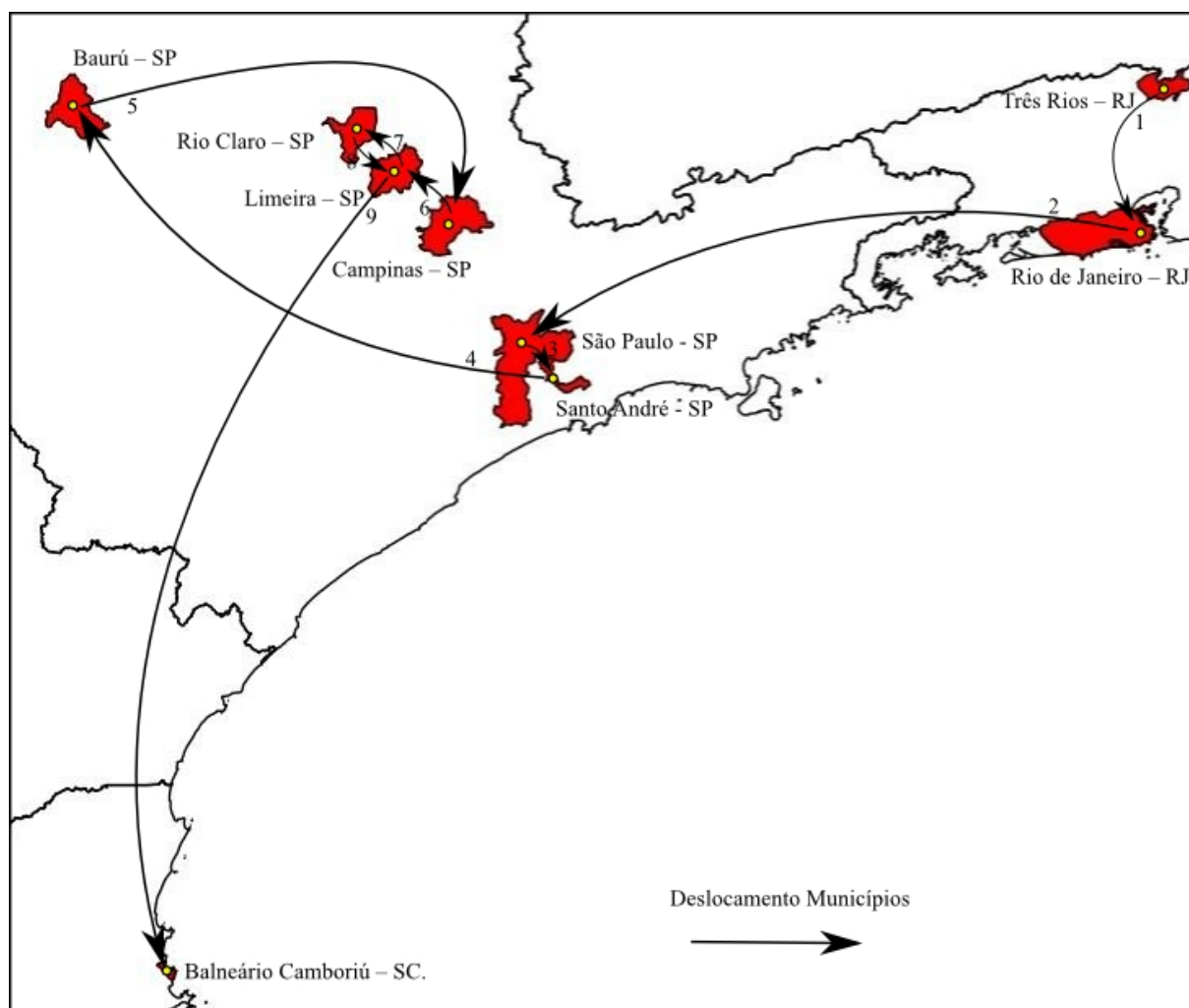


Figura 4 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal ATENA. Entrevista realizada em Balneário Camboriú - SC, em 26 de maio de 2009.

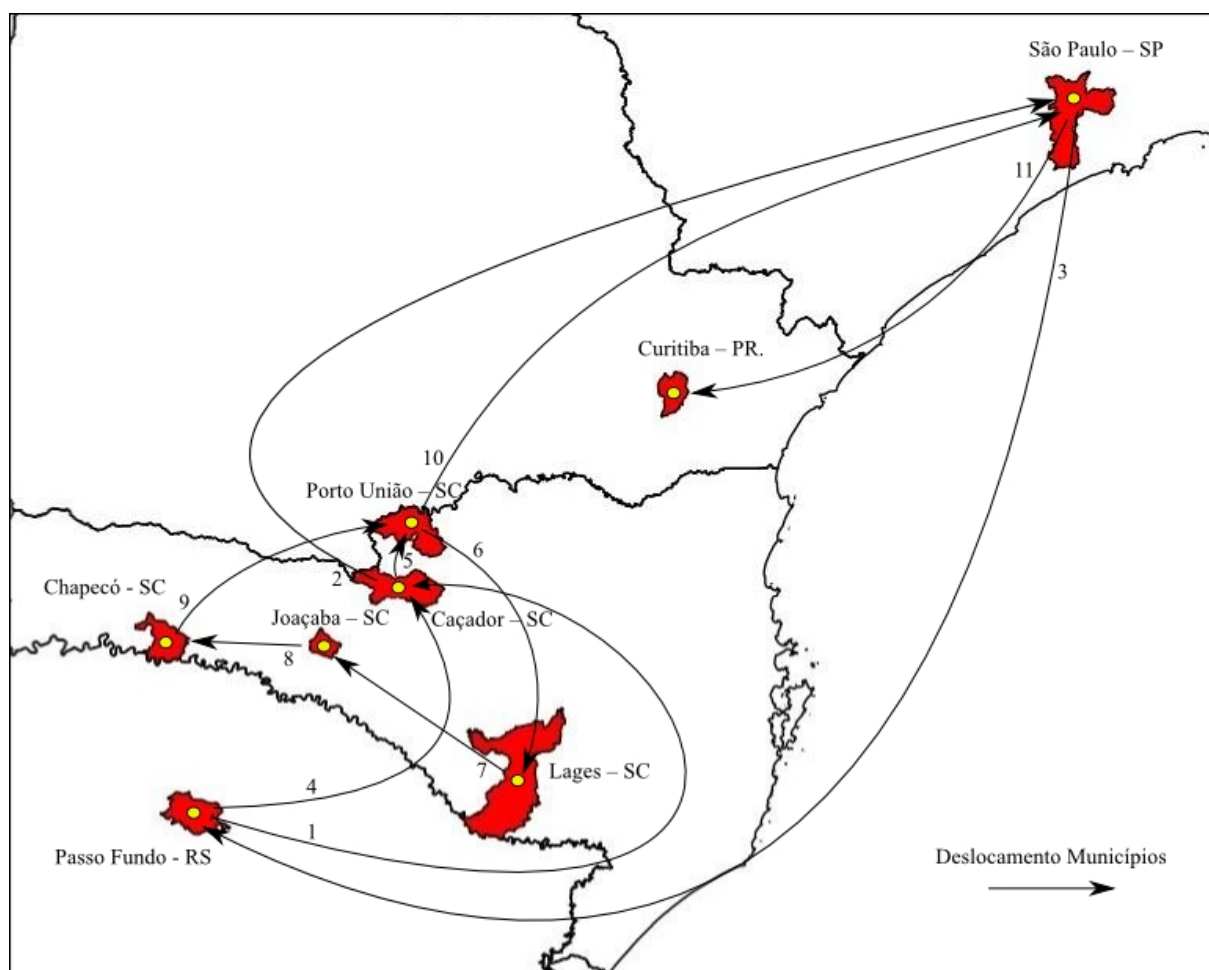


Figura 5 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal CIRCE. Entrevista realizada em Curitiba – PR, em 19 de maio de 2009.

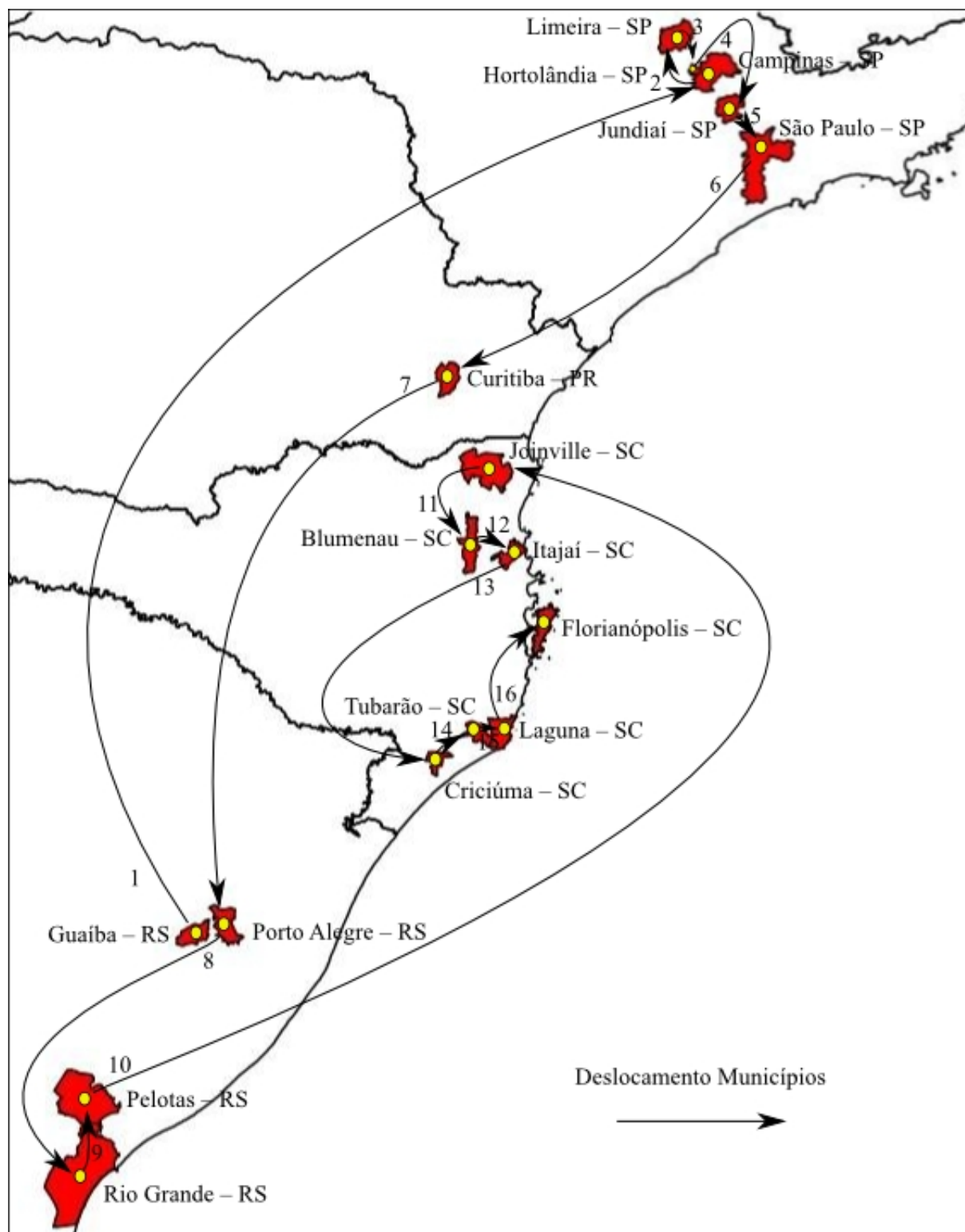


Figura 6 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal HECATE. Entrevista realizada em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009.

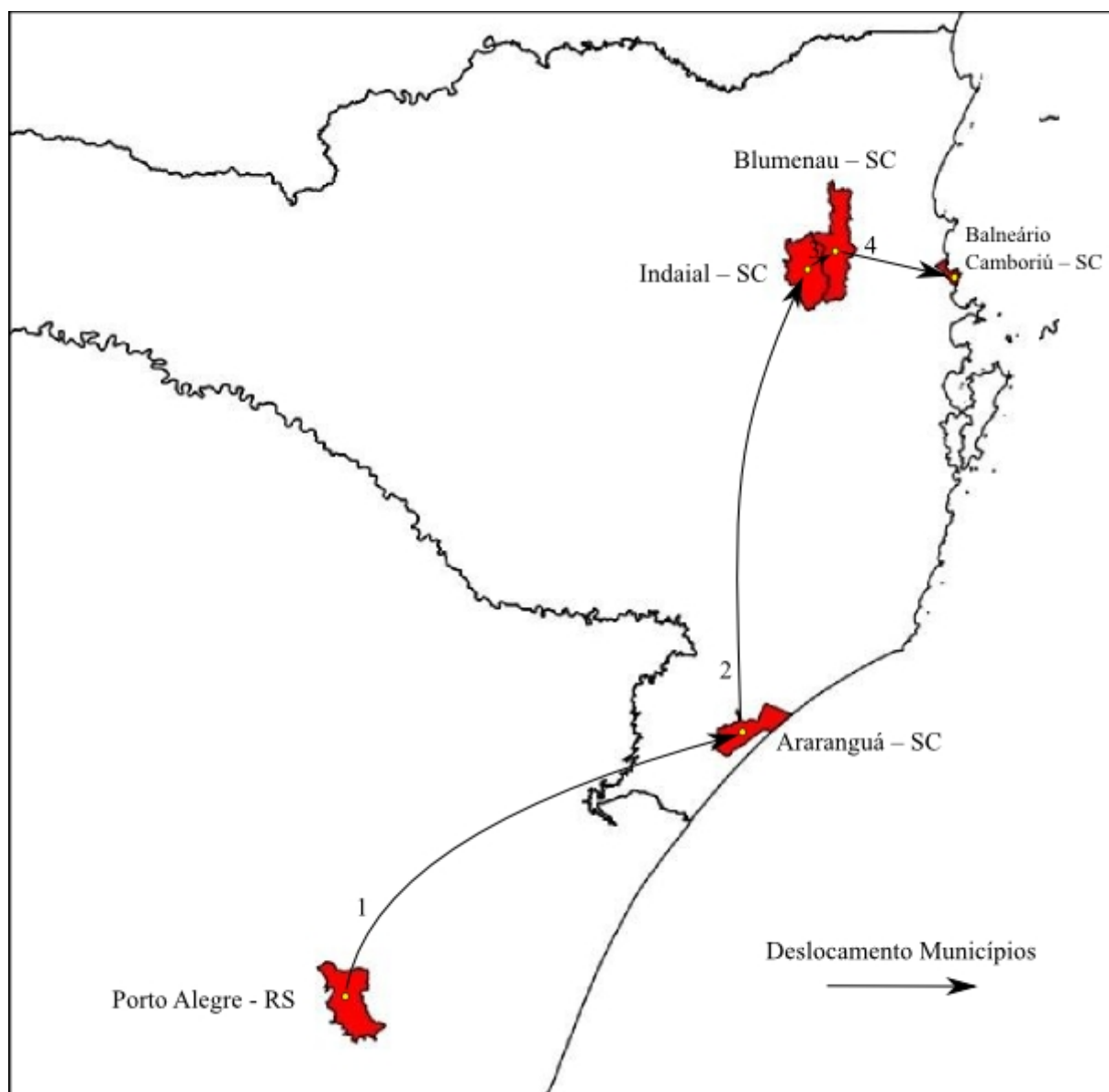


Figura 7 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal HERA. Entrevista realizada em Balneário Camboriú, em 26 de maio de 2009.

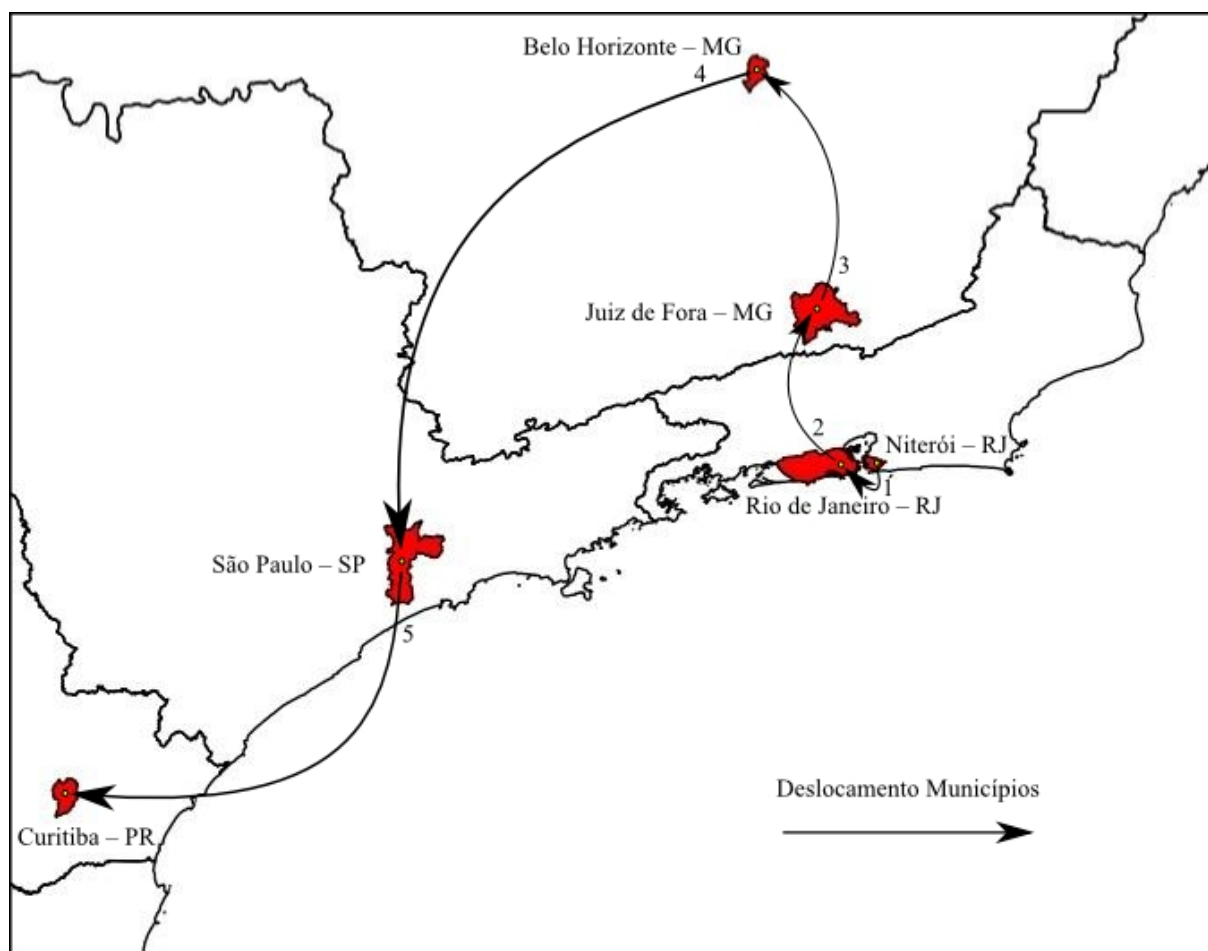


Figura 8 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal HESTIA. Entrevista realizada em Curitiba - PR, em 19 de maio de 2009.

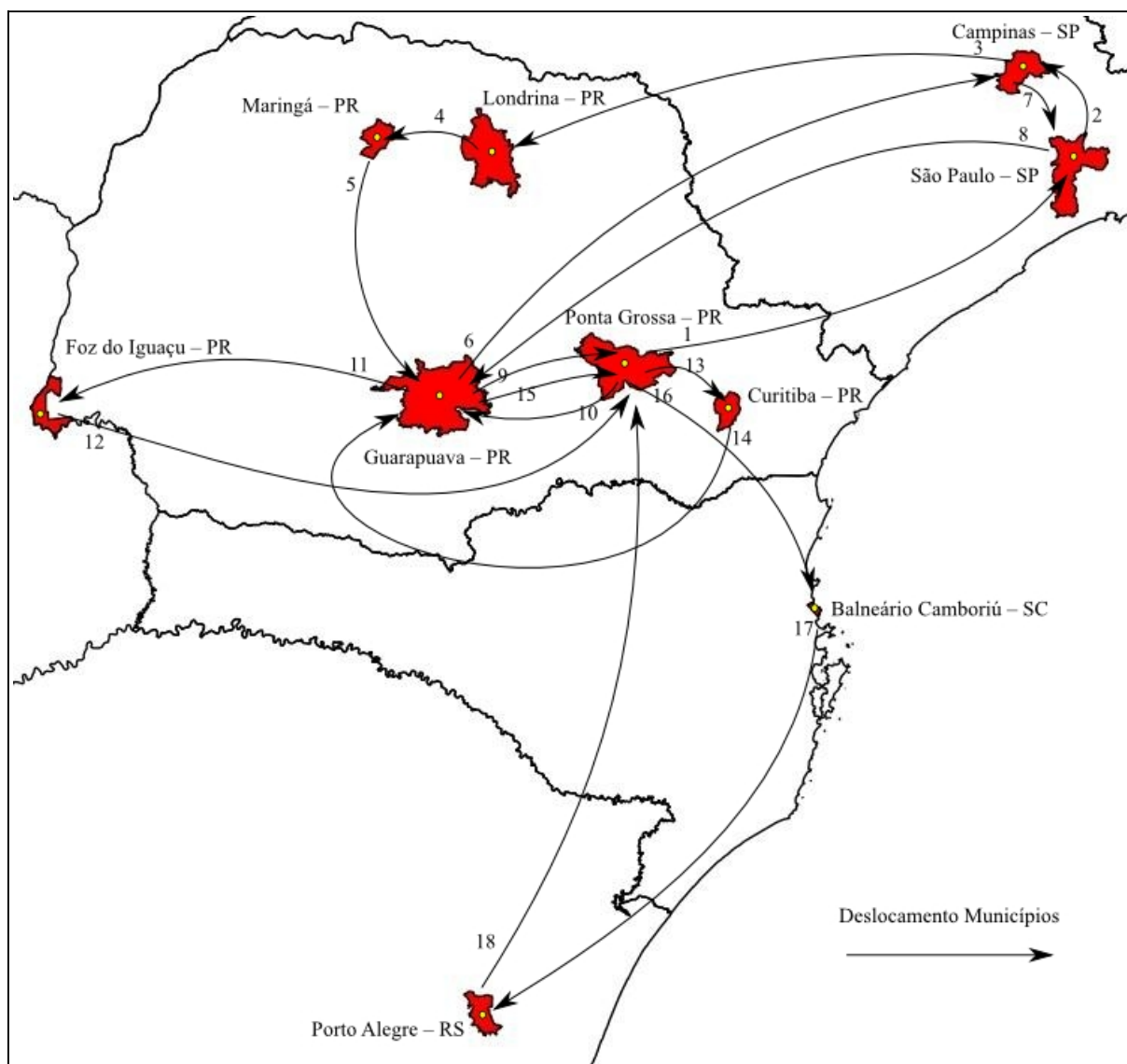


Figura 9 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal HIPÓLITA. Entrevista realizada em Ponta Grossa - PR, em 11 de setembro de 2008.

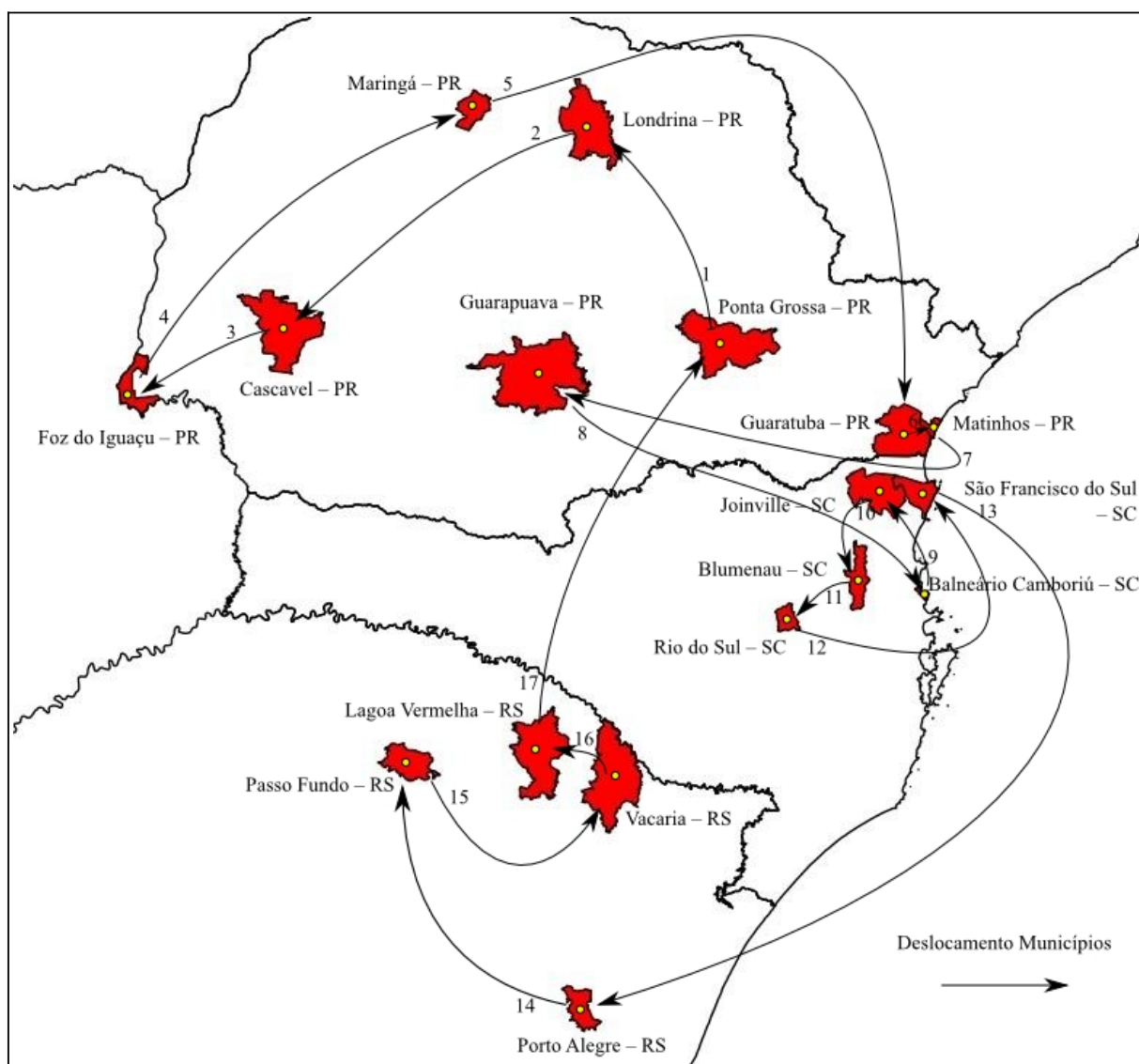


Figura 10 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal IRIS. Entrevista realizada em Ponta Grossa, em 8 de agosto de 2008.

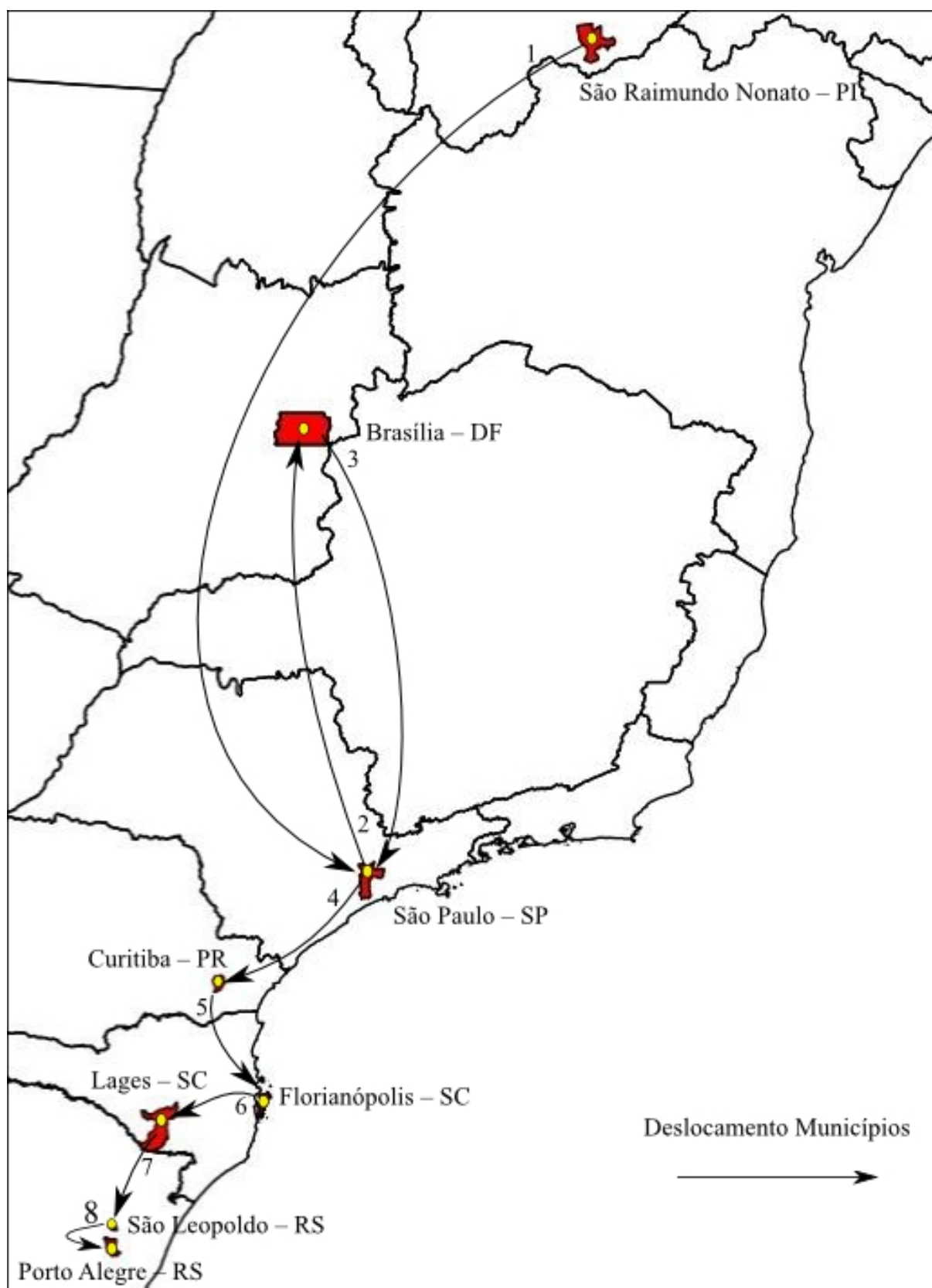


Figura 11 – Tendência I / Território Descontínuo Paradoxal PITIA. Entrevista realizada Porto Alegre - RS, em 21 de dezembro de 2010.

Como visto nas figuras acima, relacionadas a tendência I, temos uma variação de intensidade de deslocamento que vai de quatro até dezoito, estabelecendo uma média de onze deslocamentos entre cidades neste grupo. Da mesma forma, a variação de número de municípios conectados entre quatro a dezessete cidades, computando a tendência I uma média de nove cidades compositoras deste território descontínuo paradoxal da prostituição travesti. A partir da evidência de que para este grupo específico a média de idade das travestis é de trinta e seis anos, como visto nas figuras acima não existe uma conexão direta entre a idade e o total de deslocamentos e municípios conectados, pois a partir da consideração de que as duas travestis com mais idade possuíam quarenta e seis anos, enquanto uma delas havia realizado dezessete deslocamentos entre cidades, outra havia se deslocado por seis municípios. Vale também lembrar que um deslocamento mediano no conjunto não pressupõe uma menor importância de determinada travesti na complexidade de instituição do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti, pois Atena, mesmo tendo nove deslocamentos conectando nove municípios, se colocava enquanto uma proprietária de 'pensão para travestis', sendo sua pensão um fator espacial de conectividade, tanto dos municípios que compõem esta tendência, quanto das outras duas possibilidades de configuração de territórios descontínuos paradoxais. Os fatores motivacionais de deslocamento que foram evocados pelas travestis que fazem parte desta tendência relacionam-se à transformação do corpo a partir das espacialidades, o motivo financeiro e a ampliação de relacionamentos, a busca de ser novidade nas mais variadas espacialidades relacionadas a prostituição, tendo o retorno financeiro devido a isso, a fuga de locais violentos como motivo de deslocamento, a aquisição de bens a partir de melhores rendimentos propiciados pelos deslocamentos e a rejeição da família nas espacialidades de nascimento. Os fatores espaciais de conectividade referiam-se em sua grande maioria, à atividade da cafetinagem, tanto na defesa realizada por travestis como pela cafetina. Outros fatores estão relacionados às estreitas relações de pessoalidade que cafetinas de várias espacialidades possuem. Ao lado desta característica, a ajuda de travestis localizadas em vários municípios também se coloca como um fator espacial de conectividade fluido, não dependendo estritamente das características dos territórios intra-urbanos conectados, mas sim da localização que determinada travesti conhecida possui no momento do deslocamento. As estratégias de deslocamento relacionam-se a este mesmo par de elementos, ou seja, a possibilidade ou não de obter ajuda de travestis 'amigas' ou conseguir entrar na lógica de conexão a partir da cafetinagem. Assim, vejamos a tendência II:

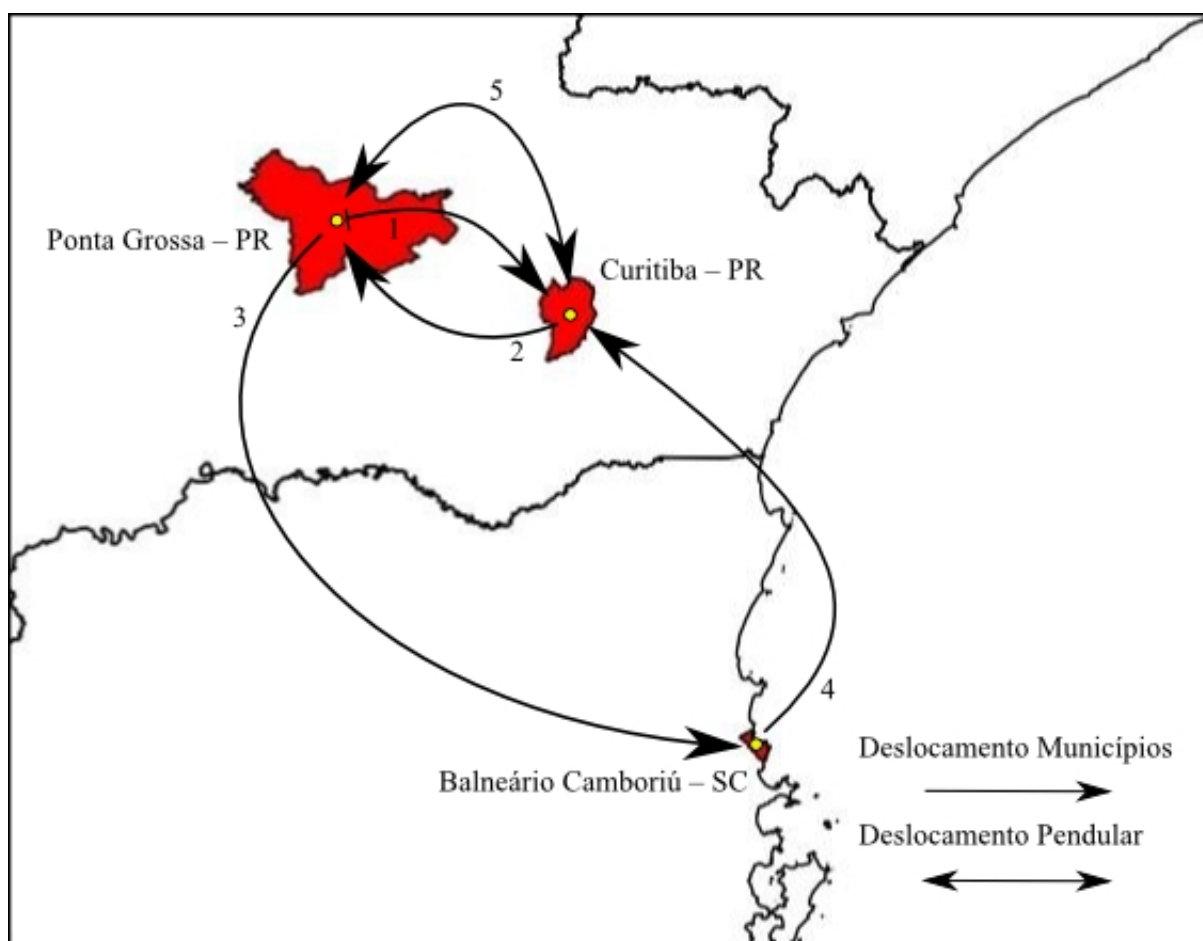


Figura 12 – Tendência II / Território Descontínuo Paradoxal DEMETER. Entrevista realizada em Curitiba – PR, em 30 de julho de 2008 .

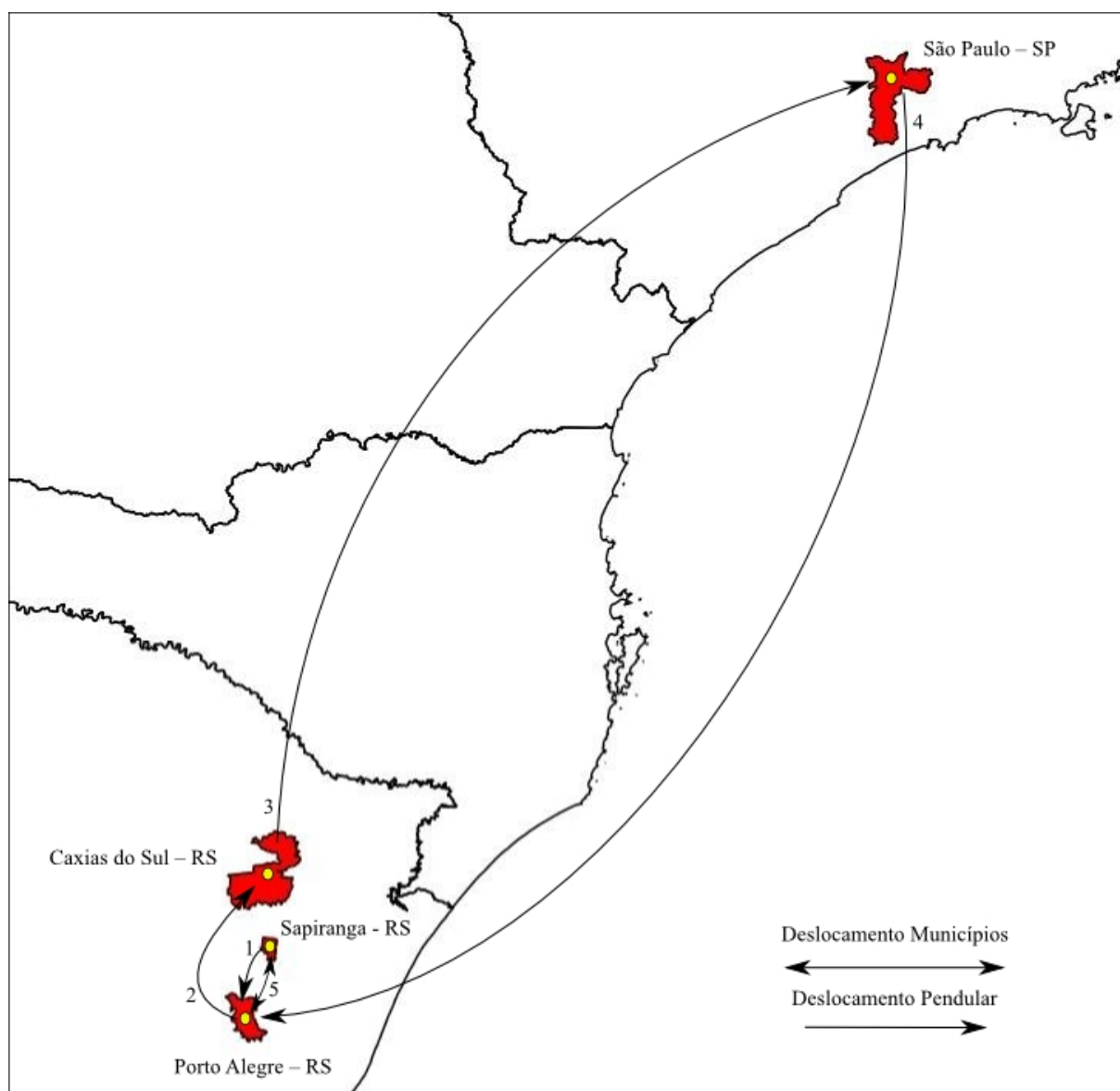


Figura 13 – Tendência II / Território Descontínuo Paradoxal EOS. Entrevista realizada em Sapiiranga - RS, em 20 de dezembro de 2010.

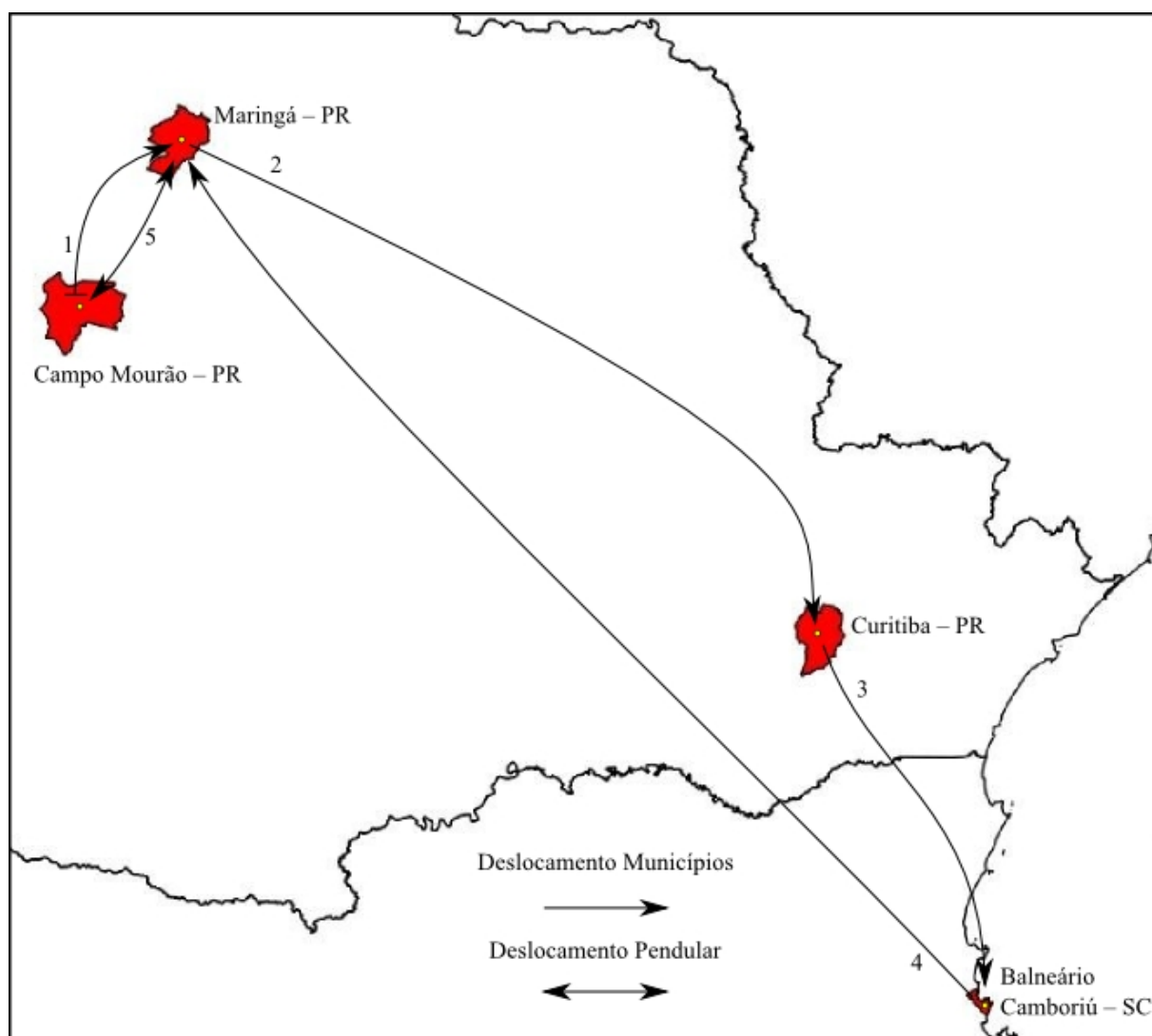


Figura 14 – Tendência II / Território Descontínuo Paradoxal REIA. Entrevista realizada em Campo Mourão - PR, em 19 de maio de 2009 .

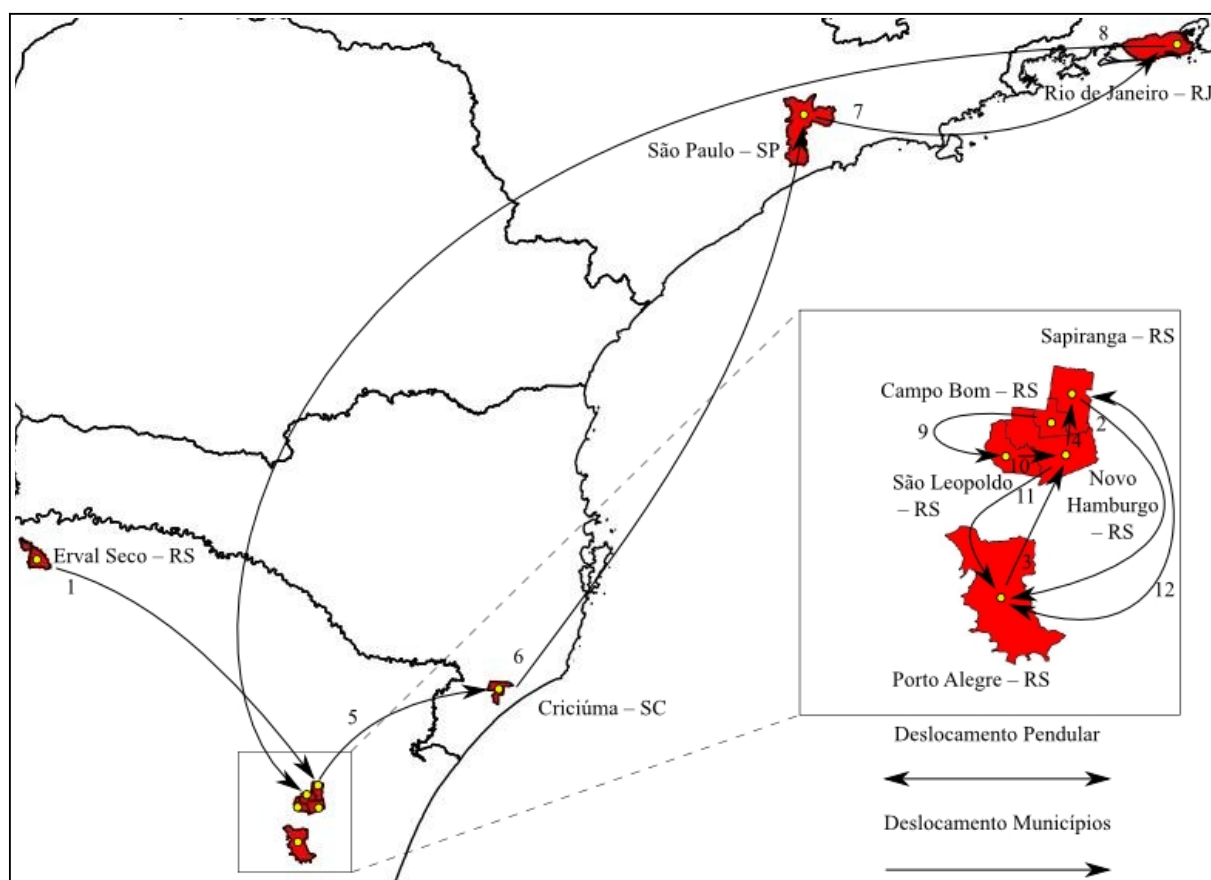


Figura 15 – Tendência II / Território Descontínuo Paradoxal SELENE. Entrevista realizada em Sapiiranga - RS, em 20 de dezembro de 2010.

O grupo de travestis que constitui a tendência II possui seis deslocamentos como média de conexão entre um total de dezenove municípios. Todavia, a vivência que destoa do conjunto refere-se a travesti Selene. Sua fala evidencia um elemento já demonstrado em outros momentos desta tese, de que a complexidade da configuração do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti também tem como fator sua conexão ao movimento LGBT brasileiro.

A partir de sua atuação enquanto militante, era conhecedora do universo da prostituição travesti de outros municípios, potencializando seus deslocamentos a partir de redes de pessoalidade instituídas, segundo o conhecimento de travestis que residiam em outras espacialidades e que também participavam de uma forma ou de outra, da militância LGBT brasileira. Esta característica tanto era uma estratégia de deslocamento para Selene, quanto um fator espacial de conectividade para outras travestis que a conheciam. Outros elementos tratados em sua fala relacionam-se ao fato de que, além da existência da movimentação das travestis entre municípios menores para maiores, outra lógica se coloca nesta compreensão. Segundo ela, havia em finais de semana um deslocamento de travestis das cidades maiores para cidades menores, como no caso de Sapiranga – RS. Segundo ela, além da busca de obter novos rendimentos a partir da novidade que seus corpos pudessem apresentar nestas espacialidades, outro fator de deslocamento estava relacionado à busca de relações homoafetivas em anonimato, ou como em seus termos “elas vem pra escolher os bofezinhas, vamos dizer, pra quem elas vão dar de graça digamos assim, aí elas vem pra cá”. Esta busca vai além da lógica da melhoria de ganhos proporcionada pelos deslocamentos, mas conectada com a necessidade de conquistas sociais desvincilhadas da prostituição, buscando estas travestis serem desejadas como mulheres. As estratégias lançadas dizem respeito ao processo de conquista perpetrada pelas travestis em casas noturnas, buscando serem beijadas em público por homens, colocando-se como um processo de auto-afirmação frente as outras travestis. De qualquer forma, as travestis que residiam em Sapiranga – RS, segundo Selene, correspondiam à lógica estabelecida em outros locais do Brasil, de um deslocamento pendular entre cidades maiores e menores, como visto das figuras acima relacionadas à Reia, Eos e Demeter. Os mesmos fatores relacionados à motivação de deslocamento, fatores espaciais de conectividade e estratégias de deslocamento que estruturam a tendência I replicam-se para esta segunda configuração. Desta forma, passamos a terceira configuração do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti:

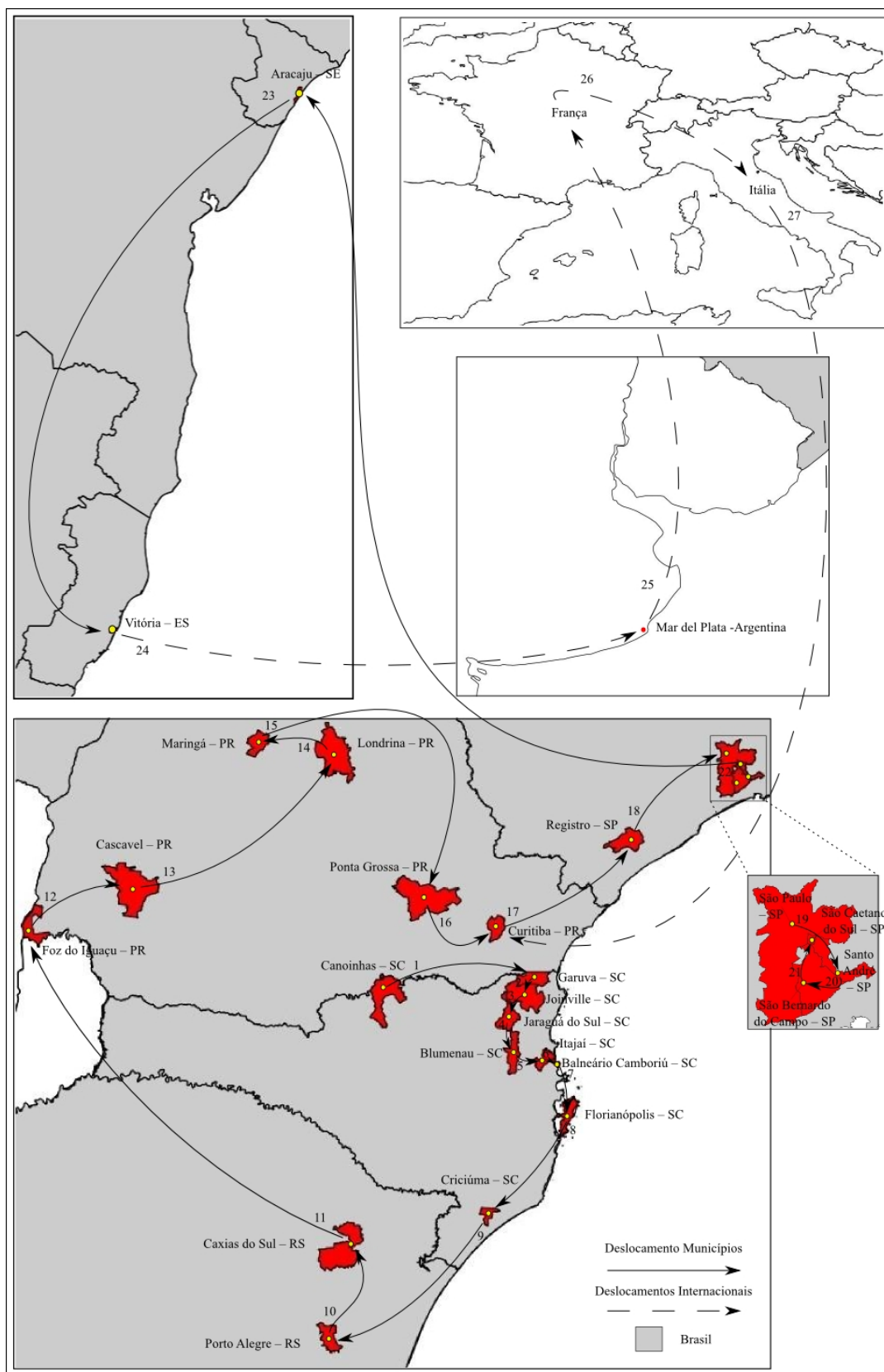


Figura 16 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal AFRODITE. Entrevista realizada em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008 .

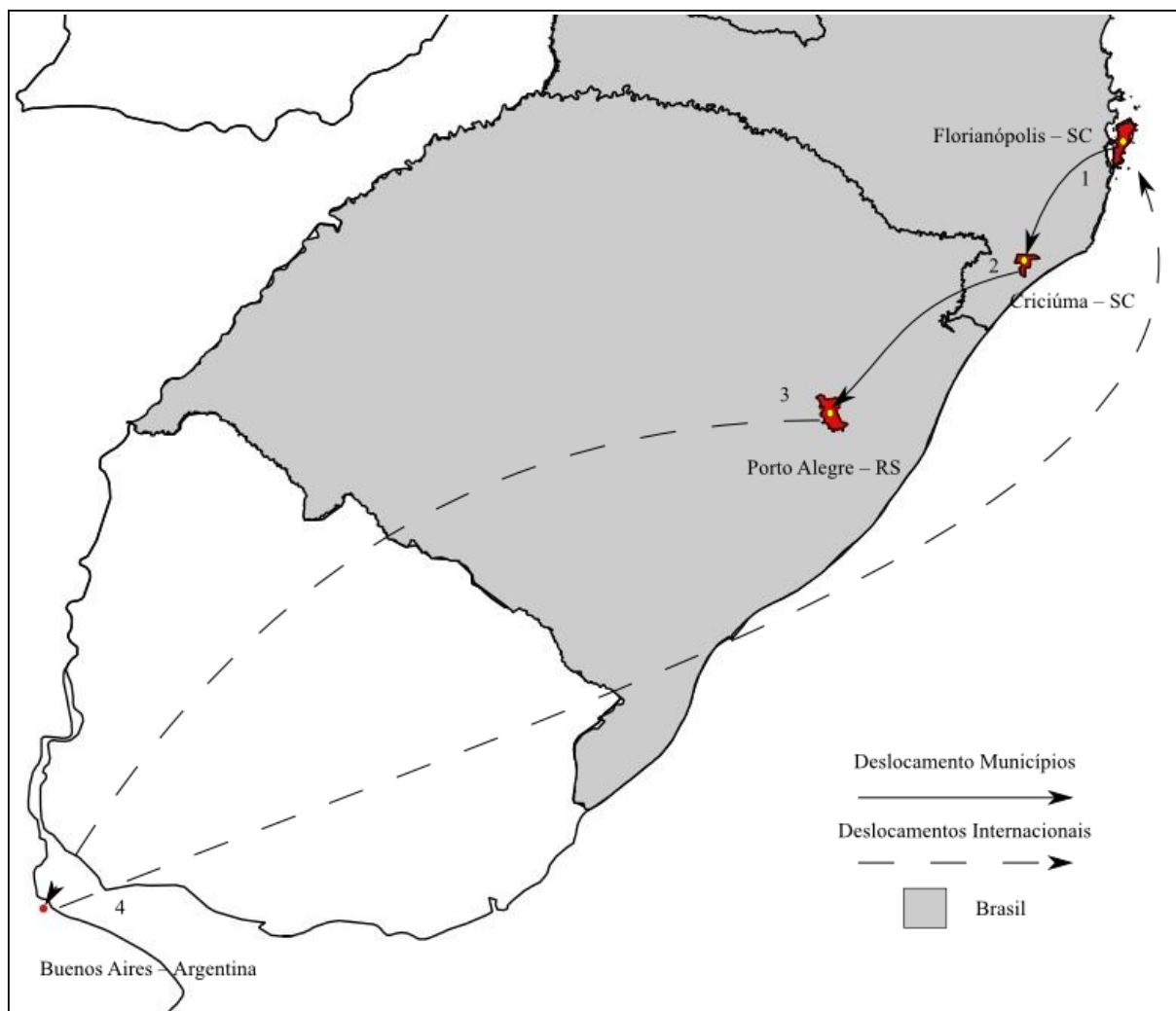


Figura 17 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal DIKE. Entrevista realizada em Florianópolis, em 25 de maio de 2009.

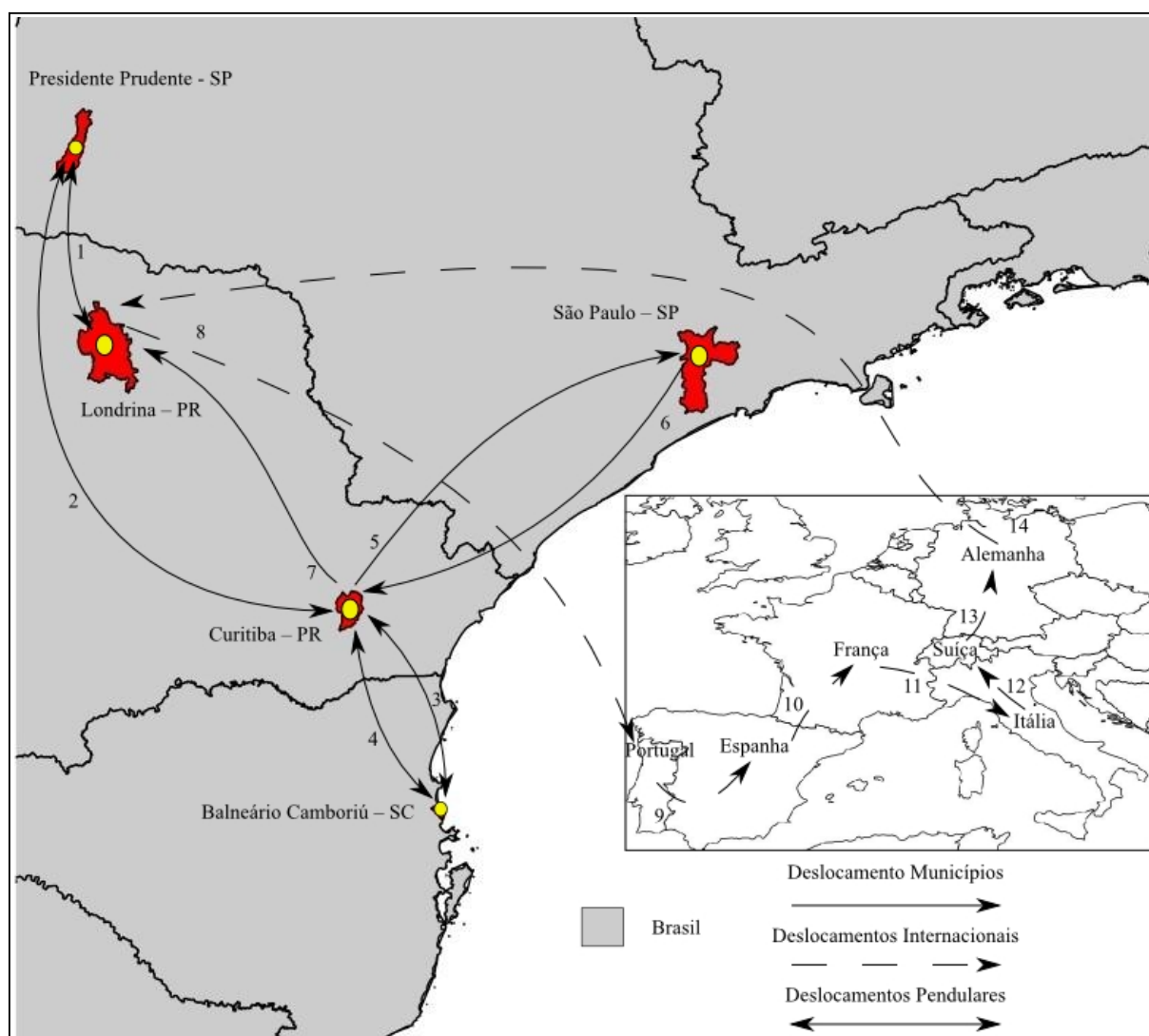


Figura 18 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal DIONE. Entrevista realizada em Londrina – PR, em 27 de março de 2009 .

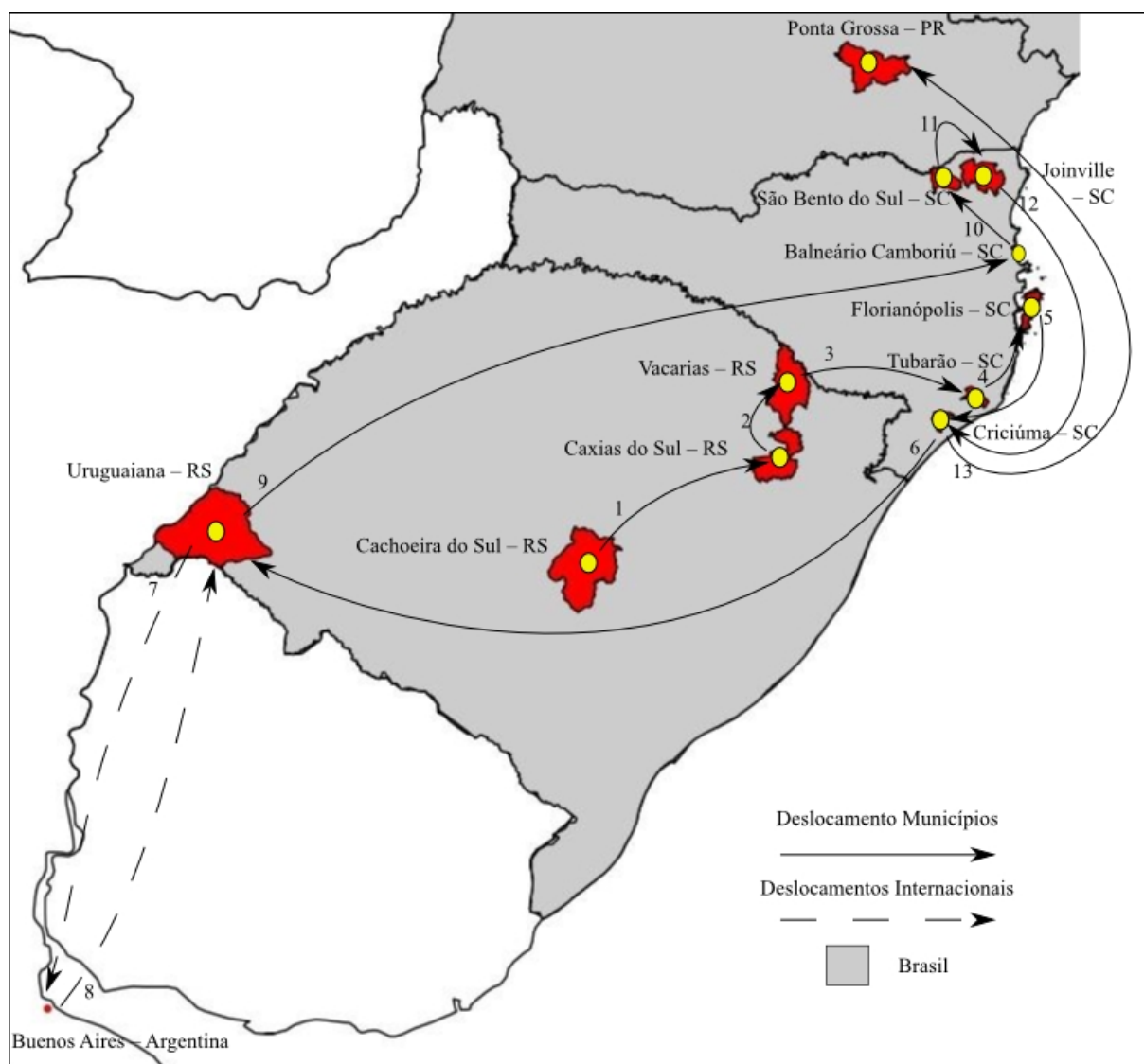


Figura 19 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal ERINIA. Entrevista realizada em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010 .



Figura 20 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal ESTIGE. Entrevista realizada em Madri  
– Espanha, em 14 de maio de 2008 .



Figura 21 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal FEBE. Entrevista realizada em Madri – Espanha, em 16 de setembro de 2008 .

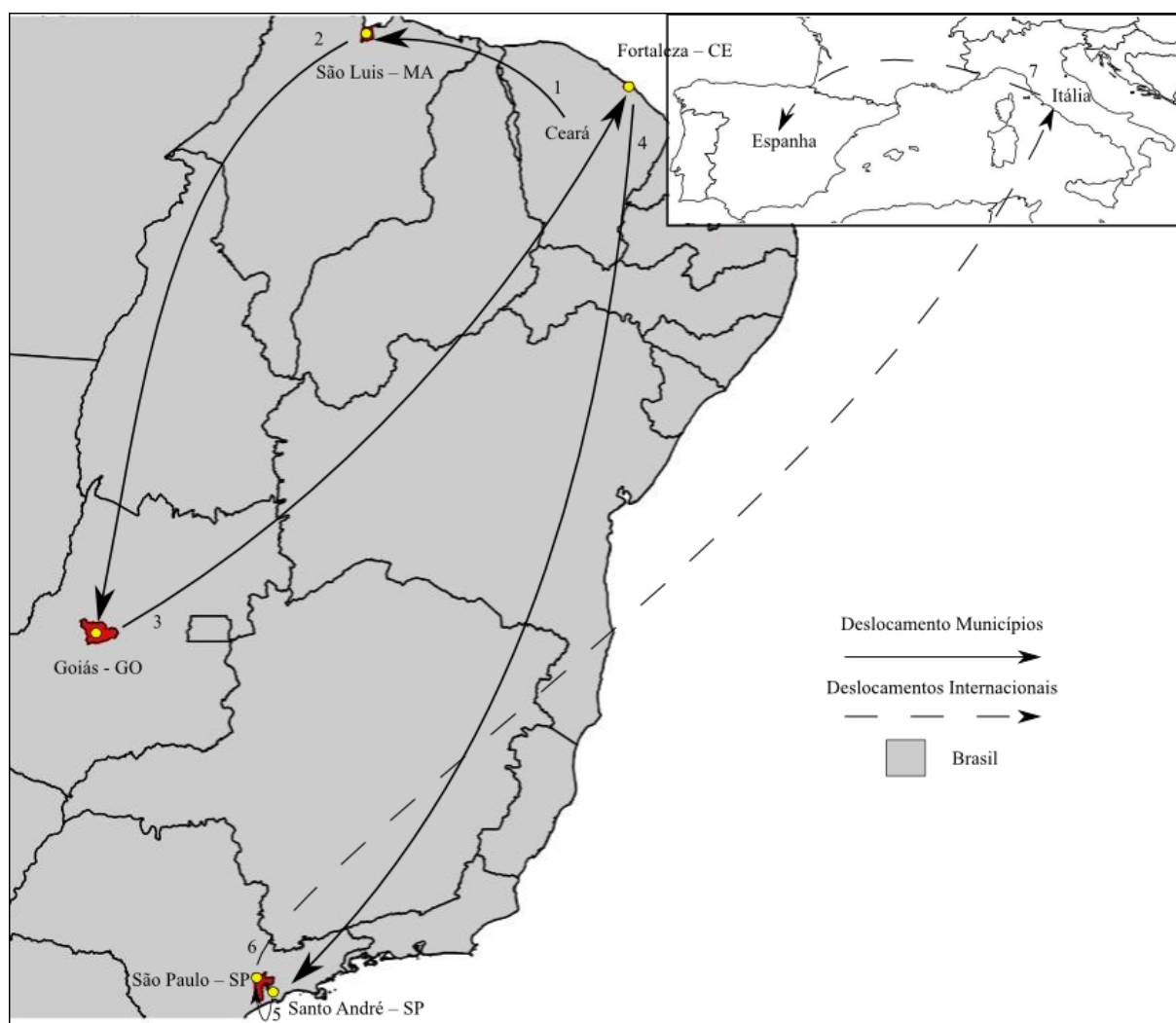


Figura 22 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal NEMESIS. Entrevista realizada em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008.

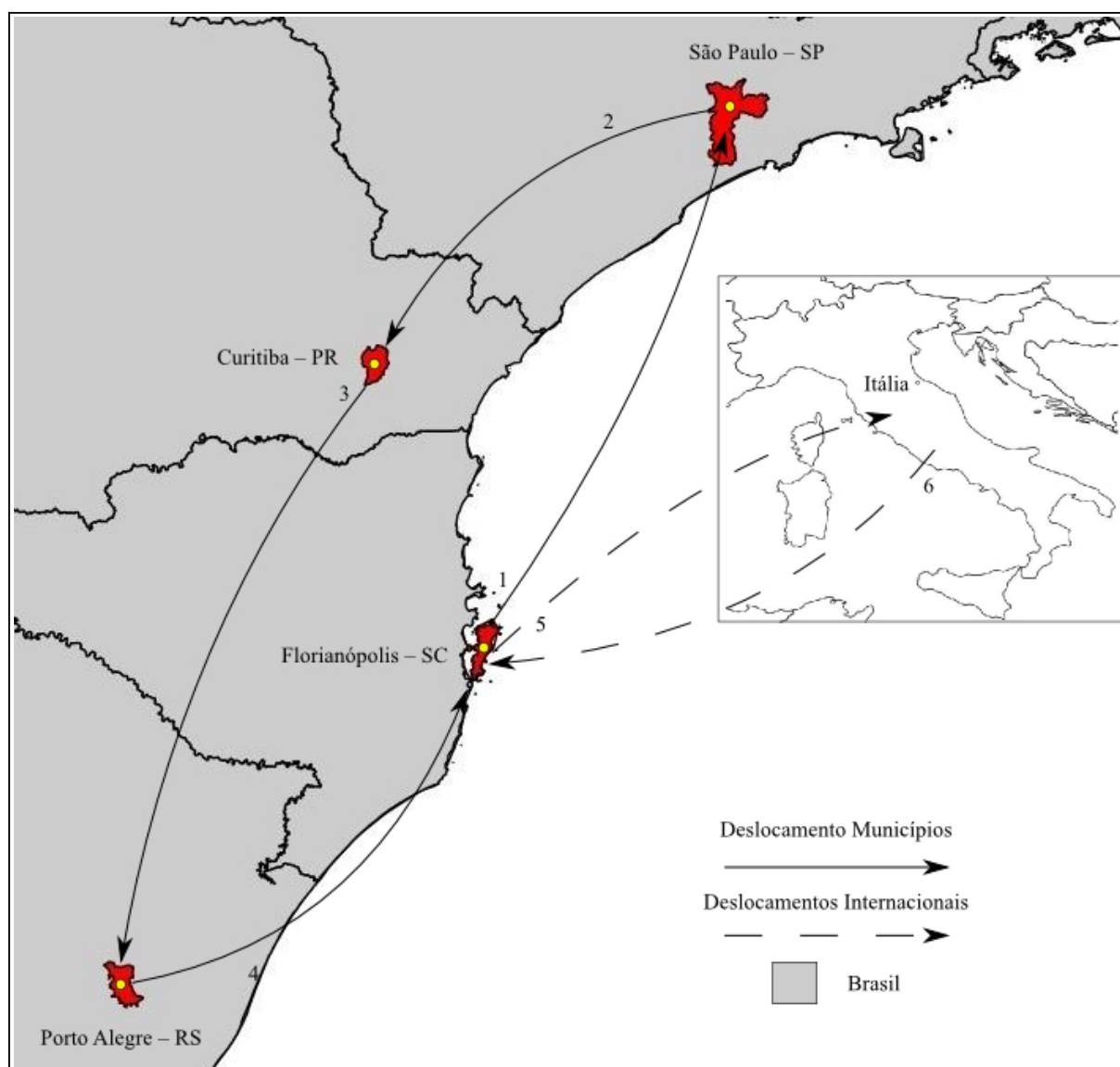


Figura 23 – Tendência III / Território Descontínuo Paradoxal TETIS. Entrevista realizada em Florianópolis - SC, no dia 25 de maio de 2009.

Além da existência em menor intensidade de movimentos pendulares entre municípios, o principal elemento constituinte da tendência III de instituição do território descontínuo paradoxal refere-se aos deslocamentos transnacionais realizados pelas travestis. Estes deslocamentos internacionais estiveram relacionados à França, Portugal, Suíça, Alemanha, Espanha, Itália e Argentina, com maior concentração de cidades em relação aos três últimos países citados. Diferentemente das tendências I e II, onde existia como fator espacial de conectividade o conhecimento entre travestis potencializando as conexões, em relação a esta última tendência a preponderância de conexão refere-se à existência de cafetinagem, tanto na saída quanto na entrada de outros países, sendo que esta lógica estava estritamente relacionada à Europa. Esta ponderação pode ser vista na fala de Afrodite. Segundo ela, após ter se deslocado por várias cidades no Brasil, a partir de contatos com cafetinas obteve êxito em sua entrada na Europa:

*Primeiro eu fui para a França, só que não me adaptei, aí eu fui para a Itália. Primeiro eu fui para Milano (Itália), fiquei lá 5 meses, aí consegui um lugar em Bérgamo (Itália), uma casa, porque eu não precisava apenas batalhar, eu tomava conta da casa, administrava o ponto lá, eu tomava conta na rua, tinha as meninas que vinham fazer ponto ali e tudo. Dai eu me afirmei ali, fiquei 4 anos e poucos ali. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).*

Esta evocação confirma-se na fala de Erinia, tratando da impossibilidade de deslocar-se para a Europa sem contatos com cafetinas. Segundo ela, após Afrodite ter retornado da Europa e ter 'montado' uma 'pensão para travestis', seu projeto era o de, utilizando das redes de pessoalidade localizadas na Europa, construir uma ponte de conexão entre escalas geográficas da prostituição travesti. Esta orientação é evidenciada por Estige, quando fora convidada por uma cafetina brasileira para ir batalhar na Europa. Após receber a passagem, Estige fora direto para o apartamento da cafetina que lhe havia pagado a passagem. Outro elemento apontado nas evocações relaciona-se a uma conexão entre redes de pessoalidade, propiciada pelos conhecimentos adquiridos ao longo da vivência travesti, relacionada à ligação entre cafetinas e /ou cafetões de nacionalidades distintas, auxiliando no deslocamento entre países, como tratadas por Némesis e Febe:

(...) eu vim por um cafetão mesmo e tive que pagar 10.000 euros. (...) eu já sabia que se eu viesse com dinheiro dos outros ia ser difícil. Que eu ia pagar muito caro por isso. A minha sorte é que depois que paguei 6000 o cara foi preso (Itália) e eu fugi pra cá pra Espanha.(...) Quando eu vim cheguei primeiro em Bergamo no apartamento de um cafetão (Itália). A pessoa me pegou no aeroporto e me levou direto pro apartamento. Sempre tem, né? Ou já tem papéis porque tá bastante tempo aqui, ou tem alguém do país mesmo. No meu caso era um casal e ela era italiana. (...) Eu entrei por Milano e tudo bem sabe. **Toda a minha papelada quem arrumou pra mim foi uma cafetina no Brasil**<sup>140</sup> e ninguém me perguntou nada. Vim na pinta menina, até com dinheiro no bolso. Depois eles pegam tudo da gente, mas cheguei na pinta, sabe? (...) Mas o principal é encontrar uma pessoa certa que goste de ti e te traga sabe. Não é você que vai atrás. Veja, esse homem mesmo que eu conversei com ele na segunda (conexão com Itália), na terça, na quarta eu já tava dormindo na casa da mulher dele pra vir pra cá. Você tem que ter conhecimentos e amizades. Então é sempre assim. Por exemplo, tem uma travesti daqui que vai para o Brasil e tem amizade com as melhores cafetinas do Brasil. (Entrevista realizada com Némesis, em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008 ).

Agora a pilantragem, a cafetinagem, tem lá e tem aqui. É a mesma coisa de sempre. Te cobram pra entrar, te cobram pra sair. É a mesma pilantragem e essa pilantragem vai existir a vida inteira. Porque essa pilantragem está no sangue já. Tá dentro da veia já. Porque infelizmente, a pilantragem parte até mesmo das travestis, transexuais, das meninas, de si mesmas. (Entrevista realizada com Febe, em Madri – Espanha, em 16 de setembro de 2008 ).

Como visto no capítulo III, de todas as pessoas que foram acessadas pelo processo de pesquisa, três delas possuíam atividades que eram denominadas via de regra por elas como 'pensões para travestis'. Deste total, duas delas conseguiram se constituir como cafetinas a partir da possibilidade de, através do deslocamento transnacional, retornar para o Brasil com certo recurso financeiro, organizando esta pensão. Todavia, como visto diferentemente em Afrodite e Atena, onde existe um processo de envio de travestis para fora do Brasil, Tetis evidenciou em sua fala que não possuía este poder, ou melhor, que sua posição na configuração nas relações de poder da cafetinagem transnacional era periférica. Segundo ela, essa posição periférica estava relacionada tanto a não possuir recursos para comprar “passagens e tirar documentação das travestis” quanto pelo fato de não possuir mais contatos internacionais: “porque as pessoas que eu conhecia lá não existe mais, uma tá na cadeia, outra morreu, outra tá no hospital” (Entrevista realizada com Tetis, em Florianópolis - SC, no dia 25

---

140 Grifo nosso.

de maio de 2009).

Como evidenciado na relação entre as três tendências de constituição do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti, é a partir de motivos de deslocamento, fatores espaciais e estratégias que se institui esta escala geográfica da prostituição travesti. Estas complexidades também se fazem a partir de diferenciações de comportamento dos corpos nas mais variadas espacialidades da prostituição. Assim, no tocante as evocações relacionadas ao território descontínuo, a partir da categoria prostituição e elemento *diferenciações de comportamento espacial*, o que as falas do grupo focal trazem é que uma das principais diferenças está relacionada ao usar ou não usar roupas durante o *trottoir*, como evidenciado na fala de Hecate e Erinia:

*A diferença está relacionada a roupa e a não usar roupa. Florianópolis não se trabalha pelada, Porto Alegre se trabalha só de calcinha. São Paulo se trabalha só de calcinha, Campinas não se trabalha de calcinha. Jundiaí, Limeira e Hortolândia são beiras de BR, aí se trabalha só de calcinha. No centro de Campinas não se trabalha assim. Existe uma diferença nos trajes, na roupa. Em municípios mais conservadores se trabalha com mais roupa e municípios menos conservadores com menos roupa, com certeza. Tudo depende do policiamento, da relação com os policiais, porque é assim, a gente tem que se adaptar. Ou bota uma sainha menos curta ou uma saia mais curta, ou fica sem sutiã, tudo depende da cidade, porque prostituição não é crime, mas nudez é. Isso é atendado violento ao pudor. Mas sempre tem esta diferença. (Entrevista realizada com Hecate, em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009).*

*Eu acho que não é comportamento Marcio, é a concorrência, porque tem cidade que tem horrores de travestis. Aqui em Ponta Grossa deve ter hoje umas oito travestis, umas oito ou dez travestis, duas ou três trabalham pelada. E o resto com roupa. Então vai muito da concorrência, onde tem muita travesti tem que explorar o corpo, e bastante. E Santa Catarina tá bem liberal, assim como em Curitiba elas trabalham peladas, mostrando o corpo, porque exige, porque tem horrores de travestis, porque é muita concorrência. É pela concorrência, tem que se explorar. (...) Tá relacionado com concorrência, mas vai da travesti também. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).*

Além destas relações de concorrência entre travestis brasileiras, apontadas acima por Erinia, o que as *relações entre travestis* trazem refere-se ao fato de que estes conflitos não ocorrem apenas no Brasil, mas se estendem a outras espacialidades, a grupos de travestis de

outras nacionalidades. Segundo Febe, a prostituição é um mundo de competição, pois onde se tem dinheiro, se tem concorrência. Tendo por espacialidade de discurso a Espanha, Febe trata que dentro do conjunto de grupos que se prostituem, as brasileiras são as mais requisitadas, mas “isso não é uma questão de que uma sabe trabalhar melhor que a outra, é uma questão de gosto deles (clientes)”. Mesmo sendo uma brasileira, Febe evoca que prefere não se relacionar com brasileiras, devido à competição ser imensa. Outra direção de fala das travesti diz respeito ao fato de que o aumento da capacidade de compra, quando do retorno das travestis da Europa ao Brasil, propicia a prática do 'close', ou seja, a demonstração de superioridade em relação a outras travestis. A afirmação de que as travestis brasileiras são mais requisitadas pelos clientes, frente a grupos de colombianas, russas, romenas e africanas, é o reconhecimento da sua centralidade nas relações de poder a partir da espacialidade da prostituição espanhola. Assim, segundo outras espacialidades e relações sociais, o retorno ao Brasil reposiciona as travestis nas relações de poder na espacialidade de origem, pois se anteriormente na saída esta era periférica nas relações de poder, a melhoria na capacidade de compra, além de ser considerada uma europeia, a reposiciona no centro das relações de poder a partir desta outra espacialidade.

Outro elemento estruturante das falas que trataram da evocação *Território descontínuo*, segundo a categoria prostituição, diz respeito às *atividades de cafetinagem* como elementos estruturantes da complexidade do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti. As direções que estas falas tomaram diziam respeito à crítica da cobrança da rua, a periodicidade de deslocamento de travestis a partir das atividades de cafetinagem, a inserção nas lógicas espaciais de prostituição travesti nos mais variados territórios a partir da atividade da cafetinagem, a imbricação entre as atividades de cafetinagem e o controle da rua, a relação entre mudança de 'pensão pra travestis' e mudança de espacialidade, demonstrando uma divisão espacial da prostituição travesti, quando da existência de mais de uma cafetina em determinada cidade, e finalmente a demonstração da saída da atividade da prostituição e a instituição da 'pensão para travestis', recebendo assim travestis de várias espacialidades. Inicialmente, como tratado por Selene, a crítica da cafetinagem da prostituição relacionada a vários municípios diz respeito ao fato de que todos pagam impostos, e que segundo isto, o espaço torna-se público, pois “se você vai ter que pagar ali pra ficar comercializando parte do que é teu, então, eu já acho meio cruel esta exploração da prostituição. Eu acho que a pessoa tem o direito de fazer o que bem entender com o corpo dela. (...) e acho que não deveríamos

ter este problema” (Entrevista realizada com Selene, em Sapiranga - RS, em 20 de dezembro de 2010). Todavia, como já tratado no capítulo III, relacionado aos fatores espaciais de conectividade, existe uma consistente defesa desta atividade, não sendo considerada pelas travestis uma atividade de exploração, mas de auxílio frente a um mundo constituído por exclusão e interdição. A atividade da prostituição, constituída e constituinte do território descontínuo paradoxal possui características de periodicidade, ou como nas palavras de Hipólita, o deslocamento entre municípios com o objetivo de prostituição é formado a partir de temporadas. Como tratado pela travesti, a prostituição, na sua relação com a atividade de cafetinagem, tem maior expressão em determinados períodos do ano, temporalidades estas, coincidentes com períodos de férias anuais.

Mesmo que seja um tema a ser discutido no próximo tópico, a possibilidade de participar da atividade da prostituição nos mais variados municípios também refere-se ao poder pagar pela possibilidade de permanecer na rua, pagamento este via de regra realizado para as cafetinas. É este pagamento, como dissertado por Eos, que possibilita que, além de ter a infra-estrutura da casa, a travesti tenha a proteção da cafetina na rua, podendo assim batalhar. Finalmente, o elemento *atividades de cafetinagem* aponta que quando uma travesti consegue instituir-se enquanto cafetina, como falado por Atena, existe uma transformação da sua relação com a prostituição, não sendo mais prostituta, mas passando a ser uma 'gerenciadora do negócio'.

Como evidenciado até este momento, o território descontínuo paradoxal da prostituição travesti é composto por relações de complexidade entre motivos de deslocamento entre territórios intra-urbanos, fatores espaciais de conectividade, estratégias de deslocamento perpetradas pelas travesti e os próprios elementos constitutivos da atividade da prostituição. Da mesma forma, afirmamos que as três tendências de instituição de territórios descontínuos paradoxais acima demonstradas não se relacionam a tipos ideais, como exemplificado no capítulo I, mas nascem das evocações realizadas pelas travestis ao longo de todo o processo de pesquisa. Assim, fechando a produção da inteligibilidade das formas pelas quais as práticas territoriais da prostituição travesti potencializam fluxos e conexões escalares, discutiremos no último tópico desta tese a prostituição travesti segundo suas características relacionadas ao controle dos territórios.

## 9. Prostituição e as Características das Relações – o Controle dos Territórios

Do total de evocações referentes aos territórios descontínuos paradoxais da prostituição travesti, 15% das falas estiveram relacionadas à categoria controle do território. Deste total, os elementos que estruturaram estas evocações estiveram relacionadas à importância da atividade da cafetinagem controlando territórios, a utilização de várias formas de violência neste controle, as posições de centralidade de algumas travestis como fator de controle territorial e a possibilidade de participar também das lógicas de controle territorial segundo redes de personalidade com travesti, segundo relações de amizade e conquista, como visto no gráfico abaixo:

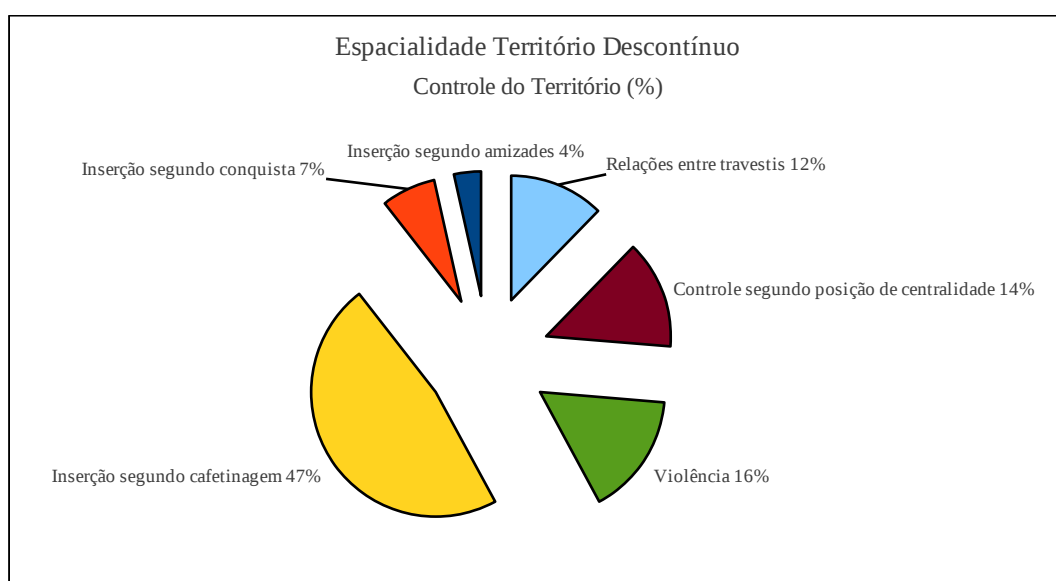


Gráfico 19. Fonte: Entrevistas realizadas entre Maio de 2008 a Dezembro de 2010.

Salientamos que estas relações de controle de territórios não se fazem segundo posições de inclusão ou exclusão, mas segundo relações justapostas de centro e margem de relações de poder. Pensando estas relações de controle, evidenciamos assim como proposto por Foucault (1988) que as relações de controle referem-se às relações de poder, não como elementos a serem adquiridos, mas relações de poder emanando das relações que as travestis e

cafetinas estabelecem entre si, relações estas desiguais e móveis. Outra ponderação refere-se ao fato de que estas relações de controle não são externas a outros tipos de relações que estes grupos estabelecem a partir de outros fenômenos ou atores sociais. Outro elemento evidenciado nas falas das travestis aponta para uma realidade não estruturada segundo posições de dominadores, ocupada por algumas pessoas, em detrimento de outras posições dominadas, mas segundo linhas de força que atravessam as relações, posicionando pessoas ora no centro, ora na margem das relações de poder. Estas ações também se produzem de forma intencional, a partir de diálogos que se fazem entre imposições estruturais e a criação de possibilidades de resistência orientadas a reprodução da vida de pessoas que se autodenominam como travestis. Assim, pelo fato de não existirem relações externas as relações de poder, onde existe poder existe resistência, disseminando-se através das espacialidades formas de estratégias móveis e transitórias. Desta forma, sobre a inserção nas atividades de prostituição a partir da cafetinagem, o que as falas das travestis apontam diz respeito ao fato de que estas atividades controlam as relações sociais que se estabelecem através da espacialidade da prostituição, avalizando ou não a permanência de determinada travesti na espacialidade da prostituição. Este controle relaciona-se como tratado por Hipólita, a conexão entre a necessidade de hospedar-se na 'pensão para travestis' e a possibilidade de permanecer na rua: “Por isso que a Afrodite fala que não é cafetinagem. Mas ela é cafetina. (...) uma travesti que fica na casa dela fica mais fácil de descer na rua, só que é uma coisa meio que camuflada. (...) uma travesti que não tá na casa dela não vai descer na rua, jamais isso” (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, no dia 11 de setembro de 2008). A mesma necessidade de pagamento da rua e sua relação com pensionatos são apontadas por Eos, agora em relação À cidade de Porto Alegre - RS:

*É, pagar pra cafetina que manda naquela rua. É como que se cada cafetina mandasse num conjunto de ruas. É pagar R\$ 15,00 pra ficar na rua, À noite, ali, que dizem que é pra proteção, mas não é. Que tem pessoas que tu paga R\$ 15,00, mas não tão nem aí. Vão se drogar e não tão nem aí se tão te cuidando. E mais R\$ 20,00 de diária na casa. A diária é só a cama e Deus, é só aquele espaço. Então tu tem que ralar, ralar ali, porque se não pagar! (...). (Entrevista realizada com Eos, em Sapiranga - RS, em 20 de dezembro de 2010).*

Outra ponderação é realizada por Eris. Antes de entrevistar esta travesti, havia ganhado um contato da travesti Selene, de uma pessoa que era um proprietário de pensão para travestis em Porto Alegre – RS. Segundo Selene, esta casa não era um 'cafetinato', mas sim um pensionato, uma casa de passagem para travestis que se deslocavam entre municípios. Assim, relatando esta informação à Eris, sem trazer à tona a fonte da informação, a travesti utilizou-se de elementos pejorativos para caracterizar a prática desta pessoa, evidenciando que a existência de pensões para travestis está conectada a própria cobrança da rua, demonstrando que segundo relações financeiras, algumas pessoas se colocam no centro, enquanto outras, na margem das relações de poder:

*É um cafetão! Sabem que é? (Falou para Pitia) É aquele da polícia civil, é um safado, sem vergonha. É umas pecinha baratinha, cobra 7, 10 pilas por noite, mas lá moram várias travestis lá, eu sei onde que é. É na rua Paraíba, lá fica lá embaixo (...). Olhe, antigamente se dizia aqui em Porto Alegre, que existia cafetina. E o que é cafetina. Antes se dizia: eu vou morar na casa da cafetina, e isso pegou muito. O nome cafetina pegou muito. Uma vez eu perguntei para o Delegado o que era uma cafetina, cafetina é aquela que cobra pra tu se prostituir. O que que tu sabe fazer? Eu não sei nada. Então tu vai lá e se prostitui, como tem as cafetina aqui da rua aqui, no Paraná também tem, mas aqui tem, elas cobram 30 reais pra tu ficar na rua. Elas dizem (sem falar nomes, quantas cafetinas tem aqui em Porto Alegre?)<sup>141</sup> Aqui tem umas cinco ou seis, umas já foram mortas (deu rizada). Mas morre uma, nasceu outro diabo! (falou diabo em voz alta) (...) Se não me engano, tem duas travestis que são cafetina que cobram rua, tem um homem e umas três mulheres que cobram, cobram pra você ficar na rua. (Entrevista realizada com Eris, em Porto Alegre – RS, em 21 de dezembro de 2010).*

Estas relações de controle dos territórios também se fazem a partir da proteção que é propiciada pela participação na lógica da prostituição que envolve travestis e cafetinas. Segundo Detemer, quando ela vai até a rua e uma travesti se incomoda com ela, a “Afrodite desce e quebra, compra a briga. (...) A cafetina funciona como uma mãe que cuida. Vamos considerar que alguma travesti queira me incomodar lá, a Afrodite desce lá e resolve” (Entrevista realizada com Detemer, em Curitiba – PR, em 30 de julho de 2008). Evidenciamos que mesmo não sendo centro das relações de poder, a partir da sua relação com a posição de centralidade, propiciadas pelo pagamento regular das diárias da 'pensão para travestis',

---

141 Questionamento do entrevistador.

Demeter obtém a proteção de Afrodite, proteção esta não obtida por travestis que se encontram na margem das relações de poder, tanto com Afrodite quanto a partir da relação com Demeter. A relação de proteção se faz da mesma forma em relação a outras cafetinas que possuem pensão em uma mesma cidade. Uma expressão que ouvimos várias vezes em momentos de entrevista relacionava-se a 'tal travesti é da cidade', ou 'esta travestis não é da cidade'. Como tratado por Hipólita, as travestis que 'não eram da cidade' moravam na casa de outra cafetina que possuía uma pensão em Pinhais – PR<sup>142</sup>, “tanto que ela ia levar as travestis de Kombi e trazer as travestis de Kombi” (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, em 11 de setembro de 2008). Segundo ela, mesmo sendo curitibanas, as travestis que 'eram da cidade' tinham que pagar a rua da mesma forma. Mas o que evidencia-se na fala de Hipólita é que as travestis que não estavam hospedadas na pensão de Afrodite deveriam pagar cinquenta reais por semana, se quisessem permanecer batalhando nas 'áreas gerenciadas' pela cafetina. Outro elemento tratado por Hipólita relaciona-se ao fato de que pagando Afrodite, ficava hospedada em sua casa. Quando tinha intenção de ficar hospedada em um hotel, pagava cinquenta reais por semana a outra cafetina, possibilitando sua permanência no território intra-urbano da prostituição travesti curitibano, não sendo assim incomodada por Afrodite, apontando assim para um gerenciamento espacial da prostituição orquestrado entre cafetinas de um mesmo município: “(outra cafetina) deixava claro pra (Afrodite) que ela só podia ter uma quantidade X, (...) o resto é tudo minha. A (outra cafetina) falava pra (Afrodite), que quando ela tinha muito, a (Afrodite) tinha que mandar pra ela. Tá entendendo? Era toda uma máfia” (Entrevista realizada em Ponta Grossa - PR, em 11 de setembro de 2008).

As relações entre cafetinas a partir de ações de controle dos territórios se fazem ora de forma harmônica, ora de forma conflituosa. Como visto, nas ponderações acima, mas também na evocação de Atena, Balneário Camboriú - SC havia sido dividida entre as travestis da sua casa, que poderiam ficar em uma área da cidade, e outras travestis, hospedadas em outra 'pensão para travestis', em outra área: “Então há um tempo atrás, a gente decidiu dividir a cidade” (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú - SC, em 26 de maio de 2009). Mesmo que em Curitiba - PR e Balneário Camboriú – SC exista, de certa forma, uma espécie de acordo espacial da cafetinagem, Eris demonstra que enquanto Ong, havia denunciado em Porto Alegre - RS no ano de 2001 ações de cobrança de rua, caracterizando

---

142Cidade localizada na região metropolitana de Curitiba – PR.

aquilo que ela disse ser a 'verdadeira cafetinagem'. Segundo ela, esta travesti que havia sido denunciada estava presa devido ter assassinado “um menino que era leão de chácara de outra travesti e ele cobrava a rua, aí ela matou ele. Só que a polícia conseguiu provar que essa travesti mandou matar para assumir o cargo dele e da outra travesti, mas ela ainda tá presa” (Entrevista realizada com Eris, em Porto Alegre – RS, em 21 de dezembro de 2010).

Como tratado em relação à tendência III de instituição do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti, a existência de ações de cafetinagem é um elemento muito importante tanto na saída das travestis do Brasil como em relação a sua entrada na Europa. Todavia, segundo a fala de Estige, algumas travestis conseguem, após adentrar na Europa, se desvencilhar destas relações de cafetinagem. Segundo ela, no Brasil sempre existe uma dona da rua, devendo-se isso o fato de que a violência nesta espacialidade é maior que a Europa, violência tanto entre travestis como de clientes e da própria sociedade, colocando-se a cafetinagem enquanto uma proteção, coadunando às ponderações acima expostas. Como visto em suas palavras: “E então você tem que morar na casa de quem manda na rua. E aqui por perto a gente mora em hostel<sup>143</sup> e de noite vai pra rua. Lá não, você tem que descer na rua de quem você mora, a dona da rua. Em geral é a mais antiga e a gente tem que respeitar” (Entrevista realizada com Estige, em Madri – Barcelona, em 14 de maio de 2008).

Como visto até agora, a atividade da cafetinagem se coloca como um elemento considerável nas atividades de controle dos territórios, interagindo com as posicionalidades das pessoas nas relações de centro e margem de poder, alimentando-se destas relacionalidades. O que evidenciamos, nitidamente demonstrado por Hipólita, refere-se a situação da não existência de um espaço público, quando se tratando da atividade da prostituição, pois como dito pela travesti:

*Mas de descer e ficar, jamais, em cidade nenhuma, não existe isso. Tipo assim, vou descer em uma cidade e vou ficar na rua e não vou pagar cafetina e não conheço ninguém, mas vou ficar porque a rua é pública, isso não existe, a rua não é pública. **Isso não existe, pras travestis a rua não é pública**<sup>144</sup>. Sim. A rua é pública e eu vou ficar, isso não existe. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, em 11 de setembro de 2008).*

---

143 Espécie de pensão que não tem banheiro no quarto.

144 Grifo nosso.

O que se mostra em relação a esta complexidade de funcionamento refere-se a certo tipo de constrangimento para que estas pessoas tornem-se hóspedes de 'pensões para travestis'. O ser 'filha de uma cafetina', como dito por Hipólita, relaciona-se ao pagar a diária de sua pensão, potencializando tanto a atividade da prostituição quanto proteção a esta pessoa. Todavia, “só que, tipo assim, cafetinagem é crime, então, elas não gostam de ser chamadas de cafetina. Porque se você conseguir fazer uma entrevista com a Afrodite, ela vai te falar que é dona de uma pensão. Que é isso que ela fala pra nós”.

As atividades de controle dos territórios da prostituição travesti, além da ação da cafetinagem a partir do convencimento, também se realizam a partir de ações de violência, computando este elemento 16% das evocações relacionadas a categoria controle do território. Além das ações de violência entre travestis, relacionados a municípios onde não existe a prática da cafetinagem, a violência é um elemento presente nas cidades onde a prostituição travesti é, como dito por Demeter, 'gerenciada por cafetinas'. Assim, como tratado no capítulo II, a violência é uma constante na vida das travestis, elemento este presente a cada dia de suas vidas. De todas as evocações, a fala paradigmática que demonstra a complexidade do controle dos territórios da prostituição travesti, segundo ações de violência, refere-se à fala de Hipólita:

*Então, a Tia Ivone era a mãe da (travesti) que tava presa. Então, como a (travesti) tinha matado o marido da (cafetina), que era a nervosa, que era a dona de Curitiba. (...) Aí o que que aconteceu? A (travesti) matou o marido da (cafetina), e deu uns tiro na (cafetina). Essa (cafetina) foi pra Balneário Camboriú e fugiu de Curitiba. Quando a (travesti) deu os tiros na (cafetina), ela ficou a dona de Curitiba, porque ela teve coragem de dar uns tiro. Só que ela foi presa, porque ela matou o marido da (cafetina). Aí pegaram a (travesti) e ela foi presa. Aí da cadeia a (travesti) falou: olhe mãe, agora eu sou a rainha de Curitiba, eu tô presa, mas a senhora vai cobrar as bicha na rua, e aí da bicha que não te pagar! Quando sair vai ter! É que ela sempre saía no final do ano por bom comportamento. Aí, a Tia Ivone começou a cobrar, só que, a Tia Ivone pra conseguir o poder de cobrar, tinha três negão na Kombi. Então, era uma máfia babadeira. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa - PR, em 11 de setembro de 2008).*

Não temos a intenção de generalizar a situação relatada por Hipólita a todas as espacialidades do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti, mas salientar que a violência que ocorre através da dimensão do controle dos territórios pode culminar em ações

que tem como fim a morte. Outra lógica de ações relacionadas ao controle dos territórios, referentes à centralidade nas relações de poder, possui estratégias bem mais brandas de ação. O controle destes territórios também se faz a partir do respeito que determinadas travestis possuem devido ao seu tempo de batalha e as situações pelas quais passaram enquanto travesti, travestis estas que são mais consideradas, mais valorizadas através das redes de pessoalidade que instituem esta escala geográfica da prostituição travesti. Como dito por Demeter, se várias cidades tinham como travestis respeitáveis as cafetinas, em Ponta Grossa – PR a travesti que era a mais respeitada era Hipólita, por tudo que já tinha vivido. Segundo ela, era este conjunto de atributos que a posicionavam na centralidade das relações de poder desta determinada espacialidade. Esta mesma orientação de discurso pode ser vista em Dione:

*Em Londrina, qual a travesti que a gente tem de referência? A (nome da travesti). Que não tá mais batalhando, que ela tem setenta e oito anos, ela completa este ano. Mas é uma travesti que todas respeitam, por que ela veio do Nordeste, ela veio viajando, veio pro Rio, pra São Paulo, até ela acabar chegando em Londrina. E quando eu cai era uma das travestis mais respeitadas. Se ela falasse: você fica! Você ficava. Se ela falasse: você não fica! Você não ficava. Tanto que ela não sujava as mãos dela. Por exemplo, se chegasse uma travesti na cidade e ela não fosse com a cara, ela fazia as outras por pra fora. Na minha época nós expulsamos várias travestis de Londrina. Comprava a passagem, colocava a travesti no ônibus e falava: vá embora! (Entrevista realizada com Dione, em Londrina – PR, em 27 de março de 2009).*

Os últimos elementos relacionados à categoria controle do território referem-se às conquistas realizadas pelas travestis, a partir de redes de amizade, segundo a participação em redes de pessoalidade. Segundo Hecate, não é necessário ter amizades, mas sim ter a capacidade de fazer amizades. Estas são construídas a partir de gentilezas, referentes ao pagar bebidas, cigarro, ser amável e não violenta. Estas ações segundo ela são de fundamental importância para que cada travesti consiga acessar as espacialidades da prostituição travesti, pois se nos primeiros contatos a travesti participa das relações de poder de forma periférica, é a partir destas estratégias que existe uma relocação nas relações de poder. Este ficar se relaciona a resistência e a persistência frente a todas as ações de afirmação das posições periféricas das travestis que não são daquelas espacialidades, nas relações de poder.

Portanto, neste capítulo evidenciamos a estruturação do território descontínuo da prostituição travesti através do Sul do Brasil, que além de motivações de deslocamento, elementos espaciais de conectividade e estratégias de deslocamento, são instituídos por atividades da prostituição e ações de controle dos territórios. A organização deste território descontínuo, como demonstrado a partir das três tendências que nasceram das falas das travestis, constitui-se segundo a configuração de uma teia não direcional, nunca acabada e estabelecida temporalmente e espacialmente. São as redes de pessoalidade, instituídas por travestis, a partir de formas de conexão fixas ou fluidas, que ligam várias escalas espaciais da prostituição travesti, potencializando fluxos espaciais das travestis entre os territórios. A busca perpetrada pelas travestis, como evidenciado a partir de todas as evocações, não se relaciona a possibilidade de dominar a cidade como um todo, mas sim, poder participar das lógicas de funcionamento da prostituição travesti, através do território descontínuo paradoxal. Se em certa espacialidade determinada travesti não é aceita, demonstrando sua posição de periferia nas relações de poder, em outras espacialidades, acessadas através da participação de outras redes de pessoalidades, o êxito pode ser alcançado.

Esta forma de visualização destoa dos caminhos clássicos de compreensão dos territórios. Não afirmamos que estas concepções são equivocadas, mas sim tratamos que cada fenômeno demanda formas de produção de inteligibilidade. Sobre isso, o território descontínuo paradoxal da prostituição travesti que ocorre através do Sul do Brasil é reflexo e condição das próprias relações de poder através das quais foram produzidas, instituindo-se segundo situações particulares, a partir de projetos estabelecidos. Esta territorialidade fluida não se relaciona a posição de *insider* e *outsider*, pois a partir das falas das travestis, esta linha divisória se coloca enquanto uma ficção, devido ao fato do território descontínuo paradoxal da prostituição travesti ser constituído a partir de uma plêiade de inter-relações, corpos estes que não se colocam como incluídos ou excluídos, mas sim compostos por relações complexas de centro e margem de relações de poder, construindo a partir destas relações sociais locais de reivindicação à existência e a vida. Esta forma de visualização destas espacialidades ultrapassa geometrias homogêneas, colocando-se enquanto geometrias não euclidianas de relações de poder e resistência. O território descontínuo paradoxal da prostituição travesti que tem ocorrência através do Sul do Brasil é altamente complexo e dinâmico, em construção permanente, sendo experienciado a partir de várias relações que o grupo de travestis vivencia através da prostituição. Afirmamos que esta forma de compreensão produz uma

inteligibilidade distinta da visualização das espacialidades travestis, distanciando-se de caminhos de vitimização ou de criminalização. Mas pelo contrário, uma forma de compreensão estruturada a partir do respeito às diferenças.

## CONCLUSÃO

A presente tese evidenciou as formas através das quais as práticas territoriais da prostituição travesti, que estão presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais. São a partir das mais variadas espacialidades, estruturadas por aquilo que Butler (2003) denomina como a linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, que os vários corpos que não tem correspondência aos padrões de normalidade constituem estratégias de sobrevivência. Suas falas demonstram que mesmo buscando constantemente a transformação do corpo a partir de feminilidades desejadas, suas vidas constituem uma plêiade de possibilidades existenciais que extrapolam os binarismos que constituem o ocidente.

São através das espacialidades relacionadas aos territórios da prostituição que o grupo de travestis desenvolve conjuntos de laços identitários e normas tácitas de conduta para os corpos. Quando estas pessoas participam destas convenções, aderem a sistemas de valores que foram produzidos a partir destas espacialidades, segundo conjuntos de repertórios discursivos e interpretativos, criando de um lado a fronteira da norma e de outro a contestação e construção de novas formas de comportamentos sexuais e de gênero. As espacialidades vivenciadas pelo grupo de travestis que fora o grupo focal da presente tese expressam-se como linguagens em um texto, ora recebendo, ora transmitindo informações, práticas sociais estas que comunicam, negociam e desafiam as organizações hegemônicas relacionadas aos comportamentos dos corpos avaliados como 'válidos' socialmente.

Como evidenciado em todo o texto da presente tese, a vivência travesti não está estritamente relacionada a apenas uma espacialidade, mas constitui-se segundo uma complexa existência, espacialmente múltipla, pois todo o conjunto de espacialidades vivenciadas pelas travestis é formado e formam complexos conjuntos de informações, disseminando-se através do grupo que retira o sustento da atividade da prostituição segundo espacialidades-texto.

Estes processos dependem dos atores que agem no processo de recepção e comunicação, instituído e instituinte de valores culturais. O conjunto de espacialidades que compõem o território descontínuo paradoxal da prostituição travesti coloca-se como textos que são lidos por pessoas que possuem textos próprios, segundo situações de coexistências,

intercepções, conexões, sobreposições e justaposições, concebendo múltiplas tramas temporais e espaciais.

Salientamos que os textos produzidos pelo grupo de travestis colocam-se na margem das relações hegemônicas de poder, contudo, em relação paradoxal àqueles que mantem esta hegemonia. São a partir destes conflitos e complementações que as travestis inventam cotidianamente espacialidades, territorialidade e travestilidades, recriando e subvertendo os ideais das práticas de gênero e sexualidade.

Mesmo que o grupo estabeleça o afrontamento à linearidade heteronormativa, constroem e desconstroem a mesma sociedade heteronormativa que as coloca nas margens das relações de poder. Estas ações instituem espacialidades, afetividades, sociabilidades e identidades interseccionalmente estabelecidas, segundo processos de resignificação de corpos, prazeres e desejos.

Este caminho de compreensão, nascido da própria convivência com o grupo de travestis, ultrapassa a visualização do território da prostituição como estabelecido a partir da tríade espaço, fronteira e poder segundo fenômenos de inclusão e exclusão. Esta concepção de território, proporcionada pela vivência travesti, não é estabelecida segundo posições de *insider* e *outsider*, mas constituído por inúmeras dimensões e espacialidades, por paradoxos de separação e conexão, por posições de centro e margem de relações de poder.

Território altamente transitório, como o corpo, o sexo, o gênero, o desejo e a vida, fugindo da concepção de pessoas a partir de posições de opressores e oprimidos, mas relacionando-se a produção ativa e consciente de suas vidas, a partir de diálogos com a imposição de o espaço ser reflexo e condição das formas de organização social hegemônicas. As espacialidades que são instituídas pelas travestis estão em constante movimento, constituídas por inter-relações e diversidades, não enquanto uma completa simultaneidade, mas forjada por ausentes ligações e imprevisíveis resultados.

O que a reflexão apresentada nesta tese evidenciou diz respeito ao fato de que as espacialidades vivenciadas pelas travestis, relacionadas a casa, a escola e a vizinhança, a cidade e as casas noturnas, a casa de cafetina e as boates, as espacialidades de outros países, os territórios intra-urbanos e as tendências de território descontínuo paradoxal da prostituição travesti, são constituídos por vivências individuais que são socializadas de forma

intersubjetiva, produzindo uma configuração interseccional de vivências passadas, produzidas pela repetição de situações de vulnerabilidade.

Segundo a análise das falas das travestis que participaram desta tese, a espacialidade da casa é constituída pela intersecção de elementos identitários relacionados ao gênero, idade e sexualidade, além da dimensão de elementos identitários relacionados a renda familiar. Sabendo-se que a dimensão relacionada a renda fazia-se constante a todas as travestis, relacionada a baixa renda, a tensão se fazia relacionada no tocante a dimensão identitária de gênero e sexualidade, tendo visto que a iniciação sexual de todas as travestis se fez, via de regra, através do período contido entre a infância e a adolescência, práticas estas que além de não serem correspondentes a heteronormatividade vigente, culminavam com a saída desta pessoa de casa.

Se esta configuração interseccional coloca estas pessoas na periferia das relações de poder, a alteração de um dos elementos, relacionados a idade e a capacidade de consumo, reposiciona estas pessoas nas relações de poder. Sendo que a intersecção entre prática de gênero, sexualidades e infância-adolescência resultava na exclusão da casa, a intersecção entre idade adulta e capacidade de consumo coloca algumas travestis na centralidade das relações de poder, a partir do auxílio potencial à família. Cabe salientar que a espacialidade da escola e da vizinhança é co-constituída pela mesma configuração interseccional da casa.

Portanto, todos os fatos que foram resgatados pelas memórias das travestis colocam-se enquanto elementos identitários interseccionais, segundo todas as fases da vida destas pessoas, pois as narrativas individuais, a partir das práticas cotidianas do grupo, se extrapolam ao próprio grupo, interseccionalidade esta produzida por relações de cruzamento de experiências temporais e espaciais. As espacialidades relacionadas a casa, a escola e a vizinhança, a cidade e as casas noturnas colocam-se enquanto espacialidades interditas a vivência travesti, sendo estas interdições elementos identitários do grupo.

No tocante a espacialidades de outros países, os elementos identitários relacionados ao gênero, classe social, faixa etária, sexualidade e nacionalidade interferem-se mutuamente. Em relação ao grupo que fora alvo da presente pesquisa, estes elementos interseccionando-se a partir de espacialidades externas ao Brasil, reposicionam as travestis a partir das relações de poder, segundo as dimensões de categorias de elementos identitários levados e considerados

como valor a partir de pessoas e relações específicas.

São estes elementos que contribuem aos processos de identificação das travestis enquanto grupo, estabelecendo estratégias de sobrevivência frente aos percalços da vida. Dentre um conjunto de possibilidades, estas estratégias se estabelecem segundo conquistas espaciais cada vez mais amplas, espacialidades múltiplas, fluidas, multiescalares e cambiantes. Espacialidades estabelecidas enquanto a imbricação de trajetórias individuais, abertas ao acaso e ao inesperado.

São estas multidimensionalidades sociais e espaciais que conectam várias escalas da geografia travesti. Estas conexões estão relacionadas às buscas de vantagens espaciais, as conquistas de tecnologias de transformação dos corpos e às relações homossexuais em anonimato, elementos que resultam em escolhas e escolhas que resultam em localizações, produzindo composições específicas de ser e estar travesti através das mais variadas espacialidades. Estes jogos de escalas referem-se a imbricações de fenômenos com naturezas e amplitudes distintas, recorte espacial não estabelecido a priori, mas segundo o sentido explicativo demandado pelo fenômeno.

As conexões entre várias espacialidades relacionadas à prostituição travesti se estabelecem segundo a participação em redes de pessoalidade, sendo criadas e recriando-se a partir das mesmas estruturas que a constituíram. Referem-se estas redes de pessoalidade a códigos de conduta, regulando práticas individuais, criando instrumentos de regulações. A adequação e a lealdade a estas regulações produzem possibilidades tanto de conquistar posições dentro destes grupos estabelecidos, quanto participar das relações através das espacialidades da prostituição, mostrando-se enquanto configurações de relações sociais fundamentais nas relações de 'ilegalidade e informalidade', segundo a utilização de palavras e atitudes coercitivas que se fazem valer. É através da participação em redes de pessoalidade que as travestis instituem espacialidades escalares da prostituição, como vivências multiescalares.

Como discutido por esta tese, as espacialidades que são constituintes e constituem a vivência travesti através da prostituição, forjam-se pela fluidez, por complexidades e multiplicidades. As conexões estabelecidas realizam-se segundo conjuntos de fatores motivacionais de deslocamento, fatores espaciais de conectividade e de suas próprias

estratégias de deslocamento, instituindo espacialidades relacionadas à prática da prostituição segundo o controle dos territórios. Assim, o território descontínuo paradoxal da prostituição travesti é reflexo e condição das relações de poder segundo as quais foram produzidas, formando-se em situações particulares e orientando-se para fins estabelecidos. Sua formação paradoxal, além de ser estruturada pelo *continuun* de centro e margem de relações e poder, é instituída tanto por sentimentos de pertença, segundo experiências positivas, quanto por experiências negativas, relacionadas à reprodução das mesmas práticas de interdição social. Interdição não entendida enquanto relações de *outsider*, mas sim segundo posições de centro e margem de relações de poder. Se em determinadas espacialidades certa travesti não é aceita, esta ação demonstra sua posição de periferia nas relações de poder. Todavia, esta pode obter o êxito da aceitação em outras espacialidades, que podem ser acessadas através de outras redes de pessoalidades.

Outra ponderação relaciona-se ao fato de que os corpos travestis não existem fora da sociedade, mas se compõe, mesmo segundo características de abjeto, enquanto sociedade. Portanto, as relações que estes corpos realizam através das tendências de territórios descontínuos paradoxais realizam-se segundo paradoxos de inclusão e exclusão, processo vivido simultaneamente, estando às pessoas em dois locais ao mesmo tempo, através dos discursos. São as áreas inabitáveis que definem o habitável, produzindo espacialidades não como ações secundárias, ocasionais ou acidentais, mas produzidas intencionalmente segundo reivindicações a existência e a vida.

Evidenciamos que a partir da construção de geometrias heterogêneas, possibilitamos uma forma de compreensão da existência travesti estruturada a partir de relações de poder e resistência. Isto aponta para o distanciamento de formas de compreensão da geografia travesti estruturada segundo posições de vitimização ou criminalização. Nossa reflexão esteve estruturada pela busca da produção de uma Geografia emancipatória, pelo respeito tanto das diferenças quanto da existência de outras possibilidades de vivência social, como demonstrado a partir do grupo de travestis, que resistem, tanto através de várias geografias multidimensionais, quanto especificamente através dos territórios descontínuos paradoxais, através do Sul do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciana Rachel Coutinho Contreiras de. **Do poder às margens e das margens ao poder: um olhar geográfico sobre os territórios da prostituição feminina na Avenida Conselheiro Aguiar, Boa Viagem – Recife**. Recife, 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

ANDERSEN, Margaret; COLINS, Patrícia. **Race, class and gender - An Anthology**. Belmont, CA: Wadsworth, 1992.

BACHELARD, Gaston. **The Poetics of Space**. New York: Orion Press. 1964.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMANN, Gerd. Ritual Implicates 'Others': Rereading Durkheim in a Plural Society. *In*: COPPET, Daniel de. **Understanding Rituals**. New York: Routledge, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo 1. Fatos e Mitos**. 4ª Edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo 2. A Experiência Viva**. 2ª Edição: São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Porto Alegre, 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

BINNIE, Jon; VALENTINE, Gill. Geographies of sexuality – a review of progress. **Progress in Human Geography**, vol. 23, nº 2, p. 175-187, 1999.

BINNIE, Jon. The Erotic Possibilities of City. *In*: BELL, David; BINNIE, Jon; HOLLIDAY, Ruth; LONGHURST, Robyn. **Pleasure Zones: Bodies, Cities, Spaces**. New York: Syracuse University Press, 2001, p. 103 – 129.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org) **Paisagens, textos, identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 157-179.

BRASIL. **O Código Penal**. Lei nº 12.015, de 2009.

BRENNER, Neil. The Limits to Scale? Methodological Reflexions on Scalar Structuration. **Progress in Human Geography**, vol. 25, nº 4, p. 591 – 614, 2001.

BRENNER, Neil. The Urbna Question as a Scale Question: Reflexions on Henti Lefebvre, Urban Theory and the Politics of Scale. **International Journal of urban and Regional Research**, vol. 24, nº 2, p. 361 – 378, 2000.

BROWNE Kath; NASH, Catherine; HINES, Sally. Introduction: towards trans geographies . **Gender, Place and Culture** , vol. 17, nº 5, p. 573 – 577, October 2010.

BROWNE, Kath; LIM, Jason. Trans lives in the 'gay capital of the UK' . **Gender, Place and Culture** , vol. 17, nº 5, p. 615 – 633, October 2010.

BROWNE, Kath. Genderism and the Bathroom Problem: (re)materialising sexed sites, (re)creating sexed bodies. **Gender, Place and Culture** , vol. 11, nº 3, p. 331 – 346, September 2004.

BRYANT, Karl; VIDAL-ORTIZ , Salvador. Introduction to Retheorizing Homophobias . **Sexualities**, vol. 11, nº 4, p. 387 – 396, 2008.

BURTON, Richard. **The Thousand Nights and a Night**. Volume 10, London: DP&P, 1886. <[http://www.wollamshram.ca/1001/Vol\\_10/vol10.htm](http://www.wollamshram.ca/1001/Vol_10/vol10.htm)>, [10 de janeiro de 2009].

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Deshacer el Género**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que Importan – Sobre los Límites Materiales y Discursivos del 'Sexo'**. Buenos Aires: Paidós, 2008.

CABRAL, Vinicius; ORNAT, Marcio Jose; SILVA, Joseli Maria. Algumas Considerações sobre as Relações entre Espaço, Violência e a Vivência Travesti na Cidade de Ponta Grossa – Paraná . **Geografia - UFPI**, vol. 9, nº 31, p.1-17, março 2011.

CALIÓ, Sonia Alves. **Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista a geografia urbana**. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

CAMPOS, Heleniza. Permanência e Mudança no Quadro de Requalificação Espacial de Cidades Brasileiras: O Caso das Territorialidades do Sexo na Área Central do Recife. **Território**, nº 9, p. 25 – 43, Jul/Dez 2000.

CAPLAN, Pat. **The Cultural Construction of Sexuality**. New York: Routledge, 1987.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **A questão de gênero nos sindicatos de Presidente Prudente/SP**. Presidente Prudente, 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2003.

CASTRO, Iná Elias de. O Problema da Escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 117 – 140.

CATONNÉ, Jean-Phillipe. **A sexualidade, ontem e hoje**. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2001 .

CHATEAU, Jean. **O Jogo e a Criança**. São Paulo: SUMMUS, 1987 .

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Conciousness and the Politics of Empowerment**. London: Harper Collins, 1990.

CONSGROVE, Denis. Geografia Cultural do Milênio. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 17 – 47.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, Um Conceito-Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15 – 47.

\_\_\_\_\_. **Redes Geográficas e Teoria dos Grafos**. Textos LAGET, Série Pesquisa e Ensino nº 1, Março de 1999.

\_\_\_\_\_. Uma nota sobre o urbano e a escala. **Território**, vol. 7, nº 11 – 12 – 13, p. 133 – 136, set./out. 2003a.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano**. 4ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2003b.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92 – 123.

COSTA, Benhur Pinos da. **A condição homossexual e a emergência de territorializações**. Porto Alegre, 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

\_\_\_\_\_. A relação dialética entre funcionalização e afetividade na construção do espaço urbano: a produção microterritorial e o caso das convivências homoeróticas subterrâneas ao social. **Caesura**, nº. 27, p. 45-68, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. In: FINEMAN, Martha; MYKITIUK, Rixanne. **The Public Nature of Private Violence**. New York: Routledge, 1994, p. 93 – 118.

CUCHE, Denis. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DERRIDA, Jacques. **Of Grammatology**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.

DIAS, Leila. Redes: Emergência e Organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 141 – 163.

\_\_\_\_\_. Os sentidos da Rede: Notas para Discussão. In: DIAS, Leila; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Orgs.). **Redes, Sociedades e Territórios**. 2ª Edição. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p. 11 – 28.

DINIZ, Alexandre Magno Alves e CASTRO, José Flávio Moraes. Diferenças sócio-espaciais

entre homens e mulheres chefes de domicílio de Belo Horizonte. **Sociedade & Natureza**, vol. 14, nº 15, p. 189-207, 2003.

DOAN, Petra. Queers in the American City: Transgendered perceptions of urban space . **Gender, Place and Culture** , vol. 14, nº 1, p. 57 – 74, February 2007 .

\_\_\_\_\_. The tyranny of gendered spaces – reflections from beyond the gender dichotomy . **Gender, Place and Culture** , vol. 17, nº 5, p. 635 – 654, October 2010.

DUNCAN, James. **The City as Text – The Politics of Ladscape Interpretation in the Kandian Kingdom**. New York: Cambridge University Press, 1990.

DUNCAN, Nancy. Renegotiating Gender and Sexuality in Public and Private Spaces. *In*: DUNCAN, Nancy. **Bodyspace – Destabilizing Geographies of Gender and Sexuality**. New York: Routledge, 1996, p. 127 – 145.

DYNES, Wayne. **Homolexis: A Historical and Cultural Lexicon of Homosexuality**. New York: Gai Saber Monograph, 1985.

EDLUND, Lena; KORN, Evelyn. A Theory of Prostitution . **Journal of Political Economy**, vol. 110, nº 1, p. 181 – 214, 2002.

FIPE/MEC/INEP. **Projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, Organizadas de Acordo com Áreas Temáticas, a saber, Étnico-Racial, Gênero, Geracional, Territorial, Necessidades Especiais, Socioeconômica e Orientação Sexual - Relatório Analítico Final** . São Paulo: Maio de 2009.

FOUCAULT, Michel. **The Archaeology of Knowledge and the Discourse on Language**. New York: Pantheon Books, 1972.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade – A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCISCO, Maria Luiza Oliveira de. **Trabalho familiar na Agricultura do Município de Rio Claro (S.P): A mulher e a criança na pequena produção**. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

GARCIA, Antonia dos Santos. **As mulheres da cidade D'OXUM: relações de gênero, raça e classe e organização espacial do movimento de bairro em Salvador**. Salvador, 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

GIRSHICK, Lori. **Transgender Voices. Beyond women and men**. London: University Press of New England, 2008.

GOTTMANN, Jean. **The significance of territory**. Virgínia: University Press, 1973.

GOULD, Stephen Jay. **A Falsa Medida do Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GREINER, Cristine. **O corpo: pistas para estudos interdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2005.

HACQUARD, Georges. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Lisboa: Edições ASA, 1996.

HAERSBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAGGETT, Peter. **Locational analysis in human geography**. New York: John Wiley & Sons, 1965.

HALL, Stuart. The Question of Cultural Identity. In: HALL, Stuart; HELD, D; MCGREW, T. **Modernity and its future**. Cambridge: Politic Press, 1992, p. 274 – 316.

\_\_\_\_\_. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 8ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARVEY, David. **Social Justice and the City**. London: Edward Arnold, 1973.

\_\_\_\_\_. **Justice, Nature and the Geography of Difference**. Malden: Blackwell, 1996.

\_\_\_\_\_. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HINES, Sally. Queerly situated? Exploring negotiations of trans queer subjectivities at work and within community spaces in the UK. **Gender, Place and Culture** , vol. 17, nº 5, p. 597 – 613, October 2010.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**, Rio de Janeiro, nº. 3, p. 77 - 85, 1997.

hooks, bell. **Yearning – race, gender and cultural politics**. Boston: South End Press, 1990.

HOWELL , Philip. Prostitutional Spacei in the Nineteenth-Century European City. *In*: BLACK, Iains; BUTLIN, Robin. **Place, Culture and Identity**. Canadá: Les Presses de L'université Laval, 2001, p. 181 – 196.

HOWITT , Richard. Scale as relation: musical metaphors of geographical scale . **Area**, vol. 30, nº 1, p. 49 – 58, 1998.

JUNCKES, Ivan Jairo; SILVA, Joseli Maria. Espaço Escolar e Diversidade Sexual: Um Desafio às Políticas Educacionais no Brasil . **Didáticas Específicas**, nº 1, p. 148 – 166 , 2009.

KITCHIN, Robert . Towards geographies of cyberspace . **Progress in Human Geography**, vol. 22, nº 3, p. 385 – 406, 1998.

KNOPP, Larry. Ontologies of Place, Placelessness, and Movement: queer quests for identity and their impacts on contemporary geographic thought . **Gender, Place and Culture** , vol. 11, nº 1, p. 121 – 134, March 2004 .

KOBAYASHI, Andrey; PEAKE, Linda. Unnatural discourse: ‘Race’ and gender in geography. **Gender, Place and Culture**, vol. 1, p. 225 – 243, 1994.

KULICK, Don. **Travesti. Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LACOSTE, Yves. **Geografia: Isso serve, antes de mais nada, para fazer a guerra**. 2ª Edição. Campinas: Papirus, 1989.

LAM, Nina Siu-Ngan; QUATTROCHI, Dale. On the Issues of Scale, Resolution, and Fractal

Analysis in the Mapping Science. **The professional Geographers**, vol. 44, nº 1, p. 89 – 99, 1992.

LAURETIS, Teresa de. **Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **The Practices of Love: Lesbian Desire and Perverse Sexuality**. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

LÓPEZ PONS, María Magdalena; LAN, Diana. Democracia, género y participación política en el territorio argentino a principios del siglo XXI. **Terr@Plural**, vol. 1, p. 9–24, jan/jun 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 1999, p. 7 – 34.

\_\_\_\_\_. Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 9, nº 2, p. 541 – 553, 2001.

\_\_\_\_\_. **Um Corpo Estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004 .

MALZONE, Rosalina Alves da Silva. **A participação da mulher, o crescimento das religiões/crenças e a produção do espaço em São José do Rio Preto**. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARSTON, Sallie; SMITH, Neil. States, Scales and Households: Limits to Scale Thinking? A Response to Brenner. **Progress in Human Geography**, vol. 25, nº 4, p. 615 – 619, 2001.

MARSTON, Sallie. The social construction of scale . **Progress in Human Geography**, vol. 24, nº 2, p. 219 – 242, 2000.

MARTIN, Patricia. Contextualizing Feminist Political Theory . In: STAEHELI, Lynn; KOFMAN, Eleonore; PEAKE, Linda. (Orgs.) **Mapping Women, Making Politics : Feminist Perspectives on Political Geography** . New York: Routledge, 2004, p. 15 – 30.

MASSEY, David (*et al.*) **Return to Aztlan**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Philip. **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, 1999.

MASSEY, Dorren. **Pelo Espaço – Uma Nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATTOS, Rogério Botelho de; RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. **Território**, vol. 1, nº 1, p. 59–76, 1996.

MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 37 – 69.

MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos – São Paulo 1870-1920. **Revista Brasileira de História**, vol.18, nº 35, 1998. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000100012&script=sci_arttext)>. Acesso em 10 de Fevereiro de 2011.

MCCALL, Leslie. The Complexity of Intersectionality. **Signs**, vol. 30, nº. 3, p. 1771 – 1800, 2005.

MCDOWELL, Linda. **Gender, Identity and Place. Understanding Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Fora do Sujeito e Fora do Lugar: Reflexões sobre Performatividade a partir de uma Etnografia entre Travestis . **Gênero**, vol. 7, nº 2, p. 255 - 267, 1º semestre 2007 .

MONK, Janice; HANSON, Susan. On not excluding half of the human in human geography. **The Professional Geographer**, vol. 34, p. 11 – 23, 1982.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ratzel**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MORIN, Edgard. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo; ALMEIRA, Cláudio. **O Crime Anti-Homossexual no Brasil**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2002.

MUSSO, Pierre. Genèse et Critique de la Notion de Réseau. *In*: PARROCHIA, Daniel (Org.) **Penser les Réseaux**. Seyssel: Champ Vallon, 2001, p. 194 – 217.

NABOZNY, Almir; SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Desafios à análise do espaço urbano: interpretando textos marginais do discurso geográfico. **Terra Livre**, vol. 29, nº 2, p. 15-28, 2007.

NABOZNY, Almir. Uma discussão sobre gênero e acesso ao espaço urbano: O paradoxo da participação política cívica e da participação no Estado. **Revista de História Regional**, vol. 11, p. 7-28, 2007a.

\_\_\_\_\_. Constrangimentos Espaciais: a concepção legal de infância e as táticas desconstrucionistas desenvolvidas pelas profissionais do sexo. **Terr@Plural**, vol.1, p. 103-113, 2007b.

\_\_\_\_\_. **A complexidade espacial da exploração sexual infanto-juvenil feminina: entre táticas e estratégias de (in)visibilidade**. Ponta Grossa, 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

NAGAR, Richa . Mapping feminisms and difference . *In*: STAEHELI, Lynn; KOFMAN, Eleonore; PEAKE, Linda. (Orgs.) **Mapping Women, Making Politics : Feminist Perspectives on Political Geography** . New York: Routledge, 2004, p. 31 – 48.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, vol. 11, nº. 3, p. 647-654, set/dez 2006.

NASH, Catherine. Trans geographies, embodiment and experience . **Gender, Place and Culture** , vol. 17, nº 5, p. 579 – 595, October 2010.

OBERHAUSER, Ann; RUBINOFF, Donna; BRES, Karen; MAINS, Susan; POPE, Cindy. Geographic Perspective on Woman. *In*: GAILE, Gary; WILLMOTT, Cort. (Orgs.) **Geography in America at the Dawn of the 21st Century**. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 736 – 758.

OLESEN, Virginia. Early Millennial Feminist Qualitative Research. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonnas. **The Landscape of Qualitative Research**. London: Sage Publication, 2008, p. 310-370.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de; VIANNA, Márcia Coelho de Segadas. Trabalho feminino e a situação familiar da mulher nas áreas metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, e Recife. **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 50, nº 2, p. 5 – 48, 1988.

ORNAT, Marcio Jose; SILVA, Joseli Maria. Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa – Paraná. **Revista de História Regional**, vol. 12, nº 1, p. 175-195, 2007.

ORNAT, Marcio Jose. **Pobreza, gênero e deslocamentos espaciais intra-urbanos em Ponta Grossa – PR**. (Relatório Final de Iniciação Científica) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005.

\_\_\_\_\_. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR**. Ponta Grossa, 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia - Gestão do Território, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008a.

\_\_\_\_\_. Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão. **Terr@Plural**, vol. 1, p. 41–56, jan/jul 2008b.

\_\_\_\_\_. Espacialidades Travestis e a Instituição do Território Paradoxal. In: SILVA, Joseli Maria (Org.) **Geografias Subversivas – Discursos sobre Espaço, Gênero e Sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009, p. 177 – 210.

PAEGLE, Leilane de Moura. **Espaços femininos no bairro das Mercês/Curitiba**. Curitiba, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

PEAKE, Linda. ‘Race’ and sexuality: Challenging the patriarchal structuring of urban social space. **Environment and Planning D: Society and Space**, vol 11, p. 415 – 432, 1993.

PERES, Wiliam. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em Medicina Social) – Programa de Pós-Graduação em Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de

Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PERES, Wilian Siqueira. Travestilidades: apontamentos para uma estilística da existência. In: SEMINÁRIO HOMOFOBIA, IDENTIDADE E CIDADANIA GLBTT, **Anais**. Florianópolis: NIGS – Núcleo de Identidades Gênero e Subjetividades. 2007, p. 1-16.

PETRUCCI, John. Through Her Eyes. **Metropolis Pt2: Scenes from a Memory**. Dream Theater. New York: Elektra Records, 1999.

PHILLIPS, Richard. Writing travel and mapping sexuality – Richard Burton's Sotadic Zone. In: GREGORY, Derek; DUNCAN, James. **Writes of postage, reading travel writing**. New York: Routledge, 1999, p. 70-91.

PILE, Steve. **The Body and the City – Psychoanalysis, Space and Subjectivity**. New York: Routledge, 1996.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, vol. 5, nº 10, p. 200 – 212, 1992.

PORTO, Vanessa Almeida. **O lugar das ocupantes no mercado de trabalho de Santa Maria/RS em 2004**. Santa Maria, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

PRATT, Geraldine. Geographies of Identity and Difference: Marking Boundaries. In: MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Philip. **Human Geography Today**. Oxford: Polity Press, 1999, p. 151 – 167.

\_\_\_\_\_. Collaborating across our differences. **Gender, Place and Culture**, vol 9, p. 195 – 200, 2002.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. How Bodies Come to Matter: An Interview with Judith Butler. **Signs**, vol. 23, nº 2, p. 275 – 286, 1998.

PRZYBYSZ, Juliana; SILVA, Joseli Maria. Articulando os espaços privado e público: gênero e famílias monoparentais femininas. **Revista de Psicologia da UNESP**, vol. 9, nº 2, p. 30 - 42, 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Prostituição de Rua e Turismo em Copacabana – A Avenida Atlântica e a Procura de Prazer. **Território**, vol. II, nº 3. p. 87 – 104, jul/dez 1997.

RODRIGUEZ, Lilia Mabel. **Entre o lar e a rua : os territórios das mulheres na casa e na cidade**. Brasília, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

ROOKE, Alison. Trans youth, science and art: creating (trans) gendered space . **Gender, Place and Culture** , vol. 17, nº 5, p. 655 – 672, October 2010.

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

\_\_\_\_\_. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics . **Progress in Human Geography**, vol. 21, nº 3, p. 305 – 320, 1997.

\_\_\_\_\_. Performing Space. *In*: MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Philip. **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, 1999, p. 247 – 259.

ROSSINI, Rosa Ester. A Mulher como Força de Trabalho na Agricultura da Cana (Estado de São Paulo). **Boletim de Geografia Teorética**, vol. 22, nº 43-44, p. 295-305, 1992.

\_\_\_\_\_. Geografia e Gênero: A Mulher como Força de Trabalho no Campo. **Informações Econômicas**, p. 41-52, 1993.

\_\_\_\_\_. Mulher e Meio Ambiente: O Trabalho da Mulher na Agricultura Canavieira do Estado de São Paulo (Brasil). **Mulher e Meio Ambiente, EDUFAL - Alagoas**, vol. 1, p. 15-40, 1994.

\_\_\_\_\_. As geografias da modernidade - geografia e gênero - mulher, trabalho e família. O exemplo de Ribeirão Preto - SP. **Revista do Departamento de Geografia - USP**, nº 12, p. 7-26, 1998.

\_\_\_\_\_. Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo. **GeoUSP. Espaço e tempo**, vol. 12, p.

47-56, 2002.

ROUGHGARDEN, Joan. **Evolution's Raimbow: Diversity, gender and sexuality in nature and peoples**. Berkeley: University of California Press, 2004.

RUDDICK, Susan. Constructing difference in public spaces: Race, class, and gender as interlocking systems. **Urban Geography**, vol. 17, p. 132 – 151, 1996.

SACK, Robert. **Human Territoriality – its theory and history**. Cambridge: Cambridge Unviersity Press, 1986.

SANTOS, Gislene Aparecida. Redes e Territórios: Reflexões sobre a Migração. In: DIAS, Leila; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Orgs.). **Redes, Sociedades e Territórios**. 2ª Edição. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p. 51 – 78.

SANTOS, Jocélio Teles dos . “Incorrigíveis, afeminados, desenfreitados”: Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX . **Revista de Antropologia – USP**, vol. 40, nº 2, p. 145 – 182.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo, Hucitec, 1978.

SASSEN , Saskia. **Contrageografías de la Globalización - Género y Ciudadanía en los Circuitos Transfronterizos** . Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.

SCHEFLER, Maria de Lourdes Novaes. **Mulheres guardiãs da terra e da vida: um estudo de caso sobre o papel multifuncional da mulher na organização familiar**. Salvador, 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

SEQUEIRA, Priscila. **E se não fossem travestis?** Rio de Janeiro, 13 de maio de 2008. Disponível em <<http://www.olharvirtual.ufrj.br>>. Acesso em 13 de maio de 2008.

SHEPPARD, Eric; McMASTER, Robert. **Scale and Geogaphic Inquiry – Nature Society and Method**. Malden – USA: Blackwell Publishing, 2004.

SILVA, Hélio. **Travesti – a Invenção do Feminino – etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SILVA, Joseli Maria. Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**, vol. 5, nº 2, p. 9 – 37, Inverno 2000.

\_\_\_\_\_. **A Verticalização de Guarapuava (PR) e suas Representações Sociais**. Rio de Janeiro, 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. Um ensaio sobre a potencialidade do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, vol. 1, p. 31-45, verão 2003.

\_\_\_\_\_. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, vol. 22, p. 97-109, 2007a.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul (UFSC)**, vol. 22, p. 117-134, 2007b.

\_\_\_\_\_. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. In: **GeoUERJ**, vol. 18, p. 1-18, 2008.

\_\_\_\_\_. Geografia, Gênero e Sexualidades: A Experiência Travesti. In: III COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇOS E REPRESENTAÇÕES – NEER, **Anais**. Porto Velho, 1 a 6 de novembro 2009a, p. 1 – 36.

\_\_\_\_\_. Geografias Feministas, Sexualidades e Corporalidades: Desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: SILVA, Joseli Maria (Org.) **Geografias Subversivas – Discursos sobre Espaço, Gênero e Sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009b, p. 98 – 113.

\_\_\_\_\_. **Construindo a ciência : elaboração crítica de projetos de pesquisa** . Curitiba: Pós-Escrito, 2009c.

\_\_\_\_\_. Ausências e Silêncios do Discurso Geográfico Brasileiro: Uma crítica feminista a Geografia Eurocêntrica. In: SILVA, Joseli Maria (Org.) **Geografias Subversivas – Discursos sobre Espaço, Gênero e Sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009d, p. 55 – 91.

\_\_\_\_\_. A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade. In: SILVA, Joseli Maria (Org.) **Geografias Subversivas – Discursos sobre Espaço, Gênero e Sexualidade**.

Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009e, p. 135 – 149.

\_\_\_\_\_. Sou “europeia mona”!: múltiplas espacialidades travestis vivenciadas na Espanha do século XXI. (Texto a ser apresentado no IX Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – **ENANPEGE**, a ser realizado entre os dias 9 e 12 de outubro de 2011).

SOUSA, Alemar Moreira de. **O espaço que ousa dizer seu nome: territórios gltbs de Goiânia**. Goiânia, 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

SOUZA SANTOS, Boaventura de (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77 – 115.

\_\_\_\_\_. Algumas Notas sobre a Importância do Espaço para o Desenvolvimento Social. **Território**, vol. 2, nº 3, jul./dez. 1997.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de Sentido no Cotidiano: Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (Org.) **Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999.

STRYKER, Susan. (De)subjugated knowledges: An introduction to transgender studies. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. (Ed.) **The transgender studies reader**. London: Routledge, 2006, p. 1 – 17.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Geografia e Trabalho de Campo. In: Colóquio O Discurso Geográfico na Aurora do Século XXI, **Anais**. Florianópolis, 27 a 29 de novembro de 1996, p. 2 – 11.

VALENTINE, David. **Imagining Transgender – an ethnography of a category**. London: Duke University Press, 2007.

VALENTINE, Gill. (Hetero)Sexing Space: Lesbian Perceptions and Experiences of Everyday Spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, vol. 11, p. 395 – 413, 1993.

\_\_\_\_\_. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. **The Professional Geographer**, vol. 59, nº 1, p. 10 – 21, 2007.

VELEDA DA SILVA, Susana Maria. Geografia e Gênero/Geografia Feminista - o que é isto?. **Boletim Gaúcho de Geografia**, vol. 23, p. 105-120, 1998.

WASTL-WALTER, Doris; STAEHELI, Lynn. Territory, Territoriality, and Boundaries . *In*: STAEHELI, Lynn; KOFMAN, Eleonore; PEAKE, Linda. (Orgs.) **Mapping Women, Making Politics : Feminist Perspectives on Political Geography** . New York: Routledge, 2004, p. 141 – 151.

WEINBERG, George. **Society and the Healthy Homosexual**. New York: St Martin's, 1972.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 9, nº 2, p. 460 – 482, 2001.

WEST, Candace; FENSTERMAKER, Sarah. Doing difference. **Gender and Society**, vol. 9, p. 8–37, 1995.

WHITEHAND, Jeremy. The problem of anglophone squint. **Area**, vol. 37, nº 2, p. 228 – 230 , 2005.

WILLIAMS, Raymond. **The Sociology of Culture**. New York: Schocken Books, 1982.

WOMEN AND GEOGRAPHY STUDY GROUP (WGSG). **Geography and gender: An introduction to feminist geography**. London: Hutchinson, 1984.

YOUNG, Íris Mary. Throwing Like a Girl: A Phenomenology of Feminine Body Comportment, Mobility, and Spatiality. *In*: ALCOFF, Linda Martín; MENDIETA, Eduardo. **Identities–Race, Class, Gender and Nationality**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 163 – 174.

**ANEXO**

## **Anexo A - Entrevista Travestis.**

### **1. IDENTIFICAÇÃO**

Nome / nome fictício:

Idade:

Município de nascimento:

Tempo de entrevista:

### **2. SOBRE A ENTREVISTADA**

- Como você se auto-identifica? Quando iniciou esse reconhecimento?
- Como foi seu processo de transformação?
- Como sua família reagiu a sua transformação?
- Qual o local que teve mais influência em seu processo de transformação.
- O que é o ser travesti para você?

### **3. TÁTICAS ESPACIAIS – TERRITORIALIDADE INTRA-URBANA**

- Qual município você começou a “batalhar”? Seu início foi na rua ou em boates?
- Como você rompeu a concorrência e a resistência?
- Peça que defina seu território (Ruas, Praças,...).
- Qual o porquê desta localização / Por que não outra rua – área?
- Quem manda neste território hoje? (nome...)
- O que é ser uma travesti na cidade? Quais são os espaços de **sofrimento e felicidade**? (relato de experiências...).
- Qual o significado de participar do território.

### **4. TÁTICAS ESPACIAIS – A REDE GEOGRÁFICA**

- Em quais municípios você já “batalhou”? Qual o tempo de permanência em cada município? (ano de permanência...).
- Como conseguiu “entrar” nestes territórios.
- Quem manda nestes territórios hoje? (nomes...).
- Existe uma circulação de travestis entre os territórios intra-urbanos da prostituição travesti durante o ano. Todas as travestis podem circular entre os territórios? Por que?

- Pode descrever os circuitos que você fez.
- Como e por quê você fez este circuito?
- Como se pode circular nestes territórios acima citados? Existe algum comportamento específico? Existe o auxílio de alguém? Quem?
- Quais são os motivos da circulação entre os territórios?
- Quais são os benefícios da circulação?
- Quantas travestis você conhece? (nomes por cidade...) Quais fazem esta circulação entre os territórios?
- Existe alguma diferença de comportamento das travestis entre os territórios? Qual?
- Como são as relações cotidianas na casa da cafetina?
- Qual o significado de participar da rede geográfica?

**Anexo A - Entrevista Cafetina.****1. IDENTIFICAÇÃO**

Nome / nome fictício:

Idade:

Município de nascimento:

**2. SOBRE A ENTREVISTADA**

- Como você se auto-identifica? Quando iniciou esse reconhecimento?
- Como foi seu processo de transformação?
- Como sua família reagiu a sua transformação?
- O que é o ser travesti para você?

**3. TATICAS ESPACIAIS**

- Você já “batalhou”? Em quais municípios? Qual o tempo de permanência em cada município? (ano de permanência...).
- Como você se constituiu como uma travesti central?
- Quando você começou a ajudar travestis? Como foi este processo?
- Quantas travestis você já ajudou? De quais cidades/Estados elas vieram?
- Quais são os auxílios dados “fora” os da casa?
- Existem conflitos entre as travestis em sua casa?
- Quais os motivos / benefícios destes auxílios?
- Você conhece outras travestis centrais (como você) de outras cidades? Quem são elas? Como são estes relacionamentos?
- Qual a sua relação com o território da prostituição travesti, a esquina, a noite?
- Você já ajudou alguma travesti a ir para o exterior?